

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO
MESTRADO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO
CONVÊNIO
UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE - INSTITUTO DE ARTE E
COMUNICAÇÃO SOCIAL
INSTITUTO BRASILEIRO DE INFORMAÇÃO EM CIÊNCIA E TECNOLOGIA

WELDER ANTÔNIO SILVA

ZONAS INTERDISCIPLINARES ENTRE
A ARQUIVOLOGIA E A CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO:
cartografia das práticas discursivas



Niterói
Rio de Janeiro
2009

WELDER ANTÔNIO SILVA

**ZONAS INTERDISCIPLINARES ENTRE
A ARQUIVOLOGIA E A CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO:
cartografia das práticas discursivas**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Ciência da Informação, da Universidade Federal Fluminense (UFF) em convênio com o Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT), como requisito parcial à obtenção do grau de Mestre em Ciência da Informação. Área de Concentração: O conhecimento da informação e a informação para o conhecimento. Linha de Pesquisa: Epistemologia, interdisciplinaridade e Ciência da Informação.

Orientadora: Prof^a. Dra. Maria Nélida González de Gómez

Co-orientadora: Prof. Dra. Maria Odila Kahl Fonseca (*In memoriam*)

Niterói

Rio de Janeiro

2009

S586z Silva, Welder Antonio.

Zonas interdisciplinares entre a Arquivologia e a Ciência da Informação: cartografia das práticas discursivas / Welder Antonio Silva.– 2009.

254 f. : il. ; 30 cm.

Orientadora: Maria Nélide Gozález de Gómez.

Co-orientadora: Maria Odila Kahl Fonseca.

Convênio UFF/IBICT.

Tese (mestrado) – Universidade Federal Fluminense, Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, 2009.

Bibliografia: f. 167-173.

1. Arquivologia. 2. Ciência da informação. 3. Abordagem interdisciplinar do conhecimento. 4. Teoria do conhecimento. 5. Ensino. I. González de Gómez, Maria Nélide. II. Fonseca, Maria Odila Khal. III. Universidade Federal Fluminense. Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação. IV. IBICT. V. Título.

CDD: 020

WELDER ANTÔNIO SILVA

**ZONAS INTERDISCIPLINARES ENTRE A ARQUIVOLOGIA E A
CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO: cartografia das práticas discursivas**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Ciência da Informação, da Universidade Federal Fluminense (UFF) em convênio com o Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT), como requisito parcial à obtenção do grau de Mestre em Ciência da Informação. Área de Concentração: O conhecimento da informação e a informação para o conhecimento. Linha de Pesquisa: Epistemologia, Interdisciplinaridade e Ciência da Informação.

Aprovado em: 30/03/2009

BANCA AVALIADORA

Prof. Dra. Maria Nélide González de Gomez - Orientadora
Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia - IBICT

Prof. Dr. Luiz Cleber Gak – Avaliador Externo
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro - UNIRIO

Prof. Dr. José Maria Jardim – Avaliador Interno
Universidade Federal Fluminense - UFF

Prof. Dra. Lena Vânia Ribeiro Pinheiro – Avaliadora Interna
Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia - IBICT

Prof. Dr. Geraldo Moreira Prado - Suplente
Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia - IBICT

Às três pedras preciosas que Deus me deu: meu pai, Toninho, minha mãe, Cida e minha irmã, Vanilce.

AGRADECIMENTOS

Nestes dois anos de batalha, percebi que sou uma pessoa feliz, pois estou rodeado de pessoas especiais. Pessoas que me ajudaram, que torceram por mim, que sem elas eu não conseguiria ter chegado até aqui. **Muito obrigado!!! Essa vitória também é de vocês!!!**

Obrigado ao meu Deus por permitir que esse momento se concretizasse. Hoje sei que tudo posso Naquele que me fortalece.

Obrigado aos meus pais, Toninho e Cida, e à minha irmã, Vanilce – minhas três pedras preciosas. Obrigado pelo carinho, pela força, pela torcida, por sempre acreditarem em mim e por permitirem que eu chegasse até aqui.

Obrigado à minha orientadora, Prof. Maria Nélide - minha luz e meu guia. Meu alicerce, meu ponto de apoio. Sempre amável, disponível e atenciosa. Desde o primeiro momento acreditando no meu projeto.

Obrigado à minha co-orientadora, Prof. Maria Odila (in memorian) – minha inspiração. Apesar do tempo de convivência ter sido pouco, foi muito importante para mim, uma vez que foi a primeira professora do PPGCI (UFF/IBICT) a me receber e a acreditar no meu projeto.

Obrigado aos membros da Banca avaliadora: Prof. Luiz Cleber Gak, meu orientador na graduação, Prof. Lena Vânia Pinheiro, professora da minha primeira aula no PPGCI (UFF/IBICT), Prof. José Maria Jardim, um exemplo a ser seguido na Arquivologia, e ao Prof. Geraldo Prado, sempre simpático e afetuoso.

Obrigado aos professores e coordenadores do PPGCI (UFF/IBICT), em especial às professoras Isa Freire, Sarita, Liz-Rejane e Gilda Olinto com as quais aprendi muito em sala de aula.

Obrigado aos colegas do PPGCI (mestrado e doutorado), com os quais tive o prazer de compartilhar minhas reflexões em sala de aula. Em especial Eliezer, Daniele Cavaliere e Rosely C. Rondinelli, arquivistas fantásticos que tive o prazer de conhecer e me tornar amigo, e à minha grande amiga Ana Lúcia (Aninha), meu braço direito, minha amiga de todos os momentos e de todas as horas (antes mesmo de começarmos a trilhar o caminho do mestrado). Aninha, viemos juntos, caminhamos juntos, sofremos juntos e vencemos juntos, conforme programamos!

Obrigado à Prof. Anna Carla e ao Prof. João Marcus da UNIRIO, pessoas fantásticas que me deram a oportunidade de conhecer o que é a docência, ministrando aulas de Metodologia da Pesquisa Arquivística naquela universidade.

Obrigado aos professores da UNIRIO que me concederam as entrevistas para esta pesquisa. Sem ajuda de vocês esta pesquisa não teria sentido e não teria alcançado os resultados obtidos.

Obrigado aos meus familiares: Vô João (in memorian), Vó Celina (in memorian), Vó Bela (in memorian), Vô Alziro (in memorian), Tio Tião (in memorian) e Tia Dina (in memorian), Tio

Zezé (in memorian), Tia Preta, Tio Zé, Tia Angelita, Tampinha, Flávio Augusto, Natália, Frank, Ana Luiza, Lu, Zân, Gilvan, Gabi, Gustavo, Lili, Carioca, Vinícius, Lívia, Eder, Eduarda, Ana Laura, Gilci, Yasmin e Adriano - a minha torcida fiel e organizada. Obrigado pela força e pelo carinho!

Obrigado aos meus amigos: Patrícia Kelly, João e família; Suzana Marinho, Marcus, Sofia e família; Vanderson Rocha, Sonia Rennó, Izélia e Rodrigo Scher - também integrantes da minha torcida fiel e organizada. Muito obrigado, nestes dois anos percebi que tenho amigos de verdade.

Obrigado aos meus colegas da AAERJ, em especial ao Daniel Beltran, Vanessa Jorge, Lucina Matos, Wagner Ridolphi, Carlos Frederico, Paulo Rodrigues, Alex e Marcelo Siqueira, com quem tive o prazer de conviver antes, durante e depois do III Congresso Nacional de Arquivologia.

Obrigado aos meus ex-colegas de trabalho, em especial Catarina, Madureira, Anselmo, Thiago, Luiz e Sabrina - sempre dispostos a cobrir as minhas ausências - e aos meus ex-chefes, Dr. Casella, Dr. João Francisco e Dr. Schechter - com os quais tive todo o apoio e consideração durante todo o período do mestrado.

Obrigado aos meus novos colegas de trabalho da Gerência-Geral de Documentação e Informação da ALMG, em especial à Sheila, Cecília, Fátima Camarota, Márcia Milton, Marina Costa, Bruno, Leandro Negreiros, Paulo e Caroline os quais acabaram de me receber com alegria e satisfação e no finalzinho desta caminhada também torceram para que tudo desse certo.

Obrigado aos colegas do Grupo de Pesquisa coordenado pela Prof. Maria Nélide, Andresa, Bruno, Patrick, Mariza, Deise e Beatriz, com os quais pude compartilhar alguns dos resultados aqui encontrados.

Obrigado à amiga Maria Luiza, bibliotecária do IPPUR/UFRJ, sempre prestativa e atenciosa.

Obrigado aos funcionários do IBICT: Tião, Abneser, Rogério, Janete, Verinha e Sônia. Sempre dispostos a facilitar os meus caminhos.

Enfim, obrigado a todos aqueles que de alguma forma contribuíram para que eu pudesse chegar até aqui.

“[...] ser mineiro é esperar pela cor da fumaça. É dormir no chão para não cair da cama. É plantar verde pra colher maduro. É não meter a mão em cumbuca. Não dar passo maior que as pernas. Não amarrar cachorro com lingüiça. Porque mineiro não prega prego sem estopa. Mineiro não dá ponto sem nó. Mineiro não perde trem. Mas compra bonde. Compra. E vende pra paulista. Evém mineiro. Ele não olha: espia. Não presta atenção: vigia só. Não conversa: confabula. Não combina: conspira. Não se vinga: espera. Faz parte do decálogo, que alguém já elaborou. E não enlouquece: piora. Ou *declara*, conforme manda a delicadeza. No mais, é confiar desconfiando. Dois é bom, três é comício. Devagar que eu tenho pressa. [...]”
(FERNANDO SABINO)

Sou mineiro e falo UAI !!!

RESUMO

Esta pesquisa tem como objeto de estudo as zonas interdisciplinares entre a Arquivologia e a Ciência da Informação e, conseqüentemente, como estas se manifestam nas práticas discursivas dos docentes de Arquivologia no Brasil, diante do surgimento de reflexões envolvendo os horizontes científicos e epistemológicos da Arquivologia, o seu lócus de produção de conhecimento, a definição e o alargamento das suas fronteiras e dos seus marcos interdisciplinares e a incorporação do fenômeno informacional arquivístico. Para tanto, foram considerados os seguintes pressupostos: (I) o desenvolvimento do ensino deve ser considerado como um dos sinais do avanço e de renovação de um campo do conhecimento; (II) no cerne do conhecimento de um campo científico, existe uma relação entre linguagem e processos informacionais, a qual acontece nos domínios de outra relação de interdependência - o sujeito e o seu meio sociocultural (um universo prático-discursivo dotado de regras, de interpretações e de significados, que especificam os contextos onde as informações e conhecimentos adquirem sentidos). Também foram considerados: (1) algumas questões históricas e epistemológicas referentes à Ciência da Informação e à Arquivologia, (2) as relações de diálogos e fronteiras entre ambas, (3) o histórico dos Cursos de Arquivologia no Brasil, (4) algumas considerações a respeito dos docentes de Arquivologia na atualidade (formação, titulação e mapeamento parcial da produção de conhecimento dos mesmos em periódicos especializados nacionais), bem como (5) algumas estratégias conceituais e procedimentais quanto ao conceito de interdisciplinaridade, à pesquisa social nas Ciências Sociais e quanto ao contexto de ação dos sujeitos. Como resultado, foi possível construir uma cartografia indicativa de zonas interdisciplinares entre Arquivologia e a Ciência da Informação, pautada nas práticas discursivas dos docentes de Arquivologia da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO).

Palavras-chave: Arquivologia, Ciência da Informação, Epistemologia, Interdisciplinaridade, Ensino.

ABSTRACT

This research has as study object the interdisciplinary zones between Archival Science and Information Science and, consequently, as these they would show the Archival Science's teachers discursive practices in Brazil, tends view the appearance of reflections involving the scientific and epistemological horizons of Archival Science, your knowledge's locus production, the definition and the enlargement of your borders and your interdisciplinary marks and the incorporation of the informational phenomenon of Archival Science. In this sense, the following ones were considered presupposed: (I) the development of the teaching should be considered the one of the signs of the progress and renewal of the field the knowledge; (II) in the knowledge of a scientific field, a relationship exists between language and informational processes, which happens in the domains of another interdependence relationship - the subject and yours half social and cultural (a practical-discursive universe endowed with rules, of interpretations and meanings, which specify the contexts where the information and knowledge acquire senses). Also were considered: (1) some historical and epistemological subjects referring the Science of the Information and Archival Science, (2) the relationships of dialogues and borders among both, (3) the report of the Courses of Archival Science in Brazil, (4) some considerations regarding the teachers of Archival Science at the present time (formation, graduation and partial map of the production knowledge of the themselves in national specialized newspapers), as well as (5) some conceptual and procedural strategies of the concept interdisciplinary, the social research in the social sciences and the context of action the person. As result, was possible to build an indicative cartography interdisciplinary zones between Archival Science and the Information Science, joint in the discursive practices of the Archival Science's teachers of the Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO).

Keywords: Archival Science, Information Science, Epistemology, Interdisciplinary, Teaching.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

QUADRO 1	Estratos da informação e condições de acesso	34
QUADRO 2	Linhas temáticas e números de trabalhos dos ENANCIBs 1994-2005 .	36
QUADRO 3	Assuntos /Termos Indexados – ENACIB 1994-2000	37
QUADRO 4	As mudanças paradigmáticas da Arquivologia	44
QUADRO 5	O III Congresso Nacional de Arquivologia	53
FIGURA 1	Ciências da Informação	60
FIGURA 2	Estrutura das Ciências	61
FIGURA 3	O Sistema das Ciências da Informação	63
FIGURA 4	Diagrama da Ciência da Informação	67
QUADRO 6	Disciplinas da Ciência da Informação segundo Pinheiro (2006)	70
QUADRO 7	Subáreas / disciplinas da Ciência da Informação e áreas interdisciplinares	71
QUADRO 8	Esquema de Shifra Baruchson-Arbib	73
QUADRO 9	Esquema de Alan Gilchrist	74
QUADRO 10	Esquema de Maria Pinto	75
QUADRO 11	Esquema de Ia McIlwaine	75
QUADRO 12	Esquema de Birger Hjørland	76
QUADRO 13	Esquema de Ken Herold	77
QUADRO 14	Esquema de Michel J. Menou	78
QUADRO 15	Esquema de Rafael Capurro	79
QUADRO 16	Esquema de Manfred Bundschuh	80
QUADRO 17	Esquema de Anthony Debons	81
QUADRO 18	Esquema de Donald Hawkins	82
QUADRO 19	Esquema de Carol Tenopir	83
QUADRO 20	Mapa do Conhecimento da Ciência da Informação	84
QUADRO 21	Grandes assuntos e questões educacionais	90
QUADRO 22	Disciplinas propostas para o Núcleo teórico e prático comum aos cursos de Biblioteconomia, Museologia e Arquivologia da UNIRIO ...	93
QUADRO 23	Tabela de Áreas do Conhecimento de 1976 / Área	97
QUADRO 24	Tabela de Áreas do Conhecimento de 1976 / Subárea	97

QUADRO 25	Tabela de Áreas do Conhecimento de 1982	98
QUADRO 26	Tabela de Áreas do Conhecimento de 1984	98
QUADRO 27	Tabela de Áreas do Conhecimento proposta em 2005	99
QUADRO 28	Tendências	106
QUADRO 29	Perspectivas	106
QUADRO 30	Vínculos acadêmico-institucionais dos Cursos de Arquivologia no Brasil	108
QUADRO 31	Áreas de formação e titulação dos docentes dos Cursos de Arquivologia	111
QUADRO 32	Levantamento da Produção bibliográfica dos docentes dos Cursos de Arquivologia do Brasil (1998-2008)	112
QUADRO 33	Docentes dos Cursos de Arquivologia no Brasil que publicaram artigos nos periódicos Arquivo & Administração, Cenário Arquivístico e Arquivística.net	114
FIGURA 5	Docentes que publicaram 01 artigo versus docentes que publicaram mais de 01 artigo (1998-2008)	114
FIGURA 6	Origem dos docentes que publicaram mais de 01 artigo (1998-2008) ..	115
FIGURA 7	Origem dos docentes que publicaram mais de 01 artigo (1998-2008) ..	115
QUADRO 34	Assuntos/termos indexados nos artigos publicados pelos docentes de Arquivologia nos periódicos Arquivo & Administração, Cenário Arquivístico e/ou Arquivística.net (1998-2008)	116
FIGURA 8	Proposta de Definição	122
QUADRO 35	Epistemologia da interdisciplinaridade	126
QUADRO 36	Planejamentos na teoria da sociedade	134
QUADRO 37	Estratégias conceituais eleitas e metodologias adequadas	135
FIGURA 9	Pesquisa Interpretativa	138
FIGURA 10	Centro de Ciências Humanas e Sociais da UNIRIO	147
QUADRO 38	Formação dos docentes voluntários	149
QUADRO 39	Titulação dos docentes voluntários (Especialização e Aperfeiçoamento)	149
QUADRO 40	Titulação dos docentes voluntários (Mestrado)	150
QUADRO 41	Titulação dos docentes voluntários (Doutorado).....	150
QUADRO 42	Exemplo de Codificação aberta	153
QUADRO 43	Exemplo de Codificação axial	155
QUADRO 44	Exemplo de Codificação seletiva	155
QUADRO 45	Evidências indicativas e/ou representativas de zonas interdisciplinares entre a Arquivologia e a Ciência da Informação	159

FIGURA 11	Relações interdisciplinares da Arquivologia e da Ciência da Informação	161
FIGURA 12	Os domínios científicos da Arquivologia e a Ciência da Informação e suas zonas interdisciplinares	162
QUADRO 46	Especificidades da Arquivologia e da Ciência da Informação	164
FIGURA 13	A Arquivologia e a Ciência da Informação	168

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	16
2	A QUESTÃO DE PESQUISA	20
3	ABORDAGENS HISTÓRICAS E EPISTEMOLÓGICAS DA CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO E DA ARQUIVOLOGIA	27
3.1	A CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO	27
3.2	A ARQUIVOLOGIA	38
4	ARQUIVOLOGIA E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO: diálogos e fronteiras .	56
5	OS CURSOS E OS DOCENTES DE ARQUIVOLOGIA NO BRASIL	100
6	ESTRATÉGIAS CONCEITUAIS E PROCEDIMENTAIS	117
6.1	A INTERDISCIPLINARIDADE	117
6.2	A PESQUISA SOCIAL E O CONTEXTO DE AÇÃO DOS SUJEITOS	126
7	ESTRATÉGIAS METODOLÓGICAS	137
7.1	A PESQUISA INTERPRETATIVA, O INTERACIONISMO SIMBÓLICO E A TEORIA FUNDAMENTADA NOS DADOS	137
7.2	O INTERACIONISMO SIMBÓLICO, O CONCEITO DE REGRAS E A GÊNESE LÓGICA DA CONVENÇÃO SEMÂNTICA	140
7.3	A SELEÇÃO DO CAMPO EMPÍRICO, DA AMOSTRA E DO PROCESSO DE COLETA DE DADOS	144
7.4	O PROCESSO DE EXECUÇÃO	146
8	OS RESULTADOS	157
9	CONSIDERAÇÕES FINAIS	163
10	REFERÊNCIAS	170
	APENDICE A - LEVANTAMENTO DA PRODUÇÃO BIBLIOGRÁFICA DOS DOCENTES DOS CURSOS DE ARQUIVOLOGIA NO BRASIL, NOS PERIÓDICOS ARQUIVO & ADMINISTRAÇÃO, CENÁRIO ARQUIVÍSTICO E ARQUIVÍSTICA.NET (1998-2008)	176
	APÊNDICE B - ROTEIRO DA ENTREVISTA COM OS DOCENTES DE ARQUIVOLOGIA	194
	APÊNDICE C - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	197

APÊNDICE D – CODIFICAÇÕES ABERTA, AXIAL E SELETIVA DOS TRECHOS DAS ENTREVISTAS	199
ANEXO A – GRADE CURRICULAR DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO (UNIRIO)	252

1 INTRODUÇÃO

A história da Arquivologia, como saber e como prática, perpassa por diversos momentos, dentre os quais se destacam: a Revolução Francesa e a II Guerra Mundial. No primeiro momento, na Revolução Francesa, temos o reconhecimento do Estado quanto ao seu papel de guardião dos documentos arquivísticos por ele produzidos, recebidos e acumulados e o reconhecimento do direito de acesso público. A partir dessa ancoragem espaço-temporal e mais precisamente ao longo do século XIX, tendo em vista a construção do Estado Moderno Europeu, temos a concepção culturalista e patrimonialista da Arquivologia, bem como sua perspectiva historicista. No período que se segue à II Guerra Mundial temos a reaproximação dos registros arquivísticos e das atividades administrativas com o surgimento do conceito de “Gestão de Documentos” e suas perspectivas tecnicistas em prol da necessidade de racionalização da produção e do tratamento documental, objetivando uma melhor viabilização dos processos gerenciais e decisórios das instituições.

A partir da década de 80, a Arquivologia passou por mais um momento de mudanças, tendo em vista as questões emergentes motivadas pelas novas Tecnologias da Informação e da Comunicação (TICs) e pela nova realidade social e informacional, a qual se apresenta enquanto “Mundo Pós-moderno” e “Sociedade da Informação”. Trata-se de uma realidade repleta de rápidas mudanças, de complexas organizações, de múltiplos propósitos e de múltiplas redes de comunicação interinstitucionais, onde agora também circulam os documentos eletrônicos com seus registros transitórios e virtuais.

Diante desse novo cenário surge o discurso de que a Arquivologia vem abandonando as idéias relativas à guarda ou custódia passiva dos registros arquivísticos e o seu modelo histórico-tecnicista e vem cada vez mais assumindo o seu papel enquanto construtora e mediadora ativa na formação da memória coletiva, ao buscar compreender adequadamente os sistemas de informação e suas múltiplas dinâmicas, bem como criando espaços de reflexão em torno de novas perspectivas. Reformulando seu quadro epistemológico com questões relacionadas à sua disciplinaridade, enquanto campo do conhecimento, em torno das especificidades do fenômeno informacional arquivístico e de suas relações com novos territórios interdisciplinares, principalmente no caso brasileiro, em relação à Ciência da Informação.

Neste sentido, tendo em vista esse discurso de (re)-construção dos horizontes científicos e epistemológicos da Arquivologia, da (re)-definição do seu lócus de produção de conhecimento e da (re)-definição e alargamento das suas fronteiras e dos seus marcos interdisciplinares indagou-se pela existência de zonas interdisciplinares entre a Arquivologia e a Ciência da Informação, e, conseqüentemente, como estas se manifestariam nas práticas e discursos dos docentes de Arquivologia no Brasil, a partir do pressuposto de que o desenvolvimento do ensino deve ser considerado como um dos sinais do avanço e da renovação de um campo do conhecimento.

Para tanto, considerou-se a premissa de que no cerne do conhecimento de um campo científico existe uma relação entre linguagem e processos informacionais, a qual acontece nos domínios de outra relação de interdependência: o sujeito e o seu meio sociocultural. Ou seja, em um universo prático-discursivo, dotado de regras, de interpretações e de significados, especificam-se os contextos onde as informações e conhecimentos adquirem sentidos. Um universo específico ou “mundo comum” em que um sujeito em (inter) ação consubstancia seus conhecimentos considerando as dimensões e as demandas sociais, históricas, culturais, políticas, econômicas, científicas e tecnológicas, assim como os seus meios de linguagem (universo simbólico compartilhado), os sistemas de informação e conhecimento e os critérios de relevância e valor. Em suma, desafios e demandas que lhe são apresentadas pelo seu próprio espaço-temporal.

Dessa maneira, na perspectiva desta pesquisa, a gênese, o desenvolvimento e a evolução de um campo do conhecimento se configuram no plano dialético do contexto sociocultural e seus conteúdos informacionais mediados pela linguagem (estruturas simbólicas), enquanto instrumentos de socialização, comunicação e reflexo dos significados. Significados estes que os sujeitos-participantes pensam suas relações com o mundo e estabelecem suas enunciações/discursos.

Neste sentido, se as linguagens e seus significados perpassam pelos procedimentos de construção dos conhecimentos, ao lidar com as representações da e na ciência, considerou-se necessário saber quem, como, onde e em quais circunstâncias são consumados estes fenômenos. Considerou-se também necessário compreender as características do grupo em estudo, visualizando as relações que seus integrantes estabelecem e o modo como acontecem a comunicação, a produção e o registro dos conhecimentos.

Sintetizando, considerou-se no desenvolvimento desta pesquisa que as práticas-discursivas e políticas de informação e conhecimento dos docentes de Arquivologia em questão se desenvolvem num espaço organizado e sistematizado de relações e conexões, onde os mesmos criam e desenvolvem suas idéias e significados tomando como instrumentos de interpretação, de entendimento, de construção e de compartilhamento do conhecimento a linguagem e suas formações “discursivas-informacionais”.

Dessa forma, no quadro geral destes pressupostos, assim se apresenta esta dissertação:

No capítulo 2, é apresentada a questão de pesquisa (hipótese e problemática), os objetivos propostos, bem como suas motivações e justificativas. Uma vez apresentadas tais questões norteadoras apresenta-se no capítulo seguinte, o capítulo 3, uma revisão de literatura a respeito das questões históricas e epistemológicas, consideradas relevantes na execução da pesquisa, referentes à Ciência da Informação e à Arquivologia.

Prosseguindo, no capítulo 4, encontra-se uma revisão de literatura a respeito das relações de diálogos e fronteiras entre a Arquivologia e a Ciência da Informação tomando como ponto de partida um artigo datado de 1992, escrito por José Maria Jardim e Maria Odila K. Fonseca, intitulado *As relações interdisciplinares entre a Arquivologia e a Ciência da Informação*¹.

Em seguida, no capítulo 5, é apresentado um breve histórico a respeito dos Cursos de Arquivologia no Brasil acompanhado por algumas considerações a respeito dos seus docentes na atualidade, tais como: formação e titulação e um mapeamento parcial da produção de conhecimento dos mesmos, em três periódicos especializados nacionais, no período compreendido entre 1998-2008.

No capítulo 6, uma vez que a hipótese e a problemática deste processo investigativo compreendem (1) a existência de zonas interdisciplinares entre a Arquivologia e a Ciência da Informação e consideram (2) o pressuposto de que as práticas discursivas dos docentes de Arquivologia se desenvolvem num espaço organizado e sistematizado de relações e conexões, são apresentadas as estratégias conceituais e procedimentais eleitas quanto (I) ao conceito de interdisciplinaridade, (II) à pesquisa social nas Ciências Sociais e (III) quanto ao contexto de ação dos sujeitos.

¹ Este artigo, de acordo com Fonseca (2004, p. 10) “é o único título brasileiro incluído na categoria *Teoria Arquivística*, no trabalho ‘What Students in Archival Education Learn: A Bibliography for Teachers,’ do Conselho Internacional de Arquivos.”

Uma vez apresentadas as estratégias conceituais e procedimentais eleitas, o capítulo 7 tem como foco as estratégias metodológicas adotadas. Para tanto o capítulo foi subdividido em 4 sub-capítulos, a saber: (1) *A Pesquisa Interpretativa, o Interacionismo Simbólico e a Teoria Fundamentada nos Dados*; (2) *O Interacionismo Simbólico, o conceito de regras e a gênese lógica da convenção semântica*; (3) *A seleção do campo empírico, da amostra e do processo de coleta de dados*; e (4) *O processo de execução*.

Enfim, no capítulo 8 são apresentados a análise e os resultados da pesquisa no campo empírico pré-estabelecido, e, no capítulo 9, são apresentadas as considerações suscitadas tendo em vista o desenvolvimento do trabalho.²

² Os resultados e análise desta pesquisa vão ao encontro de alguns dos objetivos e premissas do projeto “OS CAMINHOS DA INFORMAÇÃO. Questões, ações e pensamentos”, elaborado e coordenado pela pesquisadora Dra. Maria Nélide González de Gomez, do qual o autor participa. No projeto em questão, González de Gomez sustenta, por hipótese, que “A reunião de disciplinas e áreas do conhecimento que lidam com a informação, no escopo e abrangência das Ciências Sociais, nas últimas décadas, não resultou de uma convergência conceitual ou epistemológica em torno de seus objetos, pontos de partida, procedimentos, nem do consenso cognitivo de suas comunidades produtoras, mas de suas mútuas e cruzadas referências aos regimes dominantes de informação, cujas questões e demandas de conhecimentos, competências e legitimação visariam a satisfazer, de modo diferencial.” (Projeto com apoio do CNPq, em andamento).

2 A QUESTÃO DE PESQUISA

Na tese para obtenção do título de doutora em Ciência da Informação junto ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), em convênio com o Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT), Fonseca (2004) mapeou os territórios disciplinares da Arquivologia e da Ciência da Informação, a partir de uma revisão de literatura, enfatizando o domínio material e de estudo, o nível de integração teórica e as contingências históricas de produção e desenvolvimento de ambas as disciplinas; onde se verificou “uma pauta renovadora das reflexões dentro da área da arquivística”, e identificou-se no cenário acadêmico brasileiro “um quadro de interseção de interesses” desta última, com a Ciência da Informação. De acordo com seus estudos, Fonseca (2004, p.153) pode afirmar que:

- 1) [...] uma nova pauta de reflexões vem contribuindo para uma *redefinição da Arquivologia como campo de saber autônomo, em especial no sentido de rediscutir seus objetos e objetivos tradicionais* [...];
- 2) [...] esta ‘nova pauta identifica-se com a *pesquisa de pós-graduação, apontando para a (re)-definição de lócus de produção de conhecimento e de marcos interdisciplinares com a Ciência da Informação* [...].

No limiar da sua pesquisa, a autora também observou que “as relações interdisciplinares [da Arquivologia] com a Ciência da Informação se mostram mais fortes no cenário brasileiro do que no plano internacional”, e que essa associação “parece ser uma característica da evolução da área arquivística no Brasil.” (FONSECA, 2004, p. 160) Todavia, Fonseca lamentou o fato de que os limites e a configuração disciplinar da Arquivologia não eram enfaticamente objetos de suas investigações. Os seus estudos apontaram para:

[...] uma marcante característica insular da área, com marcas de perigosa endogenia, e que, cristalizando uma visibilidade acadêmica precária, permite que se estabeleçam estéreis superposições de objetos de estudo ao invés de frutíferas relações interdisciplinares, com áreas como Gerenciamento de Recursos Informacionais, Gerenciamento Eletrônico de Documentos, Organização da Informação, Organização do Conhecimento, etc. (FONSECA, 2004, p. 159)

Dando prosseguimento aos seus estudos, Fonseca (2004, p. 158-159) observou que a interdisciplinaridade não é uma questão emergente nos domínios da Arquivologia, porém, é apontada como um dos campos prioritários de pesquisa.

Diferentemente da Arquivologia onde as questões interdisciplinares são bastante periféricas, na área da Ciência da Informação tal questão compõe o quadro de reflexões de grande parte dos autores e pesquisadores. Freire (2006, p. 12) explica que essa característica interdisciplinar da Ciência da Informação, “tem levado a estudos epistemológicos que buscam mapear as relações entre a ciência da informação e outras áreas científicas.” O referido autor também menciona que “estas relações são dinâmicas e podem ser mais fortes em um determinado tempo e espaço com algumas áreas científicas, enquanto com muitas outras serão fracas ou ainda irão surgir pontos de interseção.”

Robredo (2003, p. 119-121), em sua obra *Da Ciência da Informação revisitada aos sistemas humanos de informação*, sublinhou que segundo o *Journal of the American Society for Science and Technology* (JASIST), que na opinião do mesmo é provavelmente o que mais e melhor tem acompanhado a evolução da Ciência da Informação e seu escopo, cobre os seguintes tópicos principais:

1. Teoria da informação [...]
 2. Comunicação [...]
 3. Gestão, economia e marketing [...]
 - 4. Ciência da informação aplicada [...] - Automação de escritórios e gestão de documentos; - Gestão de sistemas de arquivo; - Gestão eletrônica de documentos; - Registros eletrônicos, versioning, fluxo da informação (workflow), arquivamento, segurança [...]**
 5. Aspectos legais e sociais da informação [...]
- (ROBREDO, 2003, p. 119-121, grifo nosso)

Prosseguindo com sua abordagem, Robredo (2003, p. 148) estabeleceu seu raciocínio ressaltando que, quando consideramos a ampla e variada gama de estudiosos, pesquisadores e especialistas que lidam com a informação, seja do ponto de vista científico, ou fundamental, ou pragmático, a Ciência da Informação “não pode restringir seu escopo e abrangência ao campo exclusivo da biblioteconomia e ciência da informação, mesmo que com ele se identifique sua origem histórica.” Ele aponta que todas aquelas áreas que integram a Ciência da Informação e que até pouco tempo eram tratadas “como ilhas independentes e praticamente incomunicáveis, vêm se beneficiando de um arcabouço teórico cada vez mais forte que favorece a mútua fertilização conceitual.”

Dessa forma, seguindo a linha de raciocínio supracitada, ao responder à pergunta Pesquisar o quê?, em Ciência da Informação, Robredo (2003, p. 122) sistematizou e

apresentou algumas linhas, que segundo o mesmo, merecem a atenção dos pesquisadores nos próximos anos:

Consideraremos dois níveis: a pesquisa fundamental, e a pesquisa aplicada. **No primeiro caso, parece ficar cada dia mais evidente que é necessário** – seja-me permitida a metáfora – **derrubar os muros e paredes que ainda delimitam os espaços institucionais de bibliotecas, arquivos, centros e serviços de informação e documentação, recolocando-os num ambiente de máxima visibilidade que os integre como componentes fundamentais de um sistema social, cuja missão é servir mais e melhor a seus integrantes individuais ou coletivos.** No segundo caso, é conveniente perceber a(s) diferença(s) que a separa(m) da primeira. Seja-me permitido, ainda dizer se trata da(s) mesma(s) diferença(s) que existe(m), respectivamente, entre *Know-how* (saber como) e *Know-why* (saber porquê). (grifo nosso)

Na obra em questão, ao apresentar suas considerações e reflexões sobre o futuro da Ciência da Informação, Robredo (2003, p. 150) declarou que os seus estudos deveriam ser estendidos [...]

[...] à organização, difusão de informações e facilitação do acesso às fontes primárias ou a suas cópias certificadas em suportes multimídias, o que abre o acesso amplo às informações referenciais e documentais, de cunho bibliotecário, **arquivístico**, museológico e artístico geral. (grifo nosso)

Ao abordar sobre as características interdisciplinares da Ciência da Informação, Fonseca (2004, p. 11) também observou que era predominante a omissão da interdisciplinaridade desta com a Arquivologia. Todavia, a autora em questão explicou que tal omissão era mútua, uma vez que a Arquivologia também não considerava a Ciência da Informação como área afim. Diante de tais circunstâncias, Fonseca (2004, p. 20) ampliou esta questão colocando em pauta o fato de que grande parte dos autores, ao abordarem sobre o objeto da Ciência da Informação - a informação - vinham privilegiando algumas áreas de interseção, principalmente quando o foco dizia respeito à informação científica e tecnológica, ao mesmo tempo em que eram excluídas aquelas informações produzidas pelo aparelho burocrático, que também são responsáveis por movimentar o campo da pesquisa e do desenvolvimento e que estão registradas em fontes arquivísticas. Diante destes fatos, Fonseca (2004, p.11-12) declarou que a não percepção das relações interdisciplinares entre a Arquivologia e a Ciência da Informação era “instigante, na medida em que tais relações parecem bastantes óbvias, quando se identifica a informação como elemento central do

conjunto de objetos dos quais ambas se ocupam.” Destarte, na concepção desta autora, o óbvio “muda de feição ao se considerar o fato que o pensamento hegemônico na área arquivística não considera a informação entre os objetos preferenciais da Arquivologia.”

Em contrapartida, tendo em vista as perspectivas contemporâneas que se apresentam, Fonseca (2004, p. 13) destacou que alguns indícios de mudanças renovadoras têm surgido no panorama internacional em detrimento a este pensamento hegemônico da Arquivologia, criando espaços “de reflexão em torno das especificidades do fenômeno informacional arquivístico, na busca da construção de um conceito de informação arquivística.” No limiar de sua pesquisa, Fonseca (2004, p. 90) identificou diante destas perspectivas contemporâneas, que compõem o quadro de reflexões do campo de conhecimento da Arquivologia, duas abordagens complementares predominantes: a abordagem que identifica o momento de uma mudança de paradigma da Arquivologia, foco das reflexões de Thomassen (1999); e a abordagem que aponta a inserção da Arquivologia numa nova “episteme” – a pós-modernidade, temática das reflexões de Cook (1997). Seguindo a linha de raciocínio de Fonseca, nessas duas abordagens, podemos perceber indícios de mudanças significativas na estrutura e nas dimensões da Arquivologia, ou seja, a mobilização em torno de um processo de redimensionamento e de reestruturação dos seus espaços, das suas reflexões, dos seus objetos, objetivos e metodologias.

Ambas as abordagens apontam para mudanças importantes na estrutura da disciplina arquivística e, mais ainda, na maneira pela qual a Arquivologia caminha para ser vista como disciplina autônoma. [...] As duas abordagens não são excludentes: ao contrário, são mutuamente referentes [...]. (FONSECA, 2004, p. 90-91)

De acordo com Fonseca (2004, p. 92), no cerne das reflexões de Thomassen, as questões que são colocadas em pauta sugerem uma revolução científica na Arquivologia, tendo em vista o desenvolvimento das novas tecnologias da informação e da comunicação. Diante deste pressuposto, Thomassen iniciou uma análise sobre os elementos que constituiriam o novo paradigma da Arquivologia, considerando seu objeto, seus objetivos e sua metodologia. Todavia, o autor em questão, não reconhece somente a “revolução digital” como um dos fatores preponderantes, mas também a inserção da passagem da Arquivologia nos domínios da pós-modernidade.

Pela primeira vez em seu desenvolvimento, a Arquivologia está se transformando em ciência. Em sua fase pré-paradigmática [anterior ao

Manual dos Holandeses] ¹ não era uma ciência de forma alguma, em seu estágio clássico não foi mais que uma ciência auxiliar da História, **mas agora, em sua etapa pós-moderna, está adquirindo estatura de ciência tão autônoma quanto as outras Ciências da Informação e quanto a História.** (THOMASSEN, 1999 *apud* FONSECA, 2004, p. 95, grifo nosso)

Segundo Fonseca (2004, p. 95), os principais pressupostos da Arquivologia pós-moderna, tem sua origem a partir da década de 90, no trabalho de Cook (1997), quando este identifica cinco pontos amplos de mudanças emergentes necessárias ao desenvolvimento da área diante do mundo pós-moderno. Estes pontos de mudança apresentados por Cook abordam as questões relacionadas à preservação, ao princípio da proveniência, ao contexto de produção e de criação dos documentos, à formatação da memória coletiva através dos arquivos e à natureza mutante da teoria arquivística.

Em outra perspectiva, ao discorrer sobre a *Cartografia do ensino universitário de arquivologia nas Américas*, Britto (1999a, p. 10) acreditava que:

[...] com o movimento da sociedade da informação, fundada sobre a criação e o domínio do saber, caracterizada pela rapidez, pela inovação e pelo efêmero, [a Arquivologia] desencadeará a tomada de consciência de sua missão e de sua própria definição. Essas mutações vão favorecer a emergência da Arquivologia enquanto ciência da informação. Segundo Menne-Haritz, a passagem da Arquivologia de “ciência descritiva” para “ciência multifuncional” conduzirá sua transformação como ciência ligada às Ciências da Informação.

Ao investigar os rumos da formação de profissionais de Arquivologia no Brasil, Gak (2004, p. 183) constatou que:

[...] os caminhos percorridos pelos cursos de Arquivologia no Brasil evidenciam, do ponto de vista das suas propostas formativas e de seu ideário educativo, a presença de um verdadeiro embate entre a exigência atual de uma *sólida e múltipla formação* geral e da tradicional propensão a uma hiperespecialização de cunho tecnicista. Uma hiperespecialização que ainda parece se revelar especialmente atrativa à maioria dos bacharelados dos cursos de Arquivologia, o que de uma ampla formação de aporte cultural que a área hoje exige. Ao mesmo tempo, foi possível constatar [...] que existe um anseio, uma tendência ou mesmo uma expectativa para uma *nova configuração* da área de Arquivologia voltada para as tecnologias da informação. **As poucas alterações sofridas pelos**

¹ De acordo com a abordagem de Theo Thomassen, a publicação do Manual dos Holandeses, no final do século XIX, representa o fim da primeira revolução científica da Arquivologia, e consequente o estabelecimento de um paradigma.

currículos dos cursos de Arquivologia [...] comprovam a tendência da formação arquivística para a assimilação de conteúdos da Ciência da Informação. (grifo nosso)

Segundo Gak (2004, p. 186), nas tendências atuais da formação arquivística no Brasil, há três vertentes: existem “aqueles que ainda insistem em considerar a Arquivologia como essencialmente confinada à problemática dos arquivos históricos”; existem aqueles que se distanciaram dos princípios estruturantes da disciplina e que consideram a Arquivologia enquanto “*corpus* de doutrinação empírica” ou um “somatório de técnicas”, no intuito de “responder de maneira mais pragmática às solicitações informativas de uma sociedade em processo de transformação cada vez mais acelerado”; e por último, existe um grupo amplo que sustenta um novo posicionamento, reconhecendo na informação arquivística “uma individualidade peculiar, congruente com um modelo teórico preciso” e defendendo a Arquivologia como Ciência da Informação.

Ao abordar sobre o desenvolvimento da Arquivologia no Brasil, especificamente na década de 90, Fonseca (2004, p. 111-114) coloca em pauta a importância da Universidade na configuração do conhecimento arquivístico brasileiro, tendo em vista cinco fatores: um aumento significativo do número de cursos de Arquivologia no país (aumento de mais de 100%); uma melhor qualificação do corpo docente dos cursos de Arquivologia; um aumento na contribuição de autores vinculados à Universidade na produção científica da área; um aumento de possibilidades de áreas de concentração em Arquivologia, principalmente nos cursos de pós-graduação *stricto-sensu* em Ciência da Informação²; e a desmobilização das instituições arquivísticas, inclusive do Arquivo Nacional, tendo em vista o desmonte das estruturas administrativas do Estado brasileiro (governo Collor) e o êxodo de quadros das instituições arquivísticas para a Universidade e para outras instituições de informação.

Tendo em vista os argumentos apresentados, a análise envolvendo o ensino da Arquivologia no Brasil e conseqüentemente das suas novas demandas e tendências torna-se imperativa uma vez que não podemos deixar de considerar que:

² Fonseca (2004, p. 113-114) destaca o Programa de Pós-graduação em Ciência da Informação da UnB, o qual mantém uma linha de pesquisa intitulada Informação Orgânica e que tem como principal interesse as questões relativas à informação arquivística; o IBICT, que em seus cursos de mestrado e doutorado vem sempre abrigando um grande número de docentes dos cursos de Arquivologia no Brasil; e as iniciativas recentes do Programa de Pós-graduação em Ciência da Informação da UFMG, ao incluir na linha de pesquisa Informação e Sociedade, o tema Informação Arquivística.

1. O desenvolvimento do ensino representa o avanço de uma ciência;
2. Aliado ao ensino universitário temos as pesquisas que representam a renovação de uma ciência;
3. O ensino é responsável por assegurar o reconhecimento social de uma ciência;
4. O ensino é responsável pela evolução de uma profissão.

No desenvolvimento desta pesquisa, diante de (1) a (re)-construção dos horizontes científicos e epistemológicos da Arquivologia, (2) a (re)-definição do seu lócus de produção de conhecimento e (3) a (re)-definição e alargamento das suas fronteiras e dos seus marcos interdisciplinares, associados ao pressuposto de que (4) o desenvolvimento do ensino deve ser considerado como um dos sinais de avanço e de renovação de uma ciência, indagou-se pela existência de zonas interdisciplinares entre a Arquivologia e a Ciência da Informação, e, conseqüentemente, como estas se manifestariam nas práticas e discursos dos docentes de Arquivologia no Brasil. Ou seja, **quais são as possíveis relações de interdisciplinaridade entre a Arquivologia e a Ciência da Informação e quais os aspectos e categorias em que se manifestam essas relações transversais através das práticas e discursos dos docentes de Arquivologia?**

Tendo em vista a problemática e a hipótese acima estabelecidas, os objetivos desta pesquisa assim se configuram:

Objetivo geral: Explorar o novo delineamento dos contornos da Arquivologia como campo de conhecimento e suas demandas no âmbito da educação no Brasil, tendo em vista um “possível” alargamento de suas fronteiras com a incorporação do fenômeno informacional arquivístico nos territórios da Ciência da Informação e nos territórios das novas Tecnologias da Informação e Comunicação, contribuindo, assim, com as reflexões epistemológicas e interdisciplinares da Arquivologia e da Ciência da Informação.

Objetivos específicos: (1) Identificar as demandas relacionadas à Ciência da Informação no âmbito da educação em Arquivologia no Brasil, tendo como espaço de manifestação as práticas discursivas dos docentes de Arquivologia, diante das novas inclusões no “plexo” de relações epistemológicas da Arquivologia e das novas estruturas e mudanças curriculares; e (2) Identificar e destacar as zonas interdisciplinares entre a Arquivologia e a Ciência da Informação, diante dessa (re)-construção dos horizontes científicos e epistemológicos da Arquivologia, e, conseqüentemente, do alargamento das suas fronteiras e do seu quadro teórico.

3 ABORDAGENS HISTÓRICAS E EPISTEMOLÓGICAS DA CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO E DA ARQUIVOLOGIA

Uma vez estabelecidos a problemática, a hipótese e os objetivos que nortearam esta pesquisa, julgou-se necessário, inicialmente, colocar em pauta as questões históricas e epistemológicas relacionadas à Ciência da Informação e à Arquivologia, consideradas relevantes para a execução da pesquisa.

3.1 A CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO

De acordo com Pinheiro (2002) “no período que antecedeu a primeira definição formal de Ciência da Informação, no Georgia Institute of Technology (National Science Foundation, 1961/1962), o mundo vinha passando por transformações”. Todavia, esta autora explica que “nessa fase de germinação da nova área, ainda não era mencionada, especificamente, a palavra informação, e sim Bibliografia e Documentação”. Pinheiro destaca que o “reconhecimento de que uma das vertentes da Ciência da Informação foi a Documentação, fica patente no artigo de revisão de Shera e Cleveland¹, tantos anos depois, no qual são incluídos conceitos e definições de Documentação e documentos.” A autora em questão destaca ainda que, no artigo de Shera e Cleveland, o período que antecedeu a formulação da Ciência da Informação, apresenta quatro marcos relevantes quanto à sua gênese:

[...] em 1895, a criação do Instituto Internacional de Bibliografia - IIB, por Paul Otlet e Henri La Fontaine, resultante da 1ª Conferência Internacional de Bibliografia, realizada em Bruxelas; em 1931, a transformação do IIB em Instituto Internacional de Documentação; em 1935 a publicação de obra pioneira de Paul Otlet: ‘Traité de Documentation’; em 1937, a fundação do American Documentation Institute - ADI, depois ASIS; e em 1938, a nova denominação do IIB para Federação Internacional de Documentação, mantida até hoje. (PINHEIRO, 2002)

¹ SHERA, J. H.; CLEVELAND, D. B. History and foundations of Information Science. *ARIST*, Washington, v. 12, p. 249-275, 1977.

Seguindo a cronologia e as ideias aqui apresentadas, Pinheiro (2002) afirma que “o IIB pode ser compreendido como a nascente da Ciência da Informação”, tendo em vista que no cenário deste instituto “brota a idéia de bibliografia sob o aspecto de registro, memória do conhecimento científico, desvinculada dos organismos, entre os quais arquivos e bibliotecas, e não relacionada a acervos ou coleções.”

Ao falar da Ciência da Informação, da sua temática, das suas histórias e dos seus fundamentos, Freire (2006), citando Mattelart², também destaca a importância de Paul Otlet e La Fontaine, apontando-os como “os visionários da universalidade do conhecimento humano”. De acordo com Freire, Mattelart aponta a importância das idéias de Otlet e La Fontaine na História da sociedade da informação, colocando-os como “fundadores de uma nova ciência da organização sistemática da documentação”. Seguindo com sua abordagem e complementando estas questões levantadas por Mattelart, Freire ressalta que em Figueiredo³, temos o trabalho de Otlet, o “*Traité de Documentation*”⁴, como um fator relevante na construção de uma base teórica para uma ciência emergente, e não somente na criação de tecnologias de informação.

O [Tratado] de Documentação [...] é, talvez, “a primeira sistemática e moderna discussão dos problemas gerais da organização da informação”. O termo documentação é um neologismo, criado por Otlet, para designar o que hoje em dia tendemos a chamar de armazenamento e recuperação da informação. De fato, “não é exagero declarar-se que o tratado foi um dos primeiros textos de Ciência da Informação...” Propõe novos tipos de sistemas mecânicos integrados para o manejo da informação, os quais teriam ainda de ser inventados e transformariam o meio ambiente e as práticas dos pesquisadores. (FIGUEIREDO, 1996 apud FREIRE, 2006).

Pinheiro (2002) também destaca a importância do “ensaio de Otlet”, afirmando que este “consegue, tantos anos antes, esboçar questões primordiais para a Ciência da Informação” e sendo capaz inclusive de anunciar a bibliometria, “além de outras questões centrais para a Ciência da Informação, tais como documento e informação, cooperação, e integração de bibliotecas, arquivos e museus”. Complementando esta questão, Freire (2006) relata que o que torna paradigmático o trabalho de Otlet e La Fontaine, “não é

² MATTELART, A. *História da utopia planetária: da cidade profética à sociedade global*. Porto Alegre: Ed. Sulina, 2002

³ FIGUEIREDO, N. Paul Otlet e o centenário da FID. In: ORGANIZAÇÃO do conhecimento e sistemas de classificação. Brasília, DF: IBICT, 1996.

⁴ OTLET, P. *Traité de documentation; le livre sur le livre, théorie et pratique*. Bruxelles: Mundaneum, 1934.

somente sua percepção da nova relevância do antigo fenômeno da informação”, e sim o fato de que “Otlet e La Fontaine centraram seus esforços no conteúdo dos documentos, ou seja, na informação em si.” Este autor justifica sua reflexão explicando que:

Este novo paradigma informacional deslocou o foco de autores e coleções para o conteúdo dos documentos, para a informação em si, desde a produção do conhecimento científico até sua representação [re-significação], organização e distribuição pelos canais formais de comunicação científica. Neste sentido, o usuário começa a se deslocar da periferia para o centro do processo de comunicação da informação, e a informação começa a se constituir como campo de atividade científica.

Todavia, Freitas (2003) alerta que no caso da Documentação, “podemos falar de um nascimento europeu”, tendo em vista que “nos EUA as primeiras atividades em Documentação se dão Pré Segunda Guerra via Centros de Pesquisa privados”, onde estas atividades estavam concentradas apenas na adequação do tratamento da informação frente às novas tecnologias emergentes de reprodução e armazenamento. Freitas esclarece que podemos dizer que a Documentação nos EUA somente mais tarde, sofreria dois importantes impulsos, os quais se encontravam ligados às questões geopolíticas: sendo o primeiro o tratamento de informações estratégicas durante a guerra e o segundo o lançamento do Sputnik soviético em plena guerra fria. Segundo a autora em questão, é no pós-guerra americano que podemos encontrar as primeiras referências aos valores políticos e estratégicos da informação, onde o tema passou a ter importância de âmbito governamental, levando à criação de agências civis e militares com o apoio do Congresso, do ADI, de empresas e de instituições universitárias.

Como se percebe, o advento da participação do Estado, nestas questões, só se deu após a Segunda Guerra Mundial, quando, segundo Freitas, as atividades de Documentação passaram por uma transformação:

[...] **de humanista culturalista** – âmbito da Biblioteconomia em sua abordagem da informação como bem social de livre acesso público (cf. Harder, 2000) – **para estratégico-político e econômico-administrativo** – âmbito dos centros de documentação em sua abordagem da informação como bem privado ou estratégico. (grifo nosso)

Ao descrever sobre este momento, Fonseca (2005, p. 17) afirma que o período pós-guerra, representou esforços contínuos para manter as lideranças num mundo dividido em dois blocos hegemônicos geradores de uma produção científica e tecnológica sem

precedentes, caracterizada pela chamada “explosão da informação”, a qual “exigia meios cada vez mais sofisticados e rápidos para que a informação científica e tecnológica pudesse ser usada como um recurso econômico e político”. Fonseca acrescenta ainda que, como resultado destes eventos, “a década de 1960 foi marcada pelo crescente desenvolvimento dos mecanismos tecnológicos aplicados à documentação e à recuperação da informação”. Neste momento, conforme afirma Fonseca (2005, p. 18), surge um interesse científico e governamental crescente e significativo frente às questões relacionadas à informação, onde a grande questão não se trata da definição de documentação, mas da definição e interpretação da Ciência da Informação.

Retornando à abordagem de Pinheiro (2002) sobre as raízes da Ciência da Informação, esta autora afirma que: “A Ciência da Informação, nasce [...] sob a égide da Ciência e da Tecnologia”, onde os acontecimentos que a gestaram podem ser representados pela confluência dos seguintes fatos e fatores:

[...] o avanço científico e tecnológico, principalmente em função da 2ª Guerra Mundial e, conseqüentemente, a “explosão bibliográfica”; a necessidade social, histórica, cultural e política do registro e transmissão dos conhecimentos e informações, produto do processo de desenvolvimento da Ciência e Tecnologia; e o surgimento de novas tecnologias a partir do microfilme e, principalmente, do computador. (PINHEIRO, 2002)

Seguindo as questões aqui expostas, Freire (2006) explica que podemos entender “a emergência das atividades de informação científica como um fenômeno de alta cultura”, no qual “as condições objetivas de produção econômica e cultural da sociedade” se concretizaram na possibilidade antevista por Otlet, uma vez que esse processo ganha impulso durante a II Guerra Mundial.

Neste sentido, diante das abordagens aqui apresentadas, podemos perceber que estes momentos podem ser considerados, enquanto suplementares no processo evolutivo e inicial da Ciência da Informação. Uns se juntam aos outros no sentido de ampliar e aperfeiçoar as questões relacionadas à propriedade, ao comportamento, à utilização, à transmissão e ao processamento da informação.

No que tange ao campo da Ciência da Informação, Saracevic (1999) destaca que a ela possui três características que compõem a base da sua evolução e existência: o caráter interdisciplinar por natureza; a relação com a Tecnologia da Informação; e sua participação direta na sociedade da informação.

Quanto ao aspecto interdisciplinar, Saracevic deixa claro que este está longe de ter um fim na evolução e existência da Ciência da Informação. Ele explica que as questões interdisciplinares na Ciência da Informação possuem dois fenômenos que as justificam: os problemas relacionados à Ciência da Informação que não podem ser resolvidos pelas abordagens de uma única disciplina e as diferenças dos pontos de partida das pessoas que se relacionam com estes problemas.

No tocante à relação desta com a Tecnologia da Informação, este autor ressalta que tal relação tanto pode representar um impulso como um constrangimento na evolução da primeira e comenta que a Ciência da Informação tem uma dimensão social e humana bem acima da tecnologia.

Partindo destes pressupostos, Saracevic coloca em pauta a origem da Ciência da Informação destacando três fenômenos sociais decorrentes da 2ª Guerra Mundial: a revolução científica e tecnológica; o crescimento exponencial de publicações científicas e tecnológicas; e o crescimento de registros de informação em todas as literaturas. Ao considerar estes três fenômenos sociais, Saracevic destaca a atuação de Vannevar Bush diante do desenvolvimento da Ciência da Informação, ao pontuar um grande problema - a tarefa de tornar mais acessível o fenomenal estoque de conhecimento – e relacioná-lo à explosão informacional, propondo o uso da também emergente Ciência da Computação e de outras tecnologias da informação para combater o problema em questão. Desafio este, aceito pelos cientistas da época e ouvido e financiado pelos governos ao considerarem que a ciência e a tecnologia são importantes para sociedade, justificando os esforços de ajudá-las e apoiá-las nas atividades de informação.

No entanto, Saracevic alerta que o papel e o grau de importância da informação assumiram aspectos diferenciados nos diversos contextos históricos seguintes, principalmente diante da nova ordem social imposta pela sociedade pós-industrial, mais conhecida como sociedade da informação.

Com relação ao campo da Ciência da Informação e seus problemas endereçados, Saracevic apresenta três sentidos nos quais se pode considerar a informação: em um *sentido restrito*, em um *sentido intermediário* e em um *sentido mais amplo*. [Tradução nossa] No *sentido restrito*, a informação é tratada enquanto uma propriedade da mensagem, envolvendo pouco ou nenhum processo cognitivo. No *sentido intermediário*, a informação está relacionada com o processo e o entendimento cognitivo, resultante da interação da mente com o texto, onde a informação tem o poder de afetar e mudar o

pensamento. Em relação ao *sentido mais amplo*, a informação é considerada segundo um contexto-situação, tarefa ou problema, envolvendo ainda motivação e intencionalidade. Saracevic afirma que no campo da Ciência da Informação é este terceiro sentido que devemos considerar.

Em uma descrição da estrutura da Ciência da Informação, elaborada a partir da agregação de autores com algumas características em comum, Saracevic (1999) apresenta-nos uma ciência composta por duas grandes subáreas ou segmentos: uma que poderia denominar-se de “Estudos básicos” e a outra “Recuperação ou aplicação”. No primeiro caso, ficariam incluídos autores e trabalhos que se ocupam do estudo das manifestações e comportamento dos fenômenos e objetos de que trata a Ciência da Informação. No segundo, estariam aqueles que lidam diretamente com a variedade de implementações de proposições teóricas e metodológicas⁵. Todavia, para ele, a Ciência da Informação perde com a falta de uma conexão entre estes dois grupos.

Ainda de acordo com a abordagem de Saracevic (1999), a Ciência da Informação, enquanto ciência e profissão, não está focada em assuntos e sim nos problemas que trata e consequentemente nos métodos que utiliza para resolvê-los. Ela concentra-se nos registros de conhecimentos humanos, enquanto objetos portadores de conteúdos em todas as suas formas, aspetos e meios, de modo que a sua ênfase primária está voltada para estes conteúdos, considerando a potencialidade informacional.

Considerando estas questões, Saracevic (1999) coloca em pauta três componentes bastante representativos para o campo da Ciência da Informação: a recuperação da informação (processamento da informação baseado na lógica), a relevância (associada às necessidades dos seres humanos) e a interação (viabilidade de trocas e contrapartidas entre pessoas e os sistemas no processo de recuperação da informação). No que diz respeito à recuperação da informação, para Saracevic (1999), foi e ainda é o maior e mais popular componente da Ciência da Informação, abarcando os aspectos intelectuais da descrição da

⁵ Um mapeamento dos autores da área, representado por gráficos, apresentaria uma demarcação de dois grandes conjuntos (clusters) de autores. Uma das zonas demarcadas poderia ser denominada: “information analysis”, “domain cluster” ou “Estudos básicos, e abrangeria: “[...] *analytical study of literatures; their structures; studies of texts as content-bearing objects; communication in various populations, particularly scientific communication; social context of information; information uses; information seeking and behavior; various theories of information and related topics*. O outro “cluster”, que chamaria “*the retrieval cluster*” ou “estudos aplicados ou de implementação” que reúne os trabalhos de autores que trabalham com “*IR theory and retrieval algorithms; practical IR processes and systems; human-computer interaction; user studies; library systems; OPACs; and related topics*” (SARACEVIC, 1999).

informação e suas especificações para a busca e envolvendo a interação (inclusive dos usuários) com todos os contextos e aspectos que ele abarca – sejam eles cognitivos, afetivos ou situacionais. Todavia, o mesmo autor relata que este componente também é tratado no âmbito de duas abordagens que não se comunicam: uma concentrada nos sistemas de recuperação (refere-se tão somente aos sistemas) e a outra concentrada nos aspectos cognitivo, interativo e contextual do processo (refere-se aos usuários, ao uso, às situações, contextos e interações destes com os sistemas).

No tocante à relevância, o autor afirma que esta é a base da recuperação da informação, uma vez que é capaz de refletir a eficiência das trocas de informações entre os usuários e os sistemas de recuperação. Para Saracevic (1999), a relevância configura-se em um dos instrumentos de medida e de avaliação destes sistemas, ressaltando que este componente possui pontos fortes, por considerar os usuários como juízes da eficiência do desempenho e pontos fracos, por envolver subjetividade e variabilidades.

Ao abordar sobre o objeto de estudo da Ciência da Informação, seus paradoxos e desafios, González de Gomez (1990, p. 119) destaca que, o saber teórico e tecnológico desta ciência só poderia constituir-se a partir do conhecimento dos processos sociais, comunicacionais e cognitivos da informação. Para esta autora, a comunicação direta e interativa nas suas diversas situações e contextos, incluindo as diversas formas comunicacionais de produção de conhecimento (científico, tecnológico, prático, político e outros), são parte do campo fenomênico dos estudos relacionados com a informação, enquanto “conhecimento propedêutico e transdisciplinar”, de modo que “as condições sociais e as matrizes comunicacionais constituam parte das condições iniciais de geração e uso de conhecimento/informação.”

González de Gomez (1990, p. 121) esclarece que:

O que constituiria domínio da Ciência da Informação não seria [...] a **qualidade** de um campo de fenômenos de informação (informação científica, informação tecnológica, informação para a cidadania), mas a instauração de um “ponto de vista” que recorre a uma ampla zona transdisciplinar, com dimensões físicas comunicacionais, cognitivas e sociais ou antropológicas. Esse “ponto de vista” não teria como objeto a informação e suas especificações, mas antes as **pragmáticas sociais** de informação [...] Esse “objeto” da Ciência da Informação não seria logo uma “coisa” ou uma “essência” de uma região de fenômenos, mas um conjunto de regras e relações tecidas entre agentes, processos e produções simbólicas e materiais. É a possibilidade de realizar “ações de segundo grau” (o que denominamos “ações de informação”) sobre processos de

comunicação e conhecimento, o que é inicialmente tematizado na constituição de uma área de estudo em torno da informação.

No âmbito de outra abordagem, *Metodologia de pesquisa no campo da Ciência da Informação* (2000), González de Gomez destaca que a metodologia da Ciência da Informação além de considerar suas características inter ou multidisciplinares, deve considerar seu caráter poliepistemológico, uma vez que “produz diferentes efeitos de sentido em diferentes contextos”, dos quais fazem parte “a linguagem, com seus níveis sintáticos, semânticos e pragmáticos e suas plurais formas de expressão [...]; os sistemas sociais de inscrições de significados; os sujeitos e organizações que geram e usam informações em suas práticas e interações comunicativas.” Neste sentido, fundamentada no conceito de “ação de informação”, esta autora apresenta três dimensões no domínio da Ciência da Informação, as quais requerem modalidades, formas de ação/operação e condições de produção do conhecimento diversificadas: semântico-discursiva, meta-informacional, e infra-estrutural (QUADRO 1).

QUADRO 1
Estratos da informação e condições de acesso

ESTRATOS INFORMACIONAIS	MODALIDADES	FORMAS DE AÇÃO/ OPERAÇÃO	CONDIÇÕES DE PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO
Informação (semântica)	Modos intersubjetivos de significação; definição cultural e social de uma evidência ou “testemunho” de informação, suas condições de geração, de transmissão, de recepção e de adesão.	Ações abertas e plurais/ polimórficas, conforme diferenciais semânticos / pragmáticos dos atores.	Conhecimento antropológico - linguístico (Regras/ usos/ práticas).
Metainformação	Modos organizacionais de regulamentação / estabilização de práticas discursivas e informacionais.	Estabilização organizacional de ações e discursos. Contratos institucionais / organizacionais.	Conhecimento político, administrativo, organizacional (contratos).
Infra-estrutura de informação	Modos tecnológicos e materiais de armazenagem, processamento e de transmissão de dados – mensagem - informação.	Operações genéricas; interoperabilidade; transportabilidade e comutatividade digital das mensagens.	Conhecimento técnico e tecnológico (Modelos, interfaces).

Fonte: GONZÁLEZ DE GOMEZ, 2000.

Todavia, esta autora alerta que essa diversidade de condições epistemológicas da Ciência da Informação, não deve ser confundida com “uma indefinição metodológica eclética ou relativista” (GONZÁLEZ DE GOMEZ, 2000). Ela considera que, “a Ciência da Informação recebe das Ciências Sociais seu traço identificador, que serve de princípio articulador dessas diversidades, e que corresponde ao que nos estudos metodológicos se denomina como ‘dupla hermenêutica’” (política e epistemológica), e que representa a

definição metodológica do núcleo de um programa de pesquisa, ou seja, “um grande desafio intelectual, ético e político, já que nas grandes questões do mundo contemporâneo, as principais nutrem o solo de construção dos objetos de estudo da Ciência da Informação.”

No que se refere às infra-estruturas e domínios de conhecimento (princípios epistemológicos e pragmáticos) da Ciência da Informação, Álvares Júnior (2007) apresenta dados relevantes. Na obra em questão, o referido autor se propôs a identificar o “discurso” da Ciência da Informação no Brasil, tendo como um dos seus objetos de análise os trabalhos apresentados, no período compreendido entre 1994 e 2005, no Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação (ENANCIB)⁶, ou seja, apresentar os assuntos e linhas temáticas que pudessem “representar preliminarmente” ou “descrever simbolicamente” o discurso da área de Ciência da Informação no Brasil⁷, ao longo do tempo. Sendo assim, diante dessa proposta, após selecionar 719 trabalhos apresentados nas edições do evento em questão, Álvares Júnior (2007) executou a indexação desses trabalhos, considerando os conceitos extraídos dos respectivos títulos, as palavras-chaves dos próprios autores e o grupo temático de filiação e apresentou como resultado um quadro demonstrativo contendo as linhas temáticas⁸ (QUADRO 2) e os assuntos/termos (QUADRO 3) discutidos pela área.

⁶ Encontro organizado pela Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Ciência da Informação (ANCIB) e que congrega, expressivamente, no Brasil, grande parte de pesquisadores da área.

⁷ De acordo com Álvares Júnior (2007, p. 42), trata-se de um “discurso de área provisório e operacional”, uma vez que não foram considerados em profundidade os diversos aspectos políticos, epistemológicos e sociais da Ciência da Informação.

⁸ As linhas temáticas foram formuladas por Álvares Júnior (2007) a partir dos Grupos de Trabalho da ANCIB, todavia, estas linhas não coincidem com os mesmos.

QUADRO 2
Linhas temáticas e números de trabalhos dos ENANCIBs 1994-2005

Linhas	1994	Nº	1995	Nº	1997	Nº	2000	Nº	2003	Nº	2005	Nº
1	Informação tecnológica + Administração / Gestão / Avaliação de estudos de usuários	6	Informação tecnológica e Administração de serviços	11	Informação tecnológica e Administração de serviços	30	Informação tecnológica e Informação para negócios + Planejamento e gestão de sistemas de informação e Inteligência competitiva	57	Informação tecnológica e Informação para negócios + Planejamento e gestão de sistemas	32	Gestão de unidades de informação	13
2	Representação do conhecimento / Indexação / Teoria da Classificação	4	Representação do conhecimento / Indexação / Teoria da Classificação	12	Representação do conhecimento / Indexação / Teoria da Classificação	32	Representação do conhecimento / Indexação / Teoria da Classificação	30	Representação do conhecimento / Indexação / Teoria da Classificação	17	Organização do conhecimento e representação da informação	26
3			Novas tecnologias / Bases de dados / Fontes de Informação [e Educação]	6	Novas tecnologias / Redes de informação / Educação à distância	9	Novas tecnologias / Redes de informação / Educação à distância	46	Novas tecnologias / Redes de informação / Educação à distância	17		
4	Informação e sociedade / Ação cultural	1	Informação e sociedade / Ação cultural	11	Informação e sociedade / Ação cultural	34	Informação e sociedade / Ação cultural	43	Informação e sociedade / Ação cultural	26	Política, ética e economia da informação	14
5	Produção científica / Literatura cinza	4	Produção científica / Literatura Cinzenta	10	Produção científica / Literatura Cinzenta	21	Comunicação Científica	30	Comunicação e Produção Científica / Literatura Cinzenta	13		
6	Formação profissional / Mercado de trabalho	3	Formação profissional e Mercado de trabalho	6	Formação profissional e Mercado de trabalho	9	Formação profissional e Mercado de trabalho	18	Formação profissional e Mercado de trabalho	20	Informação e trabalho	10
7	Políticas de pesquisa dos cursos de pós-graduação	5										
8											Mediação, Circulação e uso da informação	31
9											Informação para diagnóstico, mapeamento e avaliação	15
10							Epistemologia da Ciência da Informação	14	Epistemologia da Ciência da Informação	15	Estudos históricos e epistemológicos da informação	16

Fonte: ÁLVARES JÚNIOR, 2007, p. 86.

QUADRO 3
Assuntos /Termos Indexados – ENACIB 1994-2000

Linhas temáticas	Termos	Total
Linha 1 - Informação Tecnológica, Negócios e Administração	Brasil	11
	Demanda de informação	11
	Estudo de Caso	11
	Indicador de Qualidade	05
	Informação Tecnológica	12
	Inteligência Competitiva	12
	Metodologia	05
	Modelo	06
	Pequena Empresa	05
	Planejamento Estratégico	06
	Setor Agroindustrial	05
	Sistema de Informação	05
	Transferência da Informação	07
Linha 2 - Representação e Organização do Conhecimento	Análise de Conteúdo	05
	Ciência da Informação	06
	Epistemologia	15
	Metodologia	11
	Modelo	07
	Organização do Conhecimento	07
	Recuperação da Informação	08
	Representação do Conhecimento	11
	Terminologia	06
Linha 3 - Novas Tecnologias e Educação	Análise de Conteúdo	08
	Análise de Impacto	04
	Biblioteca Virtual	04
	Brasil	10
	Estudo de Caso	08
	Internet	14
	Recuperação da Informação	04
	Tecnologia da Informação	07
Linha 4 - Informação e Sociedade	Biblioteca Escolar	05
	Brasil	08
	Cidadania	06
	Ciência da Informação	05
	Disseminação da Informação	06
	Educação	09
	Epistemologia	12
	Política de Informação	05
	Prática Informacional	11
	Produção do Conhecimento	05
	Sociedade da Informação	10
Transferência da Informação	06	

Linha 5- Produção e Comunicação Científica	Análise de Conteúdo	20
	Artigo de Periódico Científico	05
	Biblioteconomia	09
	Brasil	13
	Ciência da Informação	16
	Comunicação Científica	14
	Literatura Cinzenta	06
	Produção Científica	14
	Tese	10
Linha 6 - Formação Profissional e Trabalho	Biblioteconomia	12
	Ensino Superior	10
	Mercado de Trabalho	06
	Posição de Trabalho	06
	Profissional da Informação	05
Linha 7 - Políticas de Pesquisa da Pós-Graduação Linha 8 - Mediação, Circulação e Uso da Informação Linha 9 - Informação Para Diagnóstico, Mapeamento e Avaliação Linha 10 - Estudos Históricos e Epistemológicos da Informação	Ciência da Informação	02
	Educação	02
	Estudo de Caso	03
	Interdisciplinaridade	03
	Organização do Conhecimento	02

Fonte: adaptado de ÁLVARES JÚNIOR, 2007, p. 113-114.

Enfim, como se percebe através dos dados apresentados por Álvares Júnior (2007), é possível se ter uma idéia panorâmica e temática dos domínios de conhecimento (epistemológicos e pragmáticos) explorados e discutidos pelos pesquisadores da Ciência da Informação no Brasil.

3.2 A ARQUIVOLOGIA

Dentre os autores que abordam sobre as origens históricas dos arquivos e da Arquivologia é unânime o fato de que a história dos registros arquivísticos confunde-se com a história do aparecimento da escrita, assim como também é consenso o fato de que a história dos arquivos, ainda que em suas formas embrionárias, tem sua origem aproximadamente há cerca de seis milênios, no Oriente Médio⁹.

⁹ Conforme: ROUSSEAU, J.; COUTURE, C. *Os fundamentos da disciplina arquivística*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1998; SILVA, A. M. *et al. Arquivística: teoria e prática de uma ciência da informação*. Porto: Edições Afrontamento, 1999. v. 1.; FONSECA, M. O. K. *Arquivologia e Ciência da Informação: (re)definição de marcos interdisciplinares*. 2004. 181 f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2004.

De acordo com Rousseau e Couture (1998, p. 32), os documentos administrativos estão presentes em todas as épocas regendo as relações entre os governos, as organizações e as pessoas e apoiando o exercício do poder, o reconhecimento dos direitos, o registro da memória e a utilização futura. Todavia, a Arquivologia enquanto disciplina ou campo do saber, segundo a maioria dos autores, trata de um produto recente. Alguns desses autores consideram que os primeiros elementos da Arquivologia são frutos do séc. XVI; existem aqueles que apontam a obra de Dom Jean Mabillon, intitulada *De Re Diplomática*, em 1681, como marco inaugural; há também aqueles que defendem que o marco inaugural da Arquivologia é produto da Revolução Francesa. Porém, a grande maioria identifica como marco fundador da Arquivologia a publicação do Manual dos Holandeses, escrito pelos arquivistas S. Muller, J.A. Feith e R. Fruin, em 1898. No entanto, na perspectiva de Rousseau e Couture (1998, p. 48), a Arquivologia se desenvolveu diferencialmente em função de cada época, sendo constituída em decorrência “um *savoir-faire* que se foi acumulando ao longo dos anos”, focando “quatro grandes setores principais, o tratamento, a conservação, a criação e a difusão”; de modo que “a estruturação destes hábitos de trabalho em torno de um mesmo objeto e o aparecimento de princípios próprios aos arquivos constituem um fenômeno contemporâneo.”

De acordo com Fonseca (2004, p. 43), ao considerarmos o Manual dos Holandeses como marco fundador da Arquivologia, temos algumas questões que são importantes ao analisarmos as características de configuração da área:

A análise destes pontos remete: **1)** à inserção da Arquivologia na *episteme* da Modernidade, especialmente na assim chamada “esfera política”, **2)** a decorrente importância das instituições arquivísticas e seu objetivo de responder aos problemas de uma administração pública que deve ser eficiente **3)** a subordinação da disciplina em relação ao seu objeto, ou seja, uma certa idéia predominante de que se a idéia de arquivo estiver clara, estará clara a idéia de Arquivologia e **4)** a tradição manualística da área, suas limitações e as tentativas de generalizar o particular, favorecendo o império da norma.

Ao apresentar sua revisão de literatura a respeito história da Arquivologia, Rondinelli (2002, p. 40-42) explica que a partir da segunda metade do século XVIII, podemos encontrar na história dos arquivos e da Arquivologia cinco momentos históricos importantes: (1) a criação do Arquivo Nacional da França, em 1789, onde o Estado assume seu papel de guardião dos documentos arquivísticos por ele produzidos, recebidos e acumulados e o reconhecimento do direito público de acesso; (2) a criação da École

Nationale des Chartes, em 1821, também na França, onde temos o fortalecimento da Arquivologia como ciência auxiliar da História e da concepção culturalista dos arquivos; (3) a promulgação do princípio da proveniência¹⁰, em 1841, também na França, pelo historiador Natalis Du Wailly; (4) o fim da II Guerra Mundial e o surgimento da Gestão de Documentos, nos EUA e no Canadá, que apesar de representar uma cisão profissional (gestores de documentos e arquivistas), reaproximou os arquivos das atividades administrativas, tendo em vista a necessidade de racionalizar a produção e o tratamento dos documentos, em detrimento de uma melhor viabilização dos processos gerenciais e decisórios; e (5) a ampla utilização dos documentos eletrônicos a partir da década de 80, quando a Arquivologia sentiu a necessidade de rever os seus princípios e métodos.

Após executar um breve percurso pela história da Arquivologia, Ribeiro (2002, p. 100-101) apresenta uma sinopse dos fundamentos e dos pilares do modelo histórico-tecnista da Arquivologia, a qual é considerada como paradigma dominante até os anos 80. Segundo esta autora estes fundamentos e pilares foram:

- criação dos “arquivos históricos” concebidos para conservar, gerir e possibilitar o acesso à documentação, essencialmente de caráter patrimonial, cuja finalidade primeira é a de fonte para a historiografia; - existência de um organismo estatal coordenador da política arquivística, voltada acima de tudo para a salvaguarda e difusão do patrimônio documental; - fundamentação teórica assente na noção oitocentista e instrumental de fundo [...]; - princípios ditos “teóricos” baseados na evidência e no pragmatismo – os conhecidos “princípio do respeito aos fundos” ou “princípio da proveniência” e “princípio da ordem original” [...]; - adoção de pretensas “teorias” como base de opções práticas operatórias, como seja a chamada teoria das três idades [...] ; - valorização da componente técnica de uma forma excessiva, tendendo a confundir operações e procedimentos como, por exemplo, a descrição arquivística como método da disciplina e enfatizando a normalização, numa perspectiva redutora [...]; - assunção do “documento” como objeto material constitutivo do arquivo, patente nas expressões “gestão de documental” ou “ciências documentais”, o que denota uma perspectiva com uma forte carga patrimonialista e historicista [...]

Segundo Ribeiro (2002, p. 101), no final do século XX, mais especificamente a partir dos anos 80, em detrimento das questões emergentes trazidas pelos documentos eletrônicos e da realidade social e informacional (a pós-modernidade e a sociedade da

¹⁰ Este princípio, apesar de inicialmente representar uma medida administrativa, no V Congresso Internacional de Arquivos, em 1964, foi consagrado como um dos princípios fundamentais da Arquivologia.

informação), surgem algumas questões apontando a fragilidade, inconsistências e a inadequação da teoria arquivística, instalando uma “crise” profunda na Arquivologia. Assim como Ribeiro (2002), desde o final do século XX, esta “crise” na Arquivologia vem sendo apontada por diversos autores. Dentre as diversas abordagens relativas a esta questão considera-se relevante apresentar aqui as abordagens de Rosseau e Couture (1998), Thomassen (1999), Cook (1997) e Ketelaar (2000).

Rousseau e Couture (1998, p. 63-64) destacam que em um ambiente administrativo organizacional as informações podem ser verbais (informal) ou registradas (formal)¹¹, orgânicas¹² ou não orgânicas. Segundo estes autores, a produção de informações orgânicas registradas dá origem aos arquivos das organizações. No que tange a esta designação, compreende todos os documentos, independente do seu suporte ou idade, produzidos e recebidos pela organização no exercício de suas funções e atividades.

Na concepção destes autores canadenses (ROUSSEAU; COUTURE, 1998, p. 61), a Arquivologia encontra seu *locus* no contexto administrativo e organizacional, onde as informações devem ser consideradas, organizadas e tratadas como recursos tão importantes quanto os demais recursos organizacionais (humanos, materiais ou financeiros). Neste sentido, cabe ao arquivista atuar junto às informações documentais (independente do suporte), objetivando sempre disponibilizá-las aos seus usuários de forma segura, eficiente e eficaz, considerando as peculiaridades relativas ao seu uso e processamento. Na abordagem de Rousseau e Couture, as informações documentais necessitam ser consideradas em um ambiente funcional, sistematizado e coordenado, possuidoras de uma política clara e objetiva, composta por um programa de organização e tratamento. Deste modo, a nova vocação da Arquivologia é atuar na resolução dos problemas relacionados à gestão da informação das organizações. (ROUSSEAU; COUTURE, 1998, p. 69).

No entanto, Rousseau e Couture alertam que para corresponder de forma adequada a este desafio, a Arquivologia precisa “definir-se em função de uma abordagem integrada” além de “fazer escolhas estratégicas quanto à sua organização interna, às suas alianças e à sua renovação (formação e investigação).”

Para os autores em questão, a dimensão fundamental do problema da Arquivologia encontra sua essência no fato de poder ser abordada de três maneiras: uma

¹¹ Em um suporte (material onde as informações são registradas) como papel, fita magnética, fotografia, negativo, vídeo, disco óptico, microfilme, disquete, CD-ROM, etc.

¹² Informações elaboradas, expedidas ou recebidas no âmbito da missão de uma organização.

inteiramente administrativa focada no valor primário dos documentos (Gestão de Documentos); uma tradicional focada exclusivamente no valor secundário dos documentos; e uma nova, proposta pelos próprios autores, “integrada e englobante que tem como objetivo ocupar-se simultaneamente do valor primário e do valor secundário do documento” (Arquivística Integrada)¹³.

De acordo com Rousseau e Couture (1998, p. 71), a Arquivística Integrada “permite assegurar a unidade e a continuidade das intervenções no âmbito de uma política de organização dos arquivos”, bem como permite à Arquivologia “dotar-se de uma imagem mais forte e, conseqüentemente, ser reconhecida socialmente.”

Numa conjuntura que exige da arquivística que ela responda adequadamente às necessidades cada vez mais sofisticadas das administrações, que ela inicie e consiga efetuar a virada tecnológica, que ela crie e desenvolva programas de formação concorrenciais com outras disciplinas, que ela defina e prossiga prioridades de investigação, parece arriscado dispensar esforços em discursos inúteis conducentes à divisão das intervenções numa cadeia documental, no entanto tão logicamente contínua. (ROUSSEAU; COUTURE, 1998, p. 71)

Rousseau e Couture (1998, p. 71) complementam que, tendo em vista o fato de que a informação transformou-se em “um objeto estimável”, faz-se necessário que a Arquivologia primeiramente se liberte completamente das tutelas da Administração e da História, e, logo em seguida, faz-se necessário que ela defina claramente qual “o lugar que pretende ocupar no tabuleiro da informação”, estruturando e delimitando o seu campo de atividade, assumindo a sua autonomia e estabelecendo “as alianças em pé de igualdade com as outras disciplinas.” Os autores em questão (ROUSSEAU; COUTURE, 1998, p. 72) alertam ainda que a Arquivologia necessita sim de elementos variados de formação (oriundos de outras disciplinas como a História, a Administração, a Informática, a Ciência da Informação e a Biblioteconomia), mas no sentido de enriquecer “seu *corpus* de conhecimentos arquivísticos formado por bases teóricas, intervenções e métodos específicos dessa disciplina.”

Thomassen (1999), em sua abordagem, utilizando o modelo de Khun¹⁴, analisa a Arquivologia fazendo um paralelo entre o paradigma clássico da Arquivologia e seu

¹³ É importante destacar que a Arquivística Integrada trata-se de uma realidade canadense-americana.

¹⁴ KUHN, T. S. *A estrutura das revoluções científicas*. 9 ed. São Paulo: Perspectiva, 2007.

possível novo paradigma, naquilo que considera ser seus componentes fundamentais: seu objeto, suas entidades primeiras e suas interações; o seu objetivo; e seus métodos e técnicas.

No que tange ao paradigma clássico da Arquivologia, Thomassen (1999, p. 2) identifica como seu objeto “o conjunto de documentos produzidos e recebidos por uma administração”, ou seja, o arquivo ou fundo arquivístico, sendo estes as suas principais entidades enquanto “artefatos” físicos, de modo que as interações entre estas entidades são consideradas orgânicas por natureza. Prosseguindo com sua análise, Thomassen identifica como objetivos do paradigma clássico da Arquivologia “o controle físico e intelectual dos documentos”, como sua metodologia, a aplicação dos princípios da proveniência e da ordem original e como sua técnica, a descrição formal dos documentos físicos fundamentada na classificação natural dispensada a eles.¹⁵

No que se refere ao novo paradigma da Arquivologia, Thomassen (1999, p. 4-5) declara que as novas tecnologias da informação e da comunicação foram responsáveis por trazer mudanças para o campo da Arquivologia, representando uma ruptura paradigmática. De acordo com as análises deste autor, o novo paradigma da Arquivologia tem como objeto a informação arquivística ou informação orgânica registrada¹⁶. Todavia, Thomassen (1999, p 4-5) explica que este objeto é duplo, uma vez que se refere à informação arquivística em si, ou seja, ao seu conteúdo semântico e ao seu contexto de criação, sendo assim, o conteúdo diplomático do documento que revela o conjunto ao qual pertence, a sua forma e estrutura e a entidade (física ou jurídica) que o criou. Diante do exposto, na concepção desse autor, as entidades fundamentais do novo paradigma, neste caso, também duplas, se deslocam dos arquivos para a lógica do documento individual e as suas relações com os processos ou transações administrativos.

Quanto ao objetivo da Arquivologia, Thomassen explica que ele, agora, ultrapassa a questão da acessibilidade ao englobar a manutenção da qualidade arquivística, defendendo “a transparência, a força e a estabilidade duradoura do vínculo” entre as informações arquivísticas, o processo e as transações administrativas que foram responsáveis pela sua gênese. Neste sentido, a nova metodologia, na perspectiva desse

¹⁵ Baseado no modelo de Thomas Khun, Thomassen considera a publicação do Manual dos Holandeses, no final do século XX, como a primeira revolução científica da Arquivologia, superando a tradição diplomática de análise dos itens documentais individualmente e a das práticas administrativas, estabelecendo o paradigma clássico dessa disciplina.

¹⁶ Termo utilizado pelos arquivistas canadenses Rousseau e Couture (1998).

autor, consiste na criação, manutenção e análise das relações entre as informações orgânicas registradas e seus criadores, buscando consequentemente “estabelecer, manter e analisar a autenticidade, a confiabilidade e a fidedignidade dos registros”. Suas características técnicas se concentram na “aplicação de técnicas de modelagem e de normas descritivas.”

É importante aqui destacar que apesar de reconhecer que estas rupturas paradigmáticas tenham sido provocadas em virtude da chamada *Revolução Digital*, Thomassen (1999, p. 6) esclarece que o novo paradigma da Arquivologia não representa simplesmente a passagem dos documentos em papel para os documentos eletrônicos, e sim, citando Cook (1997), uma mudança da Arquivologia clássica ou moderna para uma Arquivologia pós-custodial ou pós-moderna.

QUADRO 4
As mudanças paradigmáticas da Arquivologia

PARADIGMATIC CHANGES IN ARCHIVISTICS			
Period	19th century	20th century	21st century
Characteristic	pre-paradigm stage	classic or modern	post-custodial or post-modern
Object	(1) archives of a community (2) diplomas and registrations	archives of an organisation or an official	process bound information
Fundamental unity	(1) physical item (2) single diploma and registration	physical item	record
Objective	(1) physical and administrative control (2) publication	control and accessibility (physical, administrative and intellectual control)	high quality of information
Method	(1) respect des fonds (2) diplomatic methods	principles of provenance and original order	principle of provenance used as a quality instrument
Techniques	(1) artificial classification (2) diplomatic techniques	formal description techniques natural classification	data modelling techniques; descriptive standards
© Theo Thomassen 1999			

Fonte: THOMASSEN, 1999, p. 8.

De acordo com a abordagem de Cook (1997), apesar da riqueza do pensamento arquivístico desde a publicação do manual holandês, necessitamos atualmente de uma mudança fundamental no pensamento arquivístico. Para este autor, os deslocamentos principais no discurso arquivístico deste século sugerem a necessidade de reconhecer estes padrões de mudança dentro do discurso arquivístico, contribuindo assim com as metodologias e estratégias arquivísticas e incorporando os resultados na prática diária. Neste sentido, Cook (1997) coloca em pauta cinco temas ou mudanças amplas e

emergentes no contexto na Arquivologia, sugerindo assim a necessidade de repensarmos alguns conceitos teóricos básicos.

O primeiro tema trata-se de uma mudança na própria razão pela qual os arquivos existem e são preservados. Segundo Cook (1997), houve um deslocamento coletivo de uma justificação jurídico-administrativa dos arquivos baseada nos conceitos do Estado para uma justificação sócio-cultural dos arquivos baseada em uma política de interesse e uso público mais amplo, onde, agora, as questões apresentadas pelos historiadores não representam mais a força motriz. Segundo este autor, as expectativas dos cidadãos constituem essa força motriz uma vez que os arquivos são capazes de oferecer um senso de identidade, de localidade, de história, de cultura, e de memória pessoal e coletiva.

O segundo tema abordado por Cook (1997) refere-se ao fato de como os arquivos e os arquivistas vêm preservando os documentos enquanto evidências autênticas e confiáveis dos atos e transações. De acordo com este autor, os arquivistas ao longo do século procuraram consistentemente compreender e iluminar o contexto ou a proveniência dos documentos, de modo que, atualmente, ao atuarem no processo de criação dos documentos, ao objetivarem garantir os padrões aceitáveis de evidência e assegurar que os atos e as idéias da mais alta importância sejam documentados de forma adequada e segura, estão protegendo a proveniência destes documentos.

Na concepção desse autor, tendo em vista que vivemos em um mundo de mudanças rápidas e constituído de organizações tão complexas capazes de produzirem um volume imenso e descentralizado de documentos, em um mundo onde circulam os documentos eletrônicos com seus registros transitórios e virtuais, suas bases de dados relacionais, múltiplos propósitos e suas redes de comunicação interinstitucionais, nenhum registro confiável será capaz de sobreviver para estarem disponíveis futuramente se os arquivistas não intervirem na sua preservação, antes mesmo de serem criados. Sendo assim, a noção confortável do valor permanente dos documentos ao longo dos tempos exigirá uma modificação similar, simplesmente devido ao fato de que os documentos eletrônicos serão inteiramente ilegíveis dentro de poucos anos. Neste sentido, estes deverão ser reproduzidos e sua estrutura e funcionalidade reconfiguradas em novos softwares. Dessa maneira, os métodos tradicionais de preservação dos registros arquivísticos centrados nos padrões apropriados de reparo, de restauração, e de armazenamento e uso dos suportes físicos se apresentam como irrelevantes, uma vez que os documentos deverão

migrar seus conteúdos muito antes da deterioração física de seus suportes, reconfigurando assim, a funcionalidade, a proveniência e a originalidade destes documentos.

Assim, o princípio da proveniência muda sua perspectiva de relacionar um documento diretamente a seu “lugar” individual numa hierarquia organizacional tradicional, para se transformar num conceito mais elástico, refletindo as funções e processos na criação dos documentos, dentro e através de organizações em constante mudança, interagindo com uma clientela também mutável, refletindo diferentes culturas organizacionais, na maioria das vezes menos verticalizadas, ligadas em rede de curta duração. (FONSECA, 2004, p. 91)

A terceira questão abordada por Cook (1997) está relacionada à origem da teoria arquivística. O autor inicia sua análise quanto a esta questão, destacando que tendo em vista que há um século os princípios arquivísticos eram derivados de uma análise diplomática, de regras planejadas para o arranjo e a descrição de grupos ou séries documentais fechadas, oriundas de instituições estáveis, mono-hierárquicas, faz-se necessária uma nova perspectiva, deslocando assim, o foco do documento em si para o seu processo ou contexto funcional de criação (do produto manufaturado físico para os motivos e objetivos da sua criação). Cook (1997), citando Ketelaar¹⁷, destaca que a teoria arquivística encontra agora sua inspiração na análise dos processos de criação dos documentos e não mais nas metodologias de arranjo e descrição. Este fenômeno, na concepção do autor, representa a substituição da Arquivologia descritiva pela Arquivologia funcional, a qual busca compreender a integridade dos fundos arquivísticos e as funções dos documentos no seu contexto original, centrada na interpretação funcional do contexto de criação destes.

No que tange à quarta temática, Cook (1997) explica que ela é fruto da intervenção ativa, agora exigida pelo arquivista, nos processos de *record-keeping*, ao objetivarem assegurar aos documentos suas propriedades de evidência e de confiança, bem como da necessidade do arquivista de pesquisar para que se compreenda a natureza da função, da estrutura, do processo, e do contexto de criação dos documentos; e a

¹⁷ KETELAAR, E. Archival theory and the Dutch Manual, *Archivaria*, no. 41, p. 31-40, Spring 1996. Disponível em: <http://journals.sfu.ca/archivar/index.php/archivaria/article/viewPDFInterstitial/12123/13118>>. Acesso em: 10 maio 2008.

importância relativa destes últimos para os processos de avaliação e a descrição arquivística.

O quarto tema na abordagem de Cook (1997) refere-se à noção tradicional da imparcialidade do arquivista. De acordo com este autor, os arquivistas inevitavelmente injetarão seus próprios valores em todas as suas atividades, tendo em vista as suas próprias escolhas diante dos recursos limitados e dos volumes opressivos de documentos, de produtores de documentos, de sistemas, de transações, de mecanismos descritivos e de difusão. Na concepção de Cook (1997), os arquivistas evoluíram de simples depositários ou curadores passivos e imparciais dos documentos para construtores e mediadores ativos na formação da memória coletiva, determinando padrões de gestão e preservação destes documentos.

Enfim, o quinto e último tema abordado trata-se do fato de que “a teoria arquivística não deve ser considerada enquanto um jogo de leis científicas imutáveis, estabelecidas desinteressadamente.” O autor explica que, os principais pensadores arquivísticos deste século reinventaram o conceito dos arquivos em algumas vezes de forma inconsciente, em outras de forma consciente, porém, de acordo com os discursos dominantes espaciais e temporais, perpassando por diversas fases sociais. Diante desse pressuposto, Cook (1997) declara que “se reconhecida, esta natureza mutante da teoria arquivística sobre o tempo, esta representará a sua força profissional, não sua fraqueza.”

A história da teoria arquivística não é uma evolução linear, com escolas exclusivas de pensadores [...] [e sim] uma colagem rica de camadas de sobreposição, de idéias contraditórias que existem simultaneamente ou mesmo misturando-se, de pensadores que exibem diferenças de ênfase mais do que de idéias fundamentais, de pensadores individuais que mudam suas idéias à luz das novas circunstâncias, das idéias velhas que aparecem a guisa de novas e em lugares novos. O pêndulo de balanços do pensamento para frente e para trás [...] (COOK, 1997, tradução nossa)

Após ter examinado as idéias arquivísticas do século, Cook (1997) afirma que a Arquivologia está desenvolvendo gradualmente uma estrutura conceitual ou teórica nova, na qual a ênfase das **análises das propriedades e das características de documentos individuais** está sendo substituída pela análise **das funções, dos processos, e das transações que fazem com que os documentos sejam criados**, de modo que:

- A avaliação, conseqüentemente, está abandonando a análise de um conjunto de documentos no que tange ao seu potencial interesse para a pesquisa e está adotando uma análise centrada nas funções dos produtores dos documentos, para espelhar e sintetizar seus programas, suas atividades e suas interações;
- O arranjo e a descrição se concentrarão menos nas entidades e nos meios de registros físicos, buscando compreender adequadamente os sistemas de informação e os metadados funcionais dos produtores dos documentos, incorporando, estes últimos, nos processos de representação e recuperação da informação;
- A preservação não estará mais focada nos formatos de armazenamento físico e sim na migração das informações e na emulação;
- A proveniência não estará mais relacionada com a identificação estática dos documentos com uma estrutura e sim na identificação de relacionamento dinâmico com uma atividade criadora;
- A ordem original não representará mais uma noção de um lugar físico para cada documento dentro de uma única série e sim numa reflexão lógica; e
- Os arquivos ou *fonds d'archives* não serão mais concebidos enquanto refletindo alguma ordem física e estática fundamentada nas regras de sua acumulação e sim espelhando as múltiplas dinâmicas de criação e autoria dos documentos, focalizados em torno da função e da atividade do produtor e capturando de maneira mais exata a contextualidade dos documentos.

Prosseguindo, de acordo com a abordagem de Ketelaar (2000, p. 325-326) “recentemente, as variações e desafios tecnológicos abriram os olhos e as mentes dos arquivistas.” Para este autor, as revoluções anteriores como o papel carbono e os cartões-perfurados, apesar de modificarem a estrutura física dos registros arquivísticos, mantiveram intactas suas qualidades intrínsecas. Desse modo, os arquivistas puderam continuar lidando com estes registros enquanto artefatos. Porém, Ketelaar também destaca que após o surgimento e o desenvolvimento dos registros digitais, o paradigma arquivístico

teve que ser substituído. Neste sentido, justificando sua linha de raciocínio, Ketelaar faz referência a Hugh Taylor¹⁸, Theo Thomassen e Terry Cook:

Thomassen afirma que o paradigma clássico empreendido na Arquivologia, conforme classificado pelo Manual Holandês de 1898, tinha como seu objeto o fundo de arquivo como um todo orgânico. A metodologia da Arquivologia clássica estava baseada no princípio da proveniência. Nos anos oitenta, Hugh Taylor proclamou e predisse a troca de paradigma. O objeto do novo paradigma da Arquivologia é o que Thomassen chama “process-bound information”, ou seja, “informação gerada por processos de negócios e estruturada por estes processos para habilitar a recuperação contextual de acordo com o contexto destes processos enquanto pontos iniciais.” Ele considera a “qualidade arquivística” como o objetivo dos arquivistas no novo paradigma, “que representa a transparência, a força e a estabilidade duradoura do laço entre as informações e os processos empresariais geradores.” Thomassen foi influenciado, como eu, pelos escritos de Hugh Taylor e Terry Cook. Cook tem somado isto no artigo dele “What is Past is Prologue.” “[Este novo paradigma para os arquivos tem] um foco renovado no contexto, no propósito, na intenção, nos inter-relacionamentos, na funcionalidade, e na responsabilidade do registro, do seu criador e do seu processo de criação, onde quer que estes aconteçam.” (KETELAAR, 2000, p. 326, tradução nossa)

Todavia Ketelaar (2000, p. 326), admite que, inclusive na Europa, este ainda é um desafio a ser cumprido, principalmente pelos docentes e pesquisadores da área, os quais têm como função conduzir a Arquivologia.

Feitas as devidas considerações, Ketelaar (2000) inicia suas reflexões tomando como ponto de partida as questões sociais e culturais que giram em torno dos arquivos, dos arquivistas e da Arquivologia. Segundo este autor (2000, p. 326-327), os registros arquivísticos são sempre criados e utilizados em prol dos processos de trabalhos e ações, responsáveis por refletirem nos arquivos os seus contextos e as suas estruturas, os quais, por sua vez, determinam as formas dos documentos. Sendo assim, para Ketelaar este seria o ponto focal da Arquivologia e não o conteúdo dos documentos.

Seguindo com suas reflexões, Ketelaar (2000, p. 328-329) também enfatiza que, tradicionalmente, o objeto da Arquivologia era o arquivo (repositório), do qual o arquivista era um “mero guarda ou guardião”; e que recentemente, este perfil encontra-se em transformação. Na concepção deste autor, o arquivista atual também tem a função de atuar

¹⁸ TAYLOR, H. A. Transformation in the Archives: technological adjustment or paradigm shift? *Archivaria*, n. 25, p. 12-28, Winter 1987-1988; reprinted In Tom Nesmith, ed., *Canadian Archival Studies and the Rediscovery of Provenance* (Metuchen, N.J.:Scarecrow Press, 1993), 227-49.

antes mesmo dos documentos serem “capturados” por um sistema de gestão de documentos. Complementando, o autor em questão expõe que para poder desenvolver uma estratégia de informação e um sistema de gestão de documentos de uma organização, o arquivista deve primeiro compreender os caminhos daqueles que criam e mantêm os registros arquivísticos. Todavia, Ketelaar observa que para alcançar tal compreensão, o arquivista deve considerar a fase que precede o arquivamento, adquirindo assim uma perspicácia nos fatores sociais e culturais, nos padrões e valores e na ideologia que expressa os registros arquivísticos. Porém, segundo este autor, não se trata apenas de se verificar se e como as ações são registradas nos arquivos, haja vista que, nas fases subsequentes de gerenciamento e uso dos registros arquivísticos, os aspectos sociais e culturais também estão presentes (as pessoas criam, processam e usam os arquivos, influenciados conscientemente ou inconscientemente por fatores culturais e sociais).

Citando Richard Cox e Wendy Duff¹⁹, Ketelaar (2000, p. 329) afirma que os arquivistas devem buscar compreender não só como as organizações trabalham, mas também como os registros arquivísticos são ajustados no cerne dos ambientes organizacionais e culturais, uma vez que os arquivistas não lidam apenas com os registros arquivísticos e como eles são criados, mas também com culturas organizacionais e conseqüentemente com as pessoas destas organizações, as quais criam os registros e os documentos. Além disso, o arquivista deve considerar que estes fatores (organizações e pessoas) estão inseridos em contextos sociais, religiosos, culturais, políticos e econômicos. Finalizando esta questão, Ketelaar esclarece que no intuito de compreender estes fatores sociais e culturais, o arquivista deve buscar se familiarizar com a sociologia e com a antropologia – mais especificamente com a sociologia organizacional, com a antropologia organizacional e com a informática organizacional.

Dando prosseguimento, Ketelaar (2000, p. 329) observa que estas variáveis que podem ser alteradas em qualquer tempo e espaço determinado e que circundam as questões arquivísticas (contextos sociais, religiosos, culturais, políticos e econômicos), na

¹⁹ COX, R. J.; DUFF, W. Warrant and the definition of electronic records: questions arising from the Pittsburgh Project. *Archives and Museum Informatics*, v. 11, n. ¾, p. 227, 1997.

sua maioria, se ajustam com o catálogo de Grover e Greer²⁰, ao apresentarem um modelo para a disciplina Ciência da Informação:

1. Cultura — linguagem, valores filosóficos e morais, história, sistema educacional, conceito de tempo, etc.; 2. Geografia — aspectos físicos como clima e características topográficas; 3. Estrutura política da sociedade — o sistema de governo e valores subjacentes relativos ao papel de governo; 4. Legislação e regulamentos emitidos por agências legislativas reguladoras do governo; 5. O sistema econômico; 6. Tecnologia — o nível de sofisticação em termos de computadores e tecnologias de telecomunicação; 7. Política de informação — leis de direitos autorais, políticas de segurança, censura, privacidade, direito público de saber, responsabilidade do governo em informar, e essas políticas que influenciam a transferência de informação (KETELAAR, 2000, p. 329 -330, tradução nossa).

Complementando as suas reflexões em torno das questões sociais e culturais, Ketelaar (2000, p. 330) acrescenta o conceito de memória. De acordo com este autor, os arquivistas diante dos sistemas de gerenciamento arquivístico têm como função assegurar a responsabilidade, a evidência e o significado dos registros arquivísticos a serem criados e mantidos, abandonando o perfil de receptor desinteressado e imparcial de “arquivistas neutros”. Nesta perspectiva, Ketelaar (2000, p. 331), fazendo uso das palavras de Cook (1997) afirma que:

Os arquivistas transformaram-se em construtores muito ativos das suas próprias ‘casas de memória’. E assim, cada dia, eles deveriam examinar as suas próprias políticas de memória no processo de criação do arquivo e de formação da memória (tradução nossa).

Para Ketelaar (2000, p. 332-333), tal fenômeno requer conhecimento e compreensão da história, muitas vezes obscurecida, das instituições arquivísticas bem como das mudanças em relação ao papel dos arquivistas na sociedade. Neste sentido, de acordo com este autor, sob condições normais, os arquivistas também praticam políticas de memória, não só pelos registros que eles criam, adquirem e/ou destroem, mas também nos

²⁰ GREER, R. C. A model for the discipline of Information Science. In: ACHTLEINER, H. K. *Intellectual foundations for information professionals*. New York: Columbia University Press, 1987. p. 3–25; GROVER, R.; GREER, R. C. The cross-disciplinary imperative of LIS Research. In: MCCLUREAND, C. R.; HERNON, P. *Library and Information Science Research: perspectives and strategies for improvement*. Norwood: Ablex Publishing Corporation, 1991). p. 101–13.

seus julgamentos de valor e importância em relação aos documentos. Citando McIntosh²¹, Ketelaar também conclui que os arquivistas deveriam questionar o contexto no qual eles e os arquivos sob suas custódias funcionam, funcionaram e funcionarão, fazendo uso dos mesmos questionamentos utilizados em relação aos contextos originais nos quais foram criados os documentos (contextos sociais e culturais). Dessa forma, os arquivistas estarão habilitados a fazer declarações efetivas e eficientes não somente sobre os documentos, mas também sobre o gerenciamento dos arquivos sob suas custódias. De acordo com Ketelaar (2000, p. 332), essa postura por parte dos arquivistas é de grande importância na sociedade de informação.

Diante destas questões apresentadas, o autor em questão (2000, p. 332) apresenta um desafio aos docentes de Arquivologia:

Realmente é um tempo excitante para ser um docente de Arquivologia, mas um docente que requer muita dedicação, persistência e visão. Nós devemos como Tom Nesmith, Carol Couture, Angelika Menne-Haritz, James O'Toole, e outros enfatizaram, ensinar para o novo arquivista, a pensar como um profissional no lugar de aprender a praticar uma arte. Ensinar um estudante de Arquivologia como pensar é mais importante que ensinar conhecimento prático [...].

Na perspectiva de Ketelaar (2000, p. 332) uma maneira de alcançar este objetivo é envolver os estudantes de Arquivologia em pesquisas científicas, de modo que estes aprendam a perguntar “por que,” ao invés de “o que.” Fazendo com que o novo arquivista reconheça que o hábito de pesquisar é essencial, tanto para equipar-se melhor para lidar com as mudanças constantes no seu ambiente, quanto para efetuar mudanças na criação, preservação, comunicação e uso dos documentos arquivísticos.

Como se percebe, é inegável o surgimento de novas perspectivas no quadro epistemológico da Arquivologia, diante das questões emergentes trazidas pelas novas tecnologias da informação e pela realidade social e informacional em que vivemos (a pós-modernidade e a sociedade da informação). Também é inegável que as abordagens, aqui apresentadas, provêm de perspectivas internacionais. Todavia, apesar de sabermos que no Brasil, os preceitos de uma Arquivologia positivista, de certa forma, foram consolidados ao longo do tempo, mais precisamente na atualidade, alguns indícios de mudanças renovadoras têm surgido no panorama nacional, tendo em vista essas novas questões que

²¹ MCINTOSH, R. The Great War, Archives, and Modern Memory. *Archivaria*, n. 46, p. 18-20, Fall 1998.

se apresentam à Arquivologia, criando assim, espaços de reflexão em torno das especificidades do fenômeno informacional arquivístico. O III Congresso Nacional de Arquivologia (III CNA)²², por exemplo, retrata este fenômeno no cenário brasileiro. O evento em questão teve como escopo o tema *Arquivologia e suas múltiplas interfaces*, com os seguintes desdobramentos:

QUADRO 5
O III Congresso Nacional de Arquivologia

Eixos Temáticos	Áreas de Concentração
1. A Arquivologia contemporânea: métodos, objetos e dimensões teóricas. 2. A Arquivologia e suas relações com outros campos do conhecimento (seja nas práticas profissionais ou na produção do saber arquivístico)	1. Ensino e pesquisa em Arquivologia 2. Políticas arquivísticas 3. Normalização arquivística 4. Gestão e preservação de documentos digitais 5. Gestão e preservação de documentos audiovisuais 6. Tendências no mercado de trabalho 7. Relações interdisciplinares: confluências e antinomias.
Ementa:	
A Arquivologia como território interdisciplinar. A arquivologia e as ligações que podem contribuir para o seu desenvolvimento. Os pontos de união com as outras áreas com as quais se relaciona e/ou faz fronteira, a compreensão dessas relações, os pontos de convergência e divergência e as disciplinas que favorecem os estudos arquivísticos e são favorecidas por eles. A arquivologia e o seu próprio território. A relação entre as partes do todo. O fortalecimento e o desenvolvimento da arquivologia. Reflexões sobre a área e as questões referentes ao seu objeto de estudo, considerando as suas especificidades.	

Fonte: Anais do III Congresso Nacional de Arquivologia, 2008.

Ainda sobre o III CNA, na sua primeira Sessão Plenária intitulada *Ensino e Relações Interdisciplinares da Arquivologia*, o Prof. Dr. da Universidade Federal Fluminense (UFF) José Maria Jardim, ao abordar sobre as *Dimensões interdisciplinares da Arquivologia*, sublinhou que “o saber e o fazer arquivísticos vêm se modificando profundamente nas duas últimas décadas.” De acordo com Jardim (2008), essas modificações “têm ocorrido de forma diferenciada em distintas partes do mundo e em ritmos variados”, todavia, de alguma maneira, é possível identificar graus de convergência na percepção da comunidade arquivística, tendo em vista uma dinâmica complexa, a qual tem caracterizado uma Arquivologia contemporânea. Segundo Jardim (2008) este

²² Congresso promovido pela Executiva Nacional das Associações Regionais de Arquivologia (ENARA) e pela Associação dos Arquivistas do Estado do Rio de Janeiro (AAERJ), no Rio de Janeiro, entre os dias 20 e 24 de outubro de 2008.

fenômeno de modificações no bojo da Arquivologia pode ser evidenciado nos seguintes fatores:

- Novas configurações na produção, no uso e na conservação da informação arquivística;
- Novos fazeres e novos saberes arquivísticos;
- Novas dinâmicas organizacionais (no setor público e no setor privado);
- Novas demandas informacionais da sociedade;
- Novas necessidades na formação dos arquivistas;
- Novas representações sociais do que é um arquivista;
- Questionamentos dos arquivistas sobre a sua profissão nesse cenário de mudanças;
- Novas demandas de conhecimento arquivístico;
- Novos lócus de produção e difusão de conhecimento arquivístico;
- Novas agendas de pesquisa em Arquivologia; e
- Novas reflexões sobre o objeto, as teorias e os métodos da Arquivologia.

No entanto, Jardim (2008) observa que estes fatores não significam necessariamente rupturas e descontinuidades com a Arquivologia estruturada no final do século XIX, uma vez que muitas das respostas e hipóteses encontradas retratam o reconhecimento da história da Arquivologia.

A releitura e re-significados de princípios fundadores da Arquivologia à luz dessa idade contemporânea, têm se revelado um exercício saudável no reconhecimento de novas indagações e no encontro de novas respostas. Essa atitude nada tem de conservadora, ao contrário, ela é altamente ousada do ponto de vista intelectual; e claro, é muito delicada. E é nessa dialética envolvendo a leitura contemporânea do passado e os deslocamentos no presente que as ciências, no caso a ciência arquivística, constroem percursos futuros (JARDIM, 2008).

Diante dessa perspectiva, Jardim (2008) relata que a Arquivologia não precisa ser refundada, porém, demanda ser repensada constantemente, para que assim seja possível reconhecer as questões fundamentais, as novas questões, os desvios, as respostas e as dimensões interdisciplinares que se apresentam neste cenário contemporâneo da Arquivologia.

Prosseguindo com suas explanações, ao abordar sobre o percurso histórico da Arquivologia, Jardim (2008) resume que após os anos 80, mais especialmente após os anos 90, novas formas de produção e uso da informação arquivística foram responsáveis por novas questões em torno de aspectos teóricos e práticos da área, os quais colocaram em discussão a disciplinaridade e a interdisciplinaridade da Arquivologia, ao contemplar o seu objeto e os seus métodos, o documento digital e a web, a perspectiva não custodial e o funcionamento das instituições e serviços arquivísticos, a identidade do arquivista e sua formação e a pesquisa na área.

De acordo com este autor, se considerarmos que durante algum tempo a Arquivologia passou por uma inércia epistemológica, atualmente há indícios de que este quadro está sendo alterado e as discussões têm sido ampliadas tendo em vista as novas configurações trazidas pela dinâmica do fenômeno informacional, altamente marcada pela tecnologia da informação e pelos novos questionamentos a respeito da identidade e do trabalho do arquivista.

E aqui chegamos, nesse quadro histórico, com todas essas demandas que passam a ser inerentes ao trabalho do arquivista em diversos planos de atuação do arquivista. Ou seja, como nós vemos, a Arquivologia, desde os seus marcos fundadores, é uma disciplina com vocação multi, pluri e interdisciplinar. Em todas as atividades arquivísticas, o arcabouço teórico e os métodos e técnicas da Arquivologia, claro, são acionados; no entanto, nós não gerenciamos os arquivos apenas com os instrumentos teóricos e metodológicos da Arquivologia. [...] A essa altura, do ponto de vista da história das ciências, nós podemos até afirmar como uma hipótese bastante razoável, que a perspectiva interdisciplinar na área de Arquivologia, alcança graus de consolidação bastante nítidos. Um bom exemplo da interdisciplinaridade está, por exemplo, no projeto de pesquisa que é o InterPARES²³ (JARDIM, 2008).

Sendo assim, Jardim (2008) alerta que, cada vez mais, faz-se necessária a construção de agendas de pesquisa no campo da Arquivologia, de modo a discutir epistemologicamente a sua própria terminologia, os seus métodos, os seus universos de atuação e as questões interdisciplinares.

Outro exemplo que retrata o surgimento de novas perspectivas no quadro epistemológico e pragmático da Arquivologia no cenário brasileiro, diante das questões

²³ Projeto desenvolvido no Canadá e denominado International Research on Permanent Authentic Records in Electronic Systems

emergentes trazidas pelas novas tecnologias da informação e pela realidade social e informacional em que vivemos, é o livro recém publicado por Santos, Innarelli e Sousa²⁴, intitulado *Arquivística: temas contemporâneos: classificação, preservação digital, gestão do conhecimento*. Trata-se de uma coletânea de textos técnicos contendo reflexões e debates a respeito da Arquivologia contemporânea em torno de três aspectos: a classificação e a preservação digital, tendo em vista a gestão de documentos e a gestão da informação, bem como, a relação da Arquivologia com a Gestão do Conhecimento.

²⁴ SANTOS, V. B. (Org.). *Arquivística: temas contemporâneos: classificação, preservação digital, gestão do conhecimento*. Distrito Federal: SENAC, 2007.

4 ARQUIVOLOGIA E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO: diálogos e fronteiras

De acordo com Jardim e Fonseca (1992, p. 36), devido à chamada Sociedade da Informação, surgiram alguns elementos nos processos de produção, de gerenciamento e de utilização dos arquivos, configurando assim, um ambiente de transformação em torno de três elementos sobre os quais se fundamenta a Arquivologia: “seu corpo teórico-conceitual, seu modelo de instituição arquivística pública, o perfil de sua comunidade profissional.” Neste sentido, os autores em questão destacaram alguns fenômenos que começaram a ser inseridos no campo arquivístico a partir dos anos 60:

- A consolidação dos conceitos de informação como recurso e de gestão da informação;
- A internacionalização do direito à informação;
- A produção de documentos arquivísticos em novos formatos e suportes;
- As discussões envolvendo os conceitos de proveniência, unicidade dos documentos e valor permanente; e
- As discussões em torno da centralização dos documentos de valor permanente nas instituições arquivísticas.

Pautados nestes argumentos, segundo estes autores (1992, p. 36), o objeto da Arquivologia teria se deslocado dos arquivos para os documentos arquivísticos, e, mais recentemente, estaria se deslocando para a informação arquivística, apresentando dessa forma uma ampliação do domínio de estudos da Arquivologia e novos desafios teórico-metodológicos. Estes fenômenos, de acordo com estes autores, também eram os grandes responsáveis pela busca de uma autonomia por parte da Arquivologia, bem como pela construção de relações fronteiriças entre esta área e as outras áreas do conhecimento, em especial com as tecnologias da informação.

Neste sentido, Jardim e Fonseca (1992, p. 41-42) destacam que “a discussão sobre os mecanismos de integração do arquivista na chamada ‘era da informação’, estimulada pelo XII Congresso Internacional de Arquivos¹ [...] entre outras questões fundamentais que

¹ O XII Congresso Internacional de Arquivos foi realizado em setembro de 1992 em Montreal, Canadá.

nortearam o temário do evento”, fez com que os arquivistas encontrassem “condições estimulantes para ampliar a interlocução com outros profissionais da informação.” Neste sentido, de acordo com os autores em questão, conseqüentemente, “o crescente reconhecimento da informação registrada orgânica como objeto da Arquivística tem influenciado o desenvolvimento da pesquisa na área, inclusive através de uma perspectiva interdisciplinar.”

No que diz respeito à relação interdisciplinar da Arquivologia com a Ciência da Informação, Jardim e Fonseca (1992, p. 42) constataram que as perspectivas de maior aproximação até aquele momento, estavam se configurando na harmonização da formação profissional proposta pela UNESCO – Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura² - ao reconhecer, embora preservadas as especificidades e identidades de cada disciplina e de suas respectivas comunidades profissionais, áreas comuns de formação, dentre elas a noção de informação, a noção de políticas de informação, a análise de sistemas, a administração, os estudos de usuários, a análise documentária, a exploração de fontes de informação, a conservação, a tecnologia e os métodos de pesquisa.

Mesmo considerando as distintas propriedades e particularidades da Arquivologia e da Ciência da Informação, na concepção de Jardim e Fonseca (1992, p. 29), a informação registrada seria contemplada por ambas as disciplinas. Então, tomando como ponto de partida o discurso de que a Ciência da Informação “teria contornos definidos muito mais em função das suas fronteiras com outras disciplinas do que a partir das características de sua própria disciplinaridade”, estes autores, teceram uma análise das relações entre a Arquivologia e a Ciência da Informação pautada em cinco quesitos: o mapeamento histórico das duas áreas, as suas bases teóricas, o objeto de estudo das duas áreas, o conceito de interdisciplinaridade e os pontos de interação entre ambas (quanto ao objeto, quanto ao tipo de informação, quanto às categorias de usuários e quanto aos métodos).

Ao constatarem que “a maioria dos autores da Ciência da Informação reconhece a informação como objeto principal dessa área de conhecimento”, Jardim e Fonseca (1992, p. 38) citando Zhang (1988)³ e Deschâtelet (GIRA, 1990)⁴, iniciam sua abordagem sobre a

² A questão da harmonização da formação profissional proposta pela UNESCO será retomada no decorrer deste capítulo.

³ ZHANG, Y. Definitions and Sciences of Information. *Information Processing & Management*, v. 24, n. 4, 1988.

⁴ GIRA. *La place de l'archivistique dans la gestion de l'informations: perspectives de recherche*. Montreal: Ministère des Affaires Culturelles; Archives Nationales du Québec, 1990.

Ciência da Informação apresentando duas vertentes no que diz respeito a esta ciência e ao seu objeto.

Segundo Jardim e Fonseca (1992, p. 38-39), na perspectiva de Zhang (1988), o domínio de estudos da Informática – conforme a interpretação de Mickailov – se configuraria na comunicação da informação científica, ou seja, uma “subcategoria da informação do conhecimento”, de modo que as outras subcategorias de informação, as chamadas informações “não-científicas”, configurariam o domínio de outras disciplinas: a Educação, a Biblioteconomia, a Arquivologia, a Documentação, a Museologia, o Jornalismo e a Comunicação Social. Neste sentido, todas estas disciplinas compartilhariam de fundamentos teóricos e esforços práticos similares, de modo que, do ponto de vista teórico, as suas bases estariam concentradas “nos problemas de natureza, função, geração, transformação e avanço do conhecimento através das comunicações.”

Em termos práticos estas disciplinas partilham estudos de metodologias e meios de comunicação do conhecimento nos quais pesquisadores utilizam-se da Tecnologia da Informação visando modelar sistemas de informação para a comunicação do conhecimento. Os esforços práticos e fundamentos teóricos comuns resultariam numa meta-ciência, a informatologia, ou seja, o estudo dos princípios fundamentais subjacentes à estrutura e uso da informação. (JARDIM; FONSECA, 1992, p. 39)

Com relação ao trabalho de Zhang⁵, Pinheiro (1997) faz uma análise detalhada. De acordo com esta autora, Zhang ao elaborar uma esquematização (FIGURA 1) das **Ciências da Informação**, a apresenta em três níveis: em um primeiro nível temos as disciplinas da Filosofia, em um segundo nível as disciplinas da Ciência da Informação e em um terceiro nível as disciplinas da Informatologia (uma categoria criada por ele).

⁵ ZHANG, Y. Definitions and Sciences of Information. *Information Processing & Management*, v. 24, n. 4, 1988.

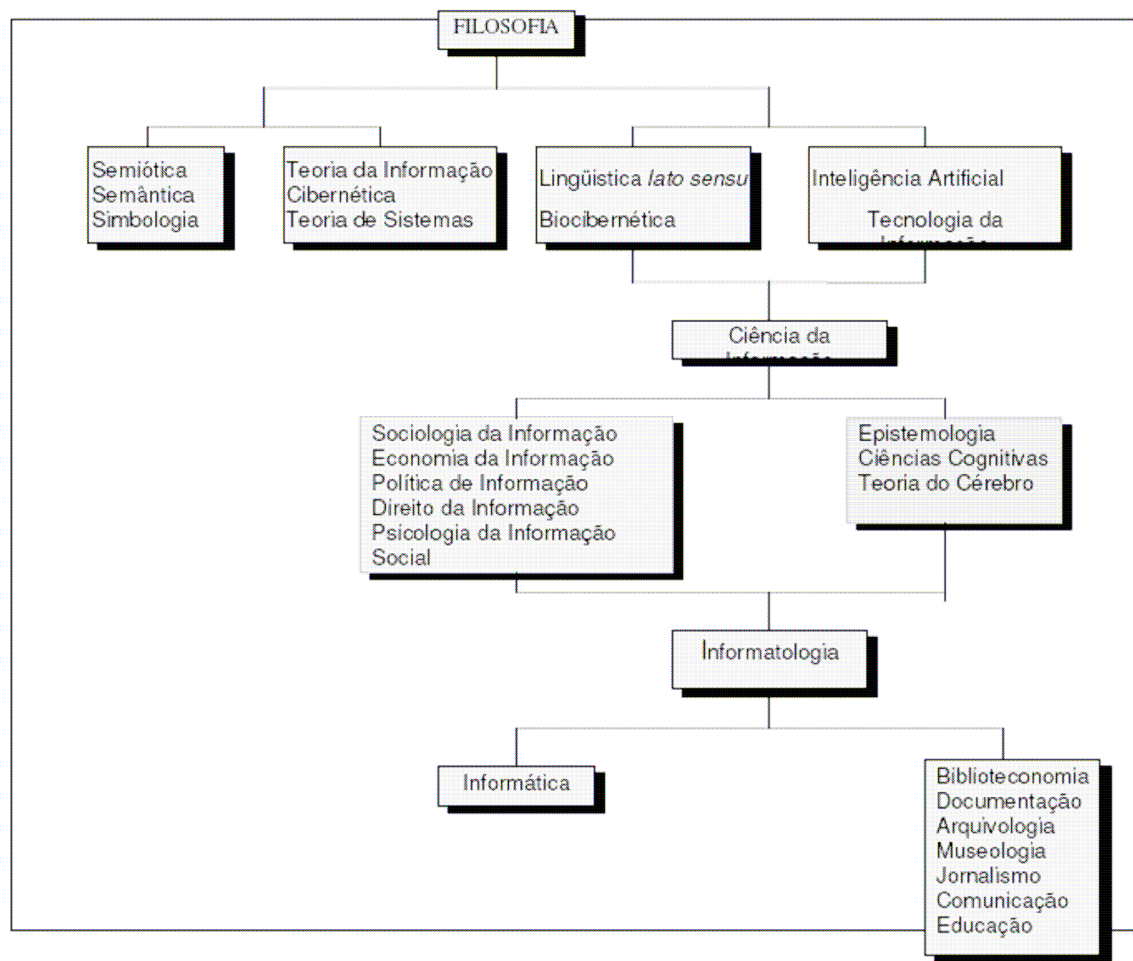


FIGURA 1 - Ciências da Informação

Fonte: ZHANG, 1988 *apud* PINHEIRO, 1997, p. 131.

Pinheiro (1997, p. 132) relata ainda, que além desse esquema, Zhang também apresenta outro esquema, no qual aborda sobre a estrutura das ciências. Neste segundo esquema (FIGURA 2), teríamos quatro grandes subdivisões: a subdivisão das superciências, a subdivisão das ciências aplicadas, a subdivisão das ciências sociais e a subdivisão das ciências naturais. Estas subdivisões estariam dispostas num esquema horizontal, cortado pela Filosofia e pelas **Ciências da Informação** (PINHEIRO, 1997, p. 132).



FIGURA 2 – Estrutura das Ciências

Fonte: ZHANG, 1988 *apud* PINHEIRO, 1997, p. 132.

Quanto a este segundo esquema apresentado por Zhang, Pinheiro (1997, p. 132) revela que:

[...] a informação científica tratada pela Informática é uma subcategoria de informação do conhecimento e que há outra categoria de informação do conhecimento, excluída da extensão não-científica, como a que engloba a Educação, Biblioteconomia, Arquivologia, Museologia, Jornalismo e Comunicação. Estas últimas estão no mesmo nível de Informática, todas fazendo parte do conjunto de informação do conhecimento.

Ainda sobre a abordagem de Zhang, Pinheiro (1997, p. 133) esclarece que para este autor, a Informatologia trata-se de uma “metaciência de informação do conhecimento, [...] localizada no grau de informação do conhecimento.” Na concepção desse autor (1988, p. 487, *apud* PINHEIRO, 1997, p. 133) a Informatologia

‘tem por base mais do que substituir disciplinas relacionadas com as comunicações do conhecimento, tais como Informática, Educação, Jornalismo, Biblioteconomia, Documentação, Arquivística, Museologia, Comunicação e assim por diante’, numa visão muito ligada à comunicação e comunicação do conhecimento.

Retornando à abordagem de Jardim e Fonseca (1992, p. 40), na segunda vertente apresentada, a perspectiva de Deschâtelet (GIRA, 1990), o objeto da Ciência da Informação compreenderia “a transferência da informação de uma fonte a um usuário e não a informação em si mesma.” Sendo assim, a Ciência da Informação teria como foco o uso e a aquisição de conhecimentos (informações dotadas de uma significação). Todavia, segundo estes autores, Deschâtelet explica que a Ciência da Informação seria constituída por várias **ciências da informação**, dentre elas, a Arquivologia, a Biblioteconomia, a Informática, o Jornalismo e a Comunicação, as quais teriam como objeto de pesquisa imediato a transferência da informação.

No que se refere ao termo **Ciências da Informação** é importante aqui destacar a abordagem de Wersig e Neveling (1975, p.138-139). Na concepção destes autores, a Ciência da Informação seria fruto de uma combinação histórica do desenvolvimento de necessidades sociais específicas com o desenvolvimento de novas tecnologias e metodologias. Para Wersig e Neveling, a Ciência da Informação se desenvolveu tendo como base a “noção de necessidade de informação de certas pessoas envolvidas no trabalho social, e de relação com o estudo de métodos de organização de processos de comunicação, a fim de atender a essas necessidades de informação.” Neste sentido, também servindo a diferentes clientelas e às suas respectivas necessidades de informação, a Biblioteconomia, a Museologia, a Arquivologia e a Educação seriam disciplinas similares à Ciência da Informação, as quais seriam capazes de construir diversas interseções com outras disciplinas tradicionais como a Psicologia (Psicologia da informação), a Sociologia (Sociologia da informação), a Economia (Economia da informação), a Ciência Política (Política da informação) e a Tecnologia (Tecnologia da informação).

Diante desse fato, na abordagem de Wersig e Neveling (1975, p.138-139), todas estas disciplinas estariam concentradas em estudar os processos de informação e seus componentes, sendo possível, portanto, chamá-las **Ciências da Informação**, as quais possuem um subsistema comum que compreende um conjunto de iniciativas e esforços que circulam em torno da informação e de todas as suas facetas. Neste sentido, estes esforços e iniciativas das **Ciências da Informação** contribuindo com uma série de disciplinas como a Cibernética, a Semiótica, a Teoria dos Sistemas, a Teoria da Comunicação, a Filosofia, a Ciência da Ciência, a Matemática, a Linguística, o Direito e a Ciência da Computação

poderiam compor um campo ou sistema de atividade científica que poderia ser compreendido como uma “Teoria Geral da Informação” (FIGURA 3).

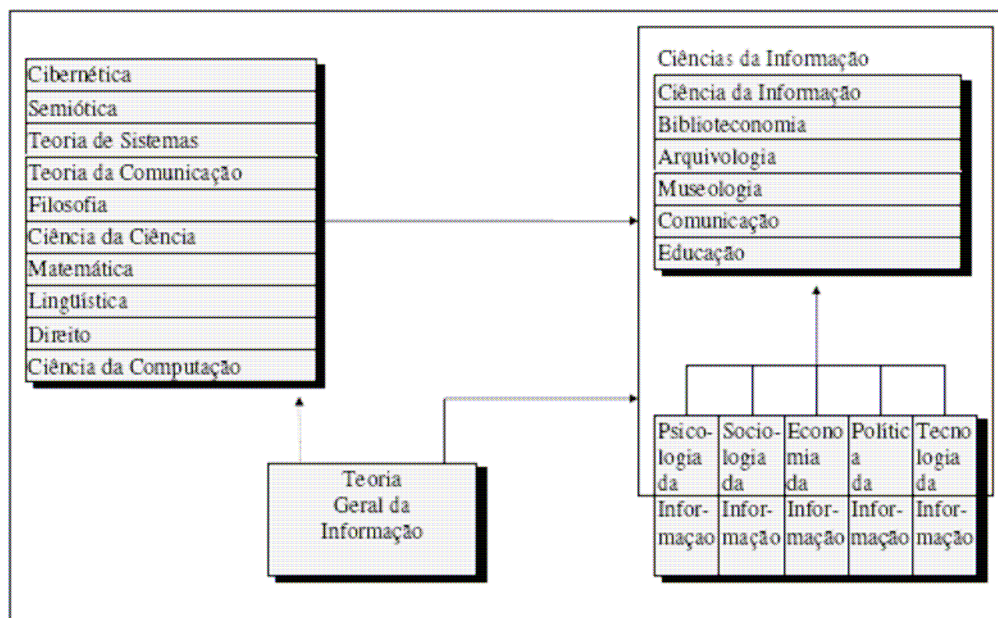


FIGURA 3 – O Sistema das Ciências da Informação

Fonte: WERSIG; NEVELING (1975, p. 139). PINHEIRO, 1997, p. 116.

Prosseguindo com a abordagem de Jardim e Fonseca (1992, p. 40-41), estes autores destacam que quando a literatura clássica da Ciência da Informação se refere à sua formação e às suas premissas básicas, “não inclui a informação arquivística no seu âmbito de estudos”. Eles explicam que ao privilegiar, frequentemente, o conceito de sistemas de informação, este conceito é “identificado, sobretudo, com a biblioteca e o centro de documentação.” De acordo com Jardim e Fonseca, “a associação teórico prática entre sistemas de informação e arquivos não emerge como objeto de análise por parte da Ciência da Informação.”

No que diz respeito aos sistemas de informação, Jardim e Fonseca (1992, p. 41) explicam que aqueles representados pelos arquivos tendem a apresentar categorias distintas de usuários em relação aos sistemas de informação analisados no âmbito da Ciência da Informação. No caso dos sistemas de informação arquivísticos, “os usuários representam um grupo determinado ou potencialmente indeterminado, em função do ciclo vital dos documentos (fase corrente, intermediária e permanente).” No segundo caso, estes “constituem um universo determinado de produtores/usuários, em constante retroalimentação.”

Jardim e Fonseca enfatizam ainda que o mesmo acontece quando a literatura da Ciência da Informação aborda sobre as informações que compõem o conhecimento científico e tecnológico, haja vista que as informações científicas e tecnológicas de natureza arquivística têm sido desconsideradas frequentemente pela Ciência da Informação.

Em contrapartida, os mesmos autores também destacam que a literatura arquivística, também em sua maioria, não mencionava a Ciência da Informação como área afim, nem tão pouco, reconhecia a informação como um dos objetos fundamentais da Arquivologia; dando prioridade aos documentos arquivísticos e não às informações. No entanto, para Jardim e Fonseca, uma vez que “os contextos de produção dos arquivos não permitem um uso exclusivo da categoria informação como objeto, já que o seu registro material – o documento – é intrinsecamente informativo, do ponto de vista, por exemplo, de seu valor jurídico ou probatório”, tal fato não impossibilitaria que a informação fosse estudada como objeto da Arquivologia.

Ainda sobre as informações científicas e tecnológicas, mais tarde, na sua tese de doutorado, Fonseca (2004, p. 20) mais uma vez destaca esta característica epistemológica da Ciência da Informação e sublinha que nas principais tentativas de conceituação da Ciência da Informação e do seu objeto de estudo percebe-se uma ênfase nas tentativas de explicitação do seu objeto (a informação), e, dessa forma, surgem algumas áreas de interseção, principalmente quando a questão envolve a noção de informação científica e tecnológica; que, segundo esta autora, parece excluir aquelas informações que são produzidas “pelo aparelho burocrático”, responsável por movimentar tanto o campo da pesquisa quanto o campo do desenvolvimento, ou seja, as informações que estão registradas “em relatórios, notas, correspondência, etc., enfim, em fontes arquivísticas.”

Nunca é demais enfatizar que quando se fala em burocracia se está falando dos processos de encaminhamento de ações administrativas em todas as esferas das atividades humanas, inclusive as científicas e tecnológicas [...] Pelo que pode esclarecer sobre a importância, raramente lembrada, da informação arquivística de caráter científico e tecnológico, foi traduzido e transcrito o “Quadro das Atividades Científicas e Tecnológicas e Seus Documentos”, elaborado pela arquivista do Massachusetts Institute of Technology, Helen Samuels. (FONSECA, 2004, p. 22-23)

Ao abordar sobre a Ciência, os cientistas e seus arquivos, Santos (2008, p. 25) descreve que os arquivistas ao lidarem com os arquivos provenientes de doações de

cientistas ou de seus familiares ou com aqueles arquivos provenientes de instituições de pesquisa e universidades, além de articularem as questões relativas aos princípios teóricos e conceituais da arquivística também “devem procurar respostas ao conjunto de perguntas que levarão a conhecer de forma cumulativa essa atividade humana (a ciência), a instituição, e a pessoa que acumulou esse arquivo.” Neste sentido, segundo este autor, este esforço dos arquivistas pode produzir resultados relevantes na compreensão das atividades científicas e dos cientistas, bem como das suas instituições.

Os franceses, que produzem conhecimento original na matéria, entendem os chamados “arquivos científicos” como o conjunto das fontes arquivísticas que permitem estudar a evolução das políticas de pesquisa e de ensino científicos, a evolução desta ou daquela disciplina ou ainda o papel deste ou daquele cientista no desenvolvimento do conhecimento. Esta definição é ampla e permite distinguir três categorias de arquivos científicos, quanto a proveniência e ao estatuto jurídico e que não são indiferentes quanto a coleta, conservação e sua comunicação: São os arquivos de tutela; os arquivos próprios dos estabelecimentos de pesquisa e ensino; e os arquivos pessoais de cientistas (CHARMASSON, 1999, p. 13-14). Estes, geralmente considerados por seus titulares como arquivos privados, mesmo se o essencial de sua atividade de pesquisa tenha se desenrolado no quadro de um estabelecimento de pesquisa ou de ensino de caráter público (SANTOS, 2008, p. 25-26).

Santos (2008, p. 26) explica o termo arquivo de cientistas equivale aos conjuntos arquivísticos que reúnem aqueles documentos criados e utilizados por um indivíduo enquanto “pesquisador, professor, universitário, formulador de políticas e administrador de instituições científicas e acadêmicas”, no decorrer das suas investigações, das suas funções e das suas atividades, revelando os caminhos que foram percorridos no conhecimento humano e as suas trajetórias profissionais. Este autor complementa ainda que estes arquivos de cientistas nos permitem estudar além do papel deste ou daquele cientista no progresso do conhecimento, compreender os seus envolvimento familiares, intelectuais e sociais; visualizar o campo (ou campos) do conhecimento em que se situaram ao longo de suas trajetórias profissionais; compreender as formações de redes cooperativas de pesquisa e as formas de produção, gestão e comunicação do conhecimento produzido.

Retornando mais uma vez à abordagem de Jardim e Fonseca (1992, p. 41) sobre a Arquivologia e a Ciência da Informação, ao compararem os métodos de ambas as áreas, estes autores explicam que estes têm sido diferenciados devido aos distintos objetos de cada área, os tipos de informação e as categorias de usuários. Todavia, de acordo com estes

autores, “as tecnologias da informação vêm, no entanto, minimizando tais diferenças, possibilitando uma maior harmonização no tratamento e disseminação da informação.”

Diante do exposto acima, cabe aqui destacar, que em um artigo mais recente, Sá e Santos (2004) ao descreverem sobre o surgimento dos espaços informacionais virtuais, tendo em vista o uso da Internet, comentam que agora temos novas formas de produção, transferência e uso da informação. Neste sentido, diante desse fenômeno, estas autoras comentam que “os profissionais da informação estão se conscientizando que desempenham a função social de tornar acessível para a sociedade as informações arquivísticas que constam nos acervos.” Sendo assim, Sá e Santos (2004) ressaltam que cada vez mais serviços de informações arquivísticas centrados no usuário e disponíveis na Web começam a ser desenvolvidos, representando uma tendência e facilitando o acesso à informação arquivística.

O que ocorre atualmente é a tendência de que os serviços de informação arquivística tradicionais passem a ser disponibilizados em espaços virtuais como a Web. Mais do que isso, os serviços já podem ‘nascer’ virtuais. [...] Com a Internet, os serviços de informação passam a estar on line, caracterizando-se como serviços de informação virtuais. Ocorre uma quebra de paradigma, onde estes serviços passam a ser disponibilizados ‘extra-muros’, visto que a barreira do ‘espaço’ é quebrada. A questão do tempo, também passa a ser revista, pois como estes serviços são disponibilizados na Internet, podem ser consultados a qualquer hora do dia, sete dias por semana (SÁ; SANTOS, 2004, p. 5).

Focadas neste fenômeno, Sá e Santos (2004) apontam que os acervos arquivísticos encontram uma possível ampliação de disseminação, acesso e busca de suas informações, alcançando mais usuários, atendendo suas necessidades e tornando mais fácil as pesquisas. Estas autoras consideram que na atualidade, “a Arquivologia deve estar mais voltada para o usuário da informação”, refletindo e analisando questões como transferência e uso da informação, desenvolvimento de serviços de informação mais acessíveis aos cidadãos, satisfação de necessidades de informação e estudos de usuários.

No que se refere aos estudos de usuários, Sá e Santos (2004, p. 8) enfatizam que além da utilização destes para a concepção ou remodelagem de serviços de informação arquivística na Web centrados no usuário, a Arquivologia deve também pensar na usabilidade, ou seja, nos layouts dos serviços e no desenvolvimento de interfaces.

A usabilidade significa pensar no usuário no início, no meio e no fim da construção de interfaces, assim como na Arquivologia o usuário também deve ser pensado em todas as etapas do tratamento arquivístico. [...] O

desenvolvimento de interfaces centradas no usuário também contribui para a eficácia dos serviços de informação arquivística na Web centrados no usuário (SÁ; SANTOS, 2004, p. 8).

Prosseguindo com a temática a respeito dos limites e fronteiras da Arquivologia e da Ciência da Informação, faz necessário citar Pinheiro e Loureiro (1995). Ao abordarem sobre os traçados e limites da Ciência da Informação, após considerarem a sua evolução conceitual, seu objeto de estudo, a natureza da informação e sua dimensão social e tecnológica, estes autores construíram um diagrama da Ciência da Informação no qual apresentaram 12 disciplinas ou subáreas científicas e tecnológicas (Epistemologia da Ciência da Informação; Informação, Cultura e Sociedade; Administração de Sistemas de Informação; Automação; Comunicação Científica e Tecnológica; Bibliometria; Representação da Informação; Sistemas de Recuperação da Informação; Estudos de Usuários; Redes e Sistemas de Informação; Economia da Informação; e Divulgação científica), e, para cada disciplina ou subárea apresentada identificaram as áreas com as quais a interdisciplinaridade se concretizaria. Neste diagrama a Arquivologia estava presente enquanto área interdisciplinar em 06 disciplinas ou subáreas (50% das disciplinas): Informação, Cultura e Sociedade; Administração de Sistemas de Informação; Automação; Representação da Informação; Sistemas de Recuperação da Informação; e Redes e Sistemas de Informação (FIGURA 4).

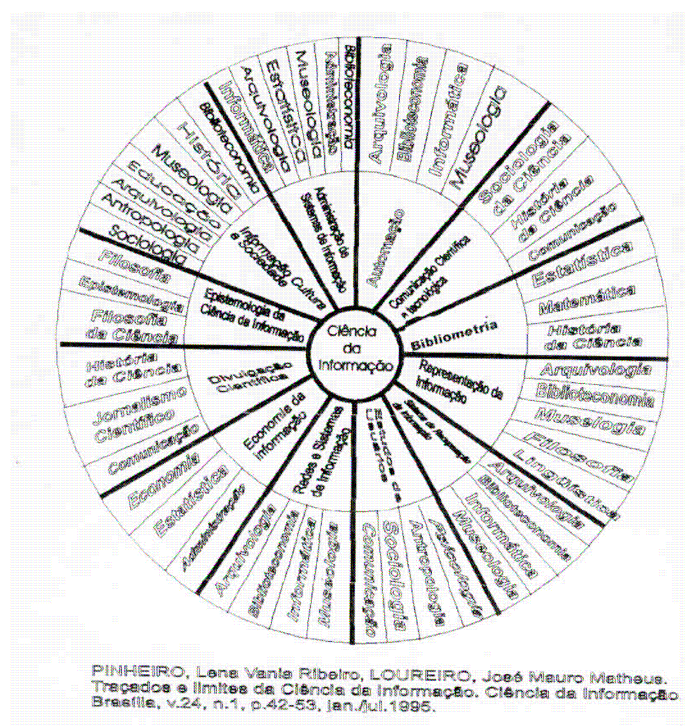


FIGURA 4 – Diagrama da Ciência da Informação

Na ocasião, estes autores ressaltaram que o referido diagrama de certa forma refletia a visão e o pensamento de um grupo de estudos brasileiro, em um determinado momento, uma vez que a sua construção estaria relacionada à história do Programa de Pós-graduação em Ciência da Informação da UFRJ e IBICT.

O estudo da ciência da informação e, particularmente, do mestrado em ciência da informação foi a base em torno da qual foi traçado um diagrama [...], composto por disciplinas científicas e tecnológicas da área/campo ciência da informação com as respectivas ligações interdisciplinares. Não fazem parte do diagrama as disciplinas curriculares ou cursos que integram o programa, dentro de cada disciplina científica ou tecnológica. A figura certamente reflete a visão do grupo que a desenvolveu, em um espaço e tempo determinados. (PINHEIRO; LOUREIRO, 1995)

Três anos depois, em outro artigo, ao revisitar o diagrama em questão, Pinheiro (1998a, p. 154-155) observa que ele denotaria uma harmonia entre duas faces da Ciência da Informação, as quais representariam suas tendências nacionais e locais: a face tecnológica e a face social. Prosseguindo, esta autora também observa que “três áreas surgem como mais fortes nas suas relações de interdisciplinaridade com a Ciência da Informação: Biblioteconomia, Arquivologia e Museologia.” Todavia, no que diz respeito a esta última observação, Pinheiro adverte que:

Excetuando a primeira [Biblioteconomia], com a qual a interdisciplinaridade é reconhecida pela quase totalidade dos estudiosos, as outras duas [Arquivologia e Museologia] têm sua presença acentuada provavelmente por um equívoco entre interdisciplinaridade e aplicações [...] Hoje, repensando esse resultado, constato uma distorção [...]. Na Ciência da Informação, as aplicações (contextos, áreas, setores e organismos) isto é, a informação científica, tecnológica, industrial ou artística, ou a aplicação em campos do conhecimento, como na Medicina (informação em Medicina), se mesclam com a interdisciplinaridade propriamente dita. É fundamental esclarecer que uma área de aplicação pode apresentar contribuições interdisciplinares, como é o caso da Biblioteconomia, que também é uma aplicação, por exemplo, em Automação de Bibliotecas enquanto, ao mesmo tempo, contribui para a representação da informação, com técnicas de catalogação, classificação e indexação (PINHEIRO, 1998a, passim).

Mais recentemente, em um artigo intitulado “Ciência da Informação e seus desdobramentos disciplinares, interdisciplinares e transdisciplinares”, motivada pela sua participação em uma pesquisa coordenada pelo professor Chaim Zins, da University of

Haifa, intitulada “Knowledge map of information science: issues, principles, implications”⁶, Pinheiro (2006, p. 132-138) retoma um exercício iniciado na sua tese de doutorado (1997, p. 247-249), quando definiu algumas categorias de disciplinas integrantes da Ciência da Informação. Em 1997, Pinheiro tinha definido 5 categorias de disciplinas:

- Disciplinas estruturais: Teoria e Epistemologia da Ciência da informação, Bibliometria, Ensino e Pesquisa em Ciência da Informação, Teoria da Informação e Teoria Geral de Sistemas e demais teorias.
- Disciplinas de representação ou instrumentais: Descrição; Classificação e Indexação; Metodologias de Tesouros e Vocabulários Controlados; e Normas e Padrões Internacionais de Intercâmbio da Informação.
- Disciplinas gerenciais: Administração de Redes e Sistemas de Informação; Organização e Processamento da Informação; Gestão da Informação; Economia da Informação; e Sistemas Gerenciais de Informação.
- Disciplinas tecnológicas: Automação; Sistemas de Informação; Redes de Comunicação da Informação; Tecnologia de Informação; Produção e Acesso a Bancos de Dados e Bases de Dados; e Sistemas de Recuperação da Informação.
- Disciplinas sócio-culturais ou de transferência da informação: Necessidades e Usos da Informação; Comunicação Científica, Tecnológica, Artística e Cultural; Política de Informação; Divulgação Científica; e Disseminação da Informação.

Em 2006, como resultado da sua participação na pesquisa coordenada por Zins, Pinheiro (2006, p. 133) reestruturou e ampliou o número de disciplinas (QUADRO 6).

[...] as disciplinas estruturais foram reunidas em Fundamentos da Ciência da Informação; as instrumentais passaram a ser representadas por Organização e Processamento da Informação; as disciplinas gerenciais

⁶ Participaram desta pesquisa 40 pesquisadores, especialistas e acadêmicos de diversos países. “Esta pesquisa [...] foi desenvolvida com o apoio da Israel Science Foundation, adotando como metodologia a crítica Delphi e tendo os seguintes objetivos: ‘1) clarificar as diferentes concepções de Ciência da Informação; 2) desenvolver um mapa do conhecimento amplo, sistemático e cientificamente válido do domínio do conhecimento da Ciência da Informação; e 3) fundamentar este mapa em sólidas bases teóricas.’” (PINHEIRO, 2006, p. 132).

ganharam o nome de Gestão da informação; as tecnológicas foram agrupadas pelas Tecnologias da informação; e as disciplinas sócio-culturais ficaram identificadas por Transferência da informação.

QUADRO 6 Disciplinas da Ciência da Informação segundo Pinheiro (2006)

1. Fundamentos da Ciência da Informação
 - Bibliometria / Informetria/ Cientometria / Webmetria
 - Formação profissional
 - Epistemologia da Ciência da Informação
 - Estudos interdisciplinares (relações epistemológicas com a Ciência da Computação, Comunicação Social, Museologia, Biblioteconomia, **Arquivística**, Arte etc.)
 - História da Ciência da Informação
 - Metodologias da Ciência da Informação
 - Teoria da Informação
2. Organização e Processamento da Informação
 - Arquitetura de informação
 - Organização do conhecimento / Representação da informação
 - Catalogação
 - Classificação
 - Indexação
 - Metadados
 - Tesouros
 - Vocabulários controlados
 - Ontologia
 - Processamento automático de linguagem
3. Gestão da Informação
 - Disseminação da informação (produtos e serviços de informação)
 - Economia da informação
 - Gestão de qualidade de informação
 - Gestão do conhecimento
 - Inteligência competitiva
 - Marketing de informação
4. Tecnologias da Informação
 - Automação de bibliotecas
 - Bases de dados
 - Bibliotecas virtuais e digitais
 - Comunicação mediada por computador
 - Internet/Web
 - Mineração de dados
 - Preservação e segurança digital
 - Redes e sistemas de informação
 - Sistemas de recuperação da informação
5. Transferência de Informação
 - Competência informacional (information literacy)
 - Comunicação científica
 - Educação à distância
 - Estudos de necessidades e usos de informação
 - Estudos de usuários
 - Ética na informação
 - Inclusão digital
 - Políticas de informação
6. Aplicações de informação
 - Informação científica
 - Informação tecnológica
 - Informação industrial
 - Informação em arte
 - Informação em bibliotecas
 - **Informação em arquivos**
 - Informação em museus

Fonte: PINHEIRO, 2006. p. 133-135 (grifo nosso).

Como se percebe, nesta reestruturação e ampliação das disciplinas da Ciência da Informação de Pinheiro (2006), a Arquivologia é citada no item Fundamentos da Ciência da Informação / Estudos Interdisciplinares e, além disso, no item Aplicações de informações temos as informações em arquivo.

No artigo em questão, Pinheiro (2006, p. 135-138) prossegue com sua análise a respeito do território epistemológico da Ciência da Informação. Através de estudos teóricos e pesquisas empíricas e após apresentar um novo esquema sobre a constituição científica da Ciência da Informação, suas respectivas subáreas/disciplinas, esta autora identifica os campos do conhecimento com as quais estas subáreas/disciplinas efetivariam o exercício interdisciplinar (QUADRO 7). Neste novo esquema construído por Pinheiro, a Arquivologia encontra-se presente enquanto área interdisciplinar em 02 disciplinas ou subáreas: Necessidades e usos de informação e Representação da Informação.

QUADRO 7

Subáreas / disciplinas da Ciência da Informação e áreas interdisciplinares

Subáreas / disciplinas da Ciência da Informação e áreas interdisciplinares	
Subáreas / disciplinas	Áreas interdisciplinares
1. Sistemas de informação	Administração Ciência da Computação
2. Tecnologia da informação	Ciência da Computação
3. Sistemas de recuperação da informação	Biblioteconomia Ciência da Computação Linguística
4. Políticas de informação	Administração Ciência Política Direito
5. Necessidades e usos de informação	Arquivologia Biblioteconomia Museologia Psicologia
6. Representação da informação	Arquivologia Biblioteconomia Filosofia Linguística Museologia
7. Teoria da Ciência da Informação	Epistemologia Filosofia Filosofia da Ciência Matemática
8. Formação e aspectos profissionais	Educação Ética Direito
9. Gestão da informação	Administração Economia Estatística
10. Bases de dados	Ciência da Computação
11. Processamento automático da linguagem	Biblioteconomia

	Ciência da computação Linguística
12. Economia da informação	Economia
13. Bibliometria	Estatística História da Ciência Matemática Sociologia da Ciência
14. Inteligência competitiva e Gestão do conhecimento	Administração Economia
15. Mineração de dados	Ciência da computação
16. Comunicação científica eletrônica	Ciência da computação Comunicação História da Ciência Sociologia da Ciência
17. Bibliotecas digitais/virtuais	Biblioteconomia Ciência da Computação Comunicação

Fonte: PINHEIRO, 2006. p. 136-137 (grifo nosso).

Quanto à pesquisa coordenada por Chaim Zins, é importante destacar que além de Pinheiro, mais 12 participantes citaram a Arquivologia, os arquivos ou uma atividade arquivística ao apresentarem seus esquemas classificatórios ou mapas conceituais da Ciência da Informação:

1) Shifra Baruchson-Arbib (Israel) por exemplo, cita a Arquivologia ao abordar sobre os Fundamentos da Ciência da Informação (item 1.3 do QUADRO 8).

QUADRO 8

Esquema de Shifra Baruchson-Arbib

1. Foundations of IS 1.1 History of IS 1.2 History of Librarianship 1.3 Archival Science 1.4 History of knowledge Formats: Manuscripts, Print & digital 1.5 IS Epistemology 2. Methodology 2.1 Quantitative & qualitative research 2.2 Bibliometrics, Informatics 2.3 Bibliology 2.4 Domain Analysis 2.5 Webometrics 3. Information/Learning Society 3.1 Social & cultural aspects in the information society 3.2 Sociology of Knowledge 3.3 Social Communication 3.4 Scientific Communication 3.5 E-learning 3.6 Information Literacy 3.7 IS Education 3.8 Lifelong Learning 4. Information Technology 4.1 Communication & Computer networks. 4.2 Document Delivery Systems 4.3 Structure of Computerized Systems 4.4 Programming languages 4.5 Multimedia 4.6 Information retrieval Systems 4.7 Systems Analysis 4.8 Artificial Intelligence 4.9 Human Computer Interaction 4.10 Information Architecture 4.11 digital security systems 4.12 websites construction 4.13 Net works technologies 4.14 Knowledge Representation 4.15 search tools	5. Data organization & Retrieval 5.1 Classification Schemes 5.2 Metadata 5.3 Indexing 5.4 Abstracting 5.5 Knowledge organization 5.6 Taxonomies 5.7 Thesauri 5.8 Ontology 5.9 Vocabulary Control 5.10 Online Searching techniques 5.11 Reference work 5.12 The semantic web 6. Information industry Economic & Management 6.1 Competitive Intelligence 6.2 Databases 6.3 Digital Libraries 6.4 Electronic publishing 6.5 Information Industry Market 6.6 Information Management 6.7 Information Manipulation 6.8 Knowledge Management 6.9 Information centers & Libraries management. 6.10 Collection management 6.11 Electronic comers 7. Information Ethic and Law 7.1 Copyright 7.2 Digital Security 7.3 Digital divide 7.4 Censorship 7.5 Internet crime 7.6 Free Access to Information 7.7 Information Policies	8. User studies 8.1 Human Information Behavior 8.2 Information seeking Behavior 8.3 Information Needs 8.4 Reference interview 8.5 User- information scientist-interaction 9. Diffusion studies 9.1 Information Dissemination 9.2 Communication Theory 9.3 Message Theory 9.4 Information centres & Libraries 10. Social information Science 10.1 Information needs of Different cultures 10.2 Information Education, Power & ethics 10.3 Social information Banks 10.4 Social information sections in school & public Libraries 10.5 Self help sources-printed Electronic 10.6 The social information scientist 10.7 Community Information. 10.8 Information diffusion in multi cultural societies 10.9 Health information centres
--	---	---

Fonte: ZINS, 2007a, p. 647.

2) Alan Gilchrist (Reino Unido) também cita a Arquivologia ao abordar sobre os Fundamentos da Ciência da Informação e cita o gerenciamento de documentos arquivísticos ao abordar sobre as atividades da Ciência da Informação (item 1.9 e item 3.3.2 do QUADRO 9)

QUADRO 9

Esquema de Alan Gilchrist

1. Foundations of IS 1.1 Classification theory 1.2 Cognition science 1.3 Communication theory 1.4 Foundations & history of IS 1.5 IS epistemology 1.6 Library science 1.7 Philosophy of information 1.8 Museology 1.9 Archive science	4. Metrics, Evaluation & Research 4.1 Evaluation of information systems 4.2 Evaluation of retrieval 4.3 User needs studies 4.4 Usability studies 4.5 Diffusion studies, SNA 4.6 Economics of information 4.7 Evaluation of information quality 4.8 Biblio-, Infor-, Sciento-metrics 4.9 Webometrics 4.10 Research methods 4.11 Evaluation of research	7. Application areas 7.1 Information industry 7.1.2 Electronic Publishing 7.1.3 Libraries 7.1.4 Digital libraries 7.1.5 Primary Information Services 7.1.6 Secondary Information Services 7.1.7 Tertiary Information services 7.1.8 Intellectual capital 7.1.9 Business intelligence 7.1.10 Geospatial Systems (GIS) 7.1.11 Patent analysis 7.1.12 Market research 7.2 Discipline-oriented systems 7.2.1 Chemical informatics 7.2.2 Medical informatics 7.2.3 Music information retrieval 7.3. Function-oriented systems 7.3.1 Marketing 7.3.2 Finance & accounting 7.3.3 Educational systems 7.3.4 Health informatics 7.3.5 Legal information systems 7.3.6 e-Government 7.3.7 Citizen's information systems 7.4. Media-based 7.4.1 Text-based systems 7.4.2 Pattern recognition 7.4.3 Content-Based Image Retrieval 7.4.4 Video systems 7.4.5 Audio systems 7.4.6 World Wide Web 7.4.7 Portals and gateways
2. Technology 2.1 Buildings & equipment 2.2 Multimedia 2.3 Internet, intranets, extranets 2.4 "High tech" 2.5 ICT 2.6 Information processing tools 2.6.1 Classification schemes 2.6.2 Structured vocabularies 2.6.3 Metadata & schema 2.6.4 Information & data models 2.7 Information workers	5. Information use & users 5.1 Information needs & use 5.2 User typologies 5.3 Information behaviour 5.4 Group psychology 5.5 Information usability 5.6 Info & IT literacy	8. Legal, Ethical & Social issues 8.1 Intellectual property 8.2 Information ethics 8.3 Freedom of Information 8.4 Data privacy, Censorship 8.5 National information policy 8.6 Social exclusion 8.7 Third World problems
3. Activities 3.1 Systems analysis & design 3.1.1 Information (& knowledge) architecture 3.1.2 Information (& knowledge) audit 3.1.3 Website design 3.1.4 Typology & graphic design 3.1.5 Standardisation 3.2 Knowledge management 3.3 Information management 3.3.1 Library management 3.3.2 Records & archives management 3.3.3 Document management 3.4 Museum documentation 3.5 Information processing 3.5.1 Information analysis 3.5.2 Writing and journalism 3.5.3 Collection management 3.5.4 Indexing 3.5.5 Abstracting 3.5.6 Cataloguing 3.5.7 Classification & categorisation 3.5.8 Information storage 3.5.9 Information curation 3.5.10 Information retrieval 3.5.11 Information dissemination	6. Supporting disciplines 6.1 Management 6.1.1 Strategy & planning 6.1.2 Financial management 6.1.3 Human resource mgmt 6.1.4 Facilities management 6.1.5 Operations research 6.1.6 Decision support systems 6.1.7 Management information 6.2 Mathematics & logic 6.2.1 Bayesian probability 6.2.2 Vector space analysis 6.2.3 Information theory 6.2.4 Bradford-Zipf analysis 6.3 Linguistics & logic 6.3.1 NLP 6.3.2 Computational linguistics 6.3.3 Semiotics 6.3.4 Semantics 6.3.5 Speech recognition 6.4 Artificial intelligence 6.5 Psychology 6.6 Information politics 6.7 Communication	9. IS Education 9.1 Training 9.2 e-Learning

Fonte: ZINS, 2007a, p. 655.

3) No esquema de Maria Pinto (Espanha) a Arquivologia está presente entre os tópicos que compreendem a Epistemologia da Ciência da Informação (item 1 do QUADRO 10).

QUADRO 10

Esquema de Maria Pinto

<p>1. Epistemological Archival Science, Classification Theory, Information Science Theory (Foundations, History, Epistemology, Education, Philosophy), Librarianship.</p> <p>2. Systemic Information Systems, Information Management, Knowledge Management, Information Policies, Systems Analysis.</p> <p>3. Cognitive Domain Analysis, Abstracting, Indexing, Classifications (Ontology, Taxonomies, Thesauri), Databases, Metadata.</p> <p>4. Psychological Economics of Information, Evaluation of Information Systems, Human information Behaviour, Information Quality.</p> <p>5. Communicative Communication, Copyright, Information Dissemination, Information retrieval, Message Theory.</p> <p>6. Technological Artificial Intelligence, Digital Security, Digital Libraries, Information Industry, Internet, Publishing, Web.</p>
--

Fonte: ZINS, 2007a, p. 665.

4) Ia McIlwaine (Reino Unido) apresenta a Arquivologia enquanto um Grupo da Ciência da Informação (Group 9 do QUADRO 11);

QUADRO 11

Esquema de Ia McIlwaine

<p>Group 1: History of information science Foundations of information science Philosophy of information science</p> <p>Group 2: Information science epistemology Artificial intelligence Information structures Information technology Information theory Informetrics Knowledge structures Ontologies</p> <p>Group 3: Librarianship Philosophy of librarianship Public information policies Publishing</p> <p>Group 4: Information retrieval Databases Categorization and classification Classification systems Subject analysis Indexing Metadata Thesauri Abstracting Vocabulary control Online searching</p>	<p>Group 5: Management Evaluation of information systems Information management</p> <p>Group 6: Communication Cognition Human information behavior Information dissemination Readership studies</p> <p>Group 7: Copyright</p> <p>Group 8: Digital preservation & conservation</p> <p>Group 9: Archival Science</p>
--	---

Fonte: ZINS, 2007a, p. 661.

5) Birger Hjørland (Royal School of Library and Information Science, Dinamarca) cita a Arquivologia ao abordar sobre as Disciplinas e Sub-disciplinas da Ciência da Informação e também cita os arquivos ao abordar sobre os Processos Entidades e Instituições no Trabalho Informacional (item 1.1, item 6.4 do QUADRO 12).

QUADRO 12
Esquema de Birger Hjørland

1. Disciplines & Sub-disciplines 1.1 Archival Science 1.2 Bibliography 1.3 Bibliometrics 1.4 Informetrics 1.5 Information management 1.6 Librarianship/Library Science 1.7 Museology 2. Related fields 2.1 Cognition 2.2 Economics of information (Information management) 2.3 Information theory 2.4 Knowledge management 2.5 Semantics 2.6 Semiotics 2.7 Literature studies 2.8 Sociology of science /sociology of knowledge 2.9 Science studies 2.8 Systems analysis 3. Knowledge Organization 3.1 Abstracting 3.2 Categorization & classification 3.3 Classification systems 3.4 Concepts 3.5 Disciplines 3.6 Domain Analysis 3.7 Genres 3.8 Indexing 3.9 Information Architecture/Information structures 3.10 Knowledge 3.11 Knowledge Organizing Systems 3.12 Knowledge production, dissemination & consumption 3.13 Knowledge representation 3.14 Literatures (primary, secondary, tertiary etc)	3.15 Metadata 3.16 Ontology 3.17 Organization of Information 3.18 Paradigms 3.19 Semantics & semantic relations 3.20 Semantic tools dictionaries, thesauri, classification schemes, ontologies etc) 3.21 Subject analysis 3.22 Subject access points 3.23 Taxonomies 3.24 Thesauri 3.25 Vocabulary control 3.26 Words 4. Domains 4.1 Chemical Documentation 4.2 Culture 4.3 Health/Biomedical Informatics 4.4 Geographical information 4.5 Medical information 4.6 Social science Information 4.7 Arts & humanities information 4.8 Legal information 4.9 Music-information-retrieval 4.10 Scientific Communication 4.11 Technological information 5. Meta-issues 5.1 Foundations of IS 5.2 History of IS 5.3 IS Education 5.4 IS Epistemology 5.5 Philosophy of information 5.6 Philosophy of IS 5.7 Philosophy of Librarianship	6. Processes, entities & Institutions in Information Work 6.1 Communication 6.2 Computer mediated communication 6.3 Databases 6.4 Archives, libraries, Museums 6.5 Digital libraries 6.6 Digital preservation 6.7 Distributed networked environments 6.8 Documents 6.9 Document Delivery Systems 6.10 E-journals 6.11 Evaluation of information systems 6.12 Full-text databases 6.13 Information dissemination 6.14 Information ethics 6.15 Information need 6.16 Information processing 6.17 Information Quality Evaluation 6.18 Information retrieval 6.19 Information sources 6.20 Information storing 6.21 Information use & user 6.22 Internet 6.23 Online searching 6.24 Public Information Policies 6.25 Publishing 6.26 Readership studies 6.27 Reference work 6.28 Reference works 6.29 Research evaluation 6.30 Social information/Social Informatics 6.31 Information in traditional & transitional societies 6.32 Social legal & ethical aspects of information 6.33 Subjects (e.g. Bradfords law) 6.34 User 6.35 Web 6.36 Webometrics
---	--	--

“Delimitations. A research into such issues is an ongoing process. My scheme, which reflects my theoretical orientation, will be expanded and revised in future research publications.” [17] (Birger Hjørland)

Fonte: ZINS, 2007a, p. 659.

6) Ken Herold (EUA) também cita a Arquivologia ao abordar sobre as Disciplinas da Ciência da Informação (item 2.1 do QUADRO 13).

QUADRO 13
Esquema de Ken Herold

<p>1. Conceptions</p> <p>1.1 Artificial Intelligence</p> <p>1.2 Categorization & Classification</p> <p>1.3 Classification theory</p> <p>1.4 Cognition</p> <p>1.5 Communication</p> <p>1.6 Copyright</p> <p>1.7 Domain analysis</p> <p>1.8 Information ethics</p> <p>1.9 Information science epistemology</p> <p>1.10 Information structures</p> <p>1.11 Information theory</p> <p>1.12 Knowledge organization</p> <p>1.13 Knowledge representation</p> <p>1.14 Knowledge structures</p> <p>1.15 Memetics</p> <p>1.16 Message theory</p> <p>1.17 Metadata</p> <p>1.18 Ontology</p> <p>1.19 Organization of information</p> <p>1.20 Scientific communication</p> <p>1.21 Social, legal & ethics aspects</p> <p>1.22 Subject analysis</p> <p>1.23 Systems analysis</p> <p>2. Disciplines</p> <p>2.1 Archival Science</p> <p>2.2 Economics of Information</p> <p>2.3 Human information behavior</p> <p>2.4 Information architecture</p> <p>2.5 Information retrieval</p> <p>2.6 Knowledge management</p> <p>2.7 Librarianship</p> <p>2.8 Library Science</p> <p>2.9 Metalibrarianship</p> <p>2.10 Operations research</p> <p>2.11 Philosophy of computation</p> <p>2.12 Philosophy of information</p> <p>2.13 Philosophy of information science</p> <p>2.14 Philosophy of librarianship</p> <p>2.15 Semiotics</p>	<p>3. Research & Evaluation</p> <p>3.1 Bibliometrics</p> <p>3.2 Computer-mediated communication</p> <p>3.3 Diffusion studies</p> <p>3.4 Evaluation</p> <p>3.5 Evaluation of information Systems</p> <p>3.6 Information quality evaluation</p> <p>3.7 Readership studies</p> <p>3.8 Research evaluation</p> <p>3.9 Webometrics</p> <p>4. Education & History</p> <p>4.1 Education & training</p> <p>4.2 E-learning</p> <p>4.3 Information science education</p> <p>4.4 Foundations of information science</p> <p>4.5 History of information science</p> <p>5. Resources</p> <p>5.1 Access systems</p> <p>5.2 Databases</p> <p>5.3 Internet</p> <p>5.4 Online searching</p> <p>5.5 Web</p> <p>6. Environments/Cultures/Contents</p> <p>6.1 Chemical Documentation</p> <p>6.2 Educational information</p> <p>6.3 Health/Biomedical informatics</p> <p>6.4 Labor in information systems</p> <p>6.5 Music information retrieval</p> <p>6.6 Social information/social informatics</p> <p>6.7 Information in traditional & transitional societies</p> <p>6.8 Technological information</p> <p>6.9 Aviation Informatics</p> <p>6.10 Community Informatics</p> <p>6.11 Public information policies</p>	<p>7. Organizations</p> <p>7.1 Electronic information industry</p> <p>7.2 Information industry</p> <p>7.3 Publishing</p> <p>8. Technologies</p> <p>8.1 Digital libraries</p> <p>8.2 Digital security</p> <p>8.3 Distributed networked environments</p> <p>8.4 Document delivery systems</p> <p>8.5 E-journals</p> <p>8.6 High-density book storage systems</p> <p>8.7 Information processing</p> <p>8.8 Information storing</p> <p>9. Operations & Processes</p> <p>9.1 Abstracting</p> <p>9.2 Classification schemes</p> <p>9.3 Classification systems</p> <p>9.4 Competitive Intelligence</p> <p>9.5 Digital preservation</p> <p>9.6 Indexing</p> <p>9.7 Information dissemination</p> <p>9.8 Information management</p> <p>9.9 Information manipulation</p> <p>9.10 Informetrics</p> <p>9.11 Management</p> <p>9.12 Taxonomies</p> <p>9.13 Thesauri</p> <p>9.14 Vocabulary control</p> <p>10. Users</p> <p>10.1 Information need</p> <p>10.2 Information use</p> <p>10.3 User</p>
---	---	--

Fonte: ZINS, 2007a, p. 658.

7) Michel J. Menou (França) cita a Arquivologia ao abordar sobre a Meta-Ciência da Informação – Disciplinas e Profissões - e cita os sistemas de gerenciamento de documentos ao abordar sobre os sistemas e produtos da Ciência da Informação (item 1.1.1 e item 4.3 do QUADRO 14).

QUADRO 14
Esquema de Michel J. Menou

<p>1. Meta-IS</p> <p>1.1 Disciplines & professions</p> <p>1.1.1 Archival Science</p> <p>1.1.2 Library Science (or Librarianship)</p> <p>1.1.3 Documentation</p> <p>1.1.4 Labor in information systems</p> <p>1.1.5 IS Education</p> <p>1.2 Foundations of IS</p> <p>1.3 Information theory</p> <p>1.4 Classification theory</p> <p>1.5 Information ethics</p> <p>1.6 Philosophy of information</p> <p>1.7 IS Epistemology</p> <p>1.8 Philosophy of Computation</p> <p>1.9 Philosophy of IS</p> <p>1.10 Philosophy of Librarianship</p> <p>1.11 History of IS</p> <p>2. Primary Information Forms</p> <p>2.1 Data</p> <p>2.2 Documents</p> <p>2.3 Images</p> <p>2.4 Tacit knowledge</p> <p>2.5 Formal knowledge</p> <p>2.6 Formal information</p> <p>2.7 Informal information</p> <p>2.8 Indigenous knowledge</p> <p>2.9 Stories</p> <p>2.10 Genres</p> <p>3. Information Processing</p> <p>3.1 Contents representation</p> <p>3.1.1 Abstracting</p> <p>3.1.2 Indexing</p> <p>3.1.3 Domain Analysis</p> <p>3.1.4 Information structures</p> <p>3.2 Knowledge organization</p> <p>3.2.1 Knowledge representation</p> <p>3.2.2 Knowledge structures</p> <p>3.2.3 Categorization & classification</p> <p>3.3 Organization of information</p> <p>3.3.1 Subject analysis</p> <p>3.4 Information Architecture</p> <p>3.5 Representation tools</p> <p>3.5.1 Classification schemes & systems</p> <p>3.5.2 Ontologies</p> <p>3.5.3 Taxonomies</p> <p>3.5.4 Thesauri</p> <p>3.5.5 Vocabulary control</p> <p>3.5.6 Metadata</p> <p>3.6 Information storage</p> <p>3.7 Information retrieval (IR)</p>	<p>3.8 Online searching</p> <p>3.9 Information dissemination</p> <p>3.10 Information visualization</p> <p>3.11 Information Quality Evaluation</p> <p>3.12 Information consolidation</p> <p>4. Systems & Products</p> <p>4.1 Information generation systems (e.g. blogs, Wiki, publishing)</p> <p>4.2 Information storage & retrieval systems</p> <p>4.3 Documents management systems</p> <p>4.4 Access systems</p> <p>4.4.1 Web based products</p> <p>4.5 Document Delivery Systems</p> <p>4.6 Digital libraries</p> <p>4.7 Databases</p> <p>4.8 E-journals & books</p> <p>4.9 Evaluation of information systems</p> <p>5. Information & Communication Technologies</p> <p>5.1 Analog technologies</p> <p>5.2 Digital technologies</p> <p>5.2.1 Internet technologies</p> <p>5.2.2 Distributed networked environments</p> <p>5.2.3 Digital preservation</p> <p>5.2.4 Digital security</p> <p>5.3 Media integration</p> <p>5.4 Mobile information technologies</p> <p>6. Human Information Behavior</p> <p>6.1 Information users</p> <p>6.2 Information uses</p> <p>6.3 Information needs</p> <p>6.4 Information seeking</p> <p>6.5 Information production</p> <p>6.6 Information utilization</p> <p>6.7 Computer-mediated communication</p> <p>6.8 Information support to learning</p> <p>6.8.1 By type of learning / learner</p> <p>6.8.2 E-learning</p> <p>6.9 Readership studies</p> <p>6.10 Diffusion studies</p>	<p>7. Societal Dimensions</p> <p>7.1 Social Informatics</p> <p>7.1.1 In traditional & transitional societies</p> <p>7.1.2 In technology intensive societies</p> <p>7.2 Community Informatics</p> <p>7.3 Information industries</p> <p>7.3 Electronic Information Industry</p> <p>7.3.2 Publishing</p> <p>7.3.3 Media industries (Newspapers, radio, TV)</p> <p>7.4 Industry applications of IS</p> <p>7.4.1 Aviation informatics,</p> <p>7.4.2 Chemical Documentation</p> <p>7.4.3 Health/Biomedical Informatics</p> <p>7.4.4 Educational information</p> <p>7.4.5 Scientific information</p> <p>7.4.6 Technological information</p> <p>7.4.7 Bio-informatics</p> <p>7.5 Knowledge management</p> <p>7.6 Information management</p> <p>7.7 Competitive Intelligence</p> <p>7.8 Research evaluation</p> <p>7.9 Information policy</p> <p>7.9.1 Public Information Policies</p> <p>7.9.2 Corporate information policies</p> <p>7.10 Economics of information</p> <p>7.11 Information Law</p> <p>7.11. Copyright</p> <p>7.11.2 Intellectual property rights</p> <p>7.11.3 Data protection</p> <p>7.11.4 Privacy</p> <p>7.11.5 Freedom of information</p> <p>7.11.6 Information access rights</p> <p>7.12 Measurements of information</p> <p>7.12.1 Bibliometrics</p> <p>7.12.2 Informetrics</p> <p>7.12.3 Webometrics</p> <p>7.12.4 Scientometrics</p> <p>8. Related Disciplines & Tools</p> <p>8.1 Artificial intelligence</p> <p>8.2 Cognitive sciences</p> <p>8.3 Communication</p> <p>8.4 Evaluation</p> <p>8.5 Management</p> <p>8.6 Operations Research</p> <p>8.7 Semiotics</p> <p>8.8 Systems analysis</p>
--	--	---

Fonte: ZINS, 2007a, p. 662.

8) Rafael Capurro (Alemanha) cita a Arquivologia ao abordar sobre os Sistemas de Informação (item 5.16 do QUADRO 15).

QUADRO 15

Esquema de Rafael Capurro

<p>1. Foundations of Information Science*</p> <p>1.1 Philosophy of Information</p> <p>1.2 The Concept of Information (Information Theory)</p> <p>1.3 The Concept of Media (Media Theory)</p> <p>1.4 The Concept of Message (Message Theory)</p> <p>1.5 The Concept of Sign (Semiotics)</p> <p>1.6 The Concept of Communication (Communication Theory)</p> <p>1.7 Second-Order Cybernetics</p> <p>1.8 System Theory</p> <p>1.9 Cognition Theory (Social Epistemology)</p> <p>1.10 Interpretation Theory (Hermeneutics)</p> <p>2. History of Information Science</p> <p>3. History of Media</p> <p>4. Information Societies</p> <p>4.1 Information Cultures</p> <p>4.2 Information Behavior</p> <p>4.3 Information Needs</p> <p>4.4 Social Informatics</p> <p>4.5 Scientific Communication</p> <p>5. Information Systems</p> <p>5.1 Information Architecture</p> <p>5.2 Information Design</p> <p>5.3 Multimedia Systems</p> <p>5.4 Image Retrieval</p> <p>5.5 Sound Retrieval</p> <p>5.6 Mobile Computing</p> <p>5.7 Ubiquitous Computing</p> <p>5.8 Distributed Networks</p> <p>5.9 Information Retrieval</p> <p>5.10 System Analysis</p> <p>5.11 System Evaluation</p> <p>5.12 Library Systems</p> <p>5.13 Public Media Repositories</p> <p>5.14 Streaming Media</p> <p>5.15 Mass Media</p> <p>5.16 Archival Systems</p> <p>5.17 Document Delivery Systems</p> <p>5.18 Evaluation of Information Systems</p> <p>5.19 Search Engines</p>	<p>6. Subject Analysis</p> <p>6.1 Domain Analysis</p> <p>6.2 Taxonomy Theory</p> <p>6.3 Ontologies</p> <p>7. Content Management</p> <p>7.1 Knowledge Organization</p> <p>7.2 Community Informatics</p> <p>7.3 Competitive Intelligence</p> <p>7.4 Computer mediated communication</p> <p>8. Information Measurement</p> <p>8.1 Informetrics</p> <p>8.2 Bibliometrics</p> <p>8.3 Webometrics</p> <p>8.4 Scientometrics</p> <p>8.5 Indicators for Research Evaluation</p> <p>9. Economics of Information</p> <p>9.1 Information Industry</p> <p>9.2 Information & Media Products</p> <p>9.3 E-Economy</p> <p>9.4 Labor and Information</p> <p>10. Information Ethics, Media Ethics</p> <p>10.1 Theories of Information Ethics</p> <p>10.2 Ethical Dilemmas in Information Society</p> <p>10.3 Codes of Practice</p> <p>10.4 Intercultural Information Ethics</p> <p>11. Legal Aspects</p> <p>11.1 Copyright</p> <p>11.2 Censorship</p> <p>11.3 Access</p> <p>12. Information Policies</p> <p>12.1 E-Government</p> <p>12.2 E-Democracy</p> <p>13. Education and Training</p> <p>13.1 E-Learning</p> <p>13.2 Information Science Education</p> <p>13.3 User Education</p> <p>13.4 Continuing professional education</p> <p>13.5 Corporate Universities</p> <p>13.6 Consultancy</p> <p>13.7 Coaching</p>
---	--

“Delimitations. Note that the order of this scheme does not imply any kind of practical or didactic order and importance.” [7] (Rafael Capurro)

Fonte: ZINS, 2007a, p. 651.

9) No esquema de Manfred Bundschuh (Alemanha), a Arquivologia é citada quando este aborda sobre as aplicações da Ciência da Informação (item 7.2 do QUADRO 16).

QUADRO 16
Esquema de Manfred Bundschuh

<p>1. Concepts</p> <p>1.1 Abstracting</p> <p>1.2 Artificial intelligence</p> <p>1.3 Categorization & classification</p> <p>1.4 Classification theory</p> <p>1.5 Cognition</p> <p>1.6 Communication</p> <p>1.7 Competitive Intelligence</p> <p>1.8 Digital preservation</p> <p>1.9 Digital security</p> <p>1.10 Human information behavior</p> <p>1.11 Information Architecture</p> <p>1.12 Information ethics</p> <p>1.13 Information Science Epistemology</p> <p>1.14 Informetrics</p> <p>1.15 Library Science</p> <p>1.16 Memetics</p> <p>1.17 Message theory</p> <p>1.18 Ontology</p> <p>1.19 Operations Research</p> <p>1.20 Philosophy of Information science</p> <p>1.21 Semiotics, Social, legal, & ethical aspects of information</p> <p>1.22 Taxonomies</p> <p>2. History</p> <p>2.1 Foundations of information science</p> <p>2.2 History of information science</p> <p>2.3 Indexing</p> <p>3. Information System development</p> <p>3.1 Domain Analysis</p> <p>3.2 Evaluation</p> <p>3.3 Information need Evaluation</p> <p>3.4 Knowledge representation</p> <p>3.5 Knowledge structures Organization of Information</p> <p>3.6 Readership studies</p> <p>3.7 Subject analysis</p> <p>3.8 Systems analysis</p> <p>3.9 Thesauri</p> <p>3.10 Vocabulary control</p> <p>3.11 Estimation of Info Tech projects</p> <p>3.12 Sizing of Software</p> <p>4. Information Processing</p> <p>4.1 High-Density Book Storage Systems</p> <p>4.2 Information manipulation</p> <p>4.3 Information processing</p> <p>4.4 Information retrieval</p>	<p>4.5 Information storing</p> <p>4.6 Information structures</p> <p>4.7 Information use and user</p> <p>4.8 Knowledge management</p> <p>4.9 Metadata</p> <p>4.10 Online searching</p> <p>4.11 Publishing</p> <p>4.12 Scientific Communication</p> <p>5. Information System Implementation</p> <p>5.1 Data bases</p> <p>5.2 Information dissemination,</p> <p>6. Quality assurance of Information</p> <p>6.1 Information Quality</p> <p>6.2 Information Science Education</p> <p>6.3 Research evaluation</p> <p>6.4 Testing of Software</p> <p>6.5 Quality assurance of Software</p> <p>7. Applications</p> <p>7.1 Access systems</p> <p>7.2 Archival Science</p> <p>7.3 Aviation informatics</p> <p>7.4 Bibliometrics</p> <p>7.5 Community Informatics</p> <p>7.6 Diffusion of info studies</p> <p>7.7 Digital libraries</p> <p>7.8 Distributed networked environments</p> <p>7.9 Document Delivery Systems</p> <p>7.10 Economics of information</p> <p>7.11 Electronic Information Industry</p> <p>7.12 E-journals</p> <p>7.13 E-learning</p> <p>7.14 Health/Biomedical Informatics</p> <p>7.15 Information industry</p> <p>7.16 Information technology</p> <p>7.17 Internet</p> <p>7.18 Labor in information systems</p> <p>7.19 Music-information-retrieval</p> <p>7.20 Philosophy of Librarianship</p> <p>7.21 Public Information Policies</p> <p>7.22 Social information/Social Informatics</p> <p>7.23 Information in traditional & User</p> <p>7.24 Web</p> <p>7.25 Webometrics</p> <p>8. Information project management</p> <p>8.1 Information management</p> <p>8.2 Management</p>
---	---

Fonte: ZINS, 2007a, p. 650.

10) No esquema de Anthony Debons (EUA), a Arquivologia é citada quando este aborda sobre Transferência – Comunicação (item 6.9 do QUADRO 17).

QUADRO 17

Esquema de Anthony Debons

1. Event	4.9 Operations research
1.1 Subject Analysis (e.g. weather, medical diagnostics, market fluctuations, etc.)	4.10 Programization of Information
	4.11 Philosophy of computers
	4.12 Webmetrics
2. Acquisition	4.13 Abstracting
2.1 Sensor systems (Optics, Radar, and Hearing aids could also be included under processing)	4.14 Electronic information industry
2.2 Classification, Categorization (of events)	
2.3 Indexing (of events; examples: clouds, storms, crime, etc)	5. Utilization
2.4 Access system	5.1 Artificial intelligence
	5.2 Cognition
3. Transmission	5.3 E learning
3.1 Electronics	5.4 Human Information Behavior
3.2 Cable	5.5 Information ethics
3.3 Wireless telephony	5.6 Information management
3.4 Electronic information industry	5.7 Information need
3.5 transmission	5.8 Information use & user
3.6 Distributed Networks	5.9 Aviation Informatics
	5.10 Social, legal, ethical aspects of information
4. Processing	
4.1 Bibliometrics	6. Transfer (communication)
4.2 Data bases	6.1 Computer related communication
4.3 Digital libraries	6.2 Librarianship
4.4 Domain analysis	6.3 Document delivery system
4.4 High density book storage systems	6.4 E Journals
4.5 Information manipulation	6.5 Metalibrarianship
4.6 Information Processing	6.6 Scientific communication
4.7 Information storage	6.7 Readership studies
4.8 Information structures	6.8 Social, legal, ethical aspects of information
	6.9 Archival science
	6.10 Community informatics

Fonte: ZINS, 2007a, p. 653.

11) Donald Hawkins (EUA), apesar de não citar a Arquivologia diretamente como os pesquisadores anteriores, cita a Descrição Arquivística (EAD) ao abordar sobre a Organização do Conhecimento, cita a gestão de documentos ao abordar sobre as Tecnologias da Informação e cita os arquivos ao abordar sobre as Bibliotecas e Serviços de Bibliotecas (item 2.4, item 7.6 e item 10.1 do QUADRO 18).

QUADRO 18

Esquema de Donald Hawkins

<p>1. Information Science Research</p> <p>1.1 Concepts, definitions, theories, methodologies & applications</p> <p>1.2 Properties, needs, quality, and value of information</p> <p>1.3 Statistics, measurement (Bibliometrics, citation analysis, scientometrics, informetrics)</p> <p>1.4 Information retrieval research (Searching techniques (Boolean, fuzzy, natural language), the search process, precision/relevance, ranking/recall, searching models, query formulation, inverted files, updating, database structures)</p> <p>1.5 User behaviour & uses of information systems (Searcher tactics, information overload, user surveys, usability studies)</p> <p>1.6 Human-computer interface (Human factors, ergonomics, design issues)</p> <p>1.7 Communication (Editing, writing, linguistics, <i>Internet authoring & design principles</i>)</p> <p>1.8 Operations research/mathematics (Modeling, Boolean logic, coding, systems analysis, algorithms, compression)</p> <p>1.9 History of information science, biographies</p> <p>1.10 Information genres</p> <p>2. Knowledge Organization</p> <p>2.1 Thesauri, authority lists (Taxonomies, ontologies, semantic networks, nomenclatures, terminologies, vocabularies)</p> <p>2.2 Cataloging & classification (Tagging, metatags, Dublin Core, DOIs, OPACs, MARC, AACR2, topic maps, cataloging processes & theories)</p> <p>2.3 Abstracting, indexing, reviewing Automatic indexing & abstracting</p> <p>2.4 Standards & protocols (NISO, Z39.5, XML, SGML, HTML, Open Archives Initiative (OAI), Encoded Archival Description (EAD), Open URL, portable document format (PDF))</p> <p>3. The Information Professions</p> <p>3.1 Information professionals (Intermediaries, searchers, reference librarians, information brokers, translators, educators, librarians and librarianship, mentoring, career outlook, future of the profession professional ethics, skills & competencies)</p> <p>3.2 Organizations & societies</p> <p>4. Societal Issues</p> <p>4.1 Information ethics, plagiarism, credibility</p> <p>4.2 Information literacy, lifelong learning</p> <p>4.3 The Information Society (Universal access & accessibility, technological & socioeconomic impacts of information, technology forecasts, information flows, future scenarios, preservation)</p>	<p>5. The Information Industry</p> <p>5.1 Information & knowledge management (Knowledge transfer in organizations, business strategies)</p> <p>5.2 Markets & players (Vendor profiles & interviews, trends)</p> <p>5.3 Economics & pricing (Business models, value chain)</p> <p>5.4 Marketing, e-commerce</p> <p>6. Publishing & Distribution</p> <p>6.1 Print</p> <p>6.2 Electronic (E-journals, e-books)</p> <p>6.3 Secondary publishing (Abstracting & indexing services, directories)</p> <p>6.4 Scholarly communication (Peer review process, future of journals, dissertations, grey literature)</p> <p>7. Information Technologies</p> <p>7.1 Internet (World Wide Web, Invisible Web, Deep Web, search engines, browsers, hypermedia, Listservs, bulletin boards, portals, gateways, directories, pathfinders)</p> <p>7.2 Intranets (private), Web conferencing</p> <p>7.3 Software (Programming languages, operating systems, platforms)</p> <p>7.4 Hardware</p> <p>7.5 Multimedia</p> <p>7.6 Document management (Imaging, scanning, text retrieval, digitization, records management, bookmarking, hypertext systems, preservation technologies, digitization, linking & electronic cross referencing, storage, digital rights management)</p> <p>7.7 AI, expert systems, intelligent agents, (Cybernetics, visualization and mapping, data mining, pattern and character recognition, Search agents and robots)</p> <p>7.8 Telecommunications (Networks, wireless & satellite information delivery, Palm Pilots & other PDAs, LANs & WANs)</p> <p>7.9 Security, access control, authentication, encryption (Digital watermarking)</p> <p>7.10 Other</p> <p>8. Electronic Information Systems & Services</p> <p>8.1 Information searching & retrieval systems & services (Bibliographic, numeric, & image databases; descriptions of online services)</p> <p>8.2 Customized information systems, alerting, current awareness</p> <p>8.3 Document delivery systems & services (Interlibrary loan, resource sharing)</p> <p>8.4 Geographic information systems</p>	<p>9. Subject-Specific Sources and Applications</p> <p>9.1 Physical sciences (Chemistry, physics, engineering, earth sciences, computer science, energy, mathematics)</p> <p>9.2 Life sciences (Medicine, biosciences, agriculture, environment)</p> <p>9.3 Social sciences, humanities, history, linguistics</p> <p>9.4 Business (Management, economics, companies)</p> <p>9.5 Law, political science, government Patents & trademarks, intellectual property, case law)</p> <p>9.6 News</p> <p>9.7 Education, library & information science, ready reference</p> <p>9.8 Other/multidisciplinary (Biography & genealogy databases, encyclopedias, databases of theses & dissertations)</p> <p>9.9 Countries & geographic areas</p> <p>10. Libraries & Library Services</p> <p>10.1 Library descriptions & types: Special, government, academic, & public libraries, archives, museums, State & National libraries, depository libraries</p> <p>10.2 Library services</p> <p>10.3 Library automation & operations</p> <p>10.4 Library consortia & networks, coalitions, cooperatives</p> <p>10.5 Digital & virtual libraries, hybrid libraries</p> <p>10.6 Education & training (Distance learning, continuing education, bibliographic instruction library schools, courses & curricula)</p> <p>10.7 Library Management, Planning & Personnel</p> <p>10.8 Library facilities</p> <p>11. Government & Legal Information & Issues</p> <p>11.1 Intellectual property protection (Copyright issues & implications, fair use, trademarks, patent law)</p> <p>11.2 Legislation, laws, & regulations (except copyright)</p> <p>11.3 Contracts & licensing</p> <p>11.4 Liability issues (Filtering, censorship, privacy)</p> <p>11.5 Sources of public information</p> <p>11.6 Information policies & studies (Security, encryption, privacy, freedom of information, censoring, national & other information policies)</p> <p>11.7 Systems & infrastructure (Technology transfer)</p>
---	--	--

Fonte: ZINS, 2007a, p. 657.

12) Carol Tenopir (EUA) também não cita diretamente a Arquivologia no seu esquema, mas também cita os arquivos ao abordar sobre Estoques de Informação e Conhecimento (item 4.1 do QUADRO 19).

QUADRO 19

Esquema de Carol Tenopir

<p>1. Organization of Information & Knowledge</p> <p>1.1 Abstracting</p> <p>1.2 Categorization & classification</p> <p>1.3 Classification schemes & systems</p> <p>1.4 Classification theory</p> <p>1.5 Indexing</p> <p>1.6 Information Architecture</p> <p>1.7 Information processing</p> <p>1.8 Information structures</p> <p>1.9 Knowledge representation</p> <p>1.10 Knowledge structures</p> <p>1.11 Metadata</p> <p>1.12 Ontology</p> <p>1.13 Organization of Information</p> <p>1.14 Subject analysis</p> <p>1.15 Systems analysis</p> <p>1.16 Taxonomies</p> <p>1.17 Thesauri</p> <p>1.18 Vocabulary control</p> <p>2. Retrieval and use of Information & Knowledge</p> <p>2.1 Access systems</p> <p>2.2 Artificial intelligence</p> <p>2.3 Domain Analysis</p> <p>2.4 E-learning</p> <p>2.5 Evaluation of information systems</p> <p>2.6 Information dissemination</p> <p>2.7 Information manipulation</p> <p>2.8 Information needs</p> <p>2.9 Information Quality Evaluation</p> <p>2.10 Information retrieval</p> <p>2.11 Online searching</p> <p>2.12 Readership studies</p> <p>3. Understanding users of information & knowledge</p> <p>3.1 Bibliometrics</p> <p>3.2 Cognition</p> <p>3.3 Communication</p> <p>3.4 Community Informatics</p> <p>3.5 Competitive Intelligence</p> <p>3.6 Computer-mediated communication</p> <p>3.7 Diffusion studies</p> <p>3.8 Human information behavior</p> <p>3.9 Information use & user</p> <p>3.10 Informetrics</p> <p>3.11 Scientific Communication</p> <p>3.12 Semiotics</p> <p>3.13 Social information/Social Informatics</p> <p>3.14 User Webometrics</p>	<p>4. Storage of information & knowledge</p> <p>4.1 Archives</p> <p>4.2 Copyright</p> <p>4.3 Digital preservation</p> <p>4.4 Digital security</p> <p>4.5 Distributed networked environments</p> <p>4.6 Document Delivery Systems</p> <p>4.7 Information storage</p> <p>4.8 Preservation</p> <p>5. Information content & publishing</p> <p>5.1 Databases</p> <p>5.2 Digital libraries</p> <p>5.3 Economics of information</p> <p>5.4 Electronic Information Industry</p> <p>5.5 E-journals</p> <p>5.6 Information industry</p> <p>5.7 Publishing</p> <p>6. History & philosophy of IS</p> <p>6.1 Foundations of information science</p> <p>6.2 History of information science</p> <p>6.3 Information ethics</p> <p>6.4 Information Science Education</p> <p>6.5 Information Science Epistemology</p> <p>6.6 Information technology</p> <p>6.7 Information theory</p> <p>6.8 Philosophy of Computation</p> <p>6.9 Philosophy of information</p> <p>6.10 Philosophy of Information science</p> <p>6.11 Philosophy of Librarianship</p> <p>6.12 Public Information Policies</p> <p>6.13 Message theory</p> <p>6.14 Research evaluation</p> <p>6.15 Information in traditional & transitional Societies</p> <p>6.16 Social, legal, & ethical aspects of information</p> <p>7. Managing information Organizations</p> <p>7.1 Information management</p> <p>7.2 Knowledge management</p> <p>7.3 Knowledge organizations</p> <p>7.4 Librarianship</p> <p>7.5 Library Science</p> <p>7.6 Management</p> <p>7.7 Operations Research</p>
---	---

Fonte: ZINS, 2007a, p. 666.

Enfim, Chaim Zins (2007b), no final da sua pesquisa, ao construir seu Mapa do Conhecimento da Ciência da informação, cita os arquivistas ao abordar sobre os Mediadores - Trabalhadores do Conhecimento (categoria 3 do QUADRO 20)

QUADRO 20
Mapa do Conhecimento da Ciência da Informação

Domain	Foci	Main Categories (1 st division)	Sub-Categories (2 nd division)	Sub-Categories/Examples & Explanations** (3 rd division)	Exemplary Fields					
Meta-Knowledge	Knowledge on the field of IS itself	1. Foundations	Theory	A. Conceptions B. Disciplines (e.g., Anthropology (e.g., "culture"), Arts (e.g., "design"), Communication (e.g., "communication", "media", "message"), Computer science (e.g., "computer language"), Economics (e.g., "information economics"), Education (e.g., "learning"), Engineering (e.g., "information technology"), History (e.g., "primary source", "secondary sources", "tertiary source"), Law (e.g., "intellectual property", "copyright"), Linguistics (e.g., "language"), Philosophy (Epistemology) (e.g., "knowledge"), Ethics (e.g., "information ethics", "professional ethics"), Political Science (e.g., "democracy"), Psychology (e.g., "cognition"), Research Methodology (e.g., "evaluation", "research", "research methodology"), Semiotics (e.g., "sign"), Sociology (e.g., "society") C. Theories	Theory of IS					
				Research	A. Theoretical B. Empirical 1. Quantitative 2. Qualitative	Research Methodology				
				Education	academic education and to professional training: theoretical knowledge and practical knowledge.	LIS Education				
				History	Historical accounts of the field.	History of IS				
				Issues	quality information (resources), information (resources) quality	Information Quality Information Systems				
				Types	Primary resources (i.e., the human originators), secondary resources, tertiary resources					
				Subject-based Knowledge	Knowledge on the explored phenomena (i.e., the mediating aspects & conditions of human knowledge)	2. Resources	Issues	A. Personality traits B. Theoretical knowledge C. Applied knowledge and practice	Information Ethics LIS Education	
								Types		Taxonomies of professional workers by fields of expertise (e.g., medical informatics), and organizational sector (e.g., librarians, archivists)
								Issues	Content related issues (e.g., What is a subject?)	
									Types	
Issues	Issues related to the development of application oriented systems.									
	Types		Taxonomy of applications (e.g., (information) searching, shopping, socialization and socializing).							
Issues	Issues related to the various operations and processes involved in mediating human knowledge.									
	Types		Taxonomy of operations and processes: documentation, representation, organization, processing, dissemination, publication, storage, manipulation, evaluation, measurement, searching, and retrieving knowledge.							
Issues	Technological related issues (e.g., user-interface design).									
	Types		Taxonomy of knowledge technologies and media: electronic-based technologies (e.g., computer-based information systems, Internet), paper-based and printing-based technologies (e.g., books), communication-based technologies and media (e.g., cellular phones, MP3).							
Issues	Social issues (e.g., Information policy, information accessibility), including ethnic and cultural issues, professional issues related to the settings, as well as legal issues (e.g., Intellectual property, privacy), and ethical issues (e.g., privacy vs. public interests).	Information Ethics Social Informatics								
	Types		A. Ethnic & Cultural environments B. Settings (e.g., Education, Health)							
Issues	Issues related to the organizational settings (e.g., managing knowledge in business organizations)									
	Types		A. Organizational Type: 1. Governmental Sector 2. Public sector 3. Private sector B. Functional type 1. Memory organizations 2. Information services							
Issues	User related issues (e.g., user information needs, user behavior, user search strategies)	User Studies Information Behavior								
	Types		A. Individuals B. Groups and Communities 1. Gender-based 2. Age-based 3. Culture & ethnicity-based 4. Need & interest based (e.g., division by profession)							

* The words in bold are categories. ** The other terms are exemplary terms (entries).

Fonte: ZINS, 2007b, p. 529.

Continuando com a abordagem sobre os diálogos e fronteiras entre a Arquivologia e a Ciência da Informação, também é importante citar o artigo de Mariz (2004). Na ocasião, ao abordar sobre as relações interdisciplinares entre a Arquivologia e a Ciência da Informação, esta autora, após apresentar uma breve revisão de literatura sobre a temática, revisitando inclusive grande parte dos autores até aqui citados, menciona que, em seu ponto de vista, “a adoção da perspectiva por ambas as áreas do conhecimento não teria sido contemplada [...] com a profundidade necessária.” Neste sentido, Mariz destaca o “sistemismo incorporado pelos dois campos”. Apesar de não ter encontrado no âmbito da Arquivologia um consenso no que diz respeito aos sistemas de arquivo - conceito este muitas vezes abordado na literatura da área, porém não definido – segundo esta autora (2004, p. 35), “os Arquivos estruturar-se-iam como sistemas de Recuperação da informação e, portanto, como Sistemas de Informação”. Pautada nesta perspectiva, Mariz aponta que o enfoque sistêmico representa um ponto de convergência entre a Ciência da Informação e a Arquivologia, uma vez que os sistemas de informação são contemplados por ambas ao objetivarem a recuperação e o acesso à informação: na primeira ao contemplar as informações de forma geral (estruturas de conhecimento partilhadas socialmente) e na segunda ao contemplar os conjuntos orgânicos de documentos (referentes às estruturas de conhecimento). De acordo com a autora em questão (2004, p. 34), apesar das divergências, “o ponto de partida é comum às duas áreas” e diante dessa afirmativa Mariz (2004, p. 35) sublinha que:

[...] parece-nos fundamental para a Arquivística, [...] buscar nos estudos e reflexões oriundos da Ciência da Informação insumos para o aprimoramento de suas atividades teóricas e práticas. Mais do que constatar relações, seria preciso criá-las. Tais relações enriqueceriam ambas as áreas abrindo novos horizontes para as abordagens à informação em seus aspectos de produção, gestão e difusão.

No mesmo ano de 2004, porém, por intermédio de outra abordagem, ao problematizar sobre a relação entre os profissionais da informação (bibliotecários, arquivistas, documentalistas e cientistas da informação) e a memória social, Freitas (2004) enfatiza novas funções político-culturais dos profissionais da informação, tendo em vista uma “amplificação da história”. De acordo com esta autora (2004, p. 6), os profissionais da informação, na atualidade, deveriam considerar “os novos setores sociais que passam a reivindicar e conquistar espaços nos lugares e nas práticas antes quase exclusivos da

cultura erudita e do aparelho de Estado”. Neste sentido, estas novas “demandas de trabalho de *memória* e documentação devem ser analisadas e assimiladas [...], incorporando as mudanças políticas e éticas que isso envolve.”

Prosseguindo com esta discussão, Freitas (2004, p. 7) explica que é predominante nos discursos dos profissionais da informação, principalmente quando o objetivo é enfatizar o processo de disseminação da informação, o uso da expressão “democratização da informação”. Todavia, a autora em questão observa que diante do momento político-cultural no qual as questões estão relacionadas à memória, os profissionais da informação precisam reformular esse conceito. Citando Chauí (1992, p. 39), Freitas considera que os aspectos como o direito do cidadão de acesso à informação e de fruição da criação cultural, o direito de produção de obras culturais e o direito de participação nas decisões de política cultural deveriam ser colocados em foco quando a questão é a democratização da informação. Segundo Freitas, os profissionais da informação conservadores “apenas trabalham com registros previamente produzidos”, sendo assim, diante do exposto, surge a seguinte questão:

Como podem converter-se em promotores de registros? Dentre as tarefas envolvidas em um verdadeiro projeto de abertura dos chamados lugares de memória para outras memórias que não a dos setores que até aqui os monopolizaram, está a promoção de registros. A tradição de oralidade da cultura não institucionalizada, hoje [...] praticamente sem espaços sociais e físicos de circulação, talvez permita a manutenção de seus “conteúdos informacionais” através de seu próprio rompimento: o registro. A pluralidade cultural abre seu espaço nos lugares de memória (FREITAS, 2004, p. 7-8).

Diante dessa questão, Freitas (2004, p. 8-9) explica que ao diferenciarmos memória e história é possível “perceber que os profissionais da informação trabalham no ‘hiato’ entre as duas”, pois, não só recolhem os materiais relativos à memória dos grupos ou segmentos sociais como também organizam e disponibilizam estes materiais - sejam eles escritos, falados ou impressos. Dessa forma, diante deste quadro, no qual temos a memória registrada, a memória não registrada, a memória registrada e não preservada, e a memória registrada e não representada, os profissionais da informação têm desafios complexos, que deveriam ser considerados no ensino da Arquivologia, da Biblioteconomia e da Ciência da Informação. Freitas (2004, p. 10) declara que “rompimentos de várias naturezas teriam que se dar na formação ético-política do profissional da informação”, uma

vez que o trabalho destes profissionais envolve a questão da “memória histórica”. Neste sentido, a autora em questão aponta alguns pontos que merecem destaque e aprofundamento na formação científica dos profissionais de informação para que eles sejam capazes de romper com a visão conservadora e predominante na área e também sejam capazes de compreender as questões éticas que circulam os domínios do trabalho informacional, a saber:

[...] discussão e reconstrução antropológica do conceito de cultura; análise histórica e política do que hoje no ocidente chamamos de cultura erudita, cultura popular e cultura de massas; análise das ênfases culturais hoje dominantes nos chamados lugares de memória; debate ético sobre o compromisso profissional com os saberes de todos os setores sociais; análise dos fluxos informacionais em setores populares; compreensão do papel da linguagem na complexa representação dos setores populares; extensão da noção de história para além da historiografia oficial; análise do direito à informação e à cultura e sua relação com os compromissos do profissional da informação; estudo do papel do Estado no âmbito informacional; análise da trajetória histórica do profissional na informação e seu papel nas relações políticas, econômicas e culturais envolvidas com a informação; crítica das representações dominantes dos papéis da informação e da tecnologia na contemporaneidade e suas relações com o direito à informação (FREITAS, 2004, p. 10).

No que se refere ao ensino da Arquivologia, da Biblioteconomia e da Ciência da Informação é relevante também considerar a proposta da UNESCO, na década de 80, de harmonização da formação profissional nestas três áreas do conhecimento.

Conforme indicam Couture, Martineau e Ducharme (1999, p. 24), na medida em que a idéia do arquivista-historiador começa a ser progressivamente substituída pela idéia do arquivista-profissional-da-informação, a formação deste profissional também começa a mudar de situação, abandonando os departamentos e escolas de História e ganhando espaço nos departamentos e escolas de Biblioteconomia e Ciências da Informação. Neste sentido, a partir da década de 70, mais especificamente entre 1974 e 1989, surge o movimento de âmbito internacional, liderado pela UNESCO, em prol da harmonização das formações nestas três áreas.

A UNESCO começa, por consequência, o seu movimento para a harmonização das três formações. A partir de uma primeira proposição enunciada em 1974, a UNESCO, apoiada pelos três organismos internacionais a ela vinculados (Conseil international des archives, Fédération internationale d'information et de documentation, Fédération internationale des associations de bibliothécaires et des bibliothèques),

multiplicou os estudos e os encontros visando a estabelecer os princípios diretores do conceito de harmonização e a se definir as estratégias para favorecer a sua implantação. [...] O movimento chega ao seu apogeu em 1987, no Colóquio de Londres, organizado para discutir este problema, conjuntamente por quatro organismos (UNESCO, IFLA, FID e CIA). (COUTURE; MARTINEAU; DUCHARME, 1999, p. 24).

Ainda sobre esta questão, Matos e Cunha (2003), pautadas em Pinheiro (2002)⁷ e Fonseca (1979)⁸, afirmaram que “a idéia de promover uma cooperação entre os trabalhos desenvolvidos por arquivos, bibliotecas e outros organismos de documentação surge em 1934 com Paul Otlet no *Traité de Documentation*”, todavia tal perspectiva “só começou a tomar corpo com os esforços aglutinadores da UNESCO.” Segundo Matos e Cunha, dentre estes esforços temos:

- A criação pela UNESCO, em 1978, do CIA - Conselho Internacional de Arquivos;
- A tentativa pela UNESCO de aproximação entre a FID – Federação Internacional de Documentação e a IFLA – Federação Internacional das Associações de Bibliotecários;
- A Conferência Governamental sobre a Planificação das infra-estruturas de Documentação, de Bibliotecas e de Arquivos, organizada pela UNESCO em 1974;
- A 19ª Seção da Conferência Geral da UNESCO, na qual foi criado o Programa Geral de Informação – PGI, com o objetivo de reforçar a necessidade de cooperação entre as diversas profissões ligadas à informação; e
- A realização do Simpósio Internacional para a Compatibilização da Formação Profissional e Treinamento em Ciência da Informação, Biblioteconomia e Arquivologia, promovido pela UNESCO em 1984.

Em seu relato sobre o Simpósio Internacional para a Compatibilização da Formação Profissional e Treinamento em Ciência da Informação, Biblioteconomia e

⁷ PINHEIRO, L. V. R. Gênese da Ciência da Informação ou sinais anunciadores da nova era. In: AQUINO, M. A. (Org.). *O campo da Ciência da Informação: gênese, conexões e especificidade*. João Pessoa: Editora Universitária UFPB, 2002, p. 61-86.

⁸ FONSECA, E. N. *A biblioteconomia brasileira no contexto mundial*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1979.

Arquivologia, Mueller (1984) transcreveu que para a UNESCO muita coisa parecia indicar uma possível identificação de um núcleo básico comum de interesse para as três áreas, que permitiria uma compatibilização dos referidos cursos, sem, contudo, haver uma absorção ou integração das respectivas profissões. De acordo com Mueller (1984, p. 158), o objetivo era identificar os interesses comuns às três profissões, de modo a permitir que currículos diversificados, porém com uma base comum, pudessem ser elaborados. Para tanto, conforme explicou a autora em questão, foram feitas as seguintes propostas aos participantes do evento:

[...] - considerar o problema da compatibilização no contexto do mundo contemporâneo; - estudar meios de se conseguir estabelecer cooperação; identificar áreas de possível interesse comum; - examinar maneiras pelas quais tais assuntos pudessem ser lecionados. E ainda [...] pediu-se aos participantes que identificassem não só os obstáculos que têm sido encontrados, a nível nacional, regional e internacional para a difusão dessa idéia, mas também possíveis alternativas de programas de ensino que explorassem de maneira mais completa os recursos humanos (professores) na preparação de pessoal para as várias áreas de atuação (MUELLER, 1984, p. 158).

Ainda segundo Mueller (1984, p. 158-159), um pequeno grupo de especialistas recebeu preliminarmente a missão de preparar as bases para o encontro. Sendo assim, este grupo identificou alguns “grandes assuntos” presentes nos programas de ensino e apontados por vários autores como de interesse para as três áreas e algumas “questões ou problemas educacionais” (QUADRO 21). Todavia, para o referido simpósio, foram selecionados apenas os três primeiros grandes assuntos (“considerados mais significativos sob o ponto de vista da compatibilização”) e as questões educacionais foram consideradas tendo em vista a pertinência aos assuntos.

QUADRO 21
Grandes assuntos e questões educacionais

Grandes assuntos	Questões ou problemas educacionais
<ul style="list-style-type: none"> - Administração; - Tecnologia (reprografia, automação, acesso a computadores e base de dados, etc); - Estudos de usuários (serviços aos usuários, estudos sobre usuários e treinamento de usuários); - Restauração e preservação; - Procedimentos para o tratamento da informação. 	<ul style="list-style-type: none"> - Uma escola, ou várias escolas; - Níveis de ensino; - Instituições onde se desenvolvem os programas (países desenvolvidos e países em desenvolvimento); - Ensino universal, regional ou nacional; - Metodologia de ensino adequada; - Introdução de padrões; - Equipamentos necessários; - Formação acadêmica, educação permanente e treinamento em serviço; - Treinamento de professores e instrutores; - Questões legais; - Restrições financeiras; - Papel das organizações profissionais; - Papel da pesquisa.

Fonte: Baseado em MUELLER, 1984, p. 159.

Conforme relatado por Mueller (1984, p. 159), as discussões no referido evento basearam-se em trabalhos encomendados sobre cada um dos três grandes assuntos e as conclusões foram apresentadas em relatório preliminar composto por cinco sessões: Revisão da situação atual, Administração como base para compatibilização, Aplicação da tecnologia como base para compatibilização, Estudos de usuários como base para compatibilização e Plano de ação.

No que se refere à revisão da situação, Mueller (1984, p. 160), dentre outros pontos, destacou que os participantes do simpósio consideraram que “talvez os cursos pudessem ser considerados como *formadores de administradores da informação registrada numa variedade de suportes ou formas.*”

Quanto à administração como base para a compatibilização, Mueller (1984, p. 161) destacou que para os especialistas do evento em questão, a experiência em administração e gerência era semelhante em qualquer organização de grande porte, e, sendo assim, seria “desejável e necessária para todas as profissões dedicadas à informação.” Foi observado também por estes especialistas que a capacidade gerencial era necessária em todos os níveis de atividades e serviços de informação; e constataram-se semelhanças de necessidades nas três profissões em relação a capacidades gerenciais. Ainda neste quesito, Mueller destacou que também foram constatadas dificuldades, entre

as quais está a diversidade de exigências quanto à capacitação gerencial que os cursos deveriam satisfazer e “neste contexto, tópicos como marketing, controle de custos e outros foram mencionados.”

Com relação à aplicação da tecnologia como base para compatibilização, Mueller (1984, p. 161) relatou que foram reconhecidos dois elementos: a reprografia e a tecnologia da informação, sendo que houve um consenso quanto à aceitação da reprografia como componente de um núcleo comum de interesse para as três áreas. Já quanto às tecnologias da informação, segundo a autora em questão, foi sugerido que mais aspectos fossem adicionados, tais como: administração de sistemas automatizados em escritórios e problemas relacionados a bases de dados. Ainda neste contexto, Mueller apontou que houve um consenso quanto à necessidade dos profissionais de informação adquirirem conhecimentos mais sólidos a respeito dos conceitos, princípios, desenvolvimento e tendências futuras das tecnologias de informação.

Em relação aos estudos de usuários como base para compatibilização, Mueller (1984, p. 162) expôs que para os participantes do referido simpósio, “a questão da importância do usuário como centro dos sistemas de informação foi reafirmada”, todavia, ela observou que “em se tratando de arquivos, a demanda de usuários não controla a aquisição de documentos, nem a facilidade de acesso a eles.” Segundo Mueller, o conceito de serviço de informação como uma indústria orientada para o usuário, também foi considerado aplicável a todos os três setores. Além disso, esta autora revelou que a noção de que todos os níveis de pessoal ligado a serviços de informação estariam envolvidos com usuários também foi reafirmada e neste sentido, foi indicado que estes necessitariam de preparação adequada. Mueller também destacou que o conceito estudo de usuários foi ampliado no decorrer do evento, englobando os conceitos de marketing e pesquisa em marketing. Enfim, conforme relatado por Mueller, foram ainda discutidos assuntos relevantes como: treinamento de usuários e “usuários como *praticamente todo mundo*”, comunicação e o papel da informação nas escolas primárias e secundárias.

A respeito destas três disciplinas inicialmente indicadas pela UNESCO, administração, tecnologia e estudos de usuários, Couture, Martineau e Ducharme (1999, p. 25) observaram que foram somados, nos anos seguintes, outros assuntos suplementares como: conservação, preservação, análise documentária e métodos de pesquisa e de exploração da informação. Todavia, os mesmos autores enfatizam que apesar dos esforços em prol do conceito de harmonização das três áreas, eles foram pouco aplicados e o

balanço dos organismos iniciadores representou mais publicações do que ações concretas. Todavia, ao comentar sobre esta observação de Couture, Martineau e Ducharme (1999, p. 25), Gak (2004, p. 17-18) alertou que:

[Este movimento de harmonização] Ao menos lançou a necessidade de transversalizar uma formação arquivística inspirada nas recentes edições dos direitos de cidadania e das garantias constitucionais de acesso à informação. Esse fenômeno, influenciando teóricos da área, pode ser identificado por acontecimentos de ampla repercussão, tais como explosão documental, multiplicação assombrosa dos suportes informacionais, expansão da clientela, todos eles nitidamente associados, em muitos contextos históricos-sociais, à ampliação da consciência da cidadania, sobretudo quanto à necessidade de fazer valer o direito à informação, nesta era de emergência de inovação tecnológica que vem imprimindo complexidade à gestão documental e à transformação dos modos de comunicação. Sob o advento do capitalismo global e, conseqüentemente da democratização do conhecimento e da informação reina a visão falaciosa de que todos têm acesso ilimitado ao que se produz intelectualmente e é preservado em termos arquivísticos.

No Brasil, conforme destaca Matos e Cunha (2003), os reflexos das iniciativas promovidas pela UNESCO somados às transformações das dimensões tecnológica e sociais do universo informacional, foram responsáveis pelo início de um processo de mudanças nas denominações das escolas/departamentos que abrigavam programas de formação nas três áreas, além da ampliação da oferta dos referidos cursos.

Cabe aqui, abrir um parêntese em relação a um trabalho elaborado para a Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), em 1995, o qual tinha como objetivo encontrar um caminho interdisciplinar através da proposta de um núcleo teórico e prático de disciplinas comuns aos cursos de Arquivologia, Biblioteconomia e Museologia da universidade em questão. Este trabalho foi coordenado pela Prof.^a Lena Vânia Ribeiro Pinheiro, professora e pesquisadora da área de Ciência da Informação. De acordo com o relatório da coordenadora do trabalho (1998b, p.2-3), a proposta era:

[...] principalmente, o exercício e o aprendizado interdisciplinar de pensar e fazer Ciência da Informação, há mais de 20 anos, no convívio com professores, pesquisadores, especialistas e alunos de Ciência da Informação, oriundos das mais diversas áreas: Comunicação, Filosofia, História, Ciências Sociais, Biblioteconomia, Ciência da Computação, Museologia, Arquivologia e Economia, entre outros campos do conhecimento. [...] A proposta de um núcleo interdisciplinar comum à Biblioteconomia, Museologia e Arquivologia fundamenta-se no

reconhecimento de que as três áreas têm como objeto de estudo a informação [...]

Na ocasião foram propostas 07 (sete) disciplinas para a formação do referido Núcleo teórico e prático comum, a saber (QUADRO 22):

QUADRO 22
Disciplinas propostas para o Núcleo teórico e prático comum aos cursos de Biblioteconomia, Museologia e Arquivologia da UNIRIO

Disciplina	Conteúdo
Ciência, Tecnologia e Cultura	"Peculiaridades da Ciência e da Tecnologia, deslocando suas diferenças histórica, cognitiva e social. Instituições de ensino superior como produtoras de Ciência, Tecnologia e Arte em suas relações com os setores produtivo e social: processo de desenvolvimento científico e tecnológico; de industrialização e de politização da sociedade brasileira. Novos paradigmas. Cultura e História da cultura. Memória social."
Iniciação à Pesquisa em Biblioteconomia, Museologia e Arquivologia	"Biblioteconomia, Museologia e Arquivologia, seus fundamentos e suas tendências no exterior e no Brasil. Ensino das três áreas, no Brasil, situação atual e sua problemática. A literatura brasileira e estrangeira das áreas. Geração do conhecimento na ciência e nas ciências sociais: os paradigmas mecanicistas e ambiental na produção científica moderna. Métodos de pesquisa, questões fundamentais para seu desenvolvimento: técnicas de coleta, análise de dados aplicados a situação típicas de documentação/informação em bibliotecas, arquivos e museus."
Políticas em Ciência, Tecnologia, Cultura e Informação	"Políticas de Ciência e Tecnologia: A criação do CNPq. PND – Plano Nacional de Desenvolvimento, PBDCT – Plano Básico de Desenvolvimento Científico e Tecnológico. PADCT – Programa de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico. Ministério da Ciência e Tecnologia. Políticas Culturais: SPHAN/IPHAN, Conselho Nacional de Cultura. Ministério da Cultura. Fundação Nacional Pró-Memória. Presença da UNESCO e sua influência nas atividades de informação na América Latina, particularmente, no Brasil: UNISIT, MNATIS E PGI – Programa Geral de Informação. ICOM – Conselho Internacional de Museus. SNICT. IBICT. Ação programa em ICT. PNB. Sistema Nacional de Arquivo – SINAR. Programa Nacional de Museus, Sistemas Nacional de Museus. Programas atuais e as perspectivas do Mercosul."
Comunicação e Transferência da Informação	"Conceito de sistema. Teoria geral de sistema (Bertalanffy). Teoria da Informação (Shannon e Weaver). Informação: conceito e contextos. O ciclo da comunicação/informação na ciência, tecnologia e cultura. Produtores/geradores/criadores e consumidores de informação: cientistas, tecnólogos e artistas. Aspectos psicológicos, cognitivos, sociais, políticos e culturais do processo de transferência da informação e suas barreiras. Padrões e canais de comunicação (informal/oral, semiformal e formal/imprensa, eletrônica e virtual). Estudos de usuários/visitantes de bibliotecas/centros de informação, arquivos e museus."
Tecnologia de informação e processos de Automação	"A sociedade de informação e o processo de automação em museus, bibliotecas e arquivos: impacto e novas estruturas. Redes e sistemas de informação e suas principais características. Importância de normas e padrões. Formatos de registro e intercâmbio de dados, protocolos de comunicação. Tendência brasileira no uso de hardware e software em atividades de informação. MicroIsis. Principais bancos/bases de dados produzidos,

	internados e acessadas: ORBIT, DIALOG e QUESTEL. Tecnologia de informação: hipermídia, multimídia, CD-ROM. Rede de comunicação: Internet e redes latino-americanas e de países do Mercosul. Bibliotecas, museus e arquivos digitais e virtuais. O Dublin core para Web, da OCLC.”
Representação e Análise da Informação	“Teoria e prática de registro, catalogação, classificação e indexação nas três áreas: convergências e divergências técnicas e terminológicas, códigos, esquemas de classificação/catalogação e instrumentos de indexação adotados em bibliotecas, arquivos e museus. Formatos. Catálogos. Desenvolvimento e compatibilidade. Sistemas automatizados corporativos de catalogação. Dublin core para Web, da OCLC. Linguagens de indexação pré e pós-coordenadas: técnicas de indexação. Vocabulário controlado e tesouros. Indexação automática. Produtos de informação: bibliografias, índices, resumos, guias de fontes, catálogos: estrutura e conteúdo.”
Produção de Bases de Dados e Recuperação da Informação	“Conceitos básicos de processamento de dados e teleprocessamento, aplicados à automação de bibliotecas, arquivos e museus. Produção de bancos e bases de dados bibliográfico, cadastrais e factuais e seus respectivos campos, subsistemas e rotinas: seleção, coleta, organização, processamento e recuperação de informação. Subsistemas de recuperação de informação: negociação, estratégia de busca, recuperação, disseminação e avaliação da informação. Serviços e produtos de informação a partir de bases de dados. BR - Busca Retrospectiva e DSI - Disseminação Seletiva da informação. Bibliografias, catálogos, guias, etc. Projeto piloto de uma base de dados. Definição de software, campos, formulário de entrada e saída.”

Fonte: PINHEIRO, 1998b, p. 22-25.

Para viabilização do núcleo de disciplinas Pinheiro (1998b, p. 26) observou, dentre outros pontos, que “o domínio dos conteúdos curriculares propostos pressupõe o conhecimento de Ciência da informação e aquelas disciplinas que a compõem têm relação direta e mais forte com o núcleo comum.”

Enfim, antes de finalizar essa revisão de literatura a respeito dos limites e fronteiras da Arquivologia e da Ciência da Informação, faz-se importante, destacar algumas questões levantadas recentemente pelo Prof. Dr. José Maria Jardim, na primeira Sessão Plenária do III Congresso Nacional de Arquivologia (III CNA), quando palestrou sobre as *Dimensões interdisciplinares da Arquivologia*. Na ocasião, Jardim (2008) apresentou algumas inquietações:

Por que nós temos discutido tanto as relações interdisciplinares da Arquivologia com outros campos nos últimos anos, especialmente no caso brasileiro, com a Ciência da Informação? Esse debate, muito freqüente no Brasil, é reflexo de uma tendência internacional? Em outros países de forte tradição arquivística esse debate é tão evidente? Essas correlações que são tão debatidas no campo da Ciência da Informação são debatidas na Administração, na História, na Ciência da Computação (áreas que de imediato vem à tona como campos com os quais nós

desenvolvemos relações interdisciplinares)? Essas questões, evidentemente, exigem investigações sistemáticas. É uma agenda de pesquisa que eu acredito ser interessante, até porque a literatura em Arquivologia e desses outros campos que eu mencionei parecem não dar conta, no momento, dessas questões.

Após apresentar estas questões e tecer algumas considerações sobre disciplinaridade, interdisciplinaridade, Jardim apontou algumas hipóteses e equívocos (mitos) a respeito das relações entre a Arquivologia e a Ciência da Informação.

No que se refere às hipóteses, Jardim (2008) observou que as novas formas de produção e uso da informação arquivística, ao produzirem novas questões em torno dos seus aspectos teóricos e práticos, trouxeram para o cenário arquivístico discussões que exigem do arquivista “não apenas a teoria arquivística, não apenas os conhecimentos da História, do Direito e da Administração, mas também das tecnologias da informação, da Comunicação, da Sociologia, da Antropologia, da **Ciência da Informação**.” (grifo nosso) Ou seja, um quadro histórico com novas demandas e novos planos de atuação do arquivista, onde não somente os arcabouços teórico, metodológico e técnico da Arquivologia são acionados, mas também, em graus variados, os arcabouços da Administração, da História, do Direito, da Sociologia, da Antropologia, da **Ciência da Informação**, da Ciência da Computação e outros campos de conhecimento. Neste sentido, conforme explicou Jardim (2008) nós poderíamos afirmar, “como uma hipótese bastante razoável, que a perspectiva interdisciplinar na área da Arquivologia, alcança graus de consolidação bastante nítidos.”

Em relação aos equívocos ou mitos, Jardim (2008) observou que um deles é “a perspectiva, pelo menos em alguns entendimentos, que a Arquivologia é uma modalidade pragmática ou universo de aplicação da Ciência da Informação.” De acordo com este autor, tal perspectiva, ao reduzir a Arquivologia enquanto um campo de aplicação da Ciência da Informação, desconsidera os dispositivos teóricos e o percurso histórico da Arquivologia.

Ainda que os dispositivos teóricos da Ciência da Informação possam e devam ser aplicados num universo empírico arquivístico, isso não equivale necessariamente a uma relação de subordinação entre Arquivologia e Ciência da Informação. Existe uma concepção que ganha espaço no Brasil, neste sentido, de alguma forma no campo arquivístico e em função da necessidade de institucionalização da Ciência da Informação, isso ganha espaço no campo da Ciência da Informação. E isso a meu ver é um equívoco. A idéia, por exemplo, de que a Arquivologia, junto com a Biblioteconomia e a Museologia constituem-

se na base da Ciência da Informação. Ao menos em relação à Arquivologia, basta analisar a história da área e também da Ciência da Informação para verificar que essa afirmação é inconsistente. (JARDIM, 2008)

Todavia, conforme afirma o autor em questão, as discussões em prol da autonomia da Arquivologia não impedem o reconhecimento de zonas de convergência, bem como de uma agenda de interesses comuns de investigação com a Ciência da Informação, uma vez que autonomia e relações interdisciplinares não são excludentes.

Outro equívoco levantado por Jardim (2008) é quanto ao discurso de que a Arquivologia e a Biblioteconomia mantêm estreitas relações, no Brasil, porque são cursos oferecidos por Departamentos de Ciência da Informação. Conforme explica o mesmo autor:

[...] o convívio de profissionais desses campos num mesmo recorte institucional como um Departamento de Ciência da Informação pode propiciar um ambiente favorável a relações entre as duas disciplinas, mas isso não é, por si só, um condicionante. Porque não se tem interdisciplinaridade apenas pelo fato de um Departamento de Ensino ter arquivistas e bibliotecários trabalhando lado a lado. Isso é uma caricatura de interdisciplinaridade. O fundamental são as interlocuções na pesquisa, no ensino, no reconhecimento das singularidades e especificidades nos diálogos entre esses campos.

Outro mito identificado por Jardim (2008) trata-se “de uma falsa visão, que começa a acontecer no Brasil, de que a Arquivologia é uma área da Ciência da Informação” e está relacionado ao fato de que temos hoje, no Brasil, um número considerável de dissertações e teses produzidas nos programas de pós-graduação em Ciência da Informação, com temáticas voltadas ou relacionadas à Arquivologia. Segundo este autor, tal fato se deve à ausência de um programa de pós-graduação *stricto sensu* em Arquivologia no Brasil, o que levou a uma procura, por parte dos arquivistas, a programas de pós-graduação em Ciência da Informação, assim como em outras áreas. Neste caso, enquanto não se tem um programa de pós-graduação *stricto sensu* em Arquivologia, a pesquisa nessa área, no Brasil, produz estatísticas principalmente a favor da Ciência da Informação, uma vez que essas teses e dissertações são listadas nas agências de fomento em ciência e tecnologia como produção dessas áreas, principalmente da Ciência da Informação e não da Arquivologia. Sendo assim, conforme relata Jardim (2008):

Isso acaba reiterando uma falsa visão, que começa a acontecer no Brasil, de que a Arquivologia é uma área da Ciência da Informação. [...] No momento, para se ter uma idéia, a Arquivologia no quadro das áreas de conhecimento do CNPq [...] está dentro da área de Ciências Sociais Aplicadas e dentro da área de Ciência da Informação.

Sobre a representação e classificação das áreas do conhecimento (Tabelas de Áreas do Conhecimento – TAC) no âmbito das principais agências de fomento em ciência e tecnologia no Brasil (CNPq e CAPES), conforme explica Souza (2008, p. 113), passou por três versões ao longo dos anos.

A primeira versão da classificação data de 1976 e a segunda versão de 1982. A versão de 1984 é a que está em vigor até hoje tanto no CNPq como na CAPES. Nas últimas décadas foram várias as iniciativas de atualização ou mudança da TAC no CNPq e na CAPES, mas até o momento permanece em vigor a versão de 1984. (SOUZA, 2008, p. 113)

Souza (2008, p. 114) relata que na versão de 1976 da TAC brasileira a Ciência da Informação não era considerada como área e sim como uma das subáreas da área de Comunicação. Nesta versão de 1976, a Biblioteconomia e a Arquivologia eram consideradas como especialidades da Subárea Ciência da Informação, sendo que a Arquivologia era considerada na especialidade “Outras”.

QUADRO 23

Tabela de Áreas do Conhecimento de 1976 / Área

Área:	Comunicação
Subáreas:	Ciência da informação Comunicação Radiotelevisiva Jornalismo Teoria da Comunicação

Fonte: SOUZA, 2008, p. 114.

QUADRO 24

Tabela de Áreas do Conhecimento de 1976 / Subárea

Subárea:	Ciência da Informação
Especialidades:	Sistema de Informação Biblioteconomia e Documentação Outras (Especificar)

Fonte: SOUZA, 2008, p. 114.

Na versão de 1982 da TAC brasileira, a Ciência da Informação juntamente com a Arquivologia e a Biblioteconomia eram consideradas como uma área do conhecimento pertencente à grande área denominada Ciências Humanas, Sociais e Artes.

QUADRO 25

Tabela de Áreas do Conhecimento de 1982

Grande Área:	Ciências Humanas, Sociais e Artes
Área	Ciência da Informação, Biblioteconomia e Arquivologia
Subárea	Teoria da Informação
Especialidades	Teoria Geral da Informação Processos da Comunicação Teoria da Classificação Representação da informação Métodos Quantitativos. Bibliometria
Subárea	Tratamento da Informação
Especialidades	Técnicas de recuperação da informação Processos de disseminação da informação Organização de arquivos

Fonte: SOUZA, 2008, p. 115.

Na versão em vigor desde 1984, a Ciência da Informação é considerada como uma das 13 áreas do conhecimento pertencente à grande área denominada Ciências Sociais Aplicadas; e a Arquivologia e a Biblioteconomia são consideradas como subáreas da Ciência da Informação.

QUADRO 26

Tabela de Áreas do Conhecimento de 1984

Grande Área:	Ciências Sociais Aplicadas
Área	Ciência da Informação
Subárea	Teoria da Informação
Especialidades	Teoria Geral da Informação Processos da Comunicação Representação da Informação
Subárea	Biblioteconomia
Especialidades	Teoria da Classificação Métodos Quantitativos. Bibliometria Técnicas de Recuperação da Informação Processos de Disseminação da Informação
Subárea	Arquivologia
Especialidades	Organização de arquivos

Fonte: SOUZA, 2008, p. 118.

Recentemente, em 2005, por ocasião da revisão da TAC, a Arquivologia apresentou junto ao CNPq uma proposta de criação de uma área de conhecimento

autônoma composta por quatro subáreas: Fundamentos de Arquivologia, Gestão Arquivística, Métodos Arquivísticos e Arquivologia Especializada. Quanto à Biblioteconomia, Souza (2008, p. 121) comenta que a Comissão do CNPq propôs a criação de uma área em separado da Ciência da Informação.

QUADRO 27

Tabela de Áreas do Conhecimento proposta em 2005

Grande Área:	Ciências Socialmente Aplicáveis
Área:	Ciência da Informação
Subáreas:	Fundamentos da Ciência da Informação Gestão da Informação Tecnologias da Informação Informação Especializada
Área:	Biblioteconomia
Subáreas:	Fundamentos da Biblioteconomia Gestão de Sistemas, Unidades e Recursos de Informação Técnicas de Tratamento Documental Documentação Especializada
Área:	Arquivologia
Subáreas:	Fundamentos da Arquivologia Gestão Arquivística Técnicas Arquivísticas Arquivologia Especializada

Fonte: Elaborado a partir de informações disponibilizadas pelo CNPq⁹.

Neste caso, de acordo com esta proposta em estudo, a Arquivologia, a Biblioteconomia e a Ciência da Informação seriam consideradas como áreas de conhecimento autônomas, sendo que as três áreas pertenceriam à grande área denominada Ciências Socialmente Aplicáveis.

⁹ Disponível em: <<http://www.memoria.cnpq.br/areas/cee/proposta.htm#preli>>. Acesso em: 10 jan. 2009.

5 OS CURSOS E OS DOCENTES DE ARQUIVOLOGIA NO BRASIL

Até a década de 60, a Arquivologia no Brasil praticamente não existia. Os arquivos brasileiros funcionavam como simples depósitos. O tratamento dado aos arquivos era totalmente empírico; sem nenhum controle e sem nenhuma metodologia. Este empirismo encontrava-se inclusive no Arquivo Nacional. Em 1958, ao assumir a direção do Arquivo Nacional, José Honório Rodrigues deparou-se com uma situação de desorganização e abandono. O próprio José Honório relatou¹ tal situação em outubro de 1959, denunciando todos os problemas encontrados naquela instituição. Em seu relatório, ao falar dos recursos humanos disponíveis no Arquivo Nacional, José Honório identificou que estes também eram escassos e deficientes, sendo necessária uma ampliação do quadro e a conquista de melhorias para a carreira de arquivistas e arquivistas-axiliares. Nesta perspectiva defendeu o estabelecimento de cursos de formação de arquivistas no âmbito do Arquivo Nacional, os quais vieram a se concretizar em 1959.

Com José Honório Rodrigues [...] o Arquivo Nacional voltou a se preocupar com a formação de pessoal. A reforma regimental de 1958 deu-lhe condições para instalar cursos de formação de auxiliares e de aperfeiçoamento de arquivistas [...] Portanto, foi a partir de 1959 que os cursos no Arquivo Nacional passaram a ser regulares. (MONTEIRO, 1988, p. 81)

O primeiro Curso de Arquivos daquela instituição concretizou-se entre abril e julho de 1959, com uma média de 70 alunos. O programa compreendia “noções técnicas de arquivo, história do Brasil e disciplinas auxiliares, afora documentação moderna (discos, filmes etc.) e microfilme.” Um segundo curso foi realizado no mesmo ano, em agosto, com o apoio das Embaixadas Francesa e Norte Americana, que enviaram dois professores de seus respectivos países, oferecendo aos seus discentes a oportunidade de conhecer a experiência e a técnica européia e norte-americana. (RODRIGUES, 1959, p. 53)

A arquivologia, no Brasil, no período em que José Honório Rodrigues foi Diretor do Arquivo [sic] Nacional, caminhou a passos largos. Traduziu-se e publicou-se, nessa ocasião, o que há de melhor em literatura Universal sobre esse assunto. **Criou-se curso.** Henri Boullier de Branche, diretor

¹ RODRIGUES, J. H. *A situação do Arquivo Nacional*. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional; Ministério da Justiça e Negócios Interiores, 1959.

dos Arquivos de Sarthe (Le Mans – França) veio ao Brasil, colaborou com o curso (CASTRO, 1973, p. 2-3, grifo nosso).

Devido a um acordo cultural franco-brasileiro e o apoio do DASP e da Embaixada Francesa no Brasil, Henri Boullier de Branche, arquivista francês, na época Diretor dos Arquivos de Sarthe (Le Mans), esteve no Brasil em 1960 a convite de José Honório Rodrigues, que tinha a intenção de receber ajuda quanto ao planejamento da reforma do Arquivo Nacional Brasileiro. A respeito dos recursos humanos, Henri Boullier de Branche de forma bastante otimista, caracterizou a equipe do Arquivo Nacional como jovem, dinâmica e incentivada pelo impulso do diretor, dotada de excelentes perspectivas, mas em fase de formação. Acrescentou que no Arquivo Nacional havia uma carência de pessoal qualificado e especializado nos problemas arquivísticos. Para ele, existia uma carência quanto à “formação geral de base nas **ciências anexas e conhecimentos indispensáveis**² ao trabalho do arquivista”. (BRANCHE, 1975, p. 5, grifo nosso)

Diante destes fatos, Henri Boullier de Branche indicou que seria necessário criar uma escola de Arquivologia ou uma série de cursos permanentes de arquivos, no âmbito do Arquivo Nacional. Para ele, ainda que a instituição em questão já houvesse realizado anteriormente cursos destinados à formação no intuito de complementar a formação de seus funcionários, esta seria a solução ideal para que o Brasil pudesse recrutar regularmente profissionais qualificados aos serviços arquivísticos.

Aos que terminarem com êxito esta escola ou estes cursos, deverá ser conferido um diploma, sem o qual nenhum funcionário poderá ocupar um posto de arquivista [...] A formação recente dada aos jovens arquivistas brasileiros deverá ainda ser completada, se quiser realmente formar funcionários capazes não apenas de executar corretamente determinado trabalho, mas de assumir responsabilidades e dirigir as diversas atividades dos arquivos [...] A formação já dada deve ser considerada como simples começo. [...] o problema essencial dos arquivos brasileiros é, de fato, assegurar, no futuro, o recrutamento regular de funcionários competentes. O Brasil deve poder, num futuro próximo, assegurar inteiramente a formação de seus arquivistas, numa escola brasileira com professores e arquivistas brasileiros, a par de todas as técnicas modernas e de todos os conhecimentos indispensáveis aos técnicos que devem ser os arquivistas modernos, em condições de assegurar a formação de quadros indispensáveis (BRANCHE, 1975, passim).

² Segundo Boullier de Branche, (1975, p. 5), as ciências anexas e conhecimentos indispensáveis são: história, geografia histórica, história do direito e das instituições brasileiras e portuguesas, organização administrativa do Brasil, bibliografia.

Como se percebe, desde a gestão de José Honório Rodrigues no Arquivo Nacional se sonhava com a instalação efetiva de um curso brasileiro de Arquivologia reconhecido oficialmente pela nação. Sendo assim, de maneira alguma podemos deixar de ressaltar os méritos do Arquivo Nacional no que se refere à sua perseverança em torno do intitulado Curso Permanente de Arquivos, o qual, mais tarde, veio a servir de embrião para a concretização deste sonho; porém, foi com a ajuda da Associação dos Arquivistas Brasileiros (AAB), por iniciativa de seus membros, principalmente Astrea de Moraes e Castro, que os esforços para a formatação e a regulamentação do Curso Superior de Arquivologia no Brasil tiveram êxitos.

Em 1970, Astrea de Moraes e Castro (membro do Conselho Deliberativo da Associação dos Arquivistas Brasileiros - AAB) encaminhou ao Conselho Federal de Educação (CFE) um projeto para a criação do Curso Universitário de Arquivos nas Universidades Brasileiras. Acreditava-se, à época, que o nível universitário traria como consequência a elevação da carreira de arquivista em todo o país, oferecendo a estes profissionais um novo "status", banalizando de uma vez por todas as práticas eruditas e a omissão por parte do governo Brasileiro quanto às causas arquivísticas.

Mais cedo do que se espera, teremos arquivologistas formados no Brasil. As universidades brasileiras já se empenham em organizar currículos e programas. As administrações do governo e empresas particulares esperam ansiosamente por eles, pois, até hoje, não se soube onde guardar documentos, como guardá-los, quando guardá-los e como achá-los. [...] É o Brasil que acorda para o problema arquivístico. [...] O panorama, no momento, é o seguinte: arquivistas de vocação e de ideal se abeberam na literatura traduzida e na língua estrangeira; fazem estágios; visitam arquivos da Europa e dos Estados Unidos. Militam na profissão, nesta profissão quase desconhecida no Brasil. Trabalham com um sem número de dificuldades para preservarem nossa história (CASTRO, 1973, passim).

No projeto encaminhado ao CFE, constava a justificativa para a criação do Curso Superior de Arquivos, a sugestão de um Currículo e os Programas das Disciplinas. No seu projeto, Astrea também sugeria um currículo mínimo³, a saber: Técnica e Ciência dos Arquivos; História do Brasil; Geografia Geral e Cartografia; História do Direito e das Instituições Brasileiras e Portuguesas; Notariado; Organização Administrativa e

³ Astrea de Moraes e Castro contou com a ajuda das professoras Celina Coelho de Jesus, Lourdes Costa e Souza, Maria Luiza Stallard Dannemann e Marilena Leite e Paes para a elaboração do Currículo do Curso Superior de Arquivos.

Constitucional Brasileira; Bibliografia; Genealogia e Heráldica; Paleografia, Diplomática e Sigilografia; Noções de Estatística; Noções de Contabilidade Geral e Pública; Francês e Inglês; Conservação de Documentos; Reprodução de Documentos; e Informática.

Em seu projeto, Astrea argumentava que a Biblioteconomia e a Arquivologia não podiam continuar sendo confundidas no âmbito nacional, como havia acontecido diante dos centros de documentação criados no país, até então. Mencionou a existência de centros de Arquivística em nível superior na França, Espanha, Itália e Inglaterra, lembrando a inexistência destes no Brasil. Para ela, as causas dos problemas encontrados nos arquivos brasileiros quanto à avaliação, ao descarte de documentos e às negligências relacionadas ao potencial cultural em geral dos documentos custodiados nestes arquivos era a inexistência de tais centros em nível superior no Brasil.

Há pessoas ou equipes isoladas que resolvem estudar e se apaixonam pela matéria. Lutam e enfrentam, com estoicismo, incompreensões e desconfianças. Por vezes conseguem, as duras penas, concretizar alguns de seus planos, ou parte deles. [...] 'Os arquivistas brasileiros necessitam do conhecimento das ciências indispensáveis à sua formação: história, geografia, história do direito e das instituições brasileiras e portuguesas, organização administrativa do Brasil, bibliografia arquivística, sigilografia, paleografia, microfilmagem e outras, além da técnica e ciência arquivística' (CASTRO, 1973, *passim*).

Em 07 de março de 1972, através do Parecer n.º 212/72, o projeto de criação do curso superior de Arquivologia foi aprovado, sendo Vicente Sobriño Porto o relator da matéria e Newton Sucupira o Presidente do Conselho Federal de Ensino (CFE). Vicente Sobriño Porto apoiou a idéia da criação do curso ao admitir que tal acontecimento seria de grande proveito para o país e alertou, em seu parecer, que a causa era "digna de maior atenção por parte das autoridades de Ensino", no Brasil. Para ele, os arquivos eram tão importantes quanto as bibliotecas, as quais levaram o país a criar uma carreira de nível superior; sendo assim, sugeriu o mesmo procedimento em relação aos arquivos.

Como no início da década de 1970 foi proibida por lei a existência de cursos de nível superior na Administração direta, de modo que estes deveriam estar constituídos ou agregados às universidades, o então Diretor do Arquivo Nacional, Dr. Raul Lima, conseguiu que o curso já existente no Arquivo Nacional recebesse o seu mandato universitário junto à Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Dessa forma, o curso Permanente de Arquivos do Arquivo Nacional criado em 1960 na gestão de José Honório Rodrigues passou a ser reconhecido pela Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Na Reitoria da Universidade Federal do Rio de Janeiro, UFRJ, no dia 28 de setembro de 1973, foi assinado o termo de acordo regulando o mandato Universitário, concedido pelo Conselho da UFRJ ao Curso Permanente de Arquivo, entre o Magnífico Reitor Prof. Hélio Fraga e o Diretor do Arquivo Nacional, Dr. Raul Lima. [...] Neste convênio, a Universidade Federal do Rio de Janeiro, por meio do Centro de Filosofia e Ciências Sociais, designou o Professor Arno Wehling [...] para acompanhar o Curso Permanente de Arquivos (GAK, 2004, p. 88-89).

Todavia, o currículo mínimo do referido curso só foi aprovado em 1974 através da Resolução n.º 28 de 13 de maio de 1974 do CFE, abrangendo 12 matérias: Introdução ao Estudo da História; Noções de Contabilidade; Noções de Estatística; Arquivo I - V; Documentação; Introdução à Administração; História Administrativa, Econômica e Social do Brasil; Paleografia e Diplomática; Introdução à Comunicação; Notariado; e uma Língua Estrangeira Moderna. O curso oferecia a habilitação geral (bacharelado), mas a resolução do CFE possibilitava a criação de algumas habilitações específicas como: Arquivos Empresariais, Arquivos Escolares, Arquivos Históricos, Arquivos Oficiais, Arquivos Científicos e etc.

Em 1977, o Curso Permanente de Arquivos do Arquivo Nacional foi incorporado à FEFIERJ (Federação das Faculdades Isoladas do Rio de Janeiro), hoje a atual UNIRIO (Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro), quando recebeu a designação de Curso de Arquivologia. Com esta transferência, o referido curso que funcionava nas dependências do Arquivo Nacional desde a década de 1960, passa, oficialmente, a funcionar nas dependências de um espaço universitário.

Cabe aqui destacar que foi também em 1977 que a UFSM (Universidade Federal de Santa Maria) criou seu curso de graduação em Arquivologia (Bacharelado), e, mais tarde, em 1979, a UFF (Universidade Federal Fluminense), em Niterói, também o fez. É também em 1979 que a UNIRIO toma a iniciativa e cria uma licenciatura em Arquivologia, onde o Bacharel em Arquivologia, em um período adicional de um ano e meio, poderia complementar sua grade com as disciplinas da Pedagogia. É importante ainda destacar que a UFF foi a primeira universidade no país a ministrar o primeiro curso de pós-graduação (*lato sensu*) no ensino arquivístico: Curso de Aperfeiçoamento Técnico e Didático em Arquivologia, que era coordenado pelo professor José Pedro Pinto Esposel e contou com a colaboração da professora Clarice Muhlethaler de Souza Farias. Além disso, entre 1984 e 1987, a universidade em questão, também ofereceu dois Cursos de Especialização (*lato sensu*) tendo como foco a Arquivologia, o Curso de Especialização

(*lato-sensu*) Planejamento, Organização e Direção de Arquivos Correntes. Estes cursos também foram coordenados pelo professor José Pedro Esposel, porém com a colaboração da professora Rosa Inês de Novais Cordeiro. Recentemente, através de um convênio entre a UFF e o Arquivo Nacional, o Curso de Especialização (*lato-sensu*) Planejamento, Organização e Direção de Arquivos voltou a ser oferecido nas dependências do Arquivo Nacional.

Atualmente os cursos de Bacharelado em Arquivologia no Brasil são oferecidos nas seguintes universidades: Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), criado em 1973; Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), criado em 1977; Universidade Federal Fluminense (UFF), criado em 1979; Universidade de Brasília (UnB), criado em 1991; Universidade Federal da Bahia (UFBA), criado em 1997; Universidade Estadual de Londrina (UEL), criado em 1998; Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), criado em 1999; Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), criado em 2000; Universidade Estadual Paulista (UNESP – Marília), criado 2003; e Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), criado em 2006. A partir de 2009, está previsto o início de novos cursos de Arquivologia no Brasil, sendo que um deles será na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).

Em relação aos cursos de Arquivologia existentes no Brasil e seus respectivos docentes, alguns dados e informações levantados por Britto (1999b), Gak (2004) e Marques (2007) são bastante significativos. Na sua tese de doutorado sobre os “Rumos da Educação em Arquivística no Brasil”, Gak (2004) identificou as tendências do ensino em arquivística no país em 08 (oito) cursos de bacharelado: UNIRIO, UFSM, UFF, UnB, UEL, UFBA, UFES E UFRGS. Na ocasião, Gak constatou que existia um certo direcionamento dos currículos de Arquivologia para novas áreas do conhecimento, tendo em vista a evolução científico-tecnológica e as movimentações multiculturais, as quais estariam ocasionando mudanças de abordagens, deslocamento do enfoque, novas necessidades e novos interesses para a área. Foi constatado ainda que em virtude de uma consciência de cidadania mais ativa e mais sintonizada com as novas expectativas contemporâneas como a complexidade do mercado, os ideais de democratização do conhecimento, as conquistas constitucionais de direito e garantias de acesso à informação e as conquistas no exercício dos direitos individuais e coletivos relativos à memória social, a Arquivologia estaria construindo diálogos com as Ciências da Informação, com a Informática, com a Antropologia Cultural, com o Direito civil e etc.

Quanto às tendências e perspectivas para os currículos de Arquivologia, após consulta aos dirigentes dos 08 (oito) cursos estudados, Gak (2004, p. 172-173) apresentou as seguintes sínteses: (QUADRO 28 e QUADRO 29)

QUADRO 28
Tendências

UNIRIO	UFSM	UFF	UnB	UEL	UFBA	UFES	UFRGS
Vinculação às novas tecnologias da informação. Adoção de característica da Ciência da Informação	Aprovação de uma reestruturação curricular, com vistas à adequação de conteúdos novos como a área de informática.	Engajamento às novas linhas de pensamento advindas da Ciência da Informação. Ressalta-se a importância da transferência do Programa de Pós-graduação em Ciência da Informação do IBICT para a UFF.	Vinculação à tecnologia da informação e Ciência da Informação.	Vinculação às novas tecnologias da informação.	Formação de gestores de informação arquivística capazes de intervir no conjunto de suportes arquivísticos, cobrindo o ciclo vital dos documentos e capacitados para trabalhar com a transferência da informação de acordo com a missão dos arquivos – jurídico-administrativa e histórico-cultural.	Condições de objetivas de fornecer ao aluno a possibilidade de traçar o seu próprio perfil profissional dentro da universidade, a partir do oferecimento de créditos interdisciplinares e de formação específica.	Associação da técnica com a construção do conhecimento arquivístico, visando a contribuir para a formação de profissionais, que, inseridos dentro de uma sociedade complexa e contraditória, assumam o compromisso com a democratização do acesso à informação.

Fonte: GAK, 2004, p. 172.

QUADRO 29
Perspectivas

UNIRIO	UFSM	UFF	UnB	UEL	UFBA	UFES	UFRGS
Reestruturação profunda de um projeto pedagógico mais direcionado para a função social da Arquivologia	Possibilidade de garantir a interdisciplinaridade.	Reestruturação do curso, visando a uma modernização vinculada à Ciência da Informação.	“Criação de uma faculdade que abrigará cursos de: Arquivologia, Biblioteconomia, Computação e Licenciatura em Informática, na graduação e mestrado e doutorado em Ciência da Informação já existe.”	Formação profissional considerando não só a competência técnico-científica que o mundo do trabalho requer, mas também a capacitação para o exercício da cidadania. Este profissional deverá ter uma postura investigativa e crítica, de modo que possa assumir as mudanças sociais de forma natural.	Formação que contemple um duplo enfoque, conjugando objetivos crítico-acadêmicos com o desenvolvimento de competências técnico-profissionalizantes.	Formação profissional transdisciplinar, visando um novo desenho do perfil do arquivista.	Formação qualificada e cidadã, incluindo-se, entre outras, disciplinas obrigatórias, Sociologia, Filosofia e História, para uma formação social e humanística.

Fonte: GAK, 2004, p. 173.

Diante do exposto, Gak (2004, p. 183 - 184) concluiu no transcurso de sua pesquisa que:

- “[...] existe um anseio, uma tendência ou mesmo uma expectativa para uma nova configuração da área de Arquivologia voltada para as tecnologias da informação”;
- “As poucas alterações sofridas pelos currículos dos cursos de Arquivologia [...] comprovam a tendência da formação arquivística para a assimilação de conteúdos da Ciência da Informação”;
- “[...] com o advento da lei de Diretrizes e Bases da Educação [LDB], em 1996, os cursos começaram a se mobilizar com o objetivo de repensar os seus currículos, frente às novas demandas sociais [...]”;
- “As propostas curriculares dos cursos de Arquivologia nacionais apontam para a necessidade de aprimorar e atualizar a sua base teórica, entendida como objeto específico da Arquivologia [...]” – fundamentação científica e satisfação das demandas do mercado visando responder aos impactos das novas tecnologias da informação; e
- Os cursos começaram a se movimentar diante das conquistas constitucionais, dos direitos e garantias de acesso à informação e da proposta de flexibilização da Lei de Diretrizes e Bases (LDB).

No que diz respeito ao *status* da Arquivologia como domínio disciplinar e como campo sócio profissional, Gak (2004, p. 186-187) constatou que as opiniões, tanto dos dirigentes dos cursos de Arquivologia como de alguns especialistas da área, são divergentes. Existem aqueles que insistem em considerar que a Arquivologia estaria essencialmente confinada à problemática dos arquivos históricos e a gestão de documentos como uma área diferenciada. Existe um segundo grupo composto por aqueles que ao se preocuparem em sintonizar-se com a chamada “era da informação”, distanciam-se cada vez mais dos princípios estruturantes da Arquivologia e a visualizam como um “corpus de doutrinação empírica” ou “somatório de técnicas”, de modo que o objetivo é responder pragmaticamente às demandas informativas de uma sociedade em acelerada transformação. E por último, existe um grupo mais amplo, o qual sustenta um novo posicionamento para a

Arquivologia e reconhece na informação arquivística uma “individualidade peculiar” e um “modelo teórico preciso” onde se defende “a Arquivologia como Ciência da Informação.”

Enfim, pautado na sua pesquisa, Gak (2004, p. 187-188) revela que a educação em Arquivologia “deve direcionar-se para uma ampla formação interdisciplinar que considere, não somente a competência técnico-científica que o mundo do trabalho requer, mas também a competência para o exercício pleno da cidadania” e que a imagem do profissional de Arquivologia estaria se modificando, ainda que muito timidamente.

Na sua dissertação de mestrado, *Os espaços e os diálogos da formação e configuração da Arquivística como disciplina no Brasil*, Marques (2007), buscando visualizar o lócus ou espaço universitário da Arquivologia, apresentou um quadro demonstrativo dos vínculos acadêmico-institucional dos 10 (dez) cursos existentes no país (QUADRO 30).

QUADRO 30
Vínculos acadêmico-institucionais dos Cursos de Arquivologia no Brasil

Universidade	Departamento	Faculdade / Instituto / Centro
UNIRIO	*	Centro de Ciências Humanas e Sociais / Escola de Arquivologia
UFSM	Documentação	Centro de Ciências Sociais e Humanas
UFF	Ciência da Informação**	Instituto de Artes e Comunicação Social
UnB	Ciência da Informação e Documentação	Faculdade de Economia, Administração, Contabilidade e Ciência da Informação e Documentação
UEL	Ciências da Informação	Centro de Educação, Comunicação e Artes e Centro de Ciências Humanas
UFBA	*	Instituto de Ciência da Informação
UFRGS	*	Faculdade de Biblioteconomia e Educação
UFES	Ciências da Informação	Centro de Ciências Jurídicas e Econômicas
UNESP/Marília	Ciência da Informação	Faculdade de Filosofia e Ciências
UEPB	*	Centro de Ciências Biológicas e Sociais Aplicadas.

Fonte: adaptado de MARQUES, 2007, p. 150 (grifo nosso).

* Esses cursos não estão vinculados, estruturalmente, a qualquer departamento. O caso específico da UniRio será melhor detalhado no decorrer do Capítulo 7.4 desta dissertação.

** No quadro apresentado por Marques (2007, p. 150) o curso da UFF encontrava-se sem vinculação departamental, porém sabe-se que atualmente o referido curso está vinculado ao Departamento de Ciência da Informação daquela Universidade.

Como se percebe, em 06 (seis) dos 10 (dez) cursos de Arquivologia, ou seja, 60% (sessenta por cento), o vínculo acadêmico-institucional da Arquivologia está associado à Ciência da Informação / Ciências da Informação. Na ocasião, Marques (2007, p. 148) procurou explicar que parecia evidente que estes vínculos acadêmico-institucionais da Arquivologia, enquanto cursos de graduação poderiam ser decorrentes da caracterização das pesquisas na pós-graduação, ou seja, “os temas, os tipos de abordagem, os métodos, os autores, etc.”

Ainda em relação ao vínculo acadêmico-institucional da Arquivologia associado à Ciência da Informação é importante relatar que Britto (1999b, p. 63-67), ao abordar sobre “*O ensino universitário de Arquivologia no Brasil*”, teceu algumas recomendações a respeito do seu desenvolvimento, com o intuito de determinar alguns parâmetros gerais e estratégicos necessários à elaboração de um plano estrutural, tendo em vista o estabelecimento de uma política do ensino universitário de Arquivologia no país. Naquela ocasião, esta autora, destacou três elementos principais: elementos de ordem estrutural, elementos de ordem regulamentar e elementos de ordem organizacional.

Quanto aos elementos de ordem estrutural, Britto (1999b, p. 63) tinha identificado seis, a saber: vinculação institucional, filosofia do ensino, objetivos do ensino, níveis dos programas, conteúdo e pesquisa. Em relação à vinculação institucional dos cursos de Arquivologia no país, Britto (1999b, p. 63-64) tinha proposto que os programas de ensino universitário de Arquivologia fossem “desenvolvidos no interior das escolas, faculdades ou institutos de Biblioteconomia e Ciências da Informação, ou [...] uma vinculação relativamente direta a eles.” De acordo com esta autora, tal fato, se justificaria por quatro razões:

A primeira é que devemos considerar que há uma sólida corrente neste sentido, mormente nos Estados Unidos e no Canadá. A segunda é que esta parceria atende uma recomendação dirigida à comunidade internacional pela UNESCO. A terceira fundamenta-se no fato de que o objeto de estudo da Biblioteconomia, das Ciências da Informação e da Arquivologia é o mesmo. No entanto, este objeto possui, em cada caso, uma natureza diferente. [...] Finalmente, temos que considerar o movimento arquivístico no Brasil. Como já mencionamos, ao contrário da tradição hispano-portuguesa, onde existe uma quase exclusiva relação com a Biblioteconomia, a vinculação institucional dos programas de ensino universitário de Arquivologia no Brasil foi desenvolvida de forma independente. Existem duas orientações: uma direcionada para uma abordagem mais ampla no universo comunicacional e a outra onde

emerge uma tendência bem nítida de situar a ciência de maneira mais independente (BRITTO, 1999b, p. 64).

Quanto aos elementos de ordem organizacional, Britto (1999b, p. 79-82) tinha identificado a vontade política, recursos humanos, recursos documentais, recursos pedagógicos e os recursos do meio profissional. Com relação aos recursos humanos, na ocasião, Britto (1999b, p. 79-80) fez a seguinte recomendação:

Recomendamos que linhas de pesquisa dirigidas à Arquivística sejam criadas e implantadas no interior dos programas de pós-graduação em Biblioteconomia e Ciências da Informação, à luz do *savoir-faire* de outras experiências profissionais que tenham reconhecimento credenciado na comunidade Arquivística internacional.

A autora em questão (1999b, p. 80) tinha observado que, na ocasião da sua pesquisa, a maioria dos professores era graduada em Arquivologia e que alguns cursavam o mestrado em Biblioteconomia e Ciências da Informação ou em História. Sendo assim, naquele momento, Britto, objetivando o favorecimento da pesquisa em Arquivologia no Brasil e o fortalecimento de uma massa crítica, sugeriu o investimento em uma linha de pesquisa ou concentração em Arquivologia, no interior dos programas de pós-graduação em Biblioteconomia e Ciência da Informação do país.

Prosseguindo com seus levantamentos, em relação à formação e titulação dos docentes de Arquivologia no Brasil, no período compreendido entre 2005 - 2006, Marques (2007, p. 151-153)⁴ constatou que:

- A maioria era graduada em Arquivologia, História e Biblioteconomia, respectivamente;
- A maioria possuía o título de mestrado em Memória Social e Documento, Ciência da Informação, História e Comunicação, respectivamente;
- A maioria possuía título de doutorado em Ciência da Informação, História e Educação, respectivamente; e

⁴ Marques (2007, p. 154) ressaltou que os números relativos à graduação e ao mestrado deveriam ser relativizados, uma vez que a maioria dos questionários respondidos, por ocasião da sua pesquisa, foi dos docentes da UNIRIO, o curso mais antigo do Brasil e tendo em vista que naquela universidade funciona o Mestrado em Memória Social e Documento, desde 1996, o que parece ter propiciado um caminho natural na formação e titulação dos mesmos. Além disso, cinco docentes possuíam mais de uma graduação, justificando uma maior diversidade dos cursos em relação ao número de docentes.

- Apenas um docente possuía pós-doutorado em Ciência da Informação.

QUADRO 31
Áreas de formação e titulação dos docentes dos Cursos de Arquivologia

Graduação		Mestrado		Doutorado	
Administração	1	Administração	1	Arqueologia	1
Arquivologia	17	Antropologia da Arte	1	Biblioteconomia	1
Biblioteconomia	7	Biblioteconomia	3	Ciência da Informação	7
Ciências da Computação/ Processamento de Dados	3	Ciência da Informação	6	Ciências Sociais	1
Ciências Estatísticas	1	Comunicação	5	Comunicação/Ciências da Comunicação	3
Ciências Sociais	1	Comunicação/Informação	1	Documentação	1
Comunicação	2	Educação	2	Educação	4
Direito	3	Engenharia de Produção	1	História	5
Educação	1	História	6	Informática/Ciência da Computação/Processamento de Dados	1
História	15	Informática/Ciência da Computação/Processamento de Dados	3	Total	24
Jornalismo	1	Memória Social e Documento	7		
Sociologia	1	Multimeios	1		
Total	52	Psicologia Social	1		
		Tecnologia da Informação	1		
		Total	39		

Fonte: MARQUES, 2007, p. 151.

Em relação à produção de conhecimento na área arquivística pelos docentes de Arquivologia brasileiros, sem a pretensão de apresentar um universo de análise amplo em qualidades extrínsecas (formas, padrões bibliográficos e sistemas de avaliação) e intrínsecas (análise de conteúdo, produtividade e padrões de autoria) tentou-se apresentar um mapeamento da produção dos respectivos docentes em alguns periódicos especializados (com escopo arquivístico) de âmbito nacional. O objetivo foi apresentar, ainda que parcialmente, alguns dados sobre o grau de participação dos docentes de Arquivologia do Brasil na produção de conhecimento no cenário arquivístico nacional, bem como os assuntos/termos que pudessem “descrever simbolicamente” as linhas temáticas abordadas.

A escolha pelos periódicos especializados, como um elemento indicador da produção de conhecimento pelos docentes de Arquivologia brasileiros, deve-se ao fato de que eles, além de compreenderem um canal de comunicação científica (de transmissão de informação científica) representam uma constante busca e aquisição de novos conhecimentos, bem como um debate público e coletivo de questões cientificamente relevantes e pertinentes. Sendo esses periódicos resultantes de empreendimentos editoriais referentes à Arquivologia teríamos também indicações acerca da busca de autonomia e de construção de uma identidade científica do campo arquivístico.

Sendo assim, diante da proposta, foram selecionados três periódicos, a saber: Arquivo & Administração (publicação editada pela Associação dos Arquivistas Brasileiros desde 1972), Cenário Arquivístico (publicação editada pela Associação Brasileira de Arquivologia, entre 2002 e 2004) e Arquivística.net (periódico eletrônico publicado desde 2005).

No período compreendido entre 1998 e 2008⁵, os três periódicos publicaram juntos 104 artigos⁶, sendo que 33 são de autoria e/ou co-autoria de docentes dos Cursos de Arquivologia das universidades brasileiras (QUADRO 32), ou seja, uma participação significativa na produção de conhecimento arquivístico nacional.

QUADRO 32
Levantamento da Produção bibliográfica dos docentes dos Cursos de Arquivologia do Brasil (1998-2008)

Periódico (período de publicação)	Número de artigos publicados	Total de artigos publicados por docentes	
		Quantidade	Porcentagem
Arquivo & Administração (1998-2008)	45	15	33,33%
Cenário Arquivístico (2002-2004)	28	12	42,86%
Arquivística.net (2005-2007)	31	06	19,35%
Total de artigos publicados (1998-2008)	104	33	31,73%

Fonte: Dados da pesquisa.

Após uma análise das autorias e co-autorias dos 33 artigos publicados pelos docentes dos Cursos de Arquivologia brasileiros foi possível observar que:

- 1 - 24 docentes foram autores e/ou co-autores de artigos nos periódicos em questão (QUADRO 33), ou seja, uma parcela pouco expressiva, haja vista o número de Cursos de Arquivologia no país atualmente (dez).
- 2 - 15 docentes (62,50%) publicaram apenas um artigo (FIGURA 5), nos referidos periódicos, ou seja, uma frequência de produção de conhecimento considerada baixa, haja vista o período considerado (10 anos).

⁵ Levantamento realizado em 11 de fevereiro de 2009, sendo que, na ocasião, a última edição publicada pelo periódico Arquivística.net referia-se ao volume 3, número 2, de 2007.

⁶ Para o processo de análise em questão só foram consideradas as sessões “Artigos”, ou seja, não foram consideradas as sessões denominadas “Ponto de vista”, “Ensaio”, “Entrevista”, “Editorial”, “Relato de experiência”, “Comunicação”, “Debate”, “Primeiros Escritos” e “Recensão”.

- 3 - Dentre os docentes que publicaram mais de um artigo nos periódicos em questão, três (33,33%) são oriundos da Universidade de Brasília (UNB), três (33,33%) são oriundos da Universidade Federal Fluminense (UFF) e três (33,33%) são oriundos da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO) (FIGURA 6), ou seja, tendo em vista que cinco Cursos de Arquivologia brasileiros foram criados antes do período estabelecido para este levantamento (1998-2008) e os outros cinco foram criados durante o período estabelecido, o grau de proporção encontrado não é adequado. Além disso, este quantitativo demonstra que a produção de conhecimento arquivístico por parte dos docentes de Arquivologia no Brasil está concentrada em pouquíssimos docentes de apenas três universidades. Todavia, é importante considerar que dentre os três periódicos analisados dois são oriundos da cidade do Rio de Janeiro e um é oriundo da cidade de Brasília.
- 4 – Dentre os cinco docentes que mais publicaram artigos nos referidos periódicos, dois (40%) são oriundos da Universidade de Brasília (UNB) e três (60%) são oriundos da Universidade Federal Fluminense (UFF) (FIGURA 7), confirmando as afirmativas do item anterior.

QUADRO 33

Docentes dos Cursos de Arquivologia no Brasil que publicaram artigos nos periódicos Arquivo & Administração, Cenário Arquivístico e/ou Arquivistica.net (1998-2008)

Docentes	Quantidade de artigos publicados (autor principal ou como co-autor)	Produtividade (%)
SOUSA, Renato Tarciso Barbosa de	06	25,00%
JARDIM, José Maria	05	20,83%
CAMPOS, Maria Luiza de Almeida	03	12,50%
FONSECA, Maria Odila	03	12,50%
RODRIGUES, Georgete Medleg	03	12,50%
INDOLFO, Ana Celeste	02	8,33%
MARIZ, Anna Carla Almeida	02	8,33%
OLIVEIRA, Eliane Braga de	02	8,33%
SILVA, Sérgio Conde de Albite	02	8,33%
AMARAL, Erenilda Custódio dos S.	01	4,17%
BELLESSE, Julia	01	4,17%
BOTTINO, Mariza	01	4,17%
CALDERON, Wilmara Rodrigues	01	4,17%
CASTANHO, Denise Molon	01	4,17%
CORNELSEN, Julce Mary	01	4,17%
FLORES, Daniel	01	4,17%
GAK, Luiz Cleber	01	4,17%
GARCIA, Olga Maria Correa	01	4,17%
MANINI, Miriam Paula	01	4,17%
MARCONDES, Carlos Henrique	01	4,17%
MATOS, Maria Teresa N. de Britto	01	4,17%
MONTIEL, Rosane	01	4,17%
RICHTER, Eneida Izabel Schirmer	01	4,17%
SOUZA, Kátia Isabelli de B. M. de	01	4,17%

Fonte: Dados da pesquisa.

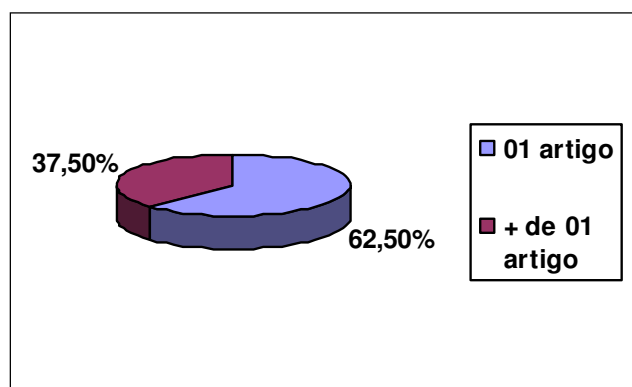


FIGURA 5 – Docentes que publicaram 01 artigo versus docentes que publicaram mais de 01 artigo (1998-2008)

Fonte: Dados da pesquisa.

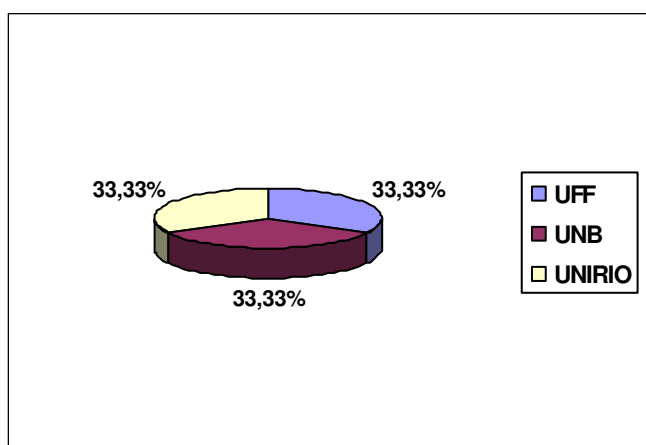


FIGURA 6 – Origem dos docentes que publicaram mais de 01 artigo (1998-2008)

Fonte: Dados da pesquisa.

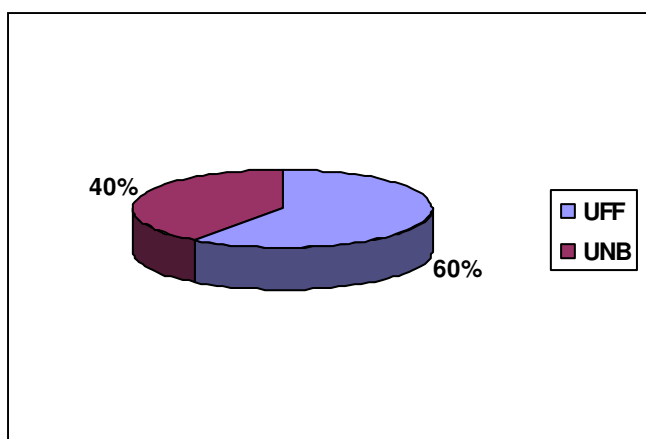


Figura 7 – Origem dos cinco docentes que publicaram mais artigos

Fonte: Dados da pesquisa.

Após selecionar os 31 artigos publicados nas edições dos periódicos *Arquivos & Administração*, *Cenário Arquivístico* e *Arquivística.net* (Apêndice A), através da indexação dos conceitos extraídos dos respectivos títulos e das palavras-chaves (quando houvesse) dos próprios autores, foi possível encontrar um quadro demonstrativo contendo os assuntos/termos que de alguma forma “descrevem simbolicamente” as linhas temáticas abordadas pelos docentes nos respectivos artigos (QUADRO 34).

QUADRO 34
Assuntos/termos indexados nos artigos publicados pelos docentes de Arquivologia nos
periódicos Arquivo & Administração, Cenário Arquivístico e/ou Arquivística.net
(1998-2008)

Assuntos/Termos	Frequência	Assuntos/Termos	Frequência
Arquivologia	10	Exclusão informacional	01
Arquivística	09	Fotografias / imagem	01
Análise documentária	04	Gestão da informação arquivística	01
Brasil	04	Gestão da informação orgânica	01
Classificação de documentos arquivísticos	04	Gestão da qualidade	01
Educação / ensino superior / formação profissional	04	Gestão de arquivos	01
Arquivos	03	Gestão integrada da informação arquivística	01
Curso de Arquivologia / Graduação em Arquivologia	03	Identidade nacional	01
Indexação	03	Índices temáticos	01
Informação	03	Informação arquivística	01
Instituições arquivísticas	03	Informação governamental	01
Perfil do aluno /perfil dos estudantes	03	Instrumentos de pesquisa	01
Arquivista (s)	02	Memória social	01
Arquivos públicos	02	MERCOSUL	01
Conselho Nacional de Arquivos	02	Metodologia de pesquisa	01
Crônica	02	Normas arquivísticas	01
Gestão da informação	02	Pesquisa em arquivística	01
Gestão de documentos	02	Poder Executivo Federal	01
Governo Eletrônico	02	Política pública	01
Metodologia	02	Política pública arquivística	01
Pesquisa	02	Políticas arquivísticas	01
Teoria da classificação	02	Políticas de preservação	01
Análise da representação da informação	01	Ponto de acesso	01
Arquivo Nacional (Brasil)	01	Portal Rede Governo	01
Arquivos universitários	01	Pós-graduação	01
Aspectos históricos	01	Preservação	01
Avaliação de documentos	01	Preservação da informação	01
Cenário arquivístico federal	01	Processo de organização de documentos de arquivo	01
Ciclo vital	01	Produção de conhecimento arquivístico	01
Cidadania	01	Produção do conhecimento	01
Ciência da Informação	01	Qualidade	01
Código de classificação de documentos	01	Reforma curricular	01
Comunicação científica	01	Relações interdisciplinares	01
Cultura	01	Repertório bibliográfico	01
Descrição em arquivos	01	Representação e recuperação de informações	01
Diagnóstico de arquivos	01	Sistemas de informação	01
Diretrizes teóricas e metodológicas	01	Tratamento	01
Documentos eletrônicos	01	Uso social da informação	01
Epistemologia	01		

Fonte: Dados da pesquisa.

Assim, através dos dados supra apresentados, é possível ter uma idéia panorâmica e temática da produção dos docentes dos cursos de Arquivologia no Brasil, nos periódicos com políticas editoriais que priorizam a Arquivologia, no período compreendido entre 1998 e 2008.

6 ESTRATÉGIAS CONCEITUAIS E PROCEDIMENTAIS

Tendo em vista que a hipótese e a problemática deste processo investigativo compreendem a existência de zonas interdisciplinares entre a Arquivologia e a Ciência da Informação, e, conseqüentemente, como estas se manifestariam nas práticas e discursos dos docentes de Arquivologia no Brasil, fez-se também necessário estabelecer algumas estratégias conceituais e procedimentais relativas ao conceito de interdisciplinaridade, bem como sobre a pesquisa social nas Ciências Sociais e sobre o contexto de ação dos sujeitos:

6.1 A INTERDISCIPLINARIDADE

De acordo com Japiassu (2006, p. 19-20) é ilusão acharmos que a interdisciplinaridade é o simples resultado do contato de cientistas de disciplinas diferentes. Ela é muito mais que isso. Para que a interdisciplinaridade aconteça de verdade ela necessita da criação de estruturas de pesquisa adequadas, ela necessita que os sujeitos tenham consciência de suas capacidades de interações, de modo que as suas relações venham a constituir “verdadeiros motores de aproximação e diálogo.” Além disso, tais sujeitos não podem deixar que as suas linguagens e jargões se transformem em um empecilho. Para Japiassu (2006, p. 27), o que autores ilustres como Gusdorf, Palmade, Morin, entre outros “defendem é que interdisciplinaridade precisa ser entendida muito mais como uma *atitude*” (porque não é uma categoria do conhecimento, mas de ação), “devendo resultar, não de uma pura operação de *síntese* (sempre precária e parcial), mas de um trabalho perseverante de sínteses imaginativas bastante corajosas”.

Segundo Japiassu (2006, p. 21-22), “numerosas descobertas aparecem nas fronteiras entre as disciplinas” e, como consequência, “novos conceitos nascem fora das ‘capelas’ ou redomas científicas”, principalmente quando o que se está em jogo são as demandas da Sociedade à Ciência, as quais se apresentam cada vez mais sobre os pilares dos questionamentos multidisciplinares e/ou transdisciplinares. Na concepção desse autor, estes inumeráveis apelos à produção e à legitimação de conhecimentos interdisciplinares que se apresentam são frutos de “uma abordagem mais inteligente das complexidades

percebidas pelas necessidades sociais e pela urgência da ação”. Neste sentido, para que tais abordagens interdisciplinares se tornem efetivas tanto no ensino, como na pesquisa e nas atividades humanas, faz-se necessário que elas se constituam em duas grandes correntes:

a) uma (de inspiração analítica e holista), as transferências metodológicas de uma disciplina a outra: trata-se de uma interdisciplinaridade apenas metodológica, ou seja, de uma corrente de tipo ‘*mult*’; b) a outra corrente, de tipo ‘*trans*’, privilegia a legitimação sociocultural dos conhecimentos que permite produzir, ensinar e praticar na ação: trata-se de uma interdisciplinaridade priorizando a inteligibilidade sistêmica (não a analítica), pois os conhecimentos que permite produzir não têm por objetivo a previsão certa, mas a inteligibilidade empiricamente plausível e culturalmente aceitável (JAPIASSU, 2006, p. 22).

Na análise de Japiassu (2006) é notório, na atualidade, ouvirmos falar de pesquisas *multidisciplinares, interdisciplinares e/ou transdisciplinares*, todavia, estas estão muito mais focadas nos discursos e nas convicções do que nos comportamentos. Japiassu explica que este interesse é oriundo de diversas razões, principalmente em virtude da análise pedagógica ou da redefinição de uma nova política educacional que almeja substituir a política educacional tradicional. Porém, o autor em questão faz o seguinte alerta:

Não basta se cruzar e se encontrar para dialogar e comunicar! É preciso que seja superada a clivagem dos conhecimentos entre as disciplinas demasiado especializadas para que se possam adquirir legitimidade social os conhecimentos que produzem e ensinam. Porque as fronteiras do conhecimento se deslocam sem cessar, dando origem a questões até então insuspeitas. Cada problema resolvido suscita o aparecimento de novos enigmas. Mas os problemas novos são salutares: lançam desafios a uma disciplina e a obrigam a avançar num movimento perpétuo sem o qual não teria futuro (JAPIASSU, 2006, p. 22-23).

Em outra obra, Japiassu (1976, p. 31-32) declara que a interdisciplinaridade não representa a simples troca de dados, ou “empirismo compósito, codificado para fins de ensino”. É preciso que sejam considerados o lugar e ocasião em que ocorrem verdadeiras interações de informações, de críticas, de reflexões, de conceitos, de diretrizes, de metodologia, de epistemologia, de procedimentos, de organização da pesquisa e do ensino entre dois ou mais campos do conhecimento.

Como se percebe, o referido autor (1976, *passim*) reconhece que uma das justificativas para o empreendimento interdisciplinar é capaz de apontar “outros caminhos

que permitem reajustar o ensino universitário das ciências humanas às exigências da sociedade”, bem como propiciar “uma revisão total dos métodos e do espírito desse ensino”; sendo possível apontar as lacunas dos sistemas universitários e das instituições de ensino e pesquisa. Haja vista que:

[...] a interdisciplinaridade está subjacente às dificuldades com que atualmente se debatem as instituições de ensino, com seus procedimentos pedagógicos, bem como aos problemas com que se defrontam os empreendimentos visando ao controle do futuro da sociedade, com seus empreendimentos de planificação (JAPIASSU, 1976, p. 43).

Todavia, o autor em questão (1976, p. 34) observa que, do ponto de vista pedagógico, há uma tendência a realizar apenas certas convergências pluridisciplinares, ou seja, não se realizam convergências interdisciplinares, que exige “uma coordenação bem maior dos esforços e supõe certa integração das pesquisas.” (JAPIASSU, 1976, p. 45).

O que predomina, no entanto, são instituições universitárias que se repartem em compartimentos isolados uns dos outros, onde os diversos domínios do ensino encontram-se estritamente separados, levando os especialistas das ciências humanas, por exemplo, a permanecerem distantes uns dos outros e a alimentarem as *ignorâncias recíprocas*. [...] Evidentemente, os educadores podem mudar suas atitudes e seus métodos sem, no entanto, praticarem o interdisciplinar. Este trabalho não pode ser concebido sem uma modificação profunda dos hábitos pedagógicos. [...] Compreendemos, então, as lentidões das pesquisas interdisciplinares. Porque elas exigem a ultrapassagem das forças de inércia que mantêm as instituições universitárias ancoradas em seu isolamento, apegadas a hábitos adquiridos de uma pedagogia da dissociação. Tudo isso dificulta a instauração de uma *nova inteligência*, de uma inteligência aberta a todas as interações e que comportam outras estruturas mentais (JAPIASSU, 1976, *passim*).

Prosseguindo, o mesmo autor (1976, p. 53-54) explica que a interdisciplinaridade também pode ser considerada como um método que tem como objetivo responder a uma série de demandas: a demanda ligada ao desenvolvimento da ciência, a demanda ligada às reivindicações estudantis contra o saber fragmentado, a demanda por parte daqueles que sentem mais de perto a necessidade de uma formação profissional mais completa, para não serem especialistas de uma só especialidade e a demanda social, que faz com que as universidades proponham novos temas de estudo. Dessa maneira, o projeto interdisciplinar representa “uma modalidade inovadora de adequar as atividades de ensino e de pesquisa às

necessidades sócio-profissionais, bem como de superar o fosso que ainda separa a universidade da sociedade.” (JAPIASSU, 1976, p. 57).

De acordo com os preceitos de Japiassu (1976, p. 89), uma disciplina pode construir com outras disciplinas sete tipos de relações, a saber:

1. **De contiguidade:** quando disciplinas distintas justapõem-se;
2. **De fronteira:** quando há uma zona de recobrimento entre as disciplinas correspondendo a uma fronteira comum;
3. **De amplos recobrimentos:** quando uma corre o risco de perder a sua identidade para a outra;
4. **De dependência:** quando os fenômenos produzidos no interior de uma disciplina determinam os que se produzem no campo da outra;
5. **De interdependência:** quando o que se produz no campo de uma disciplina converte-se em causa do que se produz no campo da outra, e vice-versa;
6. **De transespecificidade:** quando a relação se deve aos conceitos que, em diversos graus, têm funções semelhantes nos interior de disciplinas distintas; e
7. **De transcausalidade:** quando os fenômenos que se produzem no interior de duas disciplinas dependem de uma “causa” que lhes é exterior.

Dando prosseguimento, Japiassu (1976, p. 120-121) procura explicar que no cerne de uma disciplina (campo do conhecimento), frequentemente somos levados a fazer uso de postulados, de conceitos e/ou resultados de pesquisas que dependem das disciplinas vizinhas; e, além disso, é possível que um mesmo objeto seja visto e/ou abordado através de diversos ângulos ou pontos de vista, seja ele concreto ou abstrato. Neste sentido, o trabalho interdisciplinar pode ser entendido através de dois níveis ou enfoques metodológicos fundamentais. O primeiro, “nível da *démarche pluridisciplinar*”, que consiste no estudo de um objeto sob diferentes ângulos, sem que haja necessariamente um acordo prévio quanto aos conceitos ou aos métodos e neste caso, as disciplinas não conduzem uma real integração (de conceitos, de conteúdos, de linguagem e/ou de metodologia); e o segundo, nível da *pesquisa interdisciplinar* propriamente dita, no qual pode-se concretizar uma integração segundo dois estágios – o dos conceitos e dos métodos.

Neste segundo nível, quando a integração metodológica está relacionada apenas aos conceitos, de acordo com o autor em questão, não temos “*contatos* interdisciplinares”, onde a preocupação é essencialmente de ordem propriamente epistemológica. Em contrapartida, quando há uma integração dos métodos, temos uma *pesquisa interdisciplinar* propriamente dita. Diante dessa perspectiva, o autor em questão (1976, p. 83), explica ainda que:

[...] um objeto só pode exigir uma pesquisa interdisciplinar na medida em que seus participantes forem capazes de adotar certa linguagem comum (a primeira implica, pois, a segunda). Por sua vez, uma linguagem só se verificará como efetivamente comum, quando for capaz de medir-se com um objeto também comum (a segunda implica a primeira).

Sendo assim, de acordo com o exposto, na concepção de Japiassu (1976, p. 90) a primeira condição de um empreendimento interdisciplinar é a capacidade de confrontar e de harmonizar vocabulários e línguas, ou seja, uma “interlinguagem”. Neste sentido, o obstáculo inicial que deve ser transposto é o da elaboração de conceitos, os quais são responsáveis por dizer “de quê” se está falando, o “o quê” interessa, “aquilo” que se está fazendo, “como” é realizado, “por quê”, “sobre o quê” e etc., ou seja, um fator que envolve o diálogo, a integração e as permutas recíprocas. Diante deste fato, o referido autor, sublinha que:

No plano teórico, as aproximações entre as disciplinas apresentam perigos que a ambição de uma linguagem comum alimenta mais do que suprime. Todavia, longe de significar confusão, a aproximação deve implicar um confronto dos pontos de vista para que as diversas interpretações possam interpenetrar-se com vistas a uma melhor compreensão do objeto a ser estudado. A distinção dos pontos de vista das disciplinas é fundamental para que a análise se depure e se torne mais precisa.[...] Sem dúvida, o problema não seria resolvido pelo simples emprego de um vocabulário *padrão*. Porque não se trata apenas de formular definições, mas também, e, sobretudo, de ressaltar todas as vicissitudes dos conceitos através da diversidade do espaço epistemológico e segundo a renovação contínua da estruturas mentais (JAPIASSU, 1976, *passim*).

Partindo de outra linha de raciocínio, ao se propor a apresentar uma “*Epistemologia da Interdisciplinaridade*”, Pombo (2003, p. 4) declara que o fato de existir não somente uma palavra, mas quatro palavras disputando o mesmo terreno (*pluridisciplinaridade*, *multidisciplinaridade*, *interdisciplinaridade* e

transdisciplinaridade), trata-se de um fator complicador. De acordo com a autora, o radical comum às quatro palavras, *disciplina*, por si só já representa um grande elemento complicador, tendo em vista que pode ter pelo menos três grandes significados: “disciplina como ramo do saber, [...] disciplina como componente curricular [...] e disciplina como um conjunto de normas ou leis que regulam uma determinada atividade ou comportamento de um determinado grupo”. (POMBO, p. 4) Neste sentido, na concepção desta autora, a etimologia dos prefixos que antecedem ao radical disciplina configura-se na melhor maneira para se estabelecer as diferenças entre pluridisciplinaridade, multidisciplinaridade, interdisciplinaridade e transdisciplinaridade, ao aceitá-los enquanto “grandes horizontes de sentido” e enquanto “uma espécie de *continuum* que é atravessado por alguma coisa que no seu seio, se vai desenvolvendo” (POMBO, p. 4-5). Nesta perspectiva temos a seguinte configuração:

Algo que é dado na sua forma mínima, naquilo que seria a pluri (ou multi) disciplinaridade¹, que supõe o pôr em conjunto, o estabelecer algum tipo de coordenação, uma perspectiva de mero paralelismo de pontos de vista. Algo que, quando se ultrapassa essa dimensão do paralelismo, do pôr em conjunto de forma coordenada, e se avança no sentido de uma combinação, de uma convergência, de uma complementaridade, nos coloca no terreno intermédio da interdisciplinaridade. Finalmente, algo que, quando se aproximasse de um ponto de fusão, de unificação, quando fizesse desaparecer a convergência, nos permitiria passar a uma perspectiva holista e, nessa altura, nos permitiria falar enfim de transdisciplinaridade.

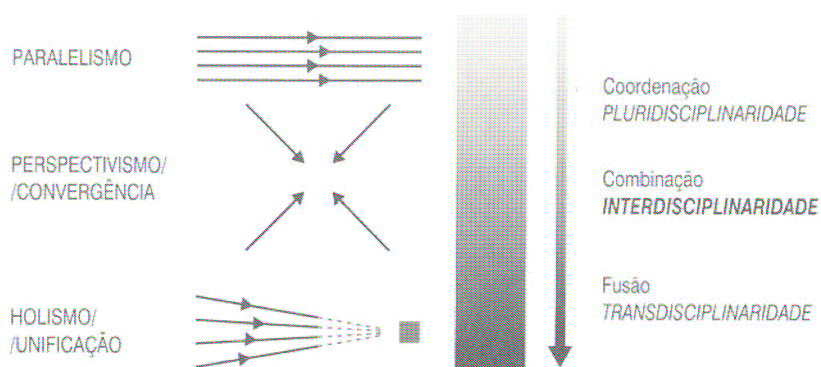


FIGURA 8 - Proposta de Definição

Fonte: POMBO, 2003, p. 6.

¹ Em sua abordagem Pombo (2003, p. 4-5) considera que “do ponto de vista etimológico, não faz sentido distinguir entre *pluri* e *multi*.”

Todavia, na concepção de Pombo, os fatores complicadores em torno do conceito de interdisciplinaridade não se esgotam aqui. No âmbito da sua abordagem, Pombo (2003, p. 1-2) destaca o fato de que não existe nenhuma estabilidade ou consenso quando o que está em jogo é o conceito de interdisciplinaridade. São várias as definições e abordagens, e apesar de não possuir um conceito relativamente estável, a palavra tem uma utilização bastante ampla e pode ser aplicada em diferentes contextos. Diante desta constatação, Pombo (2003, p. 2-3) destaca quatro contextos nos quais são aplicadas a palavra interdisciplinaridade: o *contexto epistemológico*, o *contexto pedagógico*, o *contexto mediático* e o *contexto empresarial e tecnológico*.

No *contexto epistemológico*, a interdisciplinaridade ganha o território das investigações científicas e dos novos modelos de comunicação entre pares, estando assim associada às práticas de transferência de conhecimentos entre as disciplinas e às práticas de comunicação científica. No *contexto pedagógico*, a interdisciplinaridade está relacionada às questões do ensino e às práticas escolares, envolvendo assim as transferências de conhecimentos entre professores e alunos, a aplicação de métodos de trabalho, e a estruturação dos currículos escolares e das estruturas organizativas. Já no *contexto mediático*, “[...] a idéia é sempre a mesma: juntar várias pessoas de diferentes perspectivas e pô-las em conjunto a falar”, ou seja, trata-se da “simples presença física (ou virtual) de várias pessoas em torno de uma mesma questão.” Finalmente, no *contexto empresarial e tecnológico*, a interdisciplinaridade “é usada como processo expedito de gestão e decisão”, ou “para trabalhar na concepção, planificação e produção dos objetos a produzir” (POMBO, 2003, p. 2-3).

Sendo assim, tendo em vista que essa pesquisa buscou verificar existência de zonas interdisciplinares entre a Arquivologia e a Ciência da Informação, e, conseqüentemente, como estas se manifestariam nas práticas e discursos dos docentes de Arquivologia, considerou-se dois destes contextos nos quais pode ser aplicada a interdisciplinaridade: o *contexto epistemológico* e o *pedagógico*.

Prosseguindo com as questões que envolvem o conceito de interdisciplinaridade, encontramos também em Pombo (2003, p. 11-12) quatro frentes que se referem ao trabalho interdisciplinar ao longo da sua historicidade: no nível *discursivo*, no nível de *reordenamento disciplinar*, no nível de *novas práticas de investigação* e no nível do *esforço de teorização* dessas práticas.

No primeiro momento, no nível discursivo, de grande relevância para o desenvolvimento desta pesquisa, acredita-se que os regimes curriculares e as metodologias de trabalhos desenvolvidos no âmbito das universidades e das escolas devem defender as perspectivas interdisciplinares que podem resultar no progresso científico, mesmo que a ciência siga um modelo de especialização, tendo em vista que “há uma heurística que resulta justamente dessa formação disciplinar.” (POMBO, 2003, p. 13) Heurística essa, que na perspectiva de Pombo, comporta três elementos ou níveis:

Em primeiro lugar, a questão da *fecundação recíproca das disciplinas*, da transferência de conceitos, de problemáticas, de métodos com vista a uma leitura mais rica da realidade. [...] [Trata-se] da fecundação recíproca que uma disciplina pode exercer sobre outra, através daquilo que, na consciência do cientista, permanece da sua formação interdisciplinar. [...] Um segundo elemento tem a ver com o fato de, na aproximação interdisciplinar, haver a possibilidade de se atingirem camadas mais profundas da realidade cognoscível. Uma aproximação interdisciplinar não é uma aproximação que deva ser pensada unicamente do lado do sujeito, daquele que faz a ciência. É algo que tem a ver com o próprio objeto de investigação e com a sua complexidade. [...] É este *abismo da complexidade*, da abertura vertiginosa de uma realidade que afinal de contas não é atômica, que constitui o fundamento “material” da interdisciplinaridade. [...] Finalmente, a terceira determinação da poética da interdisciplinaridade diz respeito ao fato de [...] a própria interdisciplinaridade permitir a constituição de *novos objetos do conhecimento*. Há muitos objetos do conhecimento que só podem ser constituídos como tal, justamente numa perspectiva interdisciplinar.

Face ao aparecimento do discurso interdisciplinar temos o aparecimento de um movimento de *reordenação disciplinar* que em consequência das *novas práticas* de produção científica passaram a considerar e explorar as fronteiras dos quadros disciplinares até então constituídos. Trata-se do aparecimento de novos tipos de formações disciplinares: as *ciências de fronteira*, as *interdisciplinas* e as *interciências*. Porém, além desses novos tipos de formações disciplinares, como já foi dito anteriormente, temos as *novas práticas de investigação* que compreendem as novas práticas de cruzamento interdisciplinar.

Dentro dessa frente, Pombo (2003, 16-18) identifica cinco tipos de práticas: *práticas de importação*, *práticas de cruzamento*, *práticas de convergências*, *práticas de descentração* e *práticas de comprometimento*. Dentre estas práticas elencadas por Pombo, as três primeiras foram consideradas relevantes para o entendimento das finalidades desse processo investigativo, a saber:

Práticas de importação – são as práticas desenvolvidas nos limites daquelas disciplinas ditas especializadas, tendo em vista a necessidade de transporem suas fronteiras. Trata-se de uma espécie de importação, por parte dessas disciplinas especializadas, de metodologias, de linguagens e/ou de aparelhagens e etc., que são utilizadas ou que pertencem ao domínio de outras disciplinas.

Práticas de cruzamento - neste caso, não temos uma disciplina que vai buscar elementos nos domínios das outras disciplinas em seu favor, mas que vai compartilhar problemas. Problemas estes, que mesmo tendo origem no domínio de uma determinada disciplina, têm poder e capacidade de interferir e influenciar nos domínios das outras. Essas práticas compõem o quadro daquelas disciplinas que são incapazes de esgotarem por si só os seus próprios problemas de análises, onde se faz necessária uma abertura dessas disciplinas às demais.

Práticas de convergência - neste caso, as disciplinas compartilham de um terreno comum, de áreas comuns e conseqüentemente envolvem convergências de perspectivas.

Enfim, ainda na abordagem de Pombo, temos o nível do *esforço de teorização* dessas práticas, no qual Pombo (2003, 18-20) identifica quatro programas teóricos de fundamentação da interdisciplinaridade: *programa antropológico, programa metodológico, programa ecológico e programa epistemológico*. No programa epistemológico, que concentramos nosso interesse, temos, de acordo com Pombo, duas grandes aproximações:

- a) a *Teoria dos Sistemas* de Bertalanffy, Apostel e Pierre Delattre que visa a constituição de uma nova disciplina cujo objetivo é diretamente a integração das diversas ciências naturais e sociais, uma espécie de teoria geral da organização dos saberes capaz de fazer face ao enclausuramento das disciplinas e às suas dificuldades de comunicação [...]. **A idéia fundamental é fornecer às diversas especialidades instrumentos conceptuais utilizáveis por todas, transferir para umas métodos e modelos já provados noutras, assinalar isomorfismos, identificar princípios unificadores;** b) o *Circulo das Ciências* de Piaget que, **para além da tese [...] que situa a fundamentação da interdisciplinaridade na complexidade do objeto da ciência, faz também depender essa interdisciplinaridade dos mecanismos comuns dos sujeitos cognoscentes** (POMBO, 2003, p. 19, grifo nosso).

Neste sentido, considerando as questões apresentadas por Japiassu (1976 e 2006) e seguindo a “*Epistemologia da interdisciplinaridade*” proposta por Pombo (2003), quando consideramos em nossa pesquisa as relações interdisciplinares entre a Arquivologia e a

Ciência da Informação, estamos considerando que a interdisciplinaridade se fundamenta na complexidade do objeto da ciência e nos mecanismos comuns dos sujeitos cognoscentes (*programa epistemológico*), e, além disso, estamos considerando os *contextos epistemológico e pedagógico*, bem como as *práticas de importação, cruzamento e convergência* de saberes, de instrumentos conceituais, de métodos, de modelos e de princípios de ambas as disciplinas, tendo em vista a *fecundação recíproca* entre elas, os seus respectivos graus de *complexidade* e a *disponibilidade em constituir novos objetos de conhecimento*, pautadas no *perspectivismo*, na *complementaridade*, na *combinação* e na *convergência* de seus pontos de vista, conforme a gráfico apresentado abaixo (QUADRO 35):

QUADRO 35
Epistemologia da Interdisciplinaridade

	<i>Interdisciplinaridade</i>				
<i>Teorização</i>	Programa Epistemológico	Programa Metodológico	Programa Antropológico	Programa Ecológico	
<i>Contexto</i>	Epistemológico	Pedagógico	Mediático	Empresarial e Tecnológico	
<i>Práticas</i>	Importação	Cruzamento	Convergência	Descentração	Comprometimento
<i>Discurso</i>	Fecundação recíproca		Complexidade		Constituição de novos objetos de conhecimento
<i>Valores</i>	Perspectivismo - Convergência - Combinação - Complementaridade				

Fonte: Baseado em Pombo, 2003.

6.2 A PESQUISA SOCIAL E O CONTEXTO DE AÇÃO DOS SUJEITOS

Conforme abordado no capítulo 3.1, p. 29, González de Gomez (2000), ao abordar sobre “*Metodologia de pesquisa no campo da Ciência da Informação*”, explica que:

A Ciência da Informação recebe das Ciências Sociais seu traço identificador, que serve de princípio articulador dessas diversidades, e que corresponde ao que nos estudos metodológicos se denomina como a “dupla hermenêutica”. Seja qual for a construção do objeto da Ciência da Informação, ele deve dar conta do que as diferentes disciplinas,

atividades e atores sociais constroem, significam e reconhecem como informação, numa época em que essa noção ocupa um lugar preferencial em todas as atividades sociais, dado que compõe tanto a definição contemporânea da riqueza quanto na formulação das evidências culturais. **O objeto da Ciência da Informação tem que ser considerado como uma construção de significado de segundo grau a partir das práticas e ações sociais de informação, que constituem seu domínio fenomênico** (grifo nosso).

Pinheiro (2005, p.12) também coloca em pauta alguns destes aspectos, ao resgatar os pensamentos de Brier (1992)²:

Alguns pressupostos norteiam o seu pensamento como, por exemplo, o significado de informação, compreendido somente em um “[...] **contexto sócio-cultural e na perspectiva histórica**” e **considerando a linguagem, porque é o comportamento social humano que determina o conceito de seu significado. Para ele, a Ciência da Informação é interdisciplinar, "incluindo aspectos tanto das Ciências, quanto das humanidades e Ciências Sociais, e é importante ter em mente que o principal ponto é tentar integrar o pensamento científico com as perspectivas sociais e psicológicas, tanto na teoria quanto na prática". O maior problema da "área não é encontrar leis de Informação, mas fazer com que o conhecimento teórico de muitas diferentes áreas de pesquisa interajam com a experiência prática, de forma frutífera e prática, em relação a algumas metas bem definidas"** (grifo nosso)³.

Uma vez detectada esta inserção da Ciência da Informação no âmbito das Ciências Sociais julgou-se importante colocar em pauta algumas questões relacionadas às estratégias de investigação das quais estas fazem uso.

Diante do exposto, encontramos em Habermas (1997) um aporte teórico, tendo em vista que ele se propôs a desenvolver uma estratégia conceitual para as estas ciências, no intuito de tornar plausível sua fecundidade e de circunscrever uma teoria da sociedade pautada na teoria da comunicação. Diante desse desafio, o autor em questão apontou três decisões metateóricas importantes, as quais também julgamos importantes na eleição das nossas estratégias.

² BRIER, S. A philosophy of science perspective- on the idea of a unifying information Science. In: VAKKARI, P.; CRONIN, B. (Ed.). *Conceptions of Library and Information Science: historical, empirical and theoretical perspectives*. In: INTERNATIONAL CONFERENCE FOR THE CELEBRATION OF 20TH ANNIVERSARY OF THE DEPARTMENT OF INFORMATION STUDIES, UNIVERSITY OF TAMPERE, FINLAND. 1991. *Proceedings...* London: Taylor Graham, 1992. p. 97-108.

³ Como se percebe, Brier (1992) também inclui a Ciência da Informação no domínio das Ciências sociais, todavia, dentro de um plexo de relações interdisciplinares com outras grandes áreas do conhecimento.

A primeira decisão apontada por Habermas consiste em “admitir ou resistir ao ‘sentido’ (*meaning*) como conceito fundamental” (1997, p. 19).

Por <<sentido>> entendo paradigmaticamente o significado de uma palavra em uma oração. Parto, pois, de que existe algo assim como intenções puras ou prévias do falante; o sentido tem ou encontra sempre uma expressão simbólica; as intenções, para cobrar clareza, têm que poder adotar sempre uma forma simbólica e poder ser expressas ou manifestadas. Estas manifestações podem ser elementos de uma linguagem natural, ou um derivado lingüístico [...]. A expressão pode ser também extraverbal, isto é, adotar a forma de uma ação ou de uma expressão ligada ao corpo [...], de uma representação artística ou uma representação musical. Contudo, suponho que em um sentido expressado extraverbalmente pode em princípio e aproximadamente reproduzir-se com palavras: <<what ever can be meant can be said>> (HABERMAS, 1997, p. 19-20).

De acordo com Habermas, o sentido enquanto sentido lingüístico (referência ao significado de palavras e orações) necessita de uma versão mais precisa. “Trata-se de uma decisão metateórica” acerca do estatuto da comunicação lingüística, na qual esta última vai ser considerada como constitutiva do “âmbito objectual”. Para ele, a linguagem é constitutiva de um “âmbito objectual”. Habermas explica que quando este âmbito está categorialmente articulado pode apontar elementos estruturados em termos de sentido, enquanto fenômenos que necessitam de explicações. Segundo este autor, “o <<sentido>> cobra o *status* de um conceito sociológico básico se com sua ajuda caracterizarmos a estrutura do âmbito objectual mesmo e não somente este ou aquele elemento dentro desse âmbito objectual (HABERMAS, 1997, p. 21).”

Diante dessa primeira decisão metateórica, Habermas aponta três consequências: (1) comportamento *versus* ação; (2) observação *versus* compreensão do sentido; e (3) convencionalismo *versus* essencialismo.

Na concepção de Habermas (1997, p. 20), o “sentido”, enquanto conceito sociológico básico, só é possível quando podemos distinguir entre ação (*action*) e comportamento (*behavior*). Diante dessa questão, ele explica que “ao descrever um movimento observável como comportamento, o atribuímos a um organismo que reproduz a sua vida adaptando ao seu entorno” e, assim, o compreendemos enquanto um movimento produzido por um organismo que em um sentido muito lato é responsável pelo seu próprio movimento. Porém, Habermas complementa que um organismo animal não se pode fazer responsável pelo seu comportamento, ao passo que um sujeito dotado de linguagem e

conhecimento é responsável pelas suas ações (comportamento intencional). Habermas (1997, p. 20) compreende como comportamento intencional aquele que vem dirigido por normas ou que se orienta por regras. Segundo ele, estas regras e normas regem o comportamento intencional enquanto um “significado intersubjetivamente reconhecido”. De acordo com esta abordagem, estas regras e normas possuem um conteúdo semântico, ou seja, um sentido.

As normas têm um conteúdo semântico, justamente um sentido que sempre que um sujeito capaz de entendê-lo as segue, se tem convertido em razão o motivo de um comportamento; e é então quando falamos de uma ação. Ao sentido da regra responde a intenção de um agente que pode orientar seu comportamento por elas. Somente a este comportamento orientado por regras chamamos ação [...] Um comportamento observável cumpre uma norma vigente sem e somente esse comportamento pode se entendido como produto de um sujeito agente que tem entendido o sentido da norma e a tem seguido intencionalmente. [...] Distinguimos, portanto entre comportamento regular e comportamento regido por regras, isto é, entre comportamento regular e ação (HABERMAS, 1997, p. 21).

A segunda consequência apontada por Habermas nesta primeira decisão metateórica refere-se à observação versus compreensão do sentido. Pautado na distinção estabelecida anteriormente entre comportamento e ação, o autor (1997, p. 22) explica que se segue outra distinção necessária entre as diversas formas de experiências, as quais “resultam acessíveis reações comportamentais e ações”. Habermas explica que o comportamento e as regularidades comportamentais podem ser observados, enquanto as ações podem ser entendidas. Assim, segundo este autor, mais uma vez a categoria de sentido apresenta-se como fator determinante na distinção entre os dois modos de experiência.

Nesta perspectiva, a compreensão de um processo se apóia na observação, ou seja, através de um contexto de ação, onde se busca interpretar as características comportamentais dos sujeitos e os fenômenos envolvidos. Segundo Habermas (1997, p. 22-23), este contexto compreende normas de ação, e no caso dos seres humanos, normas sociais. O autor explica que o fato de nos propormos a “ver ou observar ou perceber uma ação implica sempre a compreensão de uma norma (ou da correspondente intenção do agente) e a interpretação de movimentos (ou estados) à luz de uma regra de ação (ou intenção) entendida.”

Diante dessa questão Habermas (1997) esclarece que a decisão em admitir ou não a ação intencional em uma pesquisa social, tem consequências metodológicas precisas no modo de experiência, especificamente nas mensurações a serem efetuadas. Na concepção deste autor, as mensurações nos possibilitam transformar as experiências em dados. Assim, torna-se possível, nesta abordagem, alcançar os requisitos de confiabilidade subjetiva, ou seja, servem-nos de base para a comprovação da “pretensão de validade empírica dos enunciados teóricos”. Diante de tal perspectiva, Habermas (1997, p. 23) explica que as observações das reações comportamentais podem associar-se com o “jogo de linguagem”, que, segundo ele, trata-se de uma mensuração física.

[...] as observações que podem expressar-se em orações descritivas de uma linguagem relativa às coisas e sucessos, podem ser controladas por procedimentos reconhecidos, reduzíveis a medições físicas; em contrapartida a interpretação (em termos de compreensão de sentido) de formas simbólicas, como são as ações, que podem ser expostas em orações descritivas de uma linguagem relativa às pessoas e às suas manifestações, não podem operacionalizar-se com a mesma confiabilidade. A menção do sentido simbolizado tem que recorrer aos procedimentos *ad hoc*, que em última instância dependem de uma compreensão pré-científica da linguagem, disciplinada ao máximo hermeneuticamente (HABERMAS, 1997, p. 23).

De acordo com Habermas (1997), todo aquele que é capaz de dominar uma linguagem natural pode, em virtude de sua competência comunicativa, ser capaz de compreender em princípio e se fazer compreensível aos outros, ou seja, na concepção desse autor, este sujeito é capaz de interpretar qualquer expressão desde que a mesma tenha sentido. Habermas (1997, p. 23) não desconsidera o fato de que algumas pessoas podem obter mais sucessos do que outras, uma vez que “a hermenêutica é uma arte da interpretação, no lugar de um procedimento de medida”. Enfim, finalizando suas abordagens sobre esta segunda consequência metodológica relacionada à primeira decisão metateórica, Habermas (1997, p. 23) conclui afirmando o que para ele seria o avanço da teoria da ação comunicativa sobre a hermenêutica, ou seja, que:

Somente uma teoria da comunicação na linguagem ordinária, que não se limita, como faz a hermenêutica, a dirigir e disciplinar a capacidade natural que supõe a competência comunicativa, [...] poderia também contribuir para dirigir e orientar as operações básicas necessárias para a mensuração do sentido.

A terceira consequência metodológica apontada por Habermas (1997), no âmbito desta primeira decisão metateórica, trata-se do convencionalismo *versus* essencialismo. De acordo com o autor, independentemente da forma como se pretende resolver o problema da mensuração dos significados das expressões simbólicas, “a base experimental de uma teoria da ação tem que ser distinta de uma teoria pensada estritamente nos termos da ciência do comportamento” (HABERMAS, p. 23-24). Partindo dessa afirmativa, Habermas explica que a adequação da descrição de um produto estruturado em termos de sentido, em uma ação ou em uma oração pronunciada por um sujeito, somente pode ser comprovada por intermédio de um referencial do saber desse sujeito que tenha produzido esta manifestação. Todavia, Habermas alerta que um sujeito capaz de ação pode em muitos casos não ser capaz de explicar as normas que orientam o seu comportamento. No entanto, ele também esclarece que na medida em que o sujeito domina as normas e pode segui-las, ele tem um “saber implícito de regra” (*Regelwissen*). De acordo com Habermas, em virtude deste *know how*, este sujeito pode, em princípio, decidir se uma determinada ação comportamental pode ser entendida à luz de uma determinada norma ou se está se desviando dela e das normas subjacentes. Para Habermas, este fenômeno também acontece com as manifestações linguísticas.

Seguindo adiante na sua linha de raciocínio, Habermas (1997) descreve que todo falante suficientemente socializado dispõe de um *know how*, que é capaz de permitir-lhe distinguir entre “atos fonéticos” e “puros ruídos” nas orações, tanto do ponto de vista sintático como do ponto de vista semântico, dotados de sentido; assim como também é capaz de classificar estas orações comparando os seus graus de desvio. Segundo o referido autor, este “saber de regra” dos sujeitos que falam e atuam competentemente, e que está intuitivamente disponível, constitui a base experimental sobre a qual devem se apoiar a construção de teorias da ação.

As teorias que tratam de explicar aqueles fenômenos que só são acessíveis a uma compreensão do sentido, isto é, as manifestações dos sujeitos capazes de linguagem e ação, têm que se apoiar em uma explicitação sistêmica daquele saber de regras cuja ajuda os próprios falantes e agentes competentes geram suas manifestações. A formação da teoria serve a uma reconstrução dos sistemas de regras conforme aos que produzem as orações e ações, isto é, as formas estruturadas em termos de sentido. Estas regras generativas não podem extrair-se diretamente das estruturas superficiais das orações. Como ocorre no caso da gramática, pode tratar-se de estruturas profundas que simplesmente estão subjacentes às estruturas superficiais geradas [...] (HABERMAS, p. 24).

Segundo Habermas (1997), se considerarmos que as estruturas superficiais suscetíveis de compreensão constituem o equivalente às regularidades de reações comportamentais observáveis, faz-se necessário comparar a reconstrução dos “sistemas de regras abstratos subjacentes às estruturas superficiais” com as teorias experimentais das que podemos deduzir as leis naturais também subjacentes às regularidades empíricas. Segundo este autor, as reconstruções hipotéticas concebem uma pretensão quase essencialista, uma vez que se servem da construção de linguagens oriundas da dedução de hipóteses suscetíveis à comprovação, que quando verdadeiras, correspondem às estruturas de uma realidade objetivada, seja em termos físicos ou em termos da ciência do comportamento. Dessa maneira, não podemos dizer que estas hipóteses limitam-se a reconstruir um saber intuitivo e sim que os conhecimentos dessa procedência são em geral contra-intuitivos. “Pelo contrário, as reconstruções racionais do saber de regra dos sujeitos capazes de linguagem e ação colocam tal pretensão essencialista” (HABERMAS, 1997, p. 25); uma vez que os conceitos fundamentais que hão de servir a esta reconstrução não são introduzidos em termos apenas convencionais, mas também em conexão com as categorias que podem permitir a autocompreensão dos próprios sujeitos. Aqui, quando as hipóteses são verdadeiras, não somente correspondem às estruturas de uma realidade objetivada, mas também às estruturas encontradas no saber implícito dos sujeitos que se julgam competentemente.

A segunda decisão metateórica apresentada por Habermas (1997) está centrada na ação intencional. Para Habermas “o conceito básico da teoria da sociedade se conceitua na forma de ação racional pautada nos seus fins ou na forma de ação comunicativa” (1997, p. 27). Na concepção de Habermas, esta ação racional pautada nos seus fins refere-se a uma ação instrumental, ou a uma eleição racional, ou até mesmo à combinação de ambas. De acordo com este autor, a ação instrumental orienta-se por intermédio das regras técnicas, as quais se apóiam no seu conhecimento empírico e implicam de acordo com cada caso previsões condicionadas sobre os sucessos observáveis (reações comportamentais), físicos ou sociais. Em contrapartida, o comportamento de eleição racional se orienta por intermédio de estratégias, as quais se apóiam em um saber analítico, implicando deduções a partir de regras de preferência (sistemas de valores) e máximas de decisão. Todavia, Habermas nos alerta que em ambas as situações podemos obter sucesso ou não.

A ação racional pautada nos seus fins realiza determinados fins sob condições dadas; porém enquanto a ação instrumental organiza meios que

são adequados ou inadequados conforme os critérios de um controle efetivo da realidade, a ação estratégica só depende da valoração correta das possíveis alternativas de comportamento, que só resulta de uma dedução efetuada com ajuda de valores e máximas (HABERMAS, 1997, p. 27).

Com relação à ação comunicativa, Habermas (1997) a aborda enquanto uma interação simbolicamente mediada que se orienta por normas obrigatórias, as quais definem expectativas recíprocas de comportamento e que, portanto, precisam ser entendidas e reconhecidas ao menos por dois sujeitos agentes. Aqui, de acordo com Habermas, as normas sociais se apresentam reforçadas pelas sanções e o conteúdo semântico encontra-se objetivado em expressões simbólicas que só são acessíveis em comunicações medidas pela linguagem ordinária.

Comparando a ação racional pautada nos seus fins com a ação comunicativa, Habermas (1997) esclarece que “enquanto a eficácia das regras técnicas e das estratégias depende da validade dos enunciados empiricamente verdadeiros ou analiticamente corretos”, a validade das normas sociais encontra seu respaldo no reconhecimento intersubjetivo, que, por sua vez, encontra a sua fundamentação no entendimento ou no consenso valorativo.

De acordo com Habermas (1997) a formação de uma teoria social “só pode aparecer em uma ação do tipo estratégico ou em uma ação tanto do tipo comunicativo quanto do tipo estratégico.” Diante dessa afirmativa, Habermas esclarece que uma ação estratégica encontra-se nos limites de uma ação comunicativa, ou seja, isto acontece quando os sujeitos envolvidos por meio da linguagem ordinária adotam uma atitude objetivante, uma vez que na ação estratégica existem regras subjacentes, onde as máximas comportamentais de cada sujeito estão pautadas nos seus interesses. Assim, as expectativas dos sujeitos podem cumprir ou violar as normas intersubjetivamente reconhecidas (ação comunicativa) ou também atuar segundo seus interesses (ação estratégica).

Faz-se aqui necessário esclarecer que na concepção de Habermas, quando o nosso foco encontra-se nas ações estratégicas, podemos desenvolver teorias do intercâmbio; todavia se também o foco está nas ações comunicativas, temos a possibilidade de desenvolver teorias convencionais da ação.

Quanto à terceira decisão metateórica apresentada por Habermas, a questão principal envolve em eleger um planejamento teórico elementalista ou holista. Ao apresentar esta terceira decisão metateórica, o autor (1997, p.29) não se propõe a detalhar

tais planejamentos, afirmando que considera ambos praticáveis e sem embargo; e esclarecendo que cada um deles “têm diferentes âmbitos de aplicação e diferentes capacidades.” Todavia, Habermas aponta que em um planejamento elementalista encontramos as teorias da ação na forma do individualismo metodológico, enquanto que em um planejamento holista, a base das teorias da ação são as características globais (a totalidade). Diante do exposto, compreendemos o individualismo metodológico enquanto uma abordagem de natureza micro (individual); em contrapartida, uma abordagem holista apresenta-se como uma abordagem de natureza macro (sistêmica).

Uma vez esclarecidas as três decisões metateóricas apontadas como importantes na eleição de uma estratégia conceitual para o desenvolvimento de uma teoria sociológica, Habermas (1997, p. 30) apresenta-nos uma classificação dos planejamentos teóricos mais importantes (QUADRO 36):

QUADRO 36

Planejamentos na teoria da sociedade

Planejamento Teórico	Sentido como conceito básico		
	Não se admite	Se admite	
		Comportamento	Ação estratégica
Elementalista	Psicologia behaviorista (por exemplo, teoria da aprendizagem)	Teorias da eleição racional (por exemplo, economia pura)	Sociologias “compreensivas” (por exemplo, etnometodologia)
Holista	Teoria biológica de sistemas	Cibernética social (por exemplo, sociologia da organização)	Teoria de sistemas estruturalista; Interacionismo Simbólico

Fonte: HABERMAS, 1997, p. 30.

Diante das questões e argumentos encontrados em Habermas optamos por eleger as seguintes estratégias conceituais e procedimentais:

No que se refere à primeira decisão metateórica, optou-se por admitir o sentido como conceito fundamental, haja vista que a intenção desse processo investigativo era compreender e categorizar, no cenário acadêmico brasileiro da Arquivologia, a simbologia e os significados emergidos das suas relações interdisciplinares com a Ciência da Informação, isto é, apontar dentro deste fenômeno os elementos estruturados em termos de sentido, caracterizando e categorizando assim a representação e organização do

conhecimento no âmbito desse contexto interdisciplinar. No nosso ponto de vista, este fenômeno é fruto da ação (comportamento intencional) por parte dos sujeitos inseridos neste contexto. Sendo assim, como no desenvolvimento da pesquisa aqui apresentada, pretendia-se compreender estes processos e seus fenômenos considerando o contexto de ação dos sujeitos, ou seja, buscar uma pretensão de validade empírica aos enunciados teóricos (compreensão dos sentidos) e não somente observar; como consequência, optou-se por considerar que estas ações são dirigidas e orientadas pelas normas e regras intersubjetivamente reconhecidas, oriundas da essência da cientificidade, da disciplinaridade e da interdisciplinaridade da dinâmica acadêmica, isto é, através do essencialismo e não do convencionalismo.

No que diz respeito à segunda decisão metateórica, optou-se por considerar tais ações como comunicativas e estratégicas, onde os sujeitos fazem uso tanto de atitudes objetivantes (máximas comportamentais pautadas nos seus interesses – ações estratégicas) quanto de atitudes dirigidas e orientadas pelas normas e regras intersubjetivamente reconhecidas (ações comunicativas).

No que se refere à terceira e última decisão metateórica, optou-se por um planejamento holista, uma vez que pretendia-se desenvolver uma abordagem de natureza macro (sistêmica), ou seja, focada nas características globais e não na individualidade de cada sujeito.

QUADRO 37

Estratégias conceituais eleitas e metodologias adequadas

Planejamento Teorético	Conceitos básicos de teoria da ação	Sentido como conceito básico		
		Não se admite	Se admite	
		Comportamento	Ação estratégica	Ação comunicativa e estratégica
Elementalista	Psicologia behaviorista (por exemplo, teoria da aprendizagem)	Teorias da eleição racional (por exemplo, economia pura)	Sociologias “compreensivas” (por exemplo, etnometodologia)	
Holista	Teoria biológica de sistemas	Cibernética social (por exemplo, sociologia da organização)	Teoria de sistemas estruturalista; Interacionismo Simbólico	

Fonte: Habermas, 1997, p. 30, (grifo nosso).

Legenda:	 1ª Decisão	 2ª Decisão	 3ª Decisão	 Metodologias
----------	--	--	--	--

Dessa maneira, cientes de tais decisões e ao retornarmos ao diagrama apresentado por Habermas (QUADRO 37), as metodologias adequadas para o desenvolvimento desse processo investigativo seriam a **Teoria dos Sistemas Estruturalistas** e o **Interacionismo Simbólico**.

7 ESTRATÉGIAS METODOLÓGICAS

Uma vez tomadas as decisões metateóricas, apresentadas anteriormente, decidiu-se por utilizar como estratégias metodológicas, na execução deste processo investigativo, a pesquisa social e interpretativa do tipo descritiva e exploratória, com abordagem qualitativa, admitindo-se o apoio de descrições com base nos dados quantificáveis; por intermédio do **Interacionismo Simbólico**, das Teorias (habermasianas) da sociedade colocadas em termos de comunicação e da Teoria Fundamentada nos Dados ("Grounded Theory"), como referencial teórico-metodológico, respectivamente.

7.1 – A PESQUISA INTERPRETATIVA, O INTERACIONISMO SIMBÓLICO E A TEORIA FUNDAMENTADA NOS DADOS

Cassiani, Caliri e Pelá (1996) explicam que “a pesquisa interpretativa tem sido utilizada nominando os estudos da linha qualitativa e as pesquisas indutivas¹.” Explicam, ainda, que o “termo ‘pesquisa interpretativa’ deriva do reconhecimento básico dos processos interpretativos e cognitivos inerentes à vida social e enfatizados nessas abordagens.” Lowenberg² (1993 *apud* CASSIANI; CALIRI; PELÁ, 1996) assim classifica as pesquisas interpretativas:

¹ Processo de raciocínio pelo qual se parte de fatos particulares para estabelecer generalizações.

² LOWENBERG, J.S. Interpretative research methodology: broadening the dialogue. *Adv.Nurs.Sc.*, v. 16, no 2, p. 57-69, 1993.



FONTE: LOWENBEWRG, J.S. Interpretative research methodology: broadening the dialogue. *Advance in Nursing Science*, v. 16, n. 2, p. 57-69, 1993

FIGURA 9 - Pesquisa Interpretativa

Segundo as autoras em questão, ao analisarmos esta classificação, temos a Teoria Fundamentada nos Dados como uma variante dentro do Interacionismo Simbólico:

A relação entre as duas abordagens estaria no fato de ambas se relacionarem ao estudo dos aspectos experienciais do comportamento humano, ou seja, a maneira como as pessoas definem os eventos ou a realidade e como agem em relação a suas crenças (CASSIANI; CALIRI; PELÁ, 1996).

Cassiani, Caliri e Pelá (1996) explicam que a Teoria Fundamentada nos Dados foi desenvolvida com vistas a fornecer suporte metodológico ao Interacionismo Simbólico. Segundo estas autoras, esta teoria é “vislumbrada como uma linha metodológica que pode ser utilizada em pesquisas interpretativas uma vez que suas raízes estão ligadas ao interacionismo simbólico.” Nesta mesma ótica, Santos e Nóbrega (2002, p. 578) esclarecem que:

O interacionismo simbólico é o referencial teórico que dá sustentação ao método [Teoria Fundamentada nos Dados] possibilitando ao pesquisador focalizar sua análise no significado simbólico, a fim de entender o comportamento dos sujeitos como se ele estivesse no lugar dele, ou seja, entender o mundo a partir da perspectiva do sujeito.

A Teoria Fundamentada nos Dados é conhecida como uma abordagem ou como um método, com o qual se constrói indutivamente uma teoria que deriva de dados, sistematicamente reunidos e analisados (qualitativamente), por meio de um processo de investigação que se baseia no pensamento crítico e criativo; e que uma vez agregada ou

relacionada a outras teorias poderá acrescentar ou trazer novos conhecimentos à área do fenômeno. Cassiani, Caliri e Pelá (1996) sublinham ainda que, seguindo os princípios da metodologia qualitativa, a Teoria Fundamentada nos Dados é uma metodologia de campo que tem como objetivo gerar construtos teóricos que explicam a ação no contexto social sob estudo, onde “o investigador procura processos que estão acontecendo na cena social, partindo de uma série de hipóteses, que, unidas uma às outras, podem explicar o fenômeno, combinando abordagens indutivas e dedutivas.” Elas explicam que a teoria está fundamentada nos dados e não em um corpo existente de teoria, embora possa englobar diversas outras teorias. Ressaltam que com a Teoria Fundamentada nos Dados não se pretende refutar ou provar, mas sim acrescentar novas perspectivas ao entendimento do fenômeno.

No que diz respeito ao Interacionismo Simbólico, Haguete (1992 *apud* CASSIANI; CALIRI; PELÁ, 1996) descreve que este “tem sido utilizado como uma abordagem relativamente distinta para o estudo da vida e da ação humana em grupo”, onde a “sociedade” é entendida como uma entidade composta de indivíduos e de grupos em interação (consigo mesmo e com os outros), tendo, portanto, como base o compartilhar de sentidos ou significados sob a forma de compreensão e expectativas comuns.

O Interacionismo Simbólico considera que vivemos num mundo simbólico e físico, o qual é construído com significados pautados em nossas ações e com a ajuda dos símbolos. Munidos destes símbolos, podemos assumir o lugar do outro, porém, é necessária uma cultura em comum de dada sociedade, para que dessa forma possamos prever o comportamento dos outros indivíduos. Sendo assim, estes símbolos não são isolados e, por isso, fazem parte de um conjunto complexo de ações, diante das quais o indivíduo define o seu papel. Assim, o nosso pensamento consiste num processo pelo qual soluções potenciais são examinadas pelo ponto de vista das vantagens e desvantagens do indivíduo, tendo em vista seus valores.

Partindo desses pressupostos, conclui-se que ao utilizarmos o Interacionismo Simbólico, estaríamos interpretando as ações dos respectivos sujeitos e não as julgando. **De modo que, tal interpretação fosse feita a partir dos significados que os sujeitos em questão atribuíam às suas próprias ações.** Dessa maneira, ao conhecermos os significados atribuídos, poderemos compreender e prever possíveis comportamentos e ações de outros sujeitos, desde que eles se encontrem nas mesmas situações.

7.2 O INTERACIONISMO SIMBÓLICO, O CONCEITO DE REGRAS E A GÊNESE LÓGICA DA CONVENÇÃO SEMÂNTICA

O Interacionismo Simbólico tem sua origem no fim do século XIX com George Herbert Mead, influenciado pelo pragmatismo filosófico e pelo behaviorismo. Haddad (2003, p. 2), citando Habermas (1985), explica que a obra de Mead (1972)³ ganha seu valor, na medida em que estabelece a interseção das duas tradições de crítica à filosofia da consciência, a qual tem uma origem comum no pragmatismo de Peirce: a filosofia analítica da linguagem e a teoria do comportamento. A teoria de Mead, denominada pelo próprio de “behaviorismo social”, deixa nítido o seu posicionamento contrário à filosofia da consciência e rompe com os princípios metodológicos e objetivismo das teorias do comportamento.

Mead abandona o individualismo metodológico, pois, parte do “todo social” para, só dessa perspectiva, analisar a conduta dos elementos que o compõem; abandona também o objetivismo, pois, leva em conta a experiência interna do indivíduo no conjunto do processo social, experiência essa objetivada nas expressões simbólicas (HADDAD, 2003, p.2).

De acordo com a teoria de Mead, durante a semantização temos um processo de conversão da interação mediada por gestos e interação mediada por símbolos, onde os significados individuais são substituídos por significados idênticos para ao menos dois indivíduos, em um processo de comunicação. Neste sentido, “o processo de transformação de gestos em símbolos já supõe um certo *potencial* semântico dos primeiros que, uma vez internalizados, convertem-se em símbolos utilizáveis pelos participantes na interação.” Diante deste fenômeno, Mead, na realidade, concebe esta internalização enquanto uma “subjetivação de estruturas objetivas de sentido, transladadas no interior de um mecanismo por ele denominado ‘*taking the attitude of the other.*’” (HADDAD, 2003, p. 2).

Segundo Haddad (2003, p. 2), Habermas (1985) saúda essa iniciativa de Mead “contra a idéia de uma relação reflexiva de um *self* que se relaciona consigo mesmo, convertendo-se em objeto de si”, onde o fato de adotarmos a atitude dos outros, significa “reconhecer-se em algo externo, internalizando aquilo com que se enfrenta como objeto.” Assim, de acordo com tal perspectiva, quando nos relacionamos com nós mesmos, temos uma

³ MEAD GH. *Mind, self and society: from the standpoint of a social behaviorist*. Chicago: University of Chicago Press, 1972.

mera reprodução da relação entre determinados sujeitos num processo de interação. Porém, para Habermas, Mead não vai suficientemente longe, por não ter compreendido que essa subjetividade supõe uma **mudança na estrutura global da interação**.

Habermas tem em vista o fato de que, com o desenvolvimento da espécie, quanto mais complexas as atitudes do outro a serem internalizadas, mais os laços que unem os participantes na interação desprendem-se de regulações instintivas inatas para fixarem-se no plano da tradição cultural comunicativamente gerada. Não basta, portanto, segundo Habermas, explicar, por meio do mecanismo da adoção da atitude do outro, como sugere a interação simbolicamente mediada. Tem-se que explicar, adicionalmente, **a) como os participantes adotam os papéis de falante e destinatário e b) como as ações se diferenciam em ações comunicativas e ações não-comunicativas** (HADDAD, 2003, p. 2, grifo nosso).

Na concepção de Habermas, a explicação de Mead não é suficiente uma vez que, o fato de um gesto despertar uma reação idêntica, tanto no receptor quanto no emissor, não significa que já podemos afirmar que houve necessariamente um significado idêntico para ambos. Tudo o que se pode afirmar é que houve uma interpretação coincidente do respectivo gesto. Habermas defende que é necessário que “o organismo receptor apareça ao organismo emissor não apenas como um ente que reage adaptativamente aos seus estímulos, mas como um objeto social que, com sua reação, dá expressão a uma interpretação dos gestos desse último.” (HADDAD, 2003, p. 3) Assim, o emissor estará relacionando-se com o receptor, ao considerar este último enquanto um destinatário que interpreta de uma determinada forma o gesto que foi feito com uma **intenção comunicativa**. Nesta concepção, o fato de tomar a atitude do outro não se resumirá simplesmente em antecipar sua reação a um determinado gesto, mas igualmente tomar esse outro como um intérprete do respectivo gesto.

Seguindo esta linha de raciocínio, Habermas complementa que diante dessas condições, os sujeitos adquirem a possibilidade de fazer a distinção entre os atos comunicativos e ações orientadas ao êxito, as quais têm simplesmente o objetivo de causar algo. De fato, “cria-se a possibilidade de que *ego*, diante de uma reação inesperada de *alter*, manifeste sua decepção, não somente em relação às conseqüências indesejadas dessa reação, mas também em relação à própria comunicação frustrada” (HADDAD, 2003, p. 3). Porém, se os sujeitos adquirem esta possibilidade de adotar uma postura crítica frente à interpretação falida de um determinado ato comunicativo, ao adotá-la, estarão objetivando “o desenvolvimento de *regras* de uso dos símbolos, condição sem a qual não se formam ‘convenções semânticas e símbolos utilizáveis com significado idêntico’”.

Pautado nestas lacunas deixadas na teoria de Mead, Habermas recorre, então, ao conceito de *regra* de Wittgenstein, objetivando esclarecer a conexão entre **identidade de significado** e **validade intersubjetiva** e apresentar uma forma mais rigorosa à **gênese lógica das convenções semânticas**.

Na perspectiva de Habermas, os significados simbólicos constituem identidade da mesma forma com que fazem as regras, onde a compreensão de uma ação simbólica estaria intimamente conectada à capacidade de um sujeito em seguir uma determinada regra. Para ele, sem uma regulação convencional é impossível existir uma identidade de significados, tendo em vista que, a identidade de uma regra depende de sua validade intersubjetiva assim como a identidade de significados.

[...] para que um sujeito possa seguir uma regra [...], esta há que reagir intersubjetivamente ao menos para dois sujeitos. [Segundo Habermas], com a análise do conceito de “seguir uma regra”, Wittgenstein demonstra que a identidade de significados se remonta à capacidade de seguir regras intersubjetivamente válidas junto com, ao menos, mais outro sujeito; ambos têm que dispor da competência de ajustar seu comportamento a regras, assim, como de ajuizar criticamente tal comportamento. Um sujeito isolado e solitário, que se dispusesse de uma dessas duas competências, não poderia nem formar uma regra, nem empregar símbolos com identidade de significados (HABERMAS, 1985, p. 31-32, tradução de HADDAD, 2003, p. 3).

Seguindo adiante com sua linha de raciocínio, Habermas apresenta sua forma mais rigorosa à **gênese lógica das convenções semânticas**, ao considerar que:

[...] a competência de seguir uma regra e a capacidade de tomar uma postura crítica em relação ao uso que se faz de um símbolo (diante da regra que rege seu emprego), são competências co-originárias e determinantes para a aquisição de uma consciência de regra que fixe convencionalmente o significado desse símbolo (HADDAD, 2003, p. 3).

Porém, Habermas ainda não se dá por satisfeito, haja vista que, segundo sua concepção, a teoria de Mead, mesmo sendo complementada com o conceito de regras de Wittgenstein, não é capaz de explicar satisfatoriamente como um sistema diferenciado de linguagem é capaz de substituir os anteriores reguladores do comportamento inatos de cada espécie.

Habermas então, [...] introduz mais um estágio na teoria de mediana da evolução da linguagem, a da linguagem diferenciada; [...] rediscute, à luz desta reformulação, o processo de constituição dos mundos objetivo, social e subjetivo e finalmente [...] reprova, em Mead, a ausência de um tratamento

filogenético para descrever tanto o processo de interação social como o processo que lhe é complementar (HADDAD, 2003, p. 3-4).

Segundo Habermas, num processo de ação comunicativa, os sujeitos têm que se referir a algo em um mundo subjetivo ou em um mundo social comum, de modo que somente quando se tem constituídos esses mundos ou ao menos, incoativamente, se tem, diferenciados, a linguagem funciona como meio de coordenação. (HABERMAS, 1985, p. 43) Estes sujeitos podem questionar uma determinada emissão quanto à sua veracidade e quanto à sua legitimidade. Para este autor, nestas circunstâncias temos a passagem “de um modo controle da interação de tipo pré-lingüístico e instintual, embora simbólico, a um modo dependente da linguagem ligado a uma tradição cultural” (HADDAD, 2003, p. 4).

De acordo com Habermas, Mead insiste no caráter originalmente social da percepção e defende a tese de uma “progressiva dessocialização das relações com os objetos físicos” e não percebe que este processo de dessocialização não pode amparar-se num mecanismo de coordenação de ações por meio de sinais, exigindo uma linguagem proposicionalmente diferenciada. De acordo com Habermas, “os sinais só mantêm sua capacidade de coordenar ações, baseada em última instância, em regulações instintivas, enquanto os comportamentos descritivos, imperativos e expressivos permanecem fundidos.” (HADDAD, 2003, p. 4) Além disso, segundo este autor, na concepção de Mead, os padrões comportamentais se desligam das intenções dos sujeitos particulares e por sua vez, da vinculação de tais intenções a um determinado contexto, adquirindo assim a forma externa de normas sociais à medida que as sanções associadas a elas são internalizadas com base na adoção da atitude do outro. Habermas explica que um sujeito tem que considerar as atitudes de todos os outros sujeitos que nele intervêm, principalmente quando essas atitudes afetam sua resposta particular. Nessa perspectiva, “a assimetria da relação entre o indivíduo e a pessoa de referência só é inteiramente superada com o conceito de validade normativa.” (HADDAD, 2003, p. 5) De acordo com suas explicações, isso acontece quando a autoridade do grupo transforma-se em autoridade normativa mediante a internalização, ou seja, quando um sujeito “considera as sanções do grupo como suas próprias, como sanções dirigidas por ele contra ele mesmo, tendo que pressupor seu assentimento à norma cuja violação censura dessa forma.” (HABERMAS, 1985, p.60) Assim, quando um sujeito internaliza a autoridade, este sujeito será capaz de afirmar seus direitos e provocar as respostas dos outros membros da comunidade à qual este sujeito pertence; respostas essas que ele próprio daria se estivesse em situação semelhante. Estas respostas comuns na e da comunidade são denominadas por Habermas como instituições, as quais, segundo o mesmo, diferenciam-se dos imperativos socialmente

generalizados devido à “validez que provém do reconhecimento intersubjetivo, do assentimento dos afetados” (HABERMAS, 1985, p. 60).

[...] quando um sujeito adquire a competência de participar de interações normativamente reguladas, ele também se torna capaz de adotar uma atitude objetivamente em relação às instituições, o que significa a possibilidade de encará-las como mais um elemento não-normativo de uma dada situação de ação. Esta competência permite ao indivíduo reordenar simbolicamente suas próprias disposições comportamentais, o que, do ponto de vista da socialização, apresenta-se como formação de uma identidade (HADDAD, 2003, p. 5).

Sendo assim, tendo em vista que a intenção desta pesquisa era compreender o significado atribuído pelos sujeitos, enquanto docentes de Arquivologia, aos eventos, aos fatos, aos fenômenos, às situações, aos processos e/ou aos personagens que fazem parte dos seus respectivos cotidianos, ela foi desenvolvida de forma social e interpretativa (descritiva e exploratória), através de uma abordagem qualitativa, com aportes do Interacionismo Simbólico e da teoria da ação comunicativa habermasiana, onde a Teoria Fundamentada nos Dados serviu como operacionalização desse referencial teórico-metodológico.

7.3 A SELEÇÃO DO CAMPO EMPÍRICO, DA AMOSTRA E DO PROCESSO DE COLETA DE DADOS

Uma vez estabelecida a metodologia a ser aplicada no processo investigativo em questão, o passo seguinte foi a escolha do campo empírico e a seleção da amostra. No que se refere ao campo empírico optou-se por selecionar o Curso de Arquivologia da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), ou seja, um campo empírico intencional, uma vez que:

1. De acordo com a cronologia de criação dos cursos de Arquivologia no Brasil, o curso da UNIRIO é o mais antigo e em 2007 completou 30 anos de trajetória, sem interrupções;
2. A grande maioria dos cursos de Bacharel em Arquivologia no Brasil foi criada recentemente, ou seja, a partir da década de 90. Somente três deles foram criados

na década de 70 (os cursos da UNIRIO, da UFSM, e da UFF), compondo um quadro bem mais amplo de vivência e experiências na área, junto aos demais;

3. De acordo com o quadro apresentado por Gak (2004, p. 172) a UNIRIO, na ocasião, apresentava como tendência a vinculação às novas tecnologias da informação e a adoção de características da Ciência da Informação; e
4. O curso de Arquivologia da UNIRIO, desde 2007, encontra-se em processo de implantação de um novo currículo, seguindo as deliberações da Lei de Diretrizes e Bases (Lei nº 9.394/1996) e das Diretrizes Curriculares de Graduação em Arquivologia (Resolução CNE/CES 19/2002, Parecer CNE/CES 492/2001, Parecer CNE/CES 1.363/2001) e buscando incorporar as novas tendências e demandas no “plexo” epistemológico da Arquivologia.

Para tanto, foram estabelecidos os seguintes critérios para seleção dos docentes (amostra):

1. Participação voluntária – critério fundamental para assegurar a veracidade da coleta dos depoimentos;
2. Ter ministrado disciplinas específicas de Arquivologia no 2º semestre de 2007 e no 1º semestre de 2008 – critério fundamental para assegurar que os depoimentos estivessem focados no âmbito teórico-prático e fundamentados nos horizontes científicos e epistemológicos da Arquivologia;
3. Ter pelo menos dois anos de docência na área – trata-se de um parâmetro que se julgou satisfatório para assegurar que os respectivos depoentes já tivessem adquirido certa vivência e certa experiência no ambiente acadêmico, bem como já tivessem consolidado seus espaços de reflexões (comunidades e redes), em torno das especificidades dos horizontes científicos e epistemológicos da Arquivologia;

No que tange à coleta de dados, optou-se realizar através de entrevistas semi-estruturadas, uma vez que, estas permitiriam a flexibilidade de questionar aos respondentes no tocante ao esclarecimento de pontos essenciais para a compreensão da realidade investigada, bem como avaliar a veracidade das respostas.

7.4 O PROCESSO DE EXECUÇÃO

O curso de Arquivologia da UNIRIO está vinculado ao Centro de Ciências Humanas e Sociais, o qual, hierarquicamente, possui sob subordinação administrativa e didático-pedagógica 07 (sete) escolas com seus respectivos cursos (Escola de Arquivologia, Escola de Biblioteconomia, Escola de História, Escola de Museologia, Escola de Turismo, Escola de Educação e Escola de Direito) e 10 (dez) departamentos (Departamento de Estudos e Processos Arquivísticos, Departamento de Estudos e Processos Biblioteconômicos, Departamento de Estudos e Processos Museológicos, Departamento de Processos Técnico-Documentais, Departamento de Estudos Jurídicos Fundamentais, Departamento de Direito Positivo, Departamento de Filosofia e Ciências Sociais, Departamento de Fundamentos da Educação, Departamento de Didática e Departamento de História). Diferentemente como acontece na maioria das universidades brasileiras, na UNIRIO, os departamentos não estão vinculados ou subordinados a qualquer instituto ou escola e sim diretamente vinculados ao Centro de Ciências Humanas e Sociais (FIGURA 10)

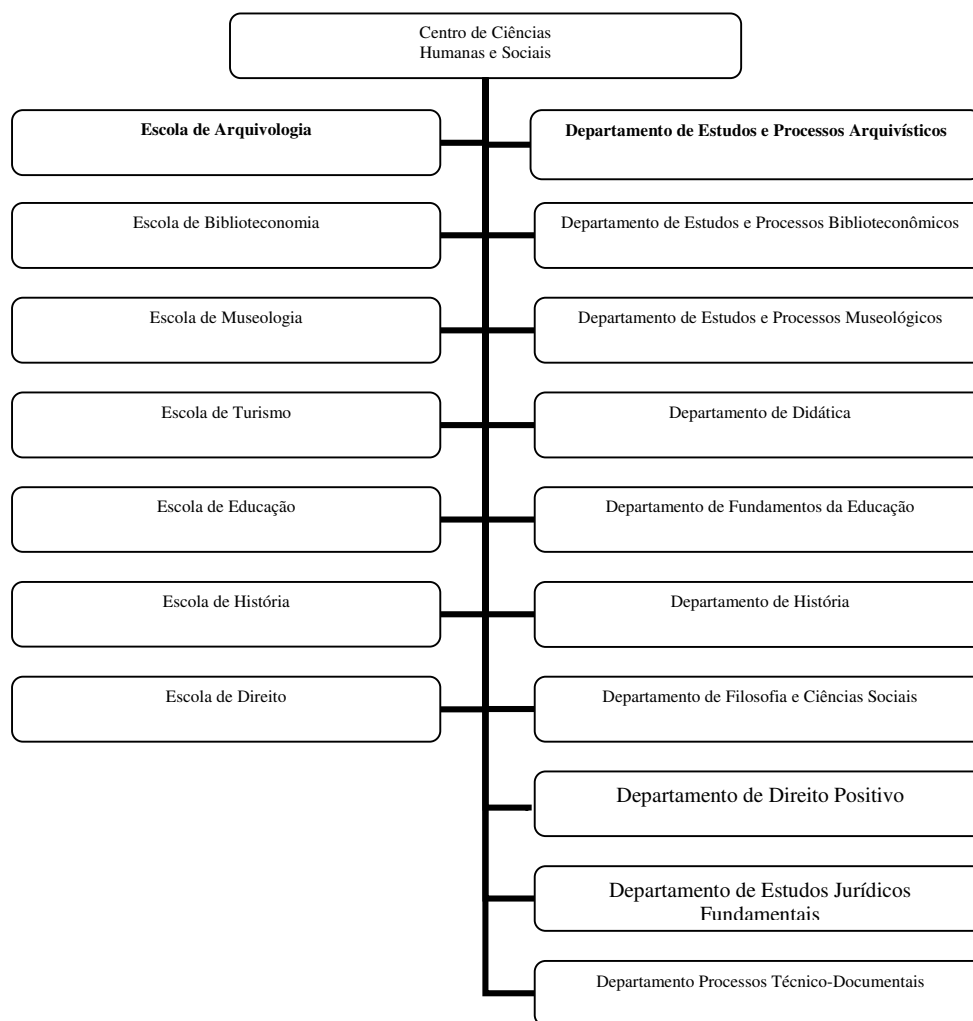


FIGURA 10 - Centro de Ciências Humanas e Sociais da UNIRIO

Fonte: Baseado nas informações contidas no sítio da UNIRIO⁴.

De 1977 até os dias atuais, o Curso de Arquivologia da UNIRIO já formou mais de 1200 arquivistas⁵. Durante a sua trajetória, o referido curso passou por dois processos de renovação curricular, o primeiro em 1991 e o segundo em 2007. A grade curricular⁶ vigente do Curso de Arquivologia da UNIRIO é composta por 56 (cinquenta e seis) disciplinas, sendo 18 (dezoito) obrigatórias e 38 (trinta e oito) optativas. Das 56 (cinquenta e seis) disciplinas oferecidas ao Curso de Arquivologia, 32 (trinta e duas) são oferecidas por docentes do Departamento de Estudos e Processos Arquivísticos, 08 (oito) são oferecidas por docentes do Departamento de Processos Técnico-Documentais, 07 (sete) são oferecidas por docentes do

⁴ Disponível em: <<http://www.unirio.br>> . Acesso em: 15 dez 2008.

⁵ Disponível em: <<http://www.unirio.br>> . Acesso em: 15 dez 2008.

⁶ C.f. Anexo A.

Departamento de Filosofia e Ciências Sociais e 09 (nove) são oferecidas por docentes dos outros Departamentos, que compõem o Centro de Ciências Humanas e Sociais da UNIRIO.

Após a análise das disciplinas oferecidas durante o 2º semestre de 2007 e 1º semestre de 2008, identificou-se 08 (oito) docentes - 07 (sete) do Departamento de Estudos e Processos Arquivísticos e 01 (um) do Departamento de Processos Técnico-Documentais - que tinham ministrando disciplinas específicas de Arquivologia e que tinham no mínimo dois anos de docência na área.

Uma vez selecionados o campo empírico e os respectivos docentes, iniciou-se primeiramente, o contato direto com a Direção da Escola de Arquivologia da UNIRIO para apresentação do projeto de pesquisa e autorização para sua execução. Na ocasião foram apresentados à Direção da Escola de Arquivologia os seguintes documentos: Carta de Apresentação, Folder de Apresentação da Pesquisa, Termo de Autorização de Execução da Pesquisa, Cópia do Roteiro de Entrevista (APÊNDICE B) e Cópia do Termo de Consentimento a ser apresentado aos docentes para a cessão das respectivas entrevistas (APÊNDICE C).

Após a autorização da Direção da Escola de Arquivologia da UNIRIO, iniciou-se o contato direto com os docentes selecionados para apresentação da pesquisa e solicitação e agendamento das entrevistas. Dos 08 (oito) docentes selecionados inicialmente, 06 (seis) docentes (75%) foram voluntários, concordando com a cessão da entrevista proposta.

É interessante destacar que, em relação à formação e titulação dos docentes voluntários, alguns fatos fizeram com que a amostra se mostrasse bastante significativa para a pesquisa. Em relação à formação básica (graduação) dos docentes voluntários a amostra possui uma caracterização homogênea:

- Os 06 (seis) docentes voluntários são graduados em Arquivologia, ou seja, 100% da amostra;
- Os 06 (seis) docentes voluntários fizeram seus cursos de graduação na UNIRIO, ou seja, 100% da amostra;
- 01 (um) docente concluiu sua graduação na década de 70 e 02 (dois) concluíram suas graduações na década de 80, ou seja, 50% da amostra cumpriu, durante a graduação, a primeira grade curricular de Arquivologia da UNIRIO (1977-1990); e
- 03 (três) docentes concluíram suas graduações na década de 90, ou seja, 50% da amostra cumpriu, durante a graduação, a segunda grade curricular de Arquivologia UNIRIO (1991-2007);

QUADRO 38
Formação dos docentes voluntários

Graduação / Universidade	1977 - 1990	1991 - 2006
Arquivologia / UNIRIO	03 (50%)	03 (50%)

Fonte: Elaborado a partir dos Currículos Lattes dos docentes voluntários da pesquisa⁷.

Quanto aos cursos de Especialização e/ou Aperfeiçoamento, 04 (quatro) dos 06 (seis) docentes voluntários os fizeram (66,66%), sendo que 01 (um) dos docentes voluntários fez 2 cursos de Especialização e 01 de Aperfeiçoamento. É importante destacar que, apesar da amostra neste quesito se apresentar mais diversificada em relação à formação básica dos respectivos docentes, 02 (50% dos docentes que possuem título de Especialização e/ou Aperfeiçoamento) fizeram esse curso em Documentação e Informação⁸.

QUADRO 39
Titulação dos docentes voluntários (Especialização e Aperfeiçoamento)

Especialização / Aperfeiçoamento	Quantidade de Docentes
Aperfeiçoamento em Licenciatura Plena em Arquivologia	01
Especialização em Análise, Descrição e Recuperação da Informação	01
Especialização em Análise e Projeto de Sistema de Informação	01
Especialização em Documentação e Informação	02
Especialização em Planejamento, Organização e Direção de Arquivos	02
Não fizeram curso de Especialização e/ou Aperfeiçoamento	02

Fonte: Elaborado a partir dos Currículos Lattes dos docentes voluntários da pesquisa⁹.

Quanto ao título de mestrado, mais uma vez a amostra obteve uma caracterização homogênea: todos os 06 (seis) docentes voluntários têm esse título e todos (100%) concluíram o Mestrado na UNIRIO, no Programa de Pós-graduação em Memória Social e Documento, que, a partir de 2005, passou a ser denominado Programa de Pós-graduação em Memória Social. (QUADRO 40).

⁷ Disponível em: <<http://lattes.cnpq.br/>>. Acesso em 15 dez 2008.

⁸ Este curso de especialização iniciou-se em 1955, no Instituto Brasileiro de Documentação Bibliográfica (IBBD), hoje Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT). O referido curso teve como primeira denominação Curso de Pesquisas Bibliográficas. Em 1964 passou a ser denominado Curso de Documentação Científica (CDC) e em 1984 recebeu a denominação de Curso de Especialização em Documentação e Informação, com vínculo acadêmico na UFRJ. A cada ano o Curso era dedicado a uma determinada temática, sendo que na ocasião em que os docentes voluntários deste processo investigativo fizeram o referido curso a temática foi "Informação e Cidadania". É importante aqui destacar que a evolução e as experiências deste curso de especialização tiveram um papel significante na criação do mestrado em Ciência da Informação do IBICT.

⁹ Disponível em: <<http://lattes.cnpq.br/>>. Acesso em 15 dez 2008.

QUADRO 40
Titulação dos docentes voluntários (Mestrado)

Mestrado	Quantidade de Docentes
Memória Social / Memória Social e Documento	06

Fonte: Elaborado a partir dos Currículos Lattes dos docentes voluntários da pesquisa¹⁰.

Em relação ao Programa de Pós-graduação Memória Social / Memória Social e Documento, é importante ainda considerar que, de acordo com Pinheiro (1998b, p. 5), trata-se da concretização dos esforços de um grupo de estudos integrado por docentes da História, **Ciência da Informação**, Biblioteconomia, Museologia, Educação e **Arquivologia**, o qual tinha como objetivo planejar um mestrado direcionado especialmente aos profissionais de Museologia, Arquivologia e Biblioteconomia, de modo a responder a uma demanda interdisciplinar. Na ocasião, no final de 1987, como resultado das ações desse grupo houve a institucionalização do Mestrado em Administração de Centros Culturais e, a partir de 1995, o ele passou a ser denominado Memória Social e Documento.

Em relação ao título de doutorado, 04 (quatro) docentes voluntários têm esse título (66,66%) e 01(um) docente encontra-se com o doutorado em andamento¹¹. Neste quesito, apesar da amostra ter se apresentado um pouco mais diversificada, é importante ressaltar que, dos 04 (quatro) docentes que possuem o título de doutorado, 02 (dois), ou seja, 50%, fizeram o doutorado em Ciência da Informação (QUADRO 41).

QUADRO 41
Titulação dos docentes voluntários (Doutorado)

Doutorado	Quantidade de Docentes
Ciência da Informação	02
Ciências Sociais	01
Educação	01
Não tem doutorado	02*

Fonte: Elaborado a partir dos Currículos Lattes dos docentes voluntários da pesquisa¹².

* Um docente está com o doutorado em andamento no Programa de Pós-graduação em Memória Social da UNIRIO

No que diz respeito às entrevistas junto aos docentes integrantes da amostra, a intenção foi apontar os eventos indicativos de categorias, ou seja, coletar dados sobre o que os respectivos sujeitos do estudo fazem em termos de ação e interação, consistindo nas maneiras

¹⁰ Disponível em: <<http://lattes.cnpq.br/>>. Acesso em 15 dez 2008.

¹¹ Este docente está cursando o seu doutorado no Programa de Pós-graduação em Memória Social da UNIRIO.

¹² Disponível em: <<http://lattes.cnpq.br/>>. Acesso em 15 dez 2008.

como estes formulam, pensam e equacionam seus problemas-situação; nas maneiras como eles buscam e implementam as melhores soluções; nas maneiras como testam e avaliam as soluções encontradas; nas maneiras como contextualizam e questionam os caminhos escolhidos para solucionar os seus desafios; nas maneiras como operam, processam e integram nos sistemas de significação os seus conhecimentos; e nas maneiras como trabalham em equipe e criam disposição para ouvir, contribuir e produzir no e para o grupo, tendo em vista a (re)-construção dos horizontes científicos e epistemológicos da Arquivologia, a (re)-definição do seu lócus de produção de conhecimento, e a (re)-definição dos seus marcos interdisciplinares. Para tanto, tais entrevistas compreenderam o domínio material e de estudo da Arquivologia; o nível de integração teórica e as contingências históricas de produção e desenvolvimento da Arquivologia; o seu o lócus de produção de conhecimento; os horizontes científicos e epistemológicos da Arquivologia e suas novas perspectivas; as características interdisciplinares da Arquivologia (práticas de importação, cruzamento e convergência); as novas estruturas curriculares e as novas demandas no âmbito da educação em Arquivologia no Brasil; a vivência e experiência dos sujeitos no ambiente acadêmico e profissional; suas linhas de ação e de interação; suas referências; e os sentidos que as coisas (objetos físicos, outros sujeitos, instituições, idéias, argumentos, soluções, atividades e situações) têm para eles. (Conforme o Roteiro contido no APÊNDICE C)

Após realização de cada entrevista, realizou-se de imediato a transcrição, na qual alguns critérios foram utilizados:

1. As passagens pouco audíveis foram colocadas entre colchetes;
2. Os silêncios foram assinalados por reticências;
3. Palavras com forte entonação foram destacadas entre aspas;
4. Uma vez terminada a transcrição, o texto foi submetido a um copidesque, onde foram abolidas as repetições, corrigidos eventuais erros de português e de pontuação, sem que o sentido do texto fosse alterado.

Feito isso, a partir da compreensão da simbologia expressa por intermédio das respostas dos docentes, contidas nas respectivas transcrições das entrevistas, buscou-se identificar as zonas interdisciplinares entre a Arquivologia e a Ciência da Informação, categorizando e codificando os símbolos emergidos, pautados nos métodos da Teoria Fundamentada nos Dados, a qual parte do pressuposto de que:

As pessoas comumente descrevem objetos, cenas, fatos, ações, emoções, humores e aspirações em suas conversas diárias. Não apenas as pessoas comuns descrevem, mas também o fazem, como parte de seu trabalho diário [...]. A descrição se baseia em vocabulário comum para transmitir idéias sobre coisas, pessoas e locais. [...] A descrição também é necessária para informar o que estava (ou está) acontecendo, como está o ambiente, o que as pessoas envolvidas estão fazendo, e assim por diante. O uso da linguagem comum pode fazer com que fatos comuns pareçam extraordinários (STRAUS; CORBIN, 2008, p. 29-30).

Diante do exposto, à medida que os dados foram coletados, através das entrevistas, e depois transcritos, foram submetidos a uma análise sistematizada, ou seja, um “ordenamento conceitual” ou organização dos dados, seguindo suas propriedades e dimensões, conforme os preceitos da Teoria Fundamentada nos Dados. Sendo assim, o processo de análise de dados passou por três etapas interdependentes: **codificação aberta**, **codificação axial** e **codificação seletiva**.

Conforme considera Straus e Corbin (2008, p. 104), a **codificação aberta** é utilizada para revelar, nomear e desenvolver conceitos, expondo os pensamentos, as idéias e os significados que eles contêm. Durante este processo, os dados são examinados, selecionados, comparados e classificados rigorosamente objetivando encontrar suas similaridades e diferenças. Ou seja, os conceitos podem representar, de forma abstrata, o agrupamento de eventos, de acontecimentos, de objetos e de ações/interações considerados similares em natureza ou relacionados em significado.

Um conceito é um **fenômeno rotulado**. É uma representação abstrata de um fato, de um objeto ou de uma ação/interação que um pesquisador identifica como importante nos dados. O objetivo por trás da nomeação de fenômenos é permitir aos pesquisadores agrupar fatos, acontecimentos e objetos similares sob um tópico ou uma classificação comum. Embora fatos ou acontecimentos possam ser elementos distintos, o fato de compartilharem características comuns ou significados relacionados permite que sejam agrupados. [...] Quando os conceitos são usados na interação, sempre provocam uma imagem cultural comum. Isso porque os conceitos compartilham certas propriedades. [...] Dessa forma, qualquer coisa rotulada é algo que pode ser localizado, colocado em uma classe de objetos similares ou *classificação*. Qualquer coisa sob uma determinada classificação tem uma ou mais propriedades (características) “reconhecíveis” (realmente definidas) [...]. (STRAUS; CORBIN, 2008, p. 105).

Como se percebe, um dado (fatos ou eventos, objetos, ações/interações, idéias, etc) recebe um nome que os represente e à medida que se prossegue a análise, ao se deparar com outros dados que compartilhem algumas características comuns, estes recebem o mesmo nome, ou seja, o mesmo código ou conceito. É importante ressaltar, conforme lembra Straus e

Corbin (2008, p. 106), que este nome pode ser dado pelo próprio pesquisador (tendo em vista as suas percepções, imagens ou significados oriundos da sua análise comparativa e/ou do contexto) ou pode ser retirado das palavras dos sujeitos entrevistados (*código in vivo*). Todavia, Straus e Corbin (2008, p. 106) alertam que, tendo em vista o propósito analítico, a maneira como um sujeito define e interpreta os atributos (características) e os significados dos dados é um fator determinante para as diversas formas que os conceitos podem ser classificados.

A codificação aberta foi a primeira etapa do processo de análise dos dados onde se iniciou um processo de codificação manual, ou seja, realizou-se a leitura das respectivas entrevistas, submetendo-as ao processo de codificação, linha a linha, procurando exprimir as palavras ou frases que traduzem a essência do discurso dos entrevistados. As palavras, frases e parágrafos selecionados foram examinados, comparados e receberam um código conceitual. Ou seja, para cada dado bruto (fragmento da entrevista) atribuiu-se uma expressão formando “códigos conceituais (símbolos)”. Segue um exemplo (QUADRO 42):

QUADRO 42
Exemplo de Codificação aberta

Codificação Aberta (Códigos conceituais / símbolos)	Dados Brutos
Falando sobre o usuário	<p>“Não só a parte de organização que a gente já faz pensando no acesso, mas também o usuário e no fato mesmo de lidar com a diferença de informação [...] acho que isso é o mais importante.” (DOC-01, grifo nosso)</p> <p>“[...] a respeito da necessidade e uso da informação e representação da informação eu acho que tem tudo haver com o que eu falei até agora. A representação da informação aqui é o antigo nome da representação do conhecimento. Eu acho que tem tudo haver. [...] Eu não sei se a gente tem estudos de usuários. É uma coisa importante para a Arquivística. [...] Porque na hora de se pensar a organização dos acervos, eu acho que esse fato [...] seria relevante.” (DOC-03, grifo nosso)</p> <p>“Eu vejo que eles [os alunos] estão muito interessados na questão do usuário. Quem é esse usuário, como adequar o trabalho de arquivo para o usuário? Quais são os instrumentos que vão proporcionar a acessibilidade?” (DOC-04, grifo nosso)</p>
Falando sobre a necessidade e o uso da informação	<p>“[...] essas tecnologias todas que estão à disposição, a leitura que eu tenho, é exatamente de possibilitar esse uso. Agora, tem esse uso imediato, [...] mas tem usos futuros, que eu não sei se com essa fragilidade vai dar.” (DOC-02, grifo nosso)</p> <p>“Possibilidade de produzir, sistematizar e socializar conhecimentos e tecnologias e esteja apto a compreender as necessidades dos grupos sociais e comunidades com relação a problemas sócio-econômicos, culturais, políticos e organizativos, de forma a utilizar racionalmente os recursos disponíveis [...]” (DOC-06, grifo nosso)</p>
Falando sobre a acessibilidade e a disponibilidade	<p>“[...] disponibilizando documentos e informações que vão salvar milhares de pessoas. Tenho certeza, tenho consciência disso.” (DOC-02, grifo nosso)</p> <p>“Acho que é fundamental pensar a questão do acesso, de acessibilidade. Ou seja, quem hoje busca ou poderia buscar o arquivo como fonte de conhecimento?” (DOC-04, grifo nosso)</p> <p>“Aspectos referentes à avaliação, organização, preservação e acessibilidade aos documentos devem ser considerados no tratamento de arquivos e documentos. É importante destacar que o tratamento de documentos deve objetivar, em última análise, o acesso à informação, seja referindo-se aos documentos privados como aos documentos públicos.” (DOC-06, grifo nosso)</p>

Fonte: Dados da pesquisa.

Depois de abrir as transcrições das respectivas entrevistas e obter alguns conceitos, o próximo passo foi agrupar esses conceitos em subcategorias e categorias (**codificação axial e codificação seletiva**), tendo em vista que um número significativo de conceitos (códigos conceituais ou símbolos) começou a se acumular, e, tendo em vista ainda, conforme observa Straus e Corbin (2008, p. 115):

[...] uma vez que os conceitos comecem a se acumular, o analista deve começar o processo de agrupá-los ou de categorizá-los sob termos explicativos mais abstratos, ou seja, categorias. Uma vez que uma categoria seja identificada, fica mais fácil recordá-la, pensar sobre ela e (mais importante) desenvolvê-la em termos de suas propriedades e suas dimensões e diferenciá-la, dividindo-a em *subcategorias*, ou seja, explicando quando, onde, por que, como, etc., uma categoria tende a existir.

Os mesmos autores (2008, p. 114) explicam que as categorias são compostas pelos conceitos derivados dos dados e que representam os fenômenos (idéias analíticas importantes que emergem dos dados), os quais são capazes de responder à pergunta “O que está acontecendo aqui?”

Eles [os fenômenos] representam problemas, questões, preocupações e assuntos que são importantes para aquilo que está sendo estudado. O nome escolhido para uma categoria geralmente é aquele que parece o descritor mais lógico para o que está acontecendo. O nome deve ser gráfico o suficiente para lembrar rapidamente o pesquisador de seu referente. Como as categorias representam fenômenos, elas devem receber nomes diferentes, dependendo da perspectiva da análise, do foco da pesquisa e (mais importante) **do contexto de pesquisa**. [...] Alguns nomes vêm do grupo de conceitos já descoberto nos dados. À medida que o analista examina as listas de conceitos, um deles pode se destacar como mais amplo e mais abstrato do que os outros (STRAUS; CORBIN, 2008, p. 114-115).

Sendo assim, o objetivo da codificação axial e da codificação seletiva é re-organizar os códigos, em um nível maior de abstração. Na codificação axial as combinações são estabelecidas objetivando formar as subcategorias, que por sua vez serão organizadas, através da codificação seletiva, formando categorias. O objetivo da codificação axial e da codificação seletiva é recomençar o processo de agrupamento dos dados que foram codificados durante a codificação aberta, gerando explicações mais precisas e completas sobre os fenômenos; uma vez que durante a codificação aberta, começa-se a surgir um sentido de como estes se relacionam. Segue abaixo um exemplo de codificação axial e um exemplo de codificação seletiva (QUADROS 43 e 44, respectivamente):

QUADRO 43
Exemplo de Codificação axial

Codificação Axial (Subcategorias)	Codificação Aberta (Códigos conceituais / símbolos)
Abordando sobre a política de acesso	Falando sobre a acessibilidade e a disponibilidade
	Falando sobre o usuário
	Falando sobre a necessidade e o uso da informação
Abordando sobre o processamento técnico	Falando sobre a gestão/administração da informação e de documentos
	Falando sobre a necessidade e a capacidade de guarda

Fonte: Dados da pesquisa.

QUADRO 44
Exemplo de Codificação seletiva

Codificação Seletiva (Categorias)	Codificação Axial (Subcategorias)	Codificação Aberta (Códigos conceituais / símbolos)
Aspectos técnico-funcionais	Abordando sobre a política de acesso	Falando sobre a acessibilidade e a disponibilidade
		Falando sobre a disseminação e comunicação da informação
		Falando sobre a comunicação científica
		Falando sobre a política de informação
		Falando sobre a representação da informação e do conhecimento / processo de descrição
		Falando sobre a linguagem documentária
		Falando sobre a recuperação da informação
		Falando sobre o usuário
		Falando sobre a necessidade e o uso da informação
		Falando sobre a produção de conhecimento
	Abordando sobre o processamento técnico	Falando sobre a produção informacional e documental
		Falando sobre o registro da informação
		Falando sobre a gestão/administração da informação e de documentos
		Falando sobre a necessidade e a capacidade de guarda
		Falando sobre os estoques de informação
		Falando sobre o fluxo de informação

Fonte: Dados da pesquisa.

Cabe aqui destacar que, nestes processos de codificação, o movimento é circular, um código conceitual por sua vez pode se tornar uma categoria ou subcategoria e vice-versa, tendo em vista a representatividade e a ocorrência na amostra. Ou seja, uma categoria, mediante sucessivas leituras e análises, pode regredir a código conceitual, tendo em vista a reflexão realizada. Além disso, conforme explicam Straus e Corbin (2008, p. 124-125) as subcategorias também são categorias, todavia ao invés de representarem os fenômenos em si, elas indicam as questões sobre os mesmos (quando ocorrem, onde ocorrem, por que ocorrem, quem ou o que provocam, com que consequências etc), permitindo ao analista um maior poder explanatório dos conceitos (códigos conceituais ou símbolos) eleitos. Conforme ressaltam Straus e Corbin (2008, p. 135), tanto as dimensões como as relações acrescentam densidade e poder explanatório. Os mesmos autores também ressaltam que:

Uma categoria é considerada *saturada* quando parece não surgir nenhuma nova informação durante a codificação, ou seja, quando não se vê novas propriedades, dimensões, condições, ações/interações ou conseqüências nos dados. Porém essa declaração é uma questão de grau. Na realidade, se a pessoa procurar com afinco, sempre vai encontrar propriedades ou dimensões adicionais. Sempre há potencial para surgimento do “novo”. A saturação é mais uma questão de encontrar um ponto na pesquisa no qual coletar dados adicionais parece contraprodutivo; o “novo” que é revelado não acrescenta muita coisa à explicação naquele momento. Ou como ocorre algumas vezes, o pesquisador fica sem tempo ou sem dinheiro, ou ambos. (STRAUS; CORBIN, 2008, p. 135)

Enfim, seguindo as estratégias metodológicas aqui eleitas e descritas, foi possível obter os resultados apresentados no capítulo seguinte.

8 OS RESULTADOS

Em relação à codificação aberta, após a análise dos fragmentos das entrevistas junto aos docentes de Arquivologia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), foi possível formar algumas expressões contendo códigos conceituais ou símbolos - elementos estruturados em termos de sentidos e significados intersubjetivamente reconhecidos e caracterizadores do contexto de ação dos sujeitos e fenômenos envolvidos (*jogo de linguagem*).

Prosseguindo com o processo de análise, foi possível perceber que dentre os códigos conceituais ou símbolos obtidos 76 (Coluna 04 do QUADRO 45 e APÊNDICE D) eram utilizados tanto no âmbito da Arquivologia quanto no âmbito da Ciência da Informação¹, tais como: informação, documento, acessibilidade, disponibilidade, usuário, sistemas de informação, gestão/administração, novas tecnologias, tecnologias da informação e da comunicação, tratamento e organização informacional e documental, função social-político-econômico-cultural, etc. Diante desta constatação, considerou-se que a simbologia e os significados emergidos das práticas discursivas dos docentes de Arquivologia da UNIRIO representavam as suas atitudes objetivantes (máximas comportamentais pautadas nos seus interesses – *ações estratégicas*) e as suas atitudes dirigidas e orientadas pelas normas e regras intersubjetivamente reconhecidas (*ações comunicativas*); oriundas da disciplinaridade arquivística e da interdisciplinaridade entre a Arquivologia e a Ciência da Informação. Ou seja, códigos conceituais ou símbolos dotados de identidade de significados e de validade no mundo subjetivo e no mundo social comum aos docentes em questão, aos eventos, aos fatos, aos fenômenos, às situações e aos processos que fazem parte dos seus respectivos cotidianos.

Objetivando encontrar explicações mais precisas e completas que pudessem indicar e/ou representar zonas interdisciplinares entre a Arquivologia e a Ciência da Informação, foi possível reagrupar estas 76 expressões comuns aos dois campos do conhecimento, contidas nas práticas discursivas dos docentes depoentes, em 19 subcategorias (Coluna 03 do QUADRO 45); as quais, na concepção desta pesquisa,

¹ Este fenômeno pode ser constatado ao longo do Capítulo 3, no qual se encontra uma revisão de literatura a respeito da Arquivologia, Ciência da Informação e do Capítulo 4, onde foi abordado sobre as suas relações de diálogos e fronteiras.

apontavam com mais clareza algumas questões gerais que ambos os campos do conhecimento abordam: questões epistemológicas, interdisciplinares, de pesquisa, sobre a atuação profissional, sobre o ensino e formação profissional, sobre a política de acesso, sobre o processamento técnico, sobre as políticas de segurança jurídico-administrativa, sobre as circunstâncias e conjunturas tecnológicas, sobre as circunstâncias e conjunturas econômico-político-sociais, sobre tecnologia e segurança, sobre tecnologia e recuperação, sobre tecnologia e gestão, sobre tecnologia e armazenamento, questões político-administrativas, questões político-sociais, questões econômicas, questões sobre patrimônio, e as questões culturais. Ou seja, questões que indicam quando ocorrem, onde ocorrem, por que ocorrem, quem ou o que provocam e com que consequências o fenômeno de trocas interdisciplinares entre ambas as áreas têm possibilidades de se efetivar.

Dando prosseguimento à análise proposta, foi possível, ainda, reagrupar essas 19 subcategorias (ou questões) em 07 categorias (Coluna 02 do QUADRO 45), as quais, na concepção desta pesquisa, podem indicar e/ou representar os aspectos (propriedades e/ou dimensões) que potencializam a efetivação de zonas interdisciplinares entre a Arquivologia e a Ciência da Informação. As categorias (aspectos, propriedades e/ou dimensões) encontradas foram: aspectos epistemológicos e interdisciplinares (relativos à gênese, à produção, à evolução e à estruturação de um campo do conhecimento); aspectos acadêmicos e profissionais (relativos às práticas educativas e profissionais); aspectos técnico-funcionais (que atendem aos fins práticos); aspectos circunstanciais e conjunturais (relativos às condições e situações momentâneas - nível micro); aspectos tecnológicos (relativos ao contexto tecnológico – nível macro); aspectos políticos, econômicos e sociais (relativos ao contexto político-econômico-social – nível macro); e os aspectos culturais (relativos ao contexto cultural – nível macro).

Diante destes resultados, foi possível construir um quadro (QUADRO 45) contendo um mapeamento de evidências indicativas e/ou representativas de zonas interdisciplinares entre Arquivologia e a Ciência da Informação; quadro este, pautado nas práticas discursivas dos docentes de Arquivologia da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO):

QUADRO 45

Evidências indicativas e/ou representativas de zonas interdisciplinares entre a Arquivologia e a Ciência da Informação

Domínios do campo científico	Codificação Seletiva (Categorias)	Codificação Axial (Subcategorias)	Codificação Aberta (Códigos conceituais / símbolos)
Domínio Gnosiológico	Aspectos epistemológicos e interdisciplinares	Abordando sobre as questões epistemológicas	Falando sobre a informação e o documento Falando sobre a necessidade de uma base humanística
		Abordando sobre as questões interdisciplinares	Falando sobre a relação com a Administração
			Falando sobre a relação com a Antropologia
			Falando sobre a relação com a Biblioteconomia
			Falando sobre a relação com a Ciência da Informação
			Falando sobre a relação com a Comunicação
			Falando sobre a relação com a Estatística
			Falando sobre a relação com a área de Educação
			Falando sobre a relação com a História
			Falando sobre a relação com a Informática
			Falando sobre a relação com a Linguística
			Falando sobre a relação com a Museologia
			Falando sobre a relação com as Ciências Humanas
			Falando sobre a relação com as Ciências Sociais
	Falando sobre a relação com o Direito		
	Falando sobre a relação com a Inteligência Competitiva e a Gestão do Conhecimento		
	Falando sobre a relação com vários campos do conhecimento		
		Abordando sobre as questões de pesquisa	Falando sobre as questões de pesquisa
	Aspectos acadêmicos e profissionais	Abordando sobre a atuação profissional	Falando sobre a atuação profissional
			Falando sobre a intencionalidade e a subjetividade na atuação do profissional
Falando sobre a ética profissional			
Abordando sobre o ensino e formação profissional		Falando sobre o ensino e a formação profissional Falando sobre a ausência de uma pós-graduação em Arquivologia no Brasil	
Domínio Pragmático	Aspectos técnico-funcionais	Abordando sobre a política de acesso	Falando sobre a acessibilidade e a disponibilidade
			Falando sobre a disseminação e comunicação da informação
			Falando sobre a comunicação científica
			Falando sobre a política de informação
			Falando sobre a representação da informação e do conhecimento / processo de descrição
			Falando sobre a linguagem documentária
			Falando sobre a recuperação da informação
			Falando sobre o usuário
			Falando sobre a necessidade e o uso da informação
			Falando sobre a produção de conhecimento
	Abordando sobre o processamento técnico	Falando sobre a produção informacional e documental	
		Falando sobre o registro da informação	
		Falando sobre a gestão/administração da informação e de documentos	

Domínios do campo científico	Codificação Seletiva (Categorias)	Codificação Axial (Subcategorias)	Codificação Aberta (Códigos conceituais / símbolos)		
			Falando sobre a necessidade e a capacidade de guarda		
			Falando sobre os estoques de informação		
			Falando sobre o fluxo de informação		
			Falando sobre o processo de seleção e avaliação		
			Falando sobre o processo de classificação		
			Falando sobre o processo de tratamento e organização informacional e documental		
			Falando sobre a organização do conhecimento		
			Falando sobre a preservação e conservação		
		Abordando sobre as políticas de segurança jurídico-administrativa	Falando sobre a autenticidade, fidedignidade e valor probatório		
			Falando sobre segurança e política de acesso		
		Domínio Contextual (macro) e Conjuntural (micro)	Aspectos circunstanciais e conjunturais	Abordando sobre as circunstâncias e conjunturas tecnológicas	Falando sobre a convergência digital
					Falando sobre as novas tecnologias e sobre o impacto das novas tecnologias
					Falando sobre as Tecnologias da Informação e da Comunicação
					Falando sobre a Internet
Abordando sobre as circunstâncias e conjunturas econômico-político-sociais	Falando sobre as demandas e expectativas da sociedade no mundo moderno e contemporâneo				
	Falando sobre o crescimento informacional e documental				
Aspectos tecnológicos	Abordando sobre tecnologia e segurança		Falando sobre o suporte e a fragilidade do suporte		
			Falando sobre a web-semântica		
	Abordando sobre tecnologia e recuperação		Falando sobre os Sistemas de Recuperação da Informação		
			Falando sobre os metadados		
			Falando sobre as redes de informação		
	Abordando sobre tecnologia e gestão		Falando sobre os Sistemas de Informação		
			Falando sobre os documentos eletrônicos/digitais		
			Falando sobre os arquivos digitais e virtuais / repositórios digitais		
	Abordando sobre tecnologia e armazenamento	Falando sobre as Bases de Dados			
		Falando sobre o processo de tomada de decisão			
Aspectos políticos econômicos e sociais	Abordando sobre as questões político-administrativas	Falando sobre a relação com o Estado / Administração Pública			
		Falando sobre o papel burocrático			
		Falando sobre os arquivos como instrumento de poder			
		Falando sobre as políticas públicas			
	Abordando sobre as questões político-sociais	Falando sobre o papel político			
		Falando sobre o papel social			
		Falando sobre o a inclusão social e o exercício da cidadania			
		Falando sobre as redes sociais			
	Abordando sobre as questões econômicas	Falando sobre economia da informação			
		Falando sobre o papel na economia			
Aspectos culturais	Abordando sobre patrimônio	Falando sobre memória e política de memória			
	Abordando sobre as questões culturais	Falando sobre o papel cultural			

Fonte: Dados da pesquisa.

Em relação ao quadro supra apresentado, (QUADRO 45) é importante fazer aqui um esclarecimento quanto à subcategoria *Abordando sobre as questões interdisciplinares*. No processo de análise das entrevistas foi possível perceber que os docentes de Arquivologia da UNIRIO, além de citarem a Ciência da Informação enquanto um campo do conhecimento interdisciplinar, também citaram outros campos do conhecimento (Administração, Antropologia, Biblioteconomia, Comunicação, Direito, Educação, Informática etc.), que também são citados por grande parte dos teóricos da Ciência da Informação, quando estes abordaram sobre as suas relações interdisciplinares. Neste sentido, tendo em vista que a Arquivologia e a Ciência da Informação possuem perspectivas interdisciplinares com áreas do conhecimento similares, surgiu a seguinte pergunta: Estas perspectivas interdisciplinares da Arquivologia e da Ciência da Informação com outros campos do conhecimento possuem aspectos, questões e códigos conceituais (ou símbolos) comuns? Diante dessa pergunta, na linha de pensamento e análise aqui desenvolvida, acredita-se que sim (FIGURA 11), todavia esta questão merece mais investigações e aprofundamentos.

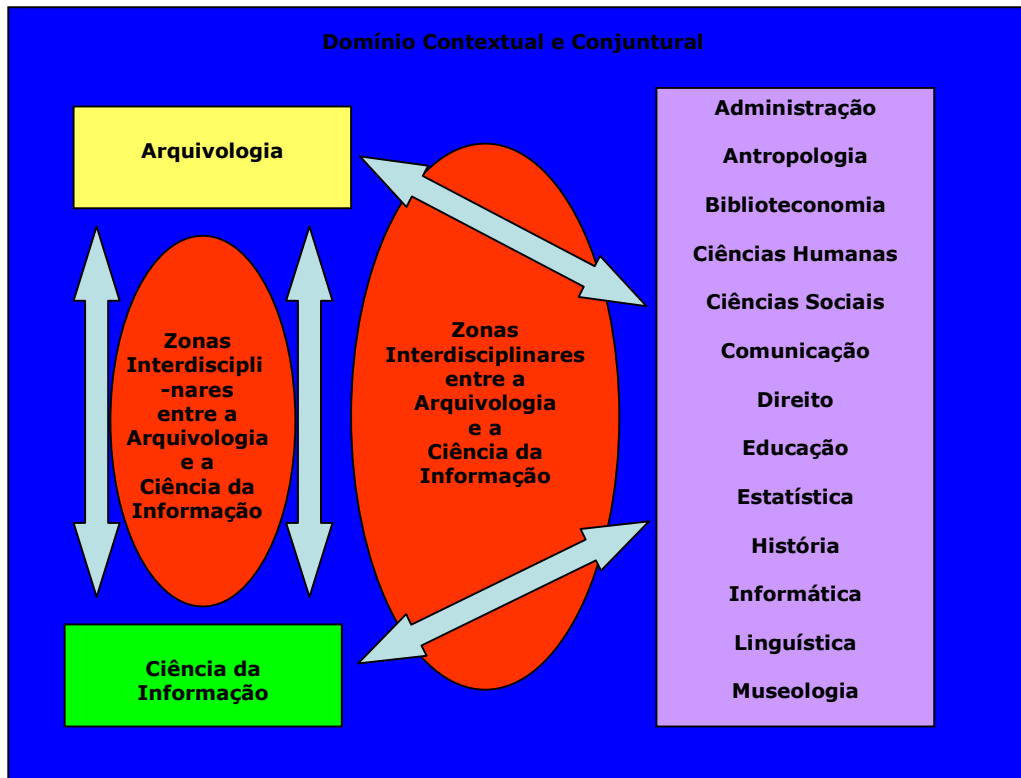


Figura 11 – Relações interdisciplinares da Arquivologia e da Ciência da Informação
Fonte: Dados da pesquisa.

Enfim, diante de todas estas evidências, foi possível perceber que os aspectos (propriedades e/ou dimensões), as questões e os códigos conceituais (ou símbolos) envolvidos, compõem o “plexo” dos três domínios científicos tanto da Arquivologia quanto da Ciência da Informação, ou seja: o domínio gnosiológico, o domínio pragmático e o domínio contextual (nível macro) e conjuntural (nível micro) (Coluna 01 do QUADRO 45 e FIGURA 12).

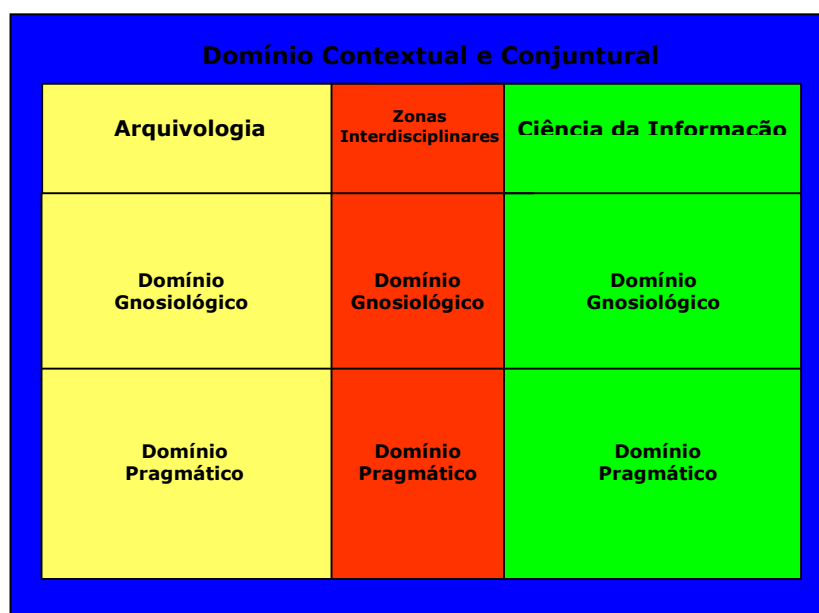


Figura 12 – Os domínios científicos da Arquivologia e da Ciência da Informação e suas zonas interdisciplinares

Fonte: Dados da pesquisa.

9 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao retornar à abordagem de Japiassu (1976), apresentada no sub-capítulo 6.1, e, diante dos resultados desta pesquisa e da revisão de literatura elaborada, podemos observar que:

A Arquivologia e a Ciência da Informação possuem relações *de contiguidade*, uma vez que, em determinados momentos, elas se justapõem; *relações de fronteira*, tendo em vista que há zonas de recobrimento entre ambas que correspondem a uma fronteira comum; *relações de dependência e de interdependência*, uma vez que em determinadas situações o que se produz no campo de uma converte-se em causa no que se produz, no campo da outra; *relações de transespecificidade*, tendo em vista a quantidade de conceitos, em diversos graus, com funções similares no interior de ambos os campos do conhecimento; e relações de *transcausalidade*, haja vista que alguns fenômenos que são produzidos no cerne de ambos os campos, algumas vezes dependem de uma mesma causa que lhes é exterior.

Em relação aos níveis ou enfoques metodológicos de Japiassu (1976), acredita-se que o trabalho interdisciplinar entre a Arquivologia e a Ciência da Informação pode-se desenvolver tanto no *nível pluridisciplinar*, onde um mesmo objeto, no caso a informação, pode ser vista sob ângulos ou pontos de vistas diferentes, sem um acordo prévio quanto aos conceitos ou aos métodos (sem uma real integração de conceitos, de conteúdos, de linguagem e/ou de metodologia); quanto no *nível da pesquisa interdisciplinar propriamente dita*, ou seja, concretizando-se uma *integração de ordem propriamente epistemológica (integração dos conceitos - contatos interdisciplinares)* e uma *integração dos métodos*.

É importante ressaltar que o fato de se ter encontrado, nesta pesquisa, um número significativo de pontos indicativos e/ou representativos de zonas interdisciplinares entre a Arquivologia e a Ciência da Informação, não significa necessariamente que possa haver uma absorção ou integração dos respectivos campos do conhecimento (*relação de amplos recobrimentos*), nem tão pouco uma relação de hierarquia; haja vista que devem ser consideradas as especificidades dos domínios gnosiológicos, pragmáticos e contextuais de ambos os campos. Especificidades estas, que, na perspectiva desta pesquisa, foram abordadas no capítulo 3, mais especificamente no sub-capítulo 3.1 e no sub-capítulo 3.2, e sintetizadas no quadro abaixo (QUADRO 46):

QUADRO 46
Especificidades da Arquivologia e da Ciência da Informação

Arquivologia	Ciência da Informação
<p><u>objeto</u>: a informação arquivística ou informação orgânica registrada - um objeto duplo (a informação arquivística em si e o seu contexto de criação) (THOMASSEN, 1999);</p> <p><u>campo fenomenológico</u> o contexto administrativo e organizacional (ambiente funcional, sistematizado e coordenado) (ROUSSEAU; COUTURE, 1998);</p> <p><u>domínio</u>: a lógica do documento individual e as suas relações com os processos ou transações administrativos (THOMASSEN, 1999);</p> <p><u>finalidade</u>: 1) atuar na resolução dos problemas relacionados à gestão da informação orgânica registrada das organizações (ROUSSEAU e COUTURE, 1998); 2) a manutenção da qualidade arquivística, defendendo "a transparência, a força e a estabilidade duradoura do vínculo" entre as informações arquivísticas e o processo e transações administrativas que foram responsáveis pela sua gênese (THOMASSEN, 1999);</p> <p><u>características técnicas</u>: "aplicação de técnicas de modelagem e de normas descritivas" (THOMASSEN, 1999);</p> <p><u>as características que compõem a base da sua evolução e existência</u>: o caráter patrimonial e historicista dos documentos, a existência de um organismo estatal coordenador da política arquivística, a noção instrumental de fundo, os princípios teóricos baseados na evidência e no pragmatismo, práticas técnico-operatórias (RIBEIRO, 2002). Atualmente, vem tentando estabelecer relações com as Tecnologias da Informação e a nova realidade social e informacional;</p> <p><u>metodologia</u>: criação, manutenção e análise das relações entre as informações arquivísticas e seus criadores, buscando "estabelecer, manter e analisar a autenticidade, a confiabilidade e a fidedignidade dos registros" (THOMASSEN, 1999);</p> <p><u>áreas funcionais</u>: os arquivos (convencionais e eletrônicos) - sistemas de informação orgânica registrada;</p> <p><u>novos pressupostos e pontos amplos de mudanças</u>: questões relacionadas à preservação, ao princípio da proveniência, ao contexto de produção e de criação dos documentos, à formatação da memória coletiva através dos arquivos e à natureza mutante da teoria arquivística (COOK, 1997).</p>	<p><u>objeto</u>: as "pragmáticas sociais de informação" - um conjunto de regras e relações tecidas entre agentes, processos e produções simbólicas e materiais sobre processos de comunicação e conhecimento ("ações de informação"). (GONZÁLEZ DE GOMEZ, 1990);</p> <p><u>campo fenomenológico</u>: a comunicação direta e interativa nas suas diversas situações e contextos (incluindo as diversas formas de produção de conhecimento) (GONZÁLEZ DE GOMEZ, 1990);</p> <p><u>domínio</u>: uma ampla zona transdisciplinar, com dimensões físicas comunicacionais, cognitivas e sociais ou antropológicas. (GONZÁLEZ DE GOMEZ, 1990);</p> <p><u>finalidade</u>: concentra-se nos registros de conhecimentos humanos, enquanto objetos portadores de conteúdos em todas as suas formas, aspetos e meios, de modo que a sua ênfase primária está voltada para estes conteúdos, considerando a potencialidade informacional.(SARACEVIC, 1999);</p> <p><u>características técnicas</u>: a recuperação da informação, a relevância e a interação (SARACEVIC, 1999);</p> <p><u>as características que compõem a base da sua evolução e existência</u>: o caráter interdisciplinar; a relação com a Tecnologia da Informação; e sua participação direta na sociedade da informação. (SARACEVIC, 1999);</p> <p><u>metodologia</u>: considera suas características inter ou multidisciplinares e o seu caráter poliepistemológico, uma vez que "produz diferentes efeitos de sentido em diferentes contextos", dos quais fazem parte "a linguagem, com seus níveis sintáticos, semânticos e pragmáticos e suas plurais formas de expressão [...]"; os sistemas sociais de inscrições de significados; os sujeitos e organizações que geram e usam informações em suas práticas e interações comunicativas." (Três dimensões que requerem modalidades, formas de ação/operação e condições de produção do conhecimento diversificadas: semântico-discursiva, meta-informacional, e infra-estrutural).(GONZÁLEZ DE GOMEZ, 2000);</p> <p><u>áreas funcionais</u>: sistemas de informação (arquivos, bibliotecas, museus, etc..), conteúdo web, administração de dados;</p> <p><u>caráter poliepistemológico</u>: "diferentes efeitos de sentido em diferentes contextos" ("a linguagem, com seus níveis sintáticos, semânticos e pragmáticos e suas plurais formas de expressão; os sistemas sociais de inscrições de significados; e os sujeitos e organizações que geram e usam informações em suas práticas e interações comunicativas"). (GONZÁLEZ DE GOMEZ, p. 2000).</p>

Fonte: Dados da pesquisa.

Ao retornar à abordagem de Pombo (2003) sobre a *Epistemologia da Interdisciplinaridade*, apresentada no sub-capítulo 6.1, também é possível constatar algumas questões relevantes no que concerne aos resultados aqui encontrados, a saber:

Quanto aos diferentes contextos de aplicação da interdisciplinaridade, foi possível perceber que tanto o *contexto epistemológico* quanto o *contexto pedagógico* representam um território fértil para as relações interdisciplinares entre a Arquivologia e a Ciência da Informação. Em relação ao fator favorável no *contexto epistemológico*, onde a interdisciplinaridade tem como território as investigações científicas e as práticas de transferência de conhecimentos entre as disciplinas, este pode ser observado através da categoria *Aspectos epistemológicos e interdisciplinares*, mais especificamente nas subcategorias *Abordando sobre as questões epistemológicas* e *Abordando sobre as questões de pesquisa*; somando ao fato de que foi encontrado, nas práticas dos discursos dos docentes depoentes, um número significativo de expressões contendo códigos conceituais ou símbolos utilizados tanto pela Arquivologia quanto pela Ciência da Informação. Em relação ao fator favorável no *contexto pedagógico*, onde a interdisciplinaridade está relacionada às questões do ensino e às práticas escolares, este pode ser constatado através da categoria *Aspectos acadêmicos e profissionais* e principalmente a subcategoria *Abordando sobre o ensino e a formação profissional*; somado ao fato de que os dados aqui analisados foram oriundos das práticas discursivas de docentes de Arquivologia.

Ainda sobre o contexto de aplicação da interdisciplinaridade, os resultados aqui obtidos também deixam indícios de zonas interdisciplinares entre ambos os campos do conhecimento no *contexto empresarial e tecnológico*, no qual a interdisciplinaridade está associada ao “processo expedito de gestão e decisão” ou “para trabalhar na concepção, planificação e produção dos objetos a produzir” (POMBO, 2003, p. 2-3). Neste quesito, a subcategoria *Abordando sobre a atuação profissional* e em alguns itens das categorias *Aspectos técnico-funcionais*, *Aspectos circunstanciais e conjunturais*, *Aspectos tecnológicos* e *Aspectos políticos econômicos e sociais* podem ser considerados representativos.

Prosseguindo com as questões que envolvem o conceito de interdisciplinaridade, encontrados em Pombo (2003), no que diz respeito às frentes do trabalho interdisciplinar (nível *discursivo*, nível de *reordenamento disciplinar*, nível de *novas práticas de investigação* e nível do *esforço de teorização*) é importante destacar que:

No *nível discursivo*, onde os regimes curriculares e as metodologias de trabalhos desenvolvidos no âmbito das universidades e das escolas defendem as perspectivas interdisciplinares em prol do progresso científico, os resultados aqui encontrados indicam a possibilidade de *fecundação recíproca* entre a Arquivologia e a Ciência da Informação, por intermédio da transferência de conceitos, de problemáticas e de métodos em busca de uma leitura mais rica da realidade; criando assim (1) a possibilidade de atingirem *camadas mais profundas e mais complexas* de suas realidades cognoscíveis e (2) a possibilidade de constituição de *novos objetos do conhecimento*.

Em relação à *reordenação disciplinar* e às *novas práticas* de produção científica os resultados aqui obtidos também se mostram reveladores, haja vista que, indicam *práticas de importação* (importação de metodologias, de linguagens e etc), *práticas de cruzamento* (compartilhamento de problemas) e *práticas de convergência* (compartilhamento de terrenos comuns, de áreas comuns envolvendo convergências de perspectivas).

Enfim, ainda na abordagem de Pombo (2003), quanto ao nível do *esforço de teorização*, se considerarmos as práticas discursivas similares dos docentes de Arquivologia (*mecanismos comuns de sujeitos cognoscentes*) da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), estas sugerem zonas interdisciplinares entre a Arquivologia e a Ciência da Informação (*Programa Epistemológico*), tendo em vista a complexidade dos seus objetos de estudo e investigação; os *contextos epistemológico, pedagógico e empresarial e tecnológico*; as *práticas de importação, cruzamento e convergência* de saberes, de instrumentos conceituais, de métodos, de modelos e de princípios; a *fecundação recíproca*; os seus respectivos graus de *complexidade* e a *disponibilidade em constituir novos objetos de conhecimento*. Ou seja, pautadas no *perspectivismo*, na *complementaridade*, na *combinação* e na *convergência* de pontos de vista.

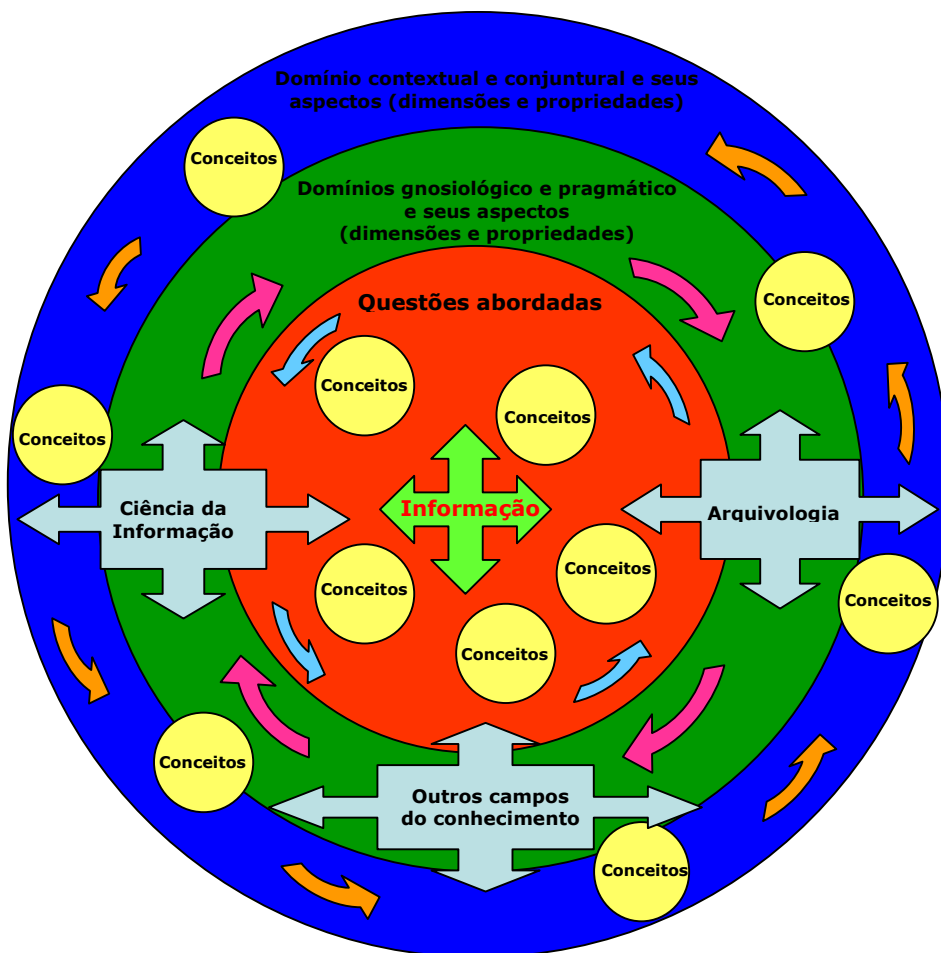
Sendo assim, de acordo com os objetivos aqui propostos, foi possível identificar, diante das novas tendências no “plexo” de relação epistemológica da Arquivologia e diante das novas estruturas e mudanças curriculares, as demandas relacionadas à Ciência da Informação no âmbito da educação em Arquivologia no Brasil, tendo como foco as práticas discursivas dos docentes de Arquivologia da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO); bem como identificar e destacar evidências indicativas e/ou representativas de zonas interdisciplinares entre ambos os campos do conhecimento.

Todavia estes fatos não devem ser considerados como finais, tendo em vista que existem outras problemáticas que devem ser consideradas e analisadas:

- Este fenômeno encontrado se repete nas práticas discursivas dos docentes das outras universidades brasileiras?
- Este fenômeno encontrado se repete fora do âmbito acadêmico brasileiro?
- Este fenômeno encontrado se repete no âmbito internacional (seja no âmbito acadêmico ou não)?
- Estas zonas interdisciplinares encontradas são exploradas de fato? Se sim, com quais densidades e aprofundamentos?
- Este fenômeno diz respeito apenas às demandas da Arquivologia em relação à Ciência da Informação? Ele é recíproco?

Como se percebe, o quadro aqui descrito é parcial, ou seja, não significa que as relações interdisciplinares ente a Arquivologia e a Ciência da Informação acontecem em graus de desenvolvimento, de densidade e de aprofundamento ideais e/ou adequados. Os resultados desta pesquisa demonstram o mapeamento de alguns aspectos, de algumas questões e de alguns códigos conceituais (símbolos) indicativos de zonas interdisciplinares entre ambos os campos do conhecimento, que podem ser explorados. Pautado neste mapeamento, no mínimo, pode-se afirmar que ambos os campos do conhecimento são multi ou pluridisciplinares, podendo alcançar graus de interdisciplinaridade e até mesmo de transdisciplinaridade.

Finalizando, diante das considerações apresentadas e seguindo os preceitos e perspectivas desta pesquisa, pode-se defender a hipótese de que a Arquivologia e a Ciência da Informação, são campos do conhecimento distintos (tendo em vista as suas especificidades), que lidam com um objeto em comum, a informação (de acordo com algumas características e sob pontos de vista ou ângulos diferentes), que compartilham de alguns códigos conceituais (símbolos) similares, que possuem zonas interdisciplinares promissoras entre si e que se encontram em um processo de delineamento dos seus contornos e demandas do ponto de vista do saber e das suas práticas (domínio gnosiológico e domínio pragmático), tendo em vista um “possível” alargamento de suas fronteiras, frente aos movimentos dos aspectos e das questões contextuais (nível macro) e conjunturais (nível micro) que lhes são apresentadas (FIGURA 13).



Legenda	
	Domínio contextual e conjuntural e seus aspectos (dimensões e propriedades)
	Domínios gnosiológico e pragmático e seus aspectos (dimensões e propriedades)
	Questões Abordadas
	Códigos conceituais (conceitos ou símbolos)
	Campo do conhecimento
	Movimentos no domínio contextual e conjuntural
	Movimentos nos domínios gnosiológicos e pragmáticos
	Movimentos das questões abordadas

FIGURA 13 – A Arquivologia e a Ciência da Informação

Fonte: Dados da pesquisa.

Na nossa concepção, estes movimentos no âmbito dos domínios e das questões abordadas pela Arquivologia e pela Ciência da Informação associados ao alargamento das suas respectivas fronteiras permitem com que se formem zonas interdisciplinares entre ambos os campos do conhecimento.

10 REFERÊNCIAS

ÁLVARES JÚNIOR, L. S. *Infra-estrutura de informação: classificação e padronização como fatores de convergência em gestão de ciência e tecnologia*. 2007. Dissertação (Mestrado em Ciências da Informação) - Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2007.

ARQUIVO NACIONAL (Brasil). *Dicionário brasileiro de terminologia arquivística*. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2005.

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. *Parecer n. CNE/CES 492/2001*, aprovado em 03 de abril de 2001. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/CES0492.pdf>>. Acesso em: 03 jan 2008.

_____. *Parecer n. CNE/CES 1.363/2001*, aprovado em 25 de janeiro de 2002. Disponível em: <http://www.cfess.org.br/arquivos/legislacao_parecercne_1363.pdf>. Acesso em: 03 jan 2008.

_____. *Resolução CNE/CES 19*, de 13 de março de 2002. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/sesu/arquivos/pdf/Resolucoes/r1902biblioteconomia.pdf>> Acesso em: 03 jan 2008.

_____. Presidência da República. *Lei Nº 9.394*, aprovada em 20 de dezembro de 1996. Disponível em: <http://www.presidencia.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm>. Acesso em: 03 jan 2008.

BRANCHE, H. B. *Relatório sobre o Arquivo Nacional do Brasil*. 2. ed. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional; Ministério da Justiça, 1975.

BRITTO, M. T. N. Cartografia do ensino universitário de arquivologia nas Américas. In: JARDIM, J. M.; FONSECA, M. O. K. (Orgs.). *A formação do arquivista no Brasil*. Niterói: EdUFF, 1999a. p. 9-30.

_____. O ensino universitário da Arquivologia no Brasil. In: JARDIM, José Maria; FONSECA, Maria Odila K. (Orgs.). *A formação do arquivista no Brasil*. Niterói: EdUFF, 1999b. p. 53-86.

BOTTINO, M. A interdisciplinaridade na graduação em Arquivologia. In: JARDIM, J. M.; FONSECA, M. O. K. (Orgs.). *A formação do arquivista no Brasil*. Niterói: EdUFF, 1999.

CAMARGO, A. M. A.; BELLOTTO, H. L. (Coord.) *Dicionário de terminologia arquivística*. São Paulo: Associação dos Arquivistas Brasileiros; Secretaria de Estado da Cultura, 1996.

CASSIANI, S. H. B.; CALIRI, M. H. L.; PELÁ, N. T. R. A teoria fundamentada nos dados como abordagem da pesquisa interpretativa. *Revista Latino-Americana de Enfermagem*, Ribeirão Preto, v. 4, n. 3, p.75-88, dez. 1996. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rlae/v4n3/v4n3a07.pdf>>. Acesso em: 09 maio 2008.

CASTRO, A. M. *Arquivo no Brasil e na Europa*. Rio de Janeiro: Ministério da Justiça/Arquivo Nacional, 1973.

_____. *Arquivologia: sua trajetória no Brasil*. Brasília: Stilo, 2008.

CONGRESSO BRASILEIRO DE ARQUIVOLOGIA, 1., 15 a 20 de outubro de 1972. Rio de Janeiro. *Anais ...* Rio de Janeiro: AAB, 1972.

CONGRESSO NACIONAL DE ARQUIVOLOGIA, 3., 20 a 24 de outubro de 2008. Rio de Janeiro. *Anais...* Rio de Janeiro: ENARA : AAERJ, 2008.

COOK, T. What is past is prologue: a history of archival ideas since 1898, and the future paradigm shift. *Archivaria*, n. 43, Spring, 1997. Disponível em: <<http://www.mybestdocs.com/cookt-pastprologue-ar43fnl.htm>>. Acesso em: 10 maio 2008.

COUTURE, C.; MARTINEAU, J.; DUCCHARME, D. *A formação e a pesquisa em arquivística no mundo contemporâneo*. Brasília: FINATEC, 1999.

CRUZ, A. M. C.; MENDES, M. T. R.. *Estrutura e apresentação de projetos e trabalhos acadêmicos, dissertações e teses* (NBR 14724/2005 e 15287/2006). Rio de Janeiro: Interciência, 2007.

FONSECA, M. O. K. *Arquivologia e ciência da informação: (re) definição de marcos interdisciplinares*. 2004. 181 f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2004.

_____. *Arquivologia e ciência da informação*. Rio de Janeiro: Ed FGV, 2005.

_____. As estruturas de produção de conhecimento arquivístico: quadros em movimento. *Arquivo & Administração*, Rio de Janeiro, v. 7, n. 1, p. 5-20, jan./jun. 2008.

FREIRE, G. H. Ciência da informação: temática, histórias e fundamentos. *Perspectivas da Ciência da Informação*. Belo Horizonte, v.11, n.1, p.6-19, jan./abr. 2006. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pci/v11n1/v11n1a02.pdf>>. Acesso em: 28 abr. 2008.

FREITAS, L. S. Sentidos da história e história dos sentidos da Ciência da Informação: um esboço arqueológico. *Morpheus: Revista de Ciências Humanas*. Rio de Janeiro, v. 2, n. 2, 2003. Disponível em: <<http://www.unirio.br/cead/morpheus/Numero02-2003/lidiafreitas.htm>>. Acesso em: 28 abr. 2008.

_____. Quem decide o que é memorável?: a memória de setores populares e os profissionais da informação. In: FORO SOCIAL DE INFORMACIÓN, DOCUMENTACIÓN E BIBLIOTECAS, 1 ER., Buenos Aires, 2004. *Programa de acción alternativa desde Latinoamérica, para la sociedad del conocimiento*, Buenos Aires, 26, 27 y 28 de agosto de 2004.

GAK, L. C. *Rumos da Educação Arquivística no Brasil*. 2004. 226 f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2004.

GONZÁLEZ DE GOMEZ, M. N. O objeto de estudo da Ciência da Informação: paradoxos e desafios. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 19, n. 2, p. 117-122, jul./dez. 1990.

_____. Metodologia de pesquisa no campo da Ciência da Informação. *DataGramZero: Revista de Ciência da Informação*, Rio de Janeiro, v. 1, n. 6, dez. 2000. Disponível em: <http://www.dgz.org.br/dez00/F_I_aut.htm>. Acesso em: 29 abr. 2008.

_____. A informação como instância de integração de conhecimentos, meios e linguagens: questões epistemológicas, conseqüências políticas. In: GONZÁLEZ DE GOMEZ, M. N.; ORRICO, E.G.D. (Org.). *Políticas de memória e informação: reflexos na organização do conhecimento*. Natal: Editora da UFRN, 2006. p. 29-84.

HABERMAS, J. *Teoria de la acción comunicativa: crítica de la razón funcionalista*. Madrid: Taurus Humanidades, 1985. v. 2.

_____. Lecciones sobre una fundamentación de la sociología em términos de teoría del lenguaje. In: HABERMAS, J. *Teoria de la acción comunicativa: complementos y estudios previos*. Madrid: Ediciones Cátedra, 1997.

HADDAD, F. Dialética positiva: de Mead a Habermas. *Lua Nova: Revista de Cultura e Política*, São Paulo, n. 59, p.01-10, 2003. Disponível em: <http://scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-64452003000200005>. Acesso em: 23 nov. 2007.

HAGUETTE, Teresa Maria Frota. *Metodologias qualitativas na sociologia*. Petrópolis: Vozes, 2005.

JAPIASSU, H. *Interdisciplinaridade e patologia do saber*. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

_____. *O sonho transdisciplinar e as razões da filosofia*. Rio de Janeiro: Imago, 2006.

JARDIM, J. M. A produção de conhecimento arquivístico: perspectivas internacionais e o caso brasileiro (1990-95). In: JARDIM, J. M.; FONSECA, M. O. K. (Orgs.). *A formação do arquivista no Brasil*. Niterói: EdUFF, 1999. p. 87-111.

_____. A universidade e o ensino da Arquivologia no Brasil. In: JARDIM, J. M.; FONSECA, M. O. K. (Orgs.). *A formação do arquivista no Brasil*. Niterói: EdUFF, 1999. p. 31-51

_____. As relações interdisciplinares da Arquivologia. In: CONGRESSO NACIONAL DE ARQUIVOLOGIA, 3., 20 a 24 de outubro de 2008. Rio de Janeiro: ENARA; AAERJ, 2008.

JARDIM, J. M.; FONSECA, M. O. K. As relações interdisciplinares entre a Arquivística e a Ciência da Informação. *Cadernos BAD*, v. 2, p. 29-45, 1992.

_____. Educação arquivística, pesquisa e documentos eletrônicos. *Cenário Arquivístico*, Brasília, v.2, n. 2, p. 52-55, jul./dez. 2003.

KETELAAR, E. Archivistics research saving the profession. *The American Archivist*, v. 63, p. 322-340, Fall/Winter 2000.

LOPES, L. C. *A nova arquivística na modernização administrativa*. Rio de Janeiro: [s.n.], 2000.

MARCONDES, C. H. Informação arquivística, estrutura e representação computacional. *Arquivo & Administração*, Rio de Janeiro, v. 1, n. 2, p. 17-31, jul./dez. 1998.

MARIZ, A. C. A. Relações interdisciplinares entre a Arquivística e a Ciência da informação. *Cenário Arquivístico*, Brasília, v. 3, n. 1, jan./jun. 2004.

MARQUES, A. A. C. *Os espaços e os diálogos da formação e configuração da Arquivística como disciplina no Brasil*. 2007. 298f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) - Universidade de Brasília, Brasília, 2007.

MATOS, M. T. N. B.; CUNHA, V. A. Notas acerca da convergência da formação acadêmica e profissional entre a Arquivologia, a Biblioteconomia e a Ciência da Informação. In: ENCONTRO NACIONAL DE CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO (CINFORM.), 4., 2003, Salvador. *Anais...* Salvador: UFBA; ICI, 2003. p. 167-177.

Disponível em:

<http://dici.ibict.br/archive/00000593/01/notas_acerca_da_convergencia.pdf>. Acesso em: 06 dez. 2008.

MONTEIRO, N. G. Reflexões sobre o ensino arquivístico no Brasil. *Acervo: Revista do Arquivo Nacional*, Rio de Janeiro, v. 3, n. 2, p. 79-89, jul./dez. 1988.

MUELLER, S. P. M. Em busca de uma base comum para a formação profissional em Biblioteconomia, Ciência da Informação e Arquivologia: relato de um simpósio promovido pela UNESCO. *R. Biblioteconomia*, Brasília, v.12, n. 2, p.157-165, jul./dez. 1984.

PINHEIRO, L. V. R.; LOUREIRO, J. M. M. Traçados e limites da Ciência da Informação. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 24, n. 1, p. 42-53, 1995. Disponível em: <<http://revista.ibict.br/index.php/ciinf/article/viewPDFInterstitial/531/483>>. Acesso em: 20 jun 2008.

_____. *A Ciência da Informação entre sombra e luz: domínio epistemológico e campo interdisciplinar*. 1997. 266f. Tese (Doutorado em Comunicação e Cultura) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1997.

_____. Campo interdisciplinar da Ciência da Informação: fronteiras remotas e recentes. *Investigación Bibliotecológica*, México, v. 12, n. 25, p. 132-163, 1998a.

_____. *Em busca de um caminho interdisciplinar: proposta de núcleo teórico e prático de disciplinas comuns aos cursos de Biblioteconomia, Museologia e Arquivologia*. Rio de Janeiro: UNIRIO, 1998b. 29p.

_____. Gênese da ciência da informação ou sinais anunciadores da nova era. In: AQUINO, M. A. (Org.). *O campo da ciência da informação: gênese, conexões e especificidade*. João Pessoa: UFPb, 2002. Disponível em: <<http://biblioteca.ibict.br/phl8/anexos/LenaGeneseUFPB.pdf>>. Acesso em: 27 abr. 2008.

_____. Processo evolutivo e tendências contemporâneas da Ciência da Informação. *Informação & Sociedade: Estudos*, João Pessoa, v. 15, n. 1, 2005. Disponível em: <<http://www.ies.ufpb.br/ojs2/index.php/ies/article/view/51/49>>. Acesso em: 05 maio 2008.

_____. Ciência da informação: desdobramentos disciplinares, interdisciplinaridade e transdisciplinaridade. In: GONZÁLEZ DE GOMEZ, M. N.; ORRICO, E. G. D. (Orgs.). *Políticas de memória e informação: reflexos na organização do conhecimento*. Natal: Editora da UFRN, 2006. p. 111-141.

POMBO, O. Epistemologia da Interdisciplinaridade. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DO PORTO, 2003, Porto. *Anais...* Porto, 2003. Disponível em: <<http://www.educ.fc.ul.pt/docentes/opombo/investigacao/portofinal.pdf>>; <<http://www.agal-gz.org/portugaliza/num06/portofinal.pdf>>. Acesso em: 04 maio 2008.

RIBEIRO, F. Da arquivística técnica científica: a mudança de paradigma. *Revista da Faculdade de Letras Ciência e Técnicas do Patrimônio*, Porto, v. 1, p. 97-110, 2002

ROBREDO, J. *Da ciência da informação revisitada aos sistemas humanos de informação*. Brasília, DF: Thesaurus; 2003.

RODRIGUES, G. M. A formação do arquivista contemporâneo numa perspectiva histórica: impasse e desafios atuais. *Arquivo & Administração*, Rio de Janeiro, v. 5, n. 2, p. 17-41, jul-dez. 2006.

RODRIGUES, J. H. *A situação do Arquivo Nacional*. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional; Ministério da Justiça e Negócios Interiores, 1959.

RONDINELLI, R. C. *Gerenciamento arquivístico de documentos eletrônicos: uma abordagem teórica da diplomática arquivística contemporânea*. Rio de Janeiro: FGV, 2002.

ROSSEAU, J.; COUTURE, C. *Fundamentos da disciplina arquivística*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1998.

SÁ, I. P.; SANTOS, P. X. A face oculta da interface: serviços de informação arquivística na web centrados no usuário. In: CONGRESSO NACIONAL DE ARQUIVOLOGIA, 1., 2004, Brasília. *Anais...*, 2004. Disponível em: <<http://www.coc.fiocruz.br/producao/arquivos/TrabABARQ.pdf>>. Acesso em: 16 dez. 2008

_____. Serviços de informação arquivística na web centrados no usuário. *Arquivo & Administração*, Rio de Janeiro, v. 3, n. 1, p. 21-23, jan./jun. 2008.

SANTOS, P. R. E. A ciência, os cientistas e seus arquivos. *Arquivo & Administração*, Rio de Janeiro, v. 7, n. 1/2, p. 82-96, jan./dez. 2004.

SANTOS, S. R.; NÓBREGA, M. M. L. A Grounded Theory como alternativa metodológica para pesquisa em enfermagem. *Revista Brasileira de Enfermagem*, Brasília, v. 55, n. 5, p. 575-579, set./out. 2002.

SANTOS, V. B. (Org.). *Arquivística: temas contemporâneos: classificação, preservação digital, gestão do conhecimento*. Distrito Federal: SENAC, 2007.

SARACEVIC, T. Information Science. *Journal of the American Society for Information Science*, v. 50, n. 12, p. 1051-1065, 1999. Disponível em: <<http://www.scils.rutgers.edu/~tefko/JASIS1999pdf>>. Acesso em: 25 abr. 2008.

SILVA, S. C. A. Repensando a Arquivística contemporânea. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 2004.

SILVA, W. A. *Retrospectiva da Arquivística brasileira no século XX*. 2002. 100 f. Monografia (Graduação em Arquivologia) - Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2002.

SILVA, Z. L. (Org.). *Arquivos, patrimônio e memória: trajetórias e perspectivas*. São Paulo: Editora UNESP: FAPESP, 1999. (Seminários & Debates).

SOUZA, R. F. A representação da Ciência da Informação como área do conhecimento no âmbito das agências de fomento em Ciência e Tecnologia no Brasil. In: COLÓQUIO MEDIAÇÕES E USOS DE SABERES E INFORMAÇÃO: UM DIÁLOGO FRANÇA-BRASIL, 1., 2008, Rio de Janeiro. *Anais...* Rio de Janeiro: Rede MUSSI, 2008. p. 112-124.

STRAUS, A.; CORBIN, J. *Pesquisa qualitativa: técnicas e procedimentos para o desenvolvimento de teoria fundamentada*. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2008.

THOMASSEN, T. The development of Archival Science and its European dimension. In: SEMINAR FOR ANNA CHRISTINA ULFSPARRE. Swedish National Archives, 1999, Estocolmo. *Annals...* Estocolmo, feb. 1999. Disponível em: <<http://www.daz.hr/arhol/thomassen.htm>>. Acesso em: 10 maio 2008.

_____. Uma primeira introdução à Arquivologia. *Arquivo & Administração*, Rio de Janeiro, v. 5, n. 1, p. 5-16, jan./jun. 2006.

WERSIG, G.; NEVELING, U. The phenomena of interest to Information Science. *The Information Scientist*, v. 9, n. 4, p.127-140, Dec. 1975.

ZINS, C. Classification schemes of Information Science: twenty-eight scholars the field. *Journal of American society for Information Science and Technology*, v. 58, n. 5, p. 645-672, 2007. Disponível em: <http://www.success.co.il/is/zins_28schemes.pdf>. Acesso em: 06 dez. 2008.

_____. Knowledge map of Information Science. *Journal of American society for Information Science and Technology*, v. 58, n. 4, p. 526-535, 2007. Disponível em: <http://www.success.co.il/is/zins_kmapof_is.pdf>. Acesso em: 06 dez. 2008.

APÊNDICE A - LEVANTAMENTO DA PRODUÇÃO BIBLIOGRÁFICA DOS DOCENTES DOS CURSOS DE ARQUIVOLOGIA NO BRASIL, NOS PERIÓDICOS ARQUIVO & ADMINISTRAÇÃO, CENÁRIO ARQUIVÍSTICO E ARQUIVÍSTICA.NET (1998-2008)

Periódico: Arquivo & Administração (1998-2008)

Ano de publicação	Título	Autor(a)	Referência (resumo, Palavra Chave)
1998	INFORMAÇÃO, ARQUIVOS E INSTITUIÇÕES ARQUIVÍSTICAS	FONSECA, Maria Odila	<p>FONSECA, Maria Odila</p> <p>INFORMAÇÃO, ARQUIVOS E INSTITUIÇÕES ARQUIVÍSTICAS</p> <p>Resumo: As características da informação arquivística e do documento arquivístico. A evolução do conceito de arquivo. As instituições arquivísticas e sua evolução histórico-administrativa.</p> <p>Palavras-chaves: informação arquivística; instituição arquivística; arquivística; arquivologia.</p> <p>Arq. & Adm., Rio de Janeiro, v.1, n. 1, jan./jun. (1998)</p>
1998	EM BUSCA DA CONSCIÊNCIA DO QUE SOMOS: A IDENTIDADE NACIONAL ATRAVÉS DA CULTURA	SILVA, Sérgio Conde de Albite	<p>SILVA, Sérgio Conde de Albite</p> <p>EM BUSCA DA CONSCIÊNCIA DO QUE SOMOS: A IDENTIDADE NACIONAL ATRAVÉS DA CULTURA</p> <p>Resumo: Dimensões sociológicas e psicológicas do brasileiro em Sérgio Buarque de Holanda. Estado brasileiro, as políticas públicas de preservação e identidade nacional. Memória social brasileira e o reconhecimento da nação através da preservação da cultura.</p> <p>Palavras-chaves: cultura; identidade nacional; políticas de preservação.</p> <p>Arq. & Adm., Rio de Janeiro, v.1, n. 1, jan./jun. (1998)</p>

Ano de publicação	Título	Autor(a)	Referência (resumo, Palavra Chave)
1998	INFORMAÇÃO ARQUIVÍSTICA, ESTRUTURA REPRESENTAÇÃO COMPUTACIONAL	E MARCONDES, Carlos Henrique	<p>MARCONDES, Carlos Henrique</p> <p>INFORMAÇÃO ARQUIVÍSTICA, ESTRUTURA E REPRESENTAÇÃO COMPUTACIONAL</p> <p>Resumo: São discutidos estruturação e representação de documentos e agrupamentos de documentos de arquivo no espaço computacional. Para isso, são examinados os fundamentos teóricos e práticos da representação. Com base no princípio da proveniência, identificam-se os componentes de representação de informações arquivísticas, como se estruturam e como se relacionam. Usa-se como paradigmas a norma <i>Internacional General Standard Archive Description</i> – ISAD(G), de descrição arquivística e o Modelo Entidades-Relacionamentos para a criação de um modelo conceitual de informação de um ambiente de arquivos. São ressaltadas as características estruturais e genéricas do modelo. Bancos de dados Relacionais são sugeridos como ferramentas para representação de modelo de informações arquivísticas no espaço computacional.</p> <p>Palavras-chaves: informação arquivística; representação; norma ISAD(G); modelagem; automação; bancos de dados.</p> <p>Arq. & Adm., Rio de Janeiro, v.1, n. 2, jul./dez. (1998)</p>
1998	ARQUIVOS UNIVERSITÁRIOS: REPERTÓRIO BIBLIOGRÁFICOS PRESUMINAR	BOTTINO, Mariza	<p>BOTTINO, Mariza</p> <p>ARQUIVOS UNIVERSITÁRIOS: REPERTÓRIO BIBLIOGRÁFICOS PRESUMINAR</p> <p>Resumo: Levantamento bibliográfico sobre o tema arquivos universitários acompanhado das fontes.</p> <p>Palavras-chaves: repertório bibliográfico; arquivos; arquivos universitários.</p> <p>Arq. & Adm., Rio de Janeiro, v.1, n. 2, jul./dez. (1998)</p>

Ano de publicação	Titulo	Autor(a)	Referência (resumo, Palavra Chave)
2004	GOVERNO ELETRÔNICO, GESTÃO DA INFORMAÇÃO E EXCLUSÃO INFORMACIONAL	JARDIM, José Maria	<p>JARDIM, José Maria</p> <p>GOVERNO ELETRÔNICO, GESTÃO DA INFORMAÇÃO E EXCLUSÃO INFORMACIONAL</p> <p>Resumo: Práticas e políticas de Governo Eletrônico são desenvolvidas em vários países nos anos 90 do século passado. O E-gov é uma noção que ainda carece de maior aprofundamento teórico, freqüentemente identificado como estratégia pela qual os governantes fazem uso das novas tecnologias para oferecerem à sociedade melhores condições de acesso à informação e aos serviços governamentais. O estabelecimento do governo Eletrônico no Brasil a partir de 2000 produziu novas estruturas informacionais. Apesar de vários avanços, exclusão digital e exclusão informacional ainda constituem desafios para as políticas de informação como E-gov.</p> <p>Palavras-chaves: Não tem</p> <p>Arg. & Adm., Rio de Janeiro, v.3, n. 1/2, jan./dez. (2004)</p>
2005	OS ARQUIVOS NOS PROJETOS DO MERCOSUL: ESTADO DA QUESTÃO E PERSPECTIVAS	JARDIM, José Maria	<p>JARDIM, José Maria</p> <p>OS ARQUIVOS NOS PROJETOS DO MERCOSUL: ESTADO DA QUESTÃO E PERSPECTIVAS</p> <p>Resumo: O Mercosul tem como seu objetivo integração regional de processos econômicos, mas contempla também aspectos culturais e informacionais. É o caso das propostas de Integração Cultural e de Sociedade da Informação no Mercosul. Os arquivos encontram-se fora do projeto do Mercosul. São mencionados, de forma periférica, nas concepções cultural e informacional. Considerando o estado da questão, são discutidas possíveis ações para a construção de um projeto arquivístico no âmbito do Mercosul.</p> <p>Palavras-chaves: Políticas arquivísticas; Mercosul; Arquivos Públicos; Arquivistas.</p> <p>Arg. & Adm., Rio de Janeiro, v.4, n. 2, jul./dez. (2005)</p>

Ano de publicação	Título	Autor(a)	Referência (resumo, Palavra Chave)
2006	INDEXAÇÃO E DESCRIÇÃO EM ARQUIVOS: A QUESTÃO DA REPRESENTAÇÃO E RECUPERAÇÃO DE INFORMAÇÕES	CAMPOS, Maria Luiza de Almeida	<p>CAMPOS, Maria Luiza de Almeida</p> <p>INDEXAÇÃO E DESCRIÇÃO EM ARQUIVOS: A QUESTÃO DA REPRESENTAÇÃO E RECUPERAÇÃO DE INFORMAÇÕES</p> <p>Resumo: A gestão da informação arquivística envolve processos de descrição dos diversos pontos de acesso passíveis de serem recuperados em unidades ou massas documentais. Atualmente, esta necessidade de descrição pelos diversos pontos de acesso ocorre em qualquer idade da documentação, devido à pelo menos um fator – a automatização dos processos de organização da documentação arquivística. Com a implantação de bases de dados, documentos eletrônicos, o profissional arquivista se vê diante de uma problemática: não é mais possível, em muitos casos, organizar somente fisicamente as massas documentais acarretando um único acesso intelectual ao documento ou a seu conjunto, mas é necessário também “re-apresentar” esses documentos em meio informatizado através de pontos de acesso visando o processos que vem sendo denominados de indexação e descrição arquivística, e possuem interpretações diferentes dependendo do espaço informacional onde estes documentos estão inserido. Neste artigo, pretendemos problematizar estes dois processos situando o “lócus” onde estes dois conceitos são formados, ou seja, as bibliotecas e os arquivos.</p> <p>Palavras-chaves: Descrição; Indexação; Ponto de Acesso; Tratamento; Recuperação de Informação.</p> <p>Arq. & Adm., Rio de Janeiro, v.5, n. 1, jan./jun. (2006)</p>
2006	A PRESERVAÇÃO DA INFORMAÇÃO ARQUIVÍSTICA CONTEMPORÂNEA	SILVA, Sérgio Conde de Albite	<p>SILVA, Sérgio Conde de Albite</p> <p>A PRESERVAÇÃO DA INFORMAÇÃO NA ARQUIVÍSTICA CONTEMPORÂNEA</p> <p>Resumo: Este artigo apresenta como algumas correntes do pensamento arquivístico contemporâneo entendem e tratam a questão da preservação nos tempos atuais. Para isso foram escolhidos 13 textos de 11 autores de diferentes escolas e nacionalidades, tidos como de produção relevante na área. Realizou-se uma análise crítica sobre a forma e o conteúdo com que os autores tratam da preservação de acervos, de documentos e de informação nos textos escolhidos. Foram observadas as posições técnicas, científicas e políticas expostas pelos autores, e comparados os enfoques, conceitos e os entendimentos sobre a questão da preservação.</p> <p>Palavras-chaves: Preservação; Arquivística; Preservação da informação</p> <p>Arq. & Adm., Rio de Janeiro, v.5, n. 1, jan./jun. (2006)</p>

Ano de publicação	Título	Autor(a)	Referência (resumo, Palavra Chave)
2006	POLITICAS PUBLICAS ARQUIVISTICAS: PRINCIPIOS, ATORES E PROCESSOS	JARDIM, José Maria	<p>JARDIM, José Maria</p> <p>POLITICAS PUBLICAS ARQUIVISTICAS: PRINCIPIOS, ATORES E PROCESSOS</p> <p>Resumo: O tema políticas arquivísticas vem encontrando um espaço cada vez maior como objeto de pesquisa na Arquivologia. Nesse sentido, o artigo aborda quais seriam as possíveis razões para o crescente interesse pelas políticas públicas de informação e pelas políticas públicas arquivísticas, o território das políticas públicas; as políticas públicas de informação arquivística; as dimensões técnicas e políticas; e os limites e possibilidades de uma política pública arquivística.</p> <p>Palavras-chaves: Política pública; Arquivística; Informação.</p> <p>Arg. & Adm., Rio de Janeiro, v.5, n. 2, jul./dez. (2006)</p>
2006	A FORMAÇÃO DO ARQUIVISTA CONTEMPORÂNEO NUMA PERSPECTIVA HISTÓRICA: IMPASSES E DESAFIOS ATUAIS	RODRIGUES, Georgete Medleg	<p>RODRIGUES, Georgete Medleg</p> <p>A FORMAÇÃO DO ARQUIVISTA CONTEMPORÂNEO NUMA PERSPECTIVA HISTÓRICA: IMPASSES E DESAFIOS ATUAIS</p> <p>Resumo: Com base na literatura e em pesquisas empíricas, traça-se o percurso histórico internacional da formação do arquivista, desde o surgimento dos primeiros cursos voltados para essa formação específica, a busca de uma harmonização dos currículos de arquivologia, ciência da informação e biblioteconomia apoiada pela Unesco. Faz uma descrição das disciplinas de formação do arquivista, segundo a literatura especializada em língua inglesa e francesa, e, especificamente, essa formação nos países de língua francesa da Europa e no Canadá, na atualidade. Aborda a formação em arquivística nos Programa de Pós-graduação no Brasil, o seu percurso da graduação à pesquisa e discute as perspectivas da profissão e da disciplina contemporaneamente no Brasil e no mundo.</p> <p>Palavras-chaves: Arquivologia-Aspectos históricos; Arquivologia-Brasil; Arquivista; Formação profissional; Pesquisa.</p> <p>Arg. & Adm., Rio de Janeiro, v.5, n. 2, jul./dez. (2006)</p>

Ano de publicação	Título	Autor(a)	Referência (resumo, Palavra Chave)
2007	OS PRINCÍPIOS DA TEORIA DA CLASSIFICAÇÃO E O PROCESSO DE ORGANIZAÇÃO DE DOCUMENTOS DE ARQUIVO	SOUSA, Renato Tarciso Barbosa de	<p>SOUSA, Renato Tarciso Barbosa de</p> <p>OS PRINCÍPIOS DA TEORIA DA CLASSIFICAÇÃO E O PROCESSO DE ORGANIZAÇÃO DE DOCUMENTOS DE ARQUIVO</p> <p>Resumo: Procura-se, no diálogo com outras áreas do conhecimento humano, verificar a possibilidade de construção de um novo marco referencial para o tratamento da classificação de documentos arquivísticos. O pressuposto é que o arcabouço teórico-metodológico da área não consegue resolver as questões impostas pela disseminação das novas tecnologias e pelo desenvolvimento social. A classificação é uma operação matricial de todo o trabalho arquivístico e é, também, um elemento importante para a transparência e compartilhamento de informações, que são caminhos seguros para a tomada de decisão, para preservação da memória técnica e administrativa das instituições contemporâneas e para o pleno exercício da cidadania.</p> <p>Palavras-chaves: Arquivística; Classificação de documentos arquivísticos; Metodologia de pesquisa; Teoria da Classificação.</p> <p>Arq. & Adm., Rio de Janeiro, v.6, n. 1, jan./jun. (2007)</p>
2007	ANÁLISE DOCUMENTÁRIA DE CRÔNICAS JORNALÍSTICAS UMA BUSCA DE DIRETRIZES TEÓRICAS E METODOLÓGICAS	BASTOS, Dilza Ramos; CAMPOS, Maria Luiza de Almeida	<p>BASTOS, Dilza Ramos; CAMPOS, Maria Luiza de Almeida</p> <p>ANÁLISE DOCUMENTÁRIA DE CRÔNICAS JORNALÍSTICAS UMA BUSCA DE DIRETRIZES TEÓRICAS E METODOLÓGICAS</p> <p>Resumo: O impacto das novas tecnologias nos processos de comunicação científica tem gerado novas necessidades de investigação sobre o processamento documental. No campo da pesquisa em Literatura e História, os sistemas de informação não dão conta da demanda crescente e cada vez mais específica. A crônica tem grande importância para a pesquisa sob vários aspectos, inclusive por sua temática. Contudo, sua análise pode ser uma questão complexa, pois não é possível se propor para a crônica uma simples análise textual, o que exige uma leitura documentária integral. A partir de revisão da literatura, de uma investigação da natureza da crônica e da análise documentária em suas fases constituintes foi analisada a representação da informação, no processamento documental da coleção de crônicas de Carlos Drummond de Andrade publicadas no Jornal do Brasil, efetuada em uma unidade de informação especializada. Desse modo, foi buscada fundamentação teórica e metodológica para o tratamento de crônicas jornalísticas, a fim de aprimorar sua análise documentária e o atendimento aos usuários.</p> <p>Palavras-chaves: Análise documentária; Crônica; Metodologia.</p> <p>Arq. & Adm., Rio de Janeiro, v.6, n. 1, jan./jun. (2007)</p>

Ano de publicação	Título	Autor(a)	Referência (resumo, Palavra Chave)
2008	AS ESTRUTURAS DE PRODUÇÃO DE CONHECIMENTO ARQUIVÍSTICO QUADROS EM MOVIMENTO	FONSECA, Maria Odila	<p>FONSECA, Maria Odila</p> <p>AS ESTRUTURAS DE PRODUÇÃO DE CONHECIMENTO ARQUIVÍSTICO QUADROS EM MOVIMENTO</p> <p>Resumo: A inserção da Arquivologia na episteme da Modernidade, especialmente na chamada "esfera política", enfatizando a importante relação entre a crescente necessidade de racionalidade na gestão do Estado e constituição de um "saber arquivístico". A decorrente importância das instituições arquivísticas como locus de produção de conhecimento na área, a partir de seu objetivo de responder aos problemas de uma administração pública que deve ser eficiente. A Universidade como um novo locus de produção do conhecimento arquivístico, propondo uma nova pauta de reflexões, e sua contribuição para uma redefinição da Arquivologia como campo de saber autônomo, em especial no sentido de discutir seus objetos e objetivos tradicionais. Alguns mecanismos de controle da produção acadêmica e seu uso, ou seu pouco uso, na área arquivística. Os limites e a configuração disciplinar da Arquivologia não são objetos prioritários de suas investigações. Ausência de indicadores de internacionalização. A dificuldade de superação da questão da terminologia. A configuração que não consegue romper com os limites nacionais e corporativos. A Web como instrumento de comunicação e divulgação científica: listas acadêmicas de discussão, bibliotecas virtuais, periódicos eletrônicos, bibliografias sistematizadas e atualizadas, sites de divulgação científica.</p> <p>Palavras-chaves: Arquivologia; Comunicação científica; Produção do conhecimento.</p> <p>Arq. & Adm., Rio de Janeiro, v.7, n. 1, jan./jun. (2008)</p>

Ano de publicação	Título	Autor(a)	Referência (resumo, Palavra Chave)
2008	AS TRANSFORMAÇÕES NO CENÁRIO ARQUIVÍSTICO FEDERAL	INDOLFO, Celeste Ana	<p>INDOLFO, Ana Celeste</p> <p>AS TRANSFORMAÇÕES NO CENÁRIO ARQUIVÍSTICO FEDERAL</p> <p>Resumo: Examina o alcance das normas arquivísticas, instituídas pelo Conselho Nacional de Arquivos (CONARQ), no quadro geral da formação e implantação de políticas arquivísticas. A pesquisa analisa os órgão do Poder Executivo Federal que, no período de 1996 a 2006, adotaram os instrumentos de classificação e avaliação de documentos. Expõe a situação dos serviços arquivísticos federais, nos anos de 1980, para verificar as transformações ocorridas no cenário arquivístico federal, decorridos 10 anos da elaboração e aplicação dos instrumentos normativos de gestão de documentos. Analisa a atuação do Arquivo Nacional no desenvolvimento Federal quanto à: instituição de comissão permanente de avaliação de documentos; implementação de atividades de classificação e avaliação com a aplicação do código de classificação e da tabela de temporalidade e destinação de documentos de arquivo, referentes às atividades-meio e atividades-fim, e a publicação de editais de eliminação, no Diário Oficial da União, mediante autorização do Arquivo Nacional.</p> <p>Palavras-chaves: Normas arquivísticas; Política pública arquivística; Poder Executivo Federal; conselho Nacional de Arquivos (Brasil); Arquivo Nacional (Brasil).</p> <p>Arq. & Adm., Rio de Janeiro, v.7, n. 1, jan./jun. (2008)</p>
2008	A PESQUISA EM CRÔNICAS JORNALÍSTICAS A ANÁLISE DA REPRESENTAÇÃO DA INFORMAÇÃO	BASTOS, Dilza Ramos; CAMPOS, Maria Luiza de Almeida; VASCONCELLOS, Eliane	<p>BASTOS, Dilza Ramos; CAMPOS, Maria Luiza de Almeida; VASCONCELLOS, Eliane</p> <p>A PESQUISA EM CRÔNICAS JORNALÍSTICAS A ANÁLISE DA REPRESENTAÇÃO DA INFORMAÇÃO</p> <p>Resumo: A partir de revisão da literatura sobre a crônica jornalística e sobre o processo de análise documentária, é investigado o processamento de uma coleção das crônicas de Carlos Drummond de Andrade, publicadas no Jornal do Brasil, efetuado em uma unidade de informação especializada em literatura brasileira. A investigação é realizada em uma amostra estabelecida segundo alguns critérios e mediante os princípios identificados no prévio estudo teórico.</p> <p>Palavras-chaves: Análise documentária; Crônica; Metodologia.</p> <p>Arq. & Adm., Rio de Janeiro, v.7, n. 1, jan./jun. (2008)</p>

Periódico: Cenário Arquivístico (2002-2004)

Ano de publicação	Título	Autor(a)	Referência (resumo, Palavra Chave)
2002	O PERFIL DO ALUNO DE ARQUIVOLOGIA DA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA	SOUSA, Renato Tarciso Barbosa de; CANUTO, Rejane Soares	<p>SOUSA, Renato Tarciso Barbosa de; CANUTO, Rejane Soares</p> <p>O PERFIL DO ALUNO DE ARQUIVOLOGIA DA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA</p> <p>Resumo: A sociedade, sofreu grandes mudanças, desde o início do século, com a explosão da informação e banalização do uso e propagação de novas tecnologias. Nesse novo cenário está o profissional que se confronta com profundas modificações resultantes de novos parâmetros de produção, circulação e uso da informação arquivística. Estas transformações no cenário arquivístico exigem do profissional a capacidade de interagir com as novas demandas sociais, organizacionais, culturais e científicas. Para traçar o perfil do aluno do curso de Arquivologia foi utilizado um questionário como instrumento de coleta de dados, elaborado a partir de grandes núcleos de questões, a saber: dados socioeconômicos; hábitos culturais; avaliação do curso pelo aluno; estágio/trabalho do estudante. Foram aplicados 142 questionários o que representa 45,95% de um universo de 309 alunos matriculados até o primeiro semestre letivo de 2000. Os resultados da pesquisa foram muito reveladores, nos mostra um aluno interessado em atuar na área e que fez a opção pelo curso por estar ciente que o mercado de trabalho é muito promissor, tem um capital cultural bom, ao contrário das pesquisas realizadas na Universidade Federal Fluminense e Uni-Rio é que está otimista em relação ao seu futuro apesar de concordar que a disciplina ainda é carente em relação ao seu espaço e reconhecimento, é um aluno jovem que vê nos estágios uma forma de se aperfeiçoar e se preparar para o mercado de trabalho.</p> <p>Palavras-chaves: não possui</p> <p>Cenário Arquivístico, Brasília-DF, v.1, n. 1, jan./jun. (2002)</p>

Ano de publicação	Título	Autor(a)	Referência (resumo, Palavra Chave)
2002	A PESQUISA EM ARQUIVÍSTICA NA PÓS-GRADUAÇÃO NO BRASIL: BALANÇO E PERSPECTIVAS	RODRIGUES, Georgete Medleg; APARÍCIO, Maria Alexandra Miranda	RODRIGUES, Georgete Medleg; APARÍCIO, Maria Alexandra Miranda A PESQUISA EM ARQUIVÍSTICA NA PÓS-GRADUAÇÃO NO BRASIL : BALANÇO E PERSPECTIVAS Resumo: Quando se pretende falar de pesquisa em Arquivística em nível de pós-graduação, não se pode ignorar o percurso mesmo da disciplina no Brasil. As reflexões e as práticas arquivísticas têm sido tradicionalmente desenvolvidas nas instituições de arquivo- os arquivos públicos. No entanto, a criação dos cursos de graduação em Arquivologia no País pode ter modificado essa situação com conseqüências diretas na delimitação de um campo de pesquisa e no reconhecimento da disciplina diante da comunidade acadêmica que, em última instância, confere "autoridade" a uma área do conhecimento. Neste artigo, apresenta-se um balanço preliminar das pesquisas desenvolvidas no campo da Arquivística em nível de pós-graduação no Brasil, seja nos programas de Pós, nas suas linhas de pesquisa, ou nos Programas de Iniciação Científica (PIBIC), com destaque para o caso da Universidade de Brasília. Palavras-chaves: não possui Cenário Arquivístico, Brasília-DF, v.1, n. 1, jan./jun. (2002)
2002	PROPOSTA DE REFORMA CURRICULAR DO CURSO DE ARQUIVOLOGIA DA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA	OLIVEIRA, Eliane Braga de; RODRIGUES, Georgete Medleg; SOUZA, Kátia Isabelli de B. M. de; SOUSA, Renato Tarciso de; MONTIEL, Rosane	OLIVEIRA, Eliane Braga de; RODRIGUES, Georgete Medleg; SOUZA, Kátia Isabelli de B. M. de; SOUSA, Renato Tarciso de; MONTIEL, Rosane PROPOSTA DE REFORMA CURRICULAR DO CURSO DE ARQUIVOLOGIA DA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA Resumo: Apresenta proposta de reformulação do currículo do Curso de Arquivologia da Universidade de Brasília. Essa proposta é fruto de reflexão e debates referentes à formação do arquivista, buscando, ainda, consonância com o disposto na Lei de Diretrizes e Bases e nas novas diretrizes curriculares em fase de aprovação junto ao MEC. Durante sua elaboração, foram realizados encontros e reuniões com profissionais de arquivo atuantes no Distrito Federal, bem como com pesquisadores, professores universitários, alunos e egressos do Curso de Arquivologia. Nesses fóruns, procurou-se identificar os principais problemas e dificuldades presentes no exercício da profissão. O diálogo entre a realidade social e os saberes acumulados pela universidade constituiu-se em premissa fundamentalmente que norteou a construção da presente proposta. Palavras-chaves: não possui Cenário Arquivístico, Brasília-DF, v.1, n. 1, jan./jun. (2002)

Ano de publicação	Título	Autor(a)	Referência (resumo, Palavra Chave)
2002	CURSO DE ARQUIVOLOGIA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DA SANTA MARIA: VINTE E CINCO ANOS DE HISTÓRIA (1977-2002)	RICHTER, Eneida Izabel Schirmer; CASTANHO, Denise Molon; GARCIA, Olga Maria Correa	<p>RICHTER, Eneida Izabel Schirmer; CASTANHO, Denise Molon; GARCIA, Olga Maria Correa</p> <p>CURSO DE ARQUIVOLOGIA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DA SANTA MARIA: VINTE E CINCO ANOS DE HISTÓRIA (1977-2002)</p> <p>Resumo: O Curso de Graduação em Arquivologia foi instalado em 1977 na Universidade Federal de Santa Maria – UFSM, instituição pioneira na interiorização do ensino superior no Brasil. Sua trajetória é rica na realização de eventos, sendo que os primeiros anos de existência constituíram a fase inicial da sedimentação e conscientização do conhecimento arquivístico e de sua aplicação junto à sociedade santa-mariense e regional. A diversidade de espaços que passaram a ser ocupados pelos profissionais da área, tanto em instituições públicas quanto privadas possibilitou, ao longo destes anos, a compreensão gradativa da função social do arquivista. O artigo apresenta inicialmente uma visão sucinta do ensino da Arquivologia no mundo, histórico da Universidade Federal de Santa Maria, seguido de sua estrutura indicando a posição ocupada pelo Curso de Arquivologia na estrutura organizacional e funcional. A contextualização histórica do referido Curso apresenta-se seguida do currículo atual implantado no ano de 1994, entre outras informações.</p> <p>Palavras-chaves: não possui</p> <p>Cenário Arquivístico, Brasília-DF, v.1, n. 2, jul./dez. (2002)</p>
2002	O PERFIL DOS ESTUDANTES DO CURSO DE GRADUAÇÃO EM ARQUIVOLOGIA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA	MATOS, Maria Teresa N. de Britto; AMARAL, Erenilda Custódio dos S.; RIOS, Isaac Rozas	<p>MATOS, Maria Teresa N. de Britto; AMARAL, Erenilda Custódio dos S.; RIOS, Isaac Rozas</p> <p>O PERFIL DOS ESTUDANTES DO CURSO DE GRADUAÇÃO EM ARQUIVOLOGIA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA</p> <p>Resumo: Constitui um relato de pesquisa sobre o perfil dos estudantes matriculados no Curso de Graduação em Arquivologia, ministrado pelo Instituto de Ciência da Informação da Universidade Federal da Bahia, resultado de uma enquete desenvolvida no segundo semestre do ano acadêmico de 2001. Descreve os procedimentos metodológicos utilizados e procede a análise dos dados coletados, tabulados em trinta e seis tabelas. Conclui destacando algumas considerações prementes no sentido de que novas conexões sejam estabelecidas para que tornem visíveis as condições de possibilidade para constituir o perfil do profissional proposto pelo Projeto Pedagógico, estabelecido pelas Diretrizes Curriculares Nacionais.</p> <p>Palavras-chaves: não possui</p> <p>Cenário Arquivístico, Brasília-DF, v.1, n. 2, jul./dez. (2002)</p>

Ano de publicação	Título	Autor(a)	Referência (resumo, Palavra Chave)
2003	PERFIL DO ALUNO DE ARQUIVOLOGIA DA UNIRIO NO ANO DE 2000	MARIZ, Anna Carla Almeida	<p>MARIZ, Anna Carla Almeida</p> <p>PERFIL DO ALUNO DE ARQUIVOLOGIA DA UNIRIO NO ANO DE 2000</p> <p>Resumo: A pesquisa relatada neste artigo teve por objetivo verificar o perfil do aluno do Curso de Graduação em Arquivologia da Universidade do Rio de Janeiro no ano 2000 e compará-lo com os resultados obtidos em pesquisas anteriores; analisar as mudanças ocorridas no período de quatro anos e indicá-las. Baseou-se em pesquisas realizada na UFF pelos professores José Maria Jardim e Maria Odila Kahl Fonseca e, na Unirio, pela professora Ana Celeste Indolfo em 1996. Para permitir a comparação, foi utilizado o mesmo questionário aplicado pelos professores citados, entre maio e agosto do ano 2000 a aproximadamente oitenta e quatro por cento dos alunos. As questões contemplaram informações sobre estágio/emprego do estudante, avaliação dos alunos sobre o curso, hábitos culturais e dados sócio-econômicos. Os resultados demonstraram crescimento em vários aspectos, revelando uma mudança positiva, ainda que pequena, no perfil do aluno.</p> <p>Palavras-chaves: não possui</p> <p>Cenário Arquivístico, Brasília-DF, v.2, n. 1, jan./jun. (2003)</p>
2003	ÍNDICES TEMÁTICOS DE INSTRUMENTOS DE PESQUISA DE ARQUIVOS PÚBLICOS PERMANENTES	CALDERON, Wilmara Rodrigues	<p>CALDERON, Wilmara Rodrigues</p> <p>ÍNDICES TEMÁTICOS DE INSTRUMENTOS DE PESQUISA DE ARQUIVOS PÚBLICOS PERMANENTES</p> <p>Resumo: A aplicação da análise documental à avaliação de instrumentos de pesquisa de arquivos permanentes elaborados por diferentes instituições. Foram analisados os índices temáticos dos instrumentos de pesquisa, com o objetivo de verificar sua padronização formal e o grau de controle de vocabulário adotado. Foram constatados problemas que comprometem a recuperação da informação, tais como, pobreza informativa, ausência de controle da sinonímia, imprecisão dos critérios estabelecidos para a determinação dos pontos de acesso. Propõe-se, como solução, a adoção dos princípios de controle de vocabulário na indexação de informação arquivística.</p> <p>Palavras-chaves: não possui</p> <p>Cenário Arquivístico, Brasília-DF, v.2, n. 2, jul./dez. (2003)</p>

Ano de publicação	Título	Autor(a)	Referência (resumo, Palavra Chave)
2003	O ENSINO SUPERIOR DE ARQUIVOLOGIA NO BRASIL	OLIVEIRA, Eliane Braga de; SOUSA, Renato Tarciso Barbosa	<p>OLIVEIRA, Eliane Braga de; SOUSA, Renato Tarciso Barbosa</p> <p>O ENSINO SUPERIOR DE ARQUIVOLOGIA NO BRASIL</p> <p>Resumo: Trata da formação do arquivista e dos cursos de graduação em Arquivologia, face às novas demandas sociais e às mudanças decorrentes da Lei de Diretrizes e Bases da Educação, de 20-12-96. Aponta incoerência quanto à definição do objeto de trabalho do profissional de arquivo e a vinculação acadêmica dos cursos. Ressalta a necessidade de garantir uma identidade a este profissional, através de um núcleo básico de conhecimentos.</p> <p>Palavras-chaves: não possui</p> <p>Cenário Arquivístico, Brasília-DF, v.2, n. 2, jul./dez. (2003)</p>
2003	EDUCAÇÃO ARQUIVÍSTICA, PESQUISA E DOCUMENTOS ELETRÔNICOS	JARDIM, José Maria; FONSECA, Maria Odila	<p>JARDIM, José Maria; FONSECA, Maria Odila</p> <p>EDUCAÇÃO ARQUIVÍSTICA, PESQUISA E DOCUMENTOS ELETRÔNICOS</p> <p>Resumo: A gestão de documentos arquivísticos eletrônicos sugere novas questões à pesquisa em Arquivologia e à formação do arquivista. Internacionalmente, a educação arquivística é marcada por uma ampla variedade de situação, reflexo das estruturas arquivísticas, educacional e da concepção de Arquivologia predominante em da cada país. Algumas características têm emergido no ensino arquivístico: expansão, inovação, integração, profissionalização do corpo docente e valorização das atividades de pesquisa. Qualificação científica é um dos requisitos para o arquivista inserir-se adequadamente na dinâmica dos processos tecnológicos/informacionais das organizações.</p> <p>Palavras-chaves: não possui</p> <p>Cenário Arquivístico, Brasília-DF, v.2, n. 2, jul./dez. (2003)</p>

Ano de publicação	Título	Autor(a)	Referência (resumo, Palavra Chave)
2004	ANÁLISE DOCUMENTÁRIA DE FOTOGRAFIAS: LEITURA DE IMAGENS INCLUINDO SUA DIMENSÃO EXPRESSIVA	MANINI, Miriam Paula	<p>MANINI, Miriam Paula</p> <p>ANÁLISE DOCUMENTÁRIA DE FOTOGRAFIAS: LEITURA DE IMAGENS INCLUINDO SUA DIMENSÃO EXPRESSIVA</p> <p>Resumo: Trataremos, aqui, da Análise Documentária de imagens fotográficas. A descrição e a extração de unidades de indexação (descritores ou palavras-chave) de uma fotografia demandam regras e métodos específicos. A metodologia proposta direciona a análise para importância da Dimensão Expressiva da imagem fotográfica. Apresentamos, também, aproximadamente relativas ao conteúdo genérico, ao conteúdo específico e ao significado das imagens fotográficas.</p> <p>Palavras-chaves: Arquivologia, fotografia, indexação, análise documentária</p> <p>Cenário Arquivístico, Brasília-DF, v.3, n. 1, jan./jun. (2004)</p>
2004	RELAÇÕES INTERDISCIPLINARES ENTRE A ARQUIVÍSTICA E A CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO	MARIZ, Anna Carla Almeida	<p>MARIZ, Anna Carla Almeida</p> <p>RELAÇÕES INTERDISCIPLINARES ENTRE A ARQUIVÍSTICA E A CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO</p> <p>Resumo: O artigo busca uma reflexão acerca das relações interdisciplinares entre a Arquivística e a Ciência da Informação. Para isso apresenta um breve delineamento de ambos os campos e aborda análise elaboradas anteriormente relacionando as duas áreas. Em seguida traça os possíveis pontos de convergência entre elas, privilegiando a perspectiva sistêmica.</p> <p>Palavras-chaves: Arquivística, Ciência da Informação, Sistemas de Informação.</p> <p>Cenário Arquivístico, Brasília-DF, v.3, n. 1, jan./jun. (2004)</p>

Ano de publicação	Título	Autor(a)	Referência (resumo, Palavra Chave)
2004	ARQUIVÍSTICA: PERTENÇA CIDADÃ	A BELLESSE, Julia; GAK, Luiz Cleber	<p>BELLESSE, Julia; GAK, Luiz Cleber</p> <p>ARQUIVÍSTICA: A PERTENÇA CIDADÃ</p> <p>Resumo: O presente trabalho tem por objetivo geral trazer à discussão um tema atual: a questão de Pertença Cidadã, à luz de aspectos de memória do Social. Apresenta alguns fragmentos do pensamento intelectual, tendo como pano de fundo questões ligadas à atuação do Arquivista no contexto sócio-cultural. Aponta para a necessidade de uma acessibilidade e trânsito aos arquivos, pelo homem comum, enquanto instrumento de educação e cidadania. Enfoca ainda a necessidade do exame das relações estabelecidas entre o arquivo, a cidadania e o poder, no contexto da educação brasileira, a partir do papel social que os arquivos desempenham nos processos de produção e reprodução da sociedade. Reflete as preocupações acadêmicas no ensino de Arquivologia no que tange ao papel educativo das instituições arquivísticas, de modo que seu significado latente possa ser melhor compreendido.</p> <p>Palavras-Chave: Arquivologia, Arquivística, memória social, educação, cidadania.</p> <p>Cenário Arquivístico, Brasília-DF, v.3, n. 1, jan./jun. (2004)</p>

Periódico: Arquivística.net (2005-2007)

Ano de publicação	Título	Autor(a)	Referência (resumo, Palavra Chave)
2006	O USO DO CÓDIGO DE CLASSIFICAÇÃO DE DOCUMENTOS DE ARQUIVO DO CONSELHO NACIONAL DE ARQUIVOS	SOUSA, Renato; SILVA, Cintia Aparecida de Moura; SILVA, Maria Juliana; COSTA, Thiara de Almeida	SOUSA, Renato; SILVA, Cintia Aparecida de Moura; SILVA, Maria Juliana; COSTA, Thiara de Almeida O USO DO CÓDIGO DE CLASSIFICAÇÃO DE DOCUMENTOS DE ARQUIVO DO CONSELHO NACIONAL DE ARQUIVOS Resumo: Estudo sobre o uso do Código de Classificação de Documentos de Arquivo elaborado pelo Conselho Nacional de Arquivos (Conarq) para ser aplicado nos arquivos dos órgãos públicos da Administração Federal. Procurou-se conhecer a real utilização do Código de Classificação do Conarq nos Ministérios instalados em Brasília, tanto do ponto de vista quantitativo quanto qualitativo. Buscou-se, nos órgãos que utilizam o instrumento, saber as principais dificuldades encontradas em sua aplicação, a existência de treinamento e o nível de assistência oferecida pelo Arquivo Nacional. Palavras-chaves: classificação de documentos arquivísticos – Arquivística – Gestão de Documentos – Código de Classificação de Documentos. Palavras-chaves: classificação de documentos arquivísticos – Arquivística – Gestão de Documentos – Código de Classificação de Documentos. Arquivística.net, vol. 2, n. 2 (2006)
2006	GESTÃO INTEGRADA DA INFORMAÇÃO ARQUIVÍSTICA: O DIAGNÓSTICO DE ARQUIVOS	CORNELSEN, Julce Mary; NELLI, Victor José	CORNELSEN, Julce Mary; NELLI, Victor José GESTÃO INTEGRADA DA INFORMAÇÃO ARQUIVÍSTICA: O DIAGNÓSTICO DE ARQUIVOS Resumo:As organizações modernas tornam-se complexas quanto à gestão de suas informações. É imperativo saber lidar com esse ativo intangível. Nesse contexto, a Arquivística corrobora na solução de problemas gerenciais. A literatura internacional sugere metodologias para a gestão da informação orgânica. Dessa maneira, o diagnóstico de arquivos é fundamental para a implantação de gestão das informações no seio das organizações. Nessa concepção, este artigo analisa as recomendações e sugestões dos trabalhos de Evans e Ketelaar (1983), Lopes (1997), Moneda Corrochano (1995), Campos et al (1986) e Rousseau e Couture (1998). A comparação das propostas mencionadas permite identificar as possíveis etapas que o arquivista deve percorrer para elaborar um diagnóstico de arquivo. Conclui, recomendando e/ou sugerindo melhorias na elaboração do diagnóstico para arquivos, a partir dos estudos apresentados e analisados. Palavras-chaves: Gestão da informação orgânica – Diagnóstico; Gestão de arquivos, Diagnóstico. Arquivística.net, vol. 2, n. 2 (2006)

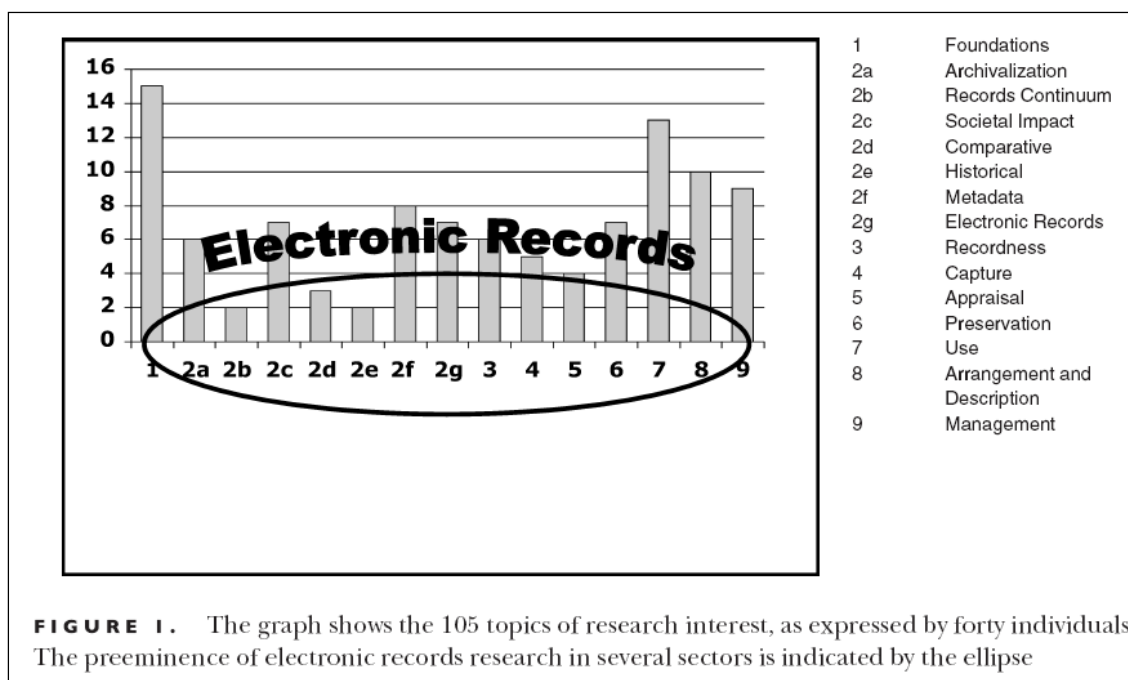
Ano de publicação	Título	Autor(a)	Referência (resumo, Palavra Chave)
2006	CLASSIFICAÇÃO DE DOCUMENTOS ARQUIVÍSTICOS: TRAJETÓRIA DE UM CONCEITO	SOUSA, Renato Tarciso Barbosa	<p>SOUSA, Renato Tarciso Barbosa</p> <p>CLASSIFICAÇÃO DE DOCUMENTOS ARQUIVÍSTICOS: TRAJETÓRIA DE UM CONCEITO</p> <p>Resumo: Estudo sobre a trajetória do conceito de classificação de documentos arquivísticos. Buscou-se a compreensão do seu desenvolvimento na literatura e no pensamento arquivístico. Trabalhou-se com a idéia de que a classificação em Arquivística é caracterizada, por um lado, pela quantidade cada vez maior de documentos acumulados pelas instituições e, por outro, pela necessidade de fundamentar as soluções de organização e recuperação dos registros documentais nos princípios consagrados internacionalmente. Os vários momentos da classificação de documentos arquivísticos refletem, muitas vezes, o clima epistemológico da época em que foram criados e aplicados.</p> <p>Palavras-chaves: classificação de documentos arquivísticos - Arquivística - Arquivologia.</p> <p>Arquivistica.net, vol. 2, n. 2 (2006)</p>
2007	GOVERNO ELETRÔNICO NO BRASIL: O PORTAL REDE GOVERNO	JARDIM, José Maria	<p>JARDIM, José Maria</p> <p>GOVERNO ELETRÔNICO NO BRASIL: O PORTAL REDE GOVERNO</p> <p>Resumo: A internet é um dos recursos mais importantes para a disseminação da informação governamental. Em diversos programas de governo eletrônico, uma das estratégias é o desenvolvimento de portais com interface amigável para o cidadão. É analisado, de forma preliminar, o Portal Rede Governo do Governo Eletrônico federal, a partir de referências teóricas e de levantamento dos "serviços" e "informações" oferecidos ao cidadão. O estudo realizado mostra que o Portal Rede Governo do Governo Eletrônico federal apresenta diversas limitações no cumprimento da sua função social.</p> <p>Palavras-chaves: Portal Rede Governo, informação governamental, uso social da informação, governo eletrônico</p> <p>Arquivistica.net, vol. 3, n. 1 (2007)</p>

Ano de publicação	Título	Autor(a)	Referência (resumo, Palavra Chave)
2007	Gestão de Documentos: uma renovação epistemológica no universo da Arquivologia	INDOLFO, Ana Celeste	<p>INDOLFO, Ana Celeste</p> <p>Gestão de Documentos: uma renovação epistemológica no universo da Arquivologia</p> <p>Resumo: Apresenta uma revisão de literatura acerca do surgimento do conceito de gestão de documentos e dos estudos de classificação e avaliação do ciclo vital da informação arquivística, a partir da metade do século XX. Destaca os princípios de classificação, os seus fundamentos, escolhas e polêmicas. Aborda a avaliação de documentos públicos e a questão do testemunho e da perda, da memória e da história. Aponta na produção do pensamento arquivístico contemporâneo os novos desafios com relação à gestão dos documentos eletrônicos.</p> <p>Palavras-chave: Gestão de documentos. Classificação de documentos. Avaliação de documentos. Ciclo vital da informação arquivística.</p> <p>Arquivistica.net, vol. 3, Nº 2 (2007)</p>
2007	A gestão da Informação Arquivística como subsídio ao alcance e à manutenção da Qualidade	NASCIMENTO, Maiara de Arruda; FLORES, Daniel	<p>NASCIMENTO, Maiara de Arruda; FLORES, Daniel</p> <p>A gestão da Informação Arquivística como subsídio ao alcance e à manutenção da Qualidade</p> <p>Resumo: O ambiente da qualidade revela-se como um campo de atuação para os arquivistas, uma vez que o sucesso de um sistema de excelência depende, em grande parte, do modo como as organizações utilizam e disponibilizam as suas informações. Neste contexto, está a gestão da informação arquivística que permite o gerenciamento das informações desde que estas são geradas, proporcionando rapidez no seu acesso e o seu controle. Esse artigo investiga se as entidades, certificadas por suas práticas de gestão pelo Programa Gaúcho da Qualidade e Produtividade (PGQP) em Santa Maria (RS), nos anos de 2005 e 2006, conscientes dos benefícios da gestão informacional, a utilizaram durante o processo de obtenção da qualidade. Para tal, estas responderam a um questionário e tiveram o seu ambiente informacional observado tendo por finalidade identificar a situação arquivística das empresas. Os resultados demonstraram que embora as informações sejam consideradas vitais para as entidades pesquisadas, o seu gerenciamento ainda ocorre baseado no senso comum, sem a presença dos métodos e princípios arquivísticos, em suma, sem a presença dos arquivistas.</p> <p>Palavras-chave: gestão da informação; gestão da qualidade; informação; qualidade</p> <p>Arquivistica.net, vol. 3, Nº 2 (2007)</p>

APÊNDICE B - ROTEIRO DA ENTREVISTA COM OS DOCENTES DE ARQUIVOLOGIA

- 1) Você concorda com a afirmação de que estamos vivenciando mudanças paradigmáticas na Arquivologia? Se sim, em que consistem essas mudanças e quais as tendências que estão adquirindo maior visibilidade?
- 2) Considerando a sua vivência e experiência no ambiente acadêmico e profissional, na sua opinião, hoje, quais são as áreas de concentração e de interesse da Arquivologia?
- 3) Em que linhas de pesquisas você já atuou e/ou atua? Além dessas linhas de pesquisas, que outras linhas são necessárias para se repensar as bases teóricas da Arquivologia enquanto disciplina do conhecimento humano? Por que estas linhas são necessárias?
- 4) Como você visualiza os horizontes científicos e epistemológicos da Arquivologia no Brasil e no exterior? De acordo com esta sua visão, você acha que a Arquivologia por si só oferece arcabouço teórico para o seu desenvolvimento?
- 5) Você defende a afirmativa de que “a Arquivologia está num processo de buscas, em outras áreas do conhecimento (de conceitos, de métodos, ou de instrumentos) em prol de uma (re)-construção dos seus horizontes científicos e epistemológicos”? Se sim, em que áreas do conhecimento você acha que a Arquivologia tem mais se identificado?
- 6) Considerando os conceitos de Sociedade da Informação e de Pós-modernidade, na sua opinião, qual é missão ou papel definido para os arquivistas no mundo contemporâneo?
- 7) No tratamento aos arquivos e documentos arquivísticos, quais aspectos precisam ser considerados e representados?
- 8) Que profissionais os cursos de Arquivologia pretendem formar e o que as reformas curriculares dos cursos de Arquivologia no Brasil estão a prometer?
- 9) O que é importante ensinar na graduação em Arquivologia?
- 10) Qual a sua opinião sobre a vinculação da maioria dos cursos de Arquivologia no Brasil estarem vinculados a departamentos de Ciência da Informação?
- 11) Na sua opinião, por que um número significativo de docentes de Arquivologia, conforme estudos anteriores, estão fazendo suas pós-graduações em Ciência da Informação?

12) Que análise você faz do gráfico abaixo?



Fonte: KETELAAR, Eric. Archivistics Research Saving the Profession. *The American Archivist*, vol. 63 (Fall/Winter 2000), p.337.¹

¹ De acordo com Ketelaar temos:

Foundations - normas e valores da profissão, políticas de memória, ética, significados culturais dos processos de criação e manutenção dos documentos arquivísticos, terminologia, discurso arquivístico, história da profissão e da preocupação da sociedade com documentos e arquivos.

Cross-sectoral Concerns (Archivalization, Records Continuum, Societal Impact, Comparative, Historical, Metadata, Electronic Records) - Criação de documentos (Archivalization), gerenciamento arquivístico dos documentos e seus ambientes colaboradores, os contextos de atuação dos arquivistas e dos documentos arquivísticos, as variáveis sociais e seus impactos, os constrangimentos tecnológicos e legais, a responsabilidade dos arquivistas, as relações de poder das instituições que criam e organizam os arquivos, a representatividade dos arquivos, as soluções tecnológicas e organizacionais dos arquivos, a mudança do paradigma da Arquivologia, o gerenciamento, a manutenção, e uso dos registros eletrônicos.

13) Quais os seus comentários sobre o quadro abaixo, no que diz respeito à Ciência da Informação e a Arquivologia?

Subáreas / disciplinas da Ciência da Informação e áreas interdisciplinares	
Subáreas / disciplinas	Áreas interdisciplinares
1. Sistemas de informação	Administração Ciência da Computação
2. Tecnologia da informação	Ciência da Computação
3. Sistemas de recuperação da informação	Biblioteconomia Ciência da Computação Linguística
4. Políticas de informação	Administração Ciência Política Direito
5. Necessidades e usos de informação	Arquivologia Biblioteconomia Museologia Psicologia
6. Representação da informação	Arquivologia Biblioteconomia Filosofia Linguística Museologia
7. Teoria da Ciência da Informação	Epistemologia Filosofia Filosofia da Ciência Matemática
8. Formação e aspectos profissionais	Educação Ética Direito
9. Gestão da informação	Administração Economia Estatística
10. Bases de dados	Ciência da Computação
11. Processamento automático da linguagem	Biblioteconomia Ciência da computação Linguística
12. Economia da informação	Economia
13. Bibliometria	Estatística História da Ciência Matemática Sociologia da Ciência
14. Inteligência competitiva e Gestão do conhecimento	Administração Economia
15. Mineração de dados	Ciência da computação
16. Comunicação científica eletrônica	Ciência da computação Comunicação História da Ciência Sociologia da Ciência
17. Bibliotecas digitais/virtuais	Biblioteconomia Ciência da Computação Comunicação

Fonte: PINHEIRO, Lena Vânia Ribeiro. Ciência da Informação: desdobramentos disciplinares, interdisciplinaridade e transdisciplinaridade. In: GONZALEZ DE GOMEZ, M. N.; ORRICO, E. G. D. (Org.). *Políticas de memória e informação: reflexos na organização do conhecimento*. Natal: Editora Universitária da UFRN /EDUFRN, 2006. p. 25-26. (grifo nosso)

APÊNDICE C - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Eu, _____,

RG _____, abaixo qualificado, DECLARO para fins de participação em pesquisa, na condição de sujeito objeto da pesquisa, que me foi devidamente esclarecida, a qual tem por finalidade fornecer dados para a dissertação intitulada: **Zonas interdisciplinares entre a Arquivologia e a Ciência da Informação no Brasil: cartografias educacionais**, trabalho este em processo de desenvolvimento pelo autor **Welder Antônio Silva**, na Linha de Pesquisa Teoria, Epistemologia, Interdisciplinaridade e Ciência da Informação, do Programa de Pós-Graduação (Mestrado) em Ciência da Informação, do convênio **Universidade Federal Fluminense (UFF)** e **Instituto Brasileiro de Informação em Ciência E Tecnologia (IBICT)**, quanto aos seguintes aspectos:

- a. que a coleta de informações da pesquisa é feita por meio de uma **entrevista que será gravada**, cujo roteiro encontra-se anexado a este Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, também por mim lido;
- b. que estará a mim assegurada a disponibilidade para esclarecimentos sobre a metodologia aplicada na pesquisa;
- c. que para mais esclarecimentos posso contatar o autor e a professora orientadora responsável **Prof^a Dr^a Maria Nélide González de Gómez** do **Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT)**, pelos telefone (21) 8272-8701 e (21) 2275-0792- R.28
- d. que os dados por mim fornecido serão usados com fins puramente acadêmicos, sendo preservado o respeito ao meu anonimato;
- e. que a informação sobre os dados da pesquisa podem ser divulgados e publicados desde que cumpridos os compromissos estabelecidos.

DECLARO, portanto, que após convenientemente esclarecido pelo autor e ter entendido o que me foi explicado, consinto voluntariamente em participar desta pesquisa e com a finalidade exclusiva de colaborar para o sucesso da pesquisa.

DECLARO ainda que o pesquisador me ofertou uma cópia assinada deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

, de _____ de 2008

Assinatura do Declarante

QUALIFICAÇÃO DO DECLARANTE

Nome: _____
 RG: _____ Sexo: M () F ()
 Endereço: _____ Nº.: _____ Apto.: _____
 Bairro: _____ Cidade: _____ CEP: _____
 Tel.: _____ Cel.: _____
 E-mail: _____

 Assinatura do Declarante

DECLARAÇÃO DO PESQUISADOR

DECLARO, para fins de realização de pesquisa, ter elaborado este Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), cumprindo todas as exigências nele contidas e que obtive, de forma apropriada e voluntária, o consentimento livre e esclarecido do declarante acima qualificado para a realização desta pesquisa.

, de _____ de 2008

 Welder Antônio Silva
 Mestrando do PPGCI – UFF/IBICT

De acordo:

, de _____ de 2008

 Prof. Dra. Maria Nélide González de Gómez
 Professora Orientadora

APÊNDICE D – CODIFICAÇÕES ABERTA, AXIAL E SELETIVA DOS TRECHOS DAS ENTREVISTAS

Domínios do campo científico	Codificação Seletiva (Categorias)	Codificação Axial (Subcategorias)	Codificação Aberta (Códigos conceituais / símbolos)
Domínio Gnosiológico	Aspectos epistemológicos e interdisciplinares	Abordando sobre as questões epistemológicas	Falando sobre a informação e o documento
		Falando sobre a necessidade de uma base humanística	
		Abordando sobre as questões interdisciplinares	Falando sobre a relação com a Administração
			Falando sobre a relação com a Antropologia
			Falando sobre a relação com a Biblioteconomia
			Falando sobre a relação com a Ciência da Informação
			Falando sobre a relação com a Comunicação
			Falando sobre a relação com a Estatística
			Falando sobre a relação com a área de Educação
			Falando sobre a relação com a História
			Falando sobre a relação com a Informática
			Falando sobre a relação com a Linguística
			Falando sobre a relação com a Museologia
			Falando sobre a relação com as Ciências Humanas
			Falando sobre a relação com as Ciências Sociais
	Falando sobre a relação com o Direito		
	Falando sobre a relação com a Inteligência Competitiva e a Gestão do Conhecimento		
	Falando sobre a relação com vários campos do conhecimento		
Aspectos acadêmicos e profissionais	Abordando sobre as questões de pesquisa	Falando sobre as questões de pesquisa	
	Abordando sobre a atuação profissional	Falando sobre a atuação profissional	
		Falando sobre a intencionalidade e a subjatividade na atuação do profissional	
	Abordando sobre o ensino e formação profissional	Falando sobre a ética profissional	
Domínio Pragmático	Aspectos técnico-funcionais	Abordando sobre a política de acesso	Falando sobre a acessibilidade e a disponibilidade
			Falando sobre a disseminação e comunicação da informação
			Falando sobre a comunicação científica
			Falando sobre a política de informação
			Falando sobre a representação da informação e do conhecimento / processo de descrição
			Falando sobre a linguagem documentária
			Falando sobre a recuperação da informação
			Falando sobre o usuário
			Falando sobre a necessidade e o uso da informação
			Falando sobre a produção de conhecimento
		Abordando sobre o processamento técnico	Falando sobre a produção informacional e documental
			Falando sobre o registro da informação
			Falando sobre a gestão/administração da informação e de documentos

Domínios do campo científico	Codificação Seletiva (Categorias)	Codificação Axial (Subcategorias)	Codificação Aberta (Códigos conceituais / símbolos)		
			Falando sobre a necessidade e a capacidade de guarda		
			Falando sobre os estoques de informação		
			Falando sobre o fluxo de informação		
			Falando sobre o processo de seleção e avaliação		
			Falando sobre o processo de classificação		
			Falando sobre o processo de tratamento e organização informacional e documental		
			Falando sobre a organização do conhecimento		
			Falando sobre a preservação e conservação		
		Abordando sobre as políticas de segurança jurídico-administrativa	Falando sobre a autenticidade, fidedignidade e valor probatório		
			Falando sobre segurança e política de acesso		
		Domínio Contextual (macro) e Conjuntural (micro)	Aspectos circunstanciais e conjunturais	Abordando sobre as circunstâncias e conjunturas tecnológicas	Falando sobre a convergência digital
					Falando sobre as novas tecnologias e sobre o impacto das novas tecnologias
					Falando sobre as Tecnologias da Informação e da Comunicação
					Falando sobre a Internet
Abordando sobre as circunstâncias e conjunturas econômico-político-sociais	Falando sobre as demandas e expectativas da sociedade no mundo moderno e contemporâneo				
Falando sobre o crescimento informacional e documental					
	Falando sobre o mundo contemporâneo, a pós-modernidade e a sociedade da informação				
Aspectos tecnológicos	Abordando sobre tecnologia e segurança			Falando sobre o suporte e a fragilidade do suporte	
			Falando sobre a web-semântica		
	Abordando sobre tecnologia e recuperação		Falando sobre os Sistemas de Recuperação da Informação		
			Falando sobre os metadados		
	Abordando sobre tecnologia e gestão		Falando sobre as redes de informação		
			Falando sobre os Sistemas de Informação		
			Falando sobre os documentos eletrônicos/digitais		
	Abordando sobre tecnologia e armazenamento		Falando sobre os arquivos digitais e virtuais / repositórios digitais		
Falando sobre as Bases de Dados					
Aspectos políticos econômicos e sociais	Abordando sobre as questões político-administrativas		Falando sobre o processo de tomada de decisão		
			Falando sobre a relação com o Estado / Administração Pública		
			Falando sobre o papel burocrático		
			Falando sobre os arquivos como instrumento de poder		
			Falando sobre as políticas públicas		
	Abordando sobre as questões político-sociais		Falando sobre o papel político		
			Falando sobre o papel social		
			Falando sobre o a inclusão social e o exercício da cidadania		
		Falando sobre as redes sociais			
	Abordando sobre as questões econômicas	Falando sobre economia da informação			
		Falando sobre o papel na economia			
	Aspectos culturais	Abordando sobre patrimônio	Falando sobre memória e política de memória		
Abordando sobre as questões culturais		Falando sobre o papel cultural			

Aspectos epistemológicos e interdisciplinares: Abordando sobre as questões epistemológicas

Codificação Aberta (Códigos conceituais)	Dados Brutos
Falando sobre a informação e o documento	<p>"[...] a informação é uma experiência individual. Informação é uma experiência realizada no cérebro de cada um. [...] a informação, ela é produzida no cérebro de cada um e depois tornada pública. Aldo Barreto já trabalhou isso muito bem." (DOC-05, grifo nosso)</p>
	<p>"[...] ele [o arquivista] não é responsável só por organizar essas informações, é um campo de pesquisa que ele tem a disposição dele, não só a técnica, mas a própria informação que ele está organizando, e que muitas vezes, agente realmente, como esse aluno não tem escolha, agente vê que ele não se interessa muito por esse campo de informação que está ali na mão dele, que ele tem acesso, que ele está organizando, que ele está mais que disponibilizando." (DOC-04, grifo nosso)</p>
	<p>"[...] ele traça uma discussão interessante sobre comunicação, documentação e informação. [...] em que ele demonstra para agente, historicamente, como é que esses 3 elementos vão mudando de posição numa suposta hierarquia de importância ao longo dos anos. Informação... documentação... comunicação..." (DOC-02, grifo nosso)</p>
	<p>"[...] eu trouxe um pouco o questionamento do próprio papel do documento [...] Então, dentro do limite da ementa que me foi apresentado, eu trago o questionamento sobre o próprio documento. Como trabalhar com esse documento de uma forma não ingênuo. Porque talvez agente encare a missão do arquivista, o papel do arquivista, bastante dissociado do próprio papel do documento ou da informação [...]"(DOC-04, grifo nosso)</p>
	<p>"[...] hoje, como Prof. 'X' já explicitou, [...] há um deslocamento da atenção aos estoques para a atenção ao fluxo da informação. Mais importante do que controlar os estoques (mais importantes, não é abandonar os estoques), é controlar a informação, o fluxo da informação." (DOC-05, grifo nosso)</p>
	<p>"[...] o objeto da Arquivologia é a informação, informação adjetivada, informação arquivística ou a documentação, se quiserem, documentação arquivística. Isso no primeiro momento pode gerar uma espécie de confusão e desaviso. Quer dizer a informação está presente em todas as atividades humanas, pelo menos nessa sociedade organizada assim como nós conhecemos." (DOC-05, grifo nosso)</p>
	<p>"[...] o objeto da Arquivologia que hoje é tão questionado. Há tanta briga: é o arquivo, é o documento, é a informação... [...] Eu acredito que seja, não fechando a questão na verdade, mas eu acredito que seja a informação. Lógico que um tipo de informação que vai ser diferenciada de outras possíveis, que agente vai estar chamando de informação. A informação que outros autores aí, os estudiosos, tentam fechar como informação arquivística, que eu ainda acho que as próprias definições são bastante abrangentes também." (DOC-04, grifo nosso)</p>
	<p>"[...] olhar sociologicamente para a própria informação que agente está lidando. Eu acho que isso é fundamental. Para ele, para o profissional, não continuar se constituindo como organizador de papel de informação para outras pessoas trabalharem. Eu arrumo a cama para o outro deitar." (DOC-04, grifo nosso)</p>
	<p>"[...] se fosse em relação à informação arquivística, aí eu acho que ia ter Arquivologia em várias. A Arquivologia poderia buscar basicamente em todas: Tecnologia da informação, os sistemas, sistemas principalmente, sistema de recuperação da informação, política de informação é importante para a gente [...]" (DOC-01, grifo nosso)</p>
	<p>"[...] seria necessário adjetivar a informação, quer dizer, informação como substantivo sendo modificada por uma adjetivo, ou seja, informação arquivística. Então nós teríamos: sistema de recuperação da informação arquivística, políticas de informação arquivística, necessidade e uso da informação arquivística, representação da informação arquivística, gestão da informação arquivística [...]" (DOC-05, grifo nosso)</p>
	<p>"[...] seu trabalho [do arquivista] não está isento de entender a função do documento e da informação. A responsabilidade dele [do arquivista] em relação a transformar essa informação, proporcionar condições para que essa informação se transforme em conhecimento [...] Acho que nós ainda somos muito administradores de informação [...], administradores nesse sentido, organizamos, mas não nos colocamos." (DOC-04, grifo nosso)</p>
	<p>"[...] talvez o fundamental, dentro da minha visão, justamente é, mais do que administrar informação, é fazer com que essa informação chegue a se tornar conhecimento, a produzir alguma coisa, a produzir uma ação social, produzir uma nova consciência sobre a sociedade em que nós vivemos." (DOC-04, grifo nosso)</p>

<p>"[...] talvez, essa fosse a responsabilidade maior dentro dessa visão: do arquivista em relação a isso que agente está chamando de Sociedade da Informação. Não ser mais um colaborador para esse embaralhamento de informações." (DOC-04, grifo nosso)</p>
<p>"[...] tem um texto que agente trabalha [...], que é do Pedro Demo. Ele fala que a informação ela já trás em si uma desinformação, até pela própria administração da informação. Ela tem (seja de maneira positiva ou negativa) que ser manipulada, no sentido de que ela vai ser selecionada. [...] Então de certa forma, essa informação já é manipulada, seja de forma positiva ou de forma negativa. Então, eu acho que nós temos talvez hoje, uma carga de desinformação muito grande porque nós projetamos aquilo que agente vai chamar de informação, que também é uma coisa muito ampla [...]" (DOC-04, grifo nosso)</p>
<p>"Ele [o arquivista] reflete sobre aquilo que ele está fazendo. Ele não está só fazendo. Ele não está só organizando, mas ele reflete sobre a organização que ele está dando para aquelas informações. Ele reflete sobre isso. Ele reflete sobre seu posicionamento como profissional diante dessa sociedade e o papel que essas informações que ele está organizando tem em relação à uma produção. Não uma produção capitalista, mas produção de conhecimento dessa sociedade." (DOC-04, grifo nosso)</p>
<p>"Ele [o documento] carrega um contexto bem mais amplo do que simplesmente a informação [...]" (DOC-03, grifo nosso)</p>
<p>"Então, eu acho que, naturalmente, a tendência vai cair sobre a pós-graduação em Ciência da Informação. [...] eu acho positivo no sentido também de possibilitar ainda esse debate sobre a informação [...] e até para os docentes estarem em contato com outras formas de elaboração desse campo de conhecimento voltado para a informação." (DOC-04, grifo nosso)</p>
<p>"Eu acho que é a informação arquivística. Porque isso também teve uma mudança de objeto mesmo [...] porque antes as pessoas achavam que eram os arquivos, [...] era os arquivos, depois eram os documentos, [...] eu acho que é a informação arquivística..." (DOC-01, grifo nosso)</p>
<p>"Eu acho que o que chama mais a atenção é a questão da informação. [...] Eu entendi assim também. Eu estava olhando para a informação. Eu acho que tem uma interseção muito grande com a Ciência da Informação. [...] Eu acho que essa contribuição da organização do conhecimento é muito grande para a Arquivística, [...] mas eu acho que não é só. Não é só. Talvez essa seja a razão, porque agente trabalha com informação também. [...] Talvez seja esse o viés. [...] Mas muitas outras disciplinas trabalham com a informação. Comunicação trabalha com a informação. Não é verdade? Muitas outras trabalham com a informação [...]" (DOC-03, grifo nosso)</p>
<p>"Mas eu acho que pensado por essa perspectiva [...], até por essa idéia de Sociedade da Informação, o arquivo, eu acho que não pode simplesmente se transformar num espaço a mais de depósito de informação." (DOC-04, grifo nosso)</p>
<p>"Não só a parte de organização que agente já faz pensando no acesso, mas também o usuário e no fato mesmo de lidar com a diferença de informação [...] acho que isso é o mais importante. Eu acho que tudo vai girar em torno disso." (DOC-01, grifo nosso)</p>
<p>"O arquivista pode trabalhar com qualquer tipo de informação em qualquer área [...]. Eu acho que a informação é super importante... de trabalhar mesmo com informação em todas as áreas, se agente pensar mesmo, em todas as atividades tem informação arquivística e tem espaço para o arquivista. E não tem só espaço, mas a necessidade mesmo do arquivista dar conta de toda essa informação que está sendo gerada [...]" (DOC-01, grifo nosso)</p>
<p>"O papel dele[do arquivista], me parece que é o mesmo: estudar, conhecer, re-conhecer a informação arquivística." (DOC-05, grifo nosso)</p>
<p>"O que mudou foi o transporte, a comunicação da informação, os suportes, as técnicas de registro, mas a informação..." (DOC-05, grifo nosso)</p>
<p>"Porque assim, na minha cabeça, isso é muito claro. A Ciência da Informação é informação... lida com informação de tudo que é tipo. Tanto é que eles trabalham com informação artística, cultural, [...] tecnológica, de ciência e de tecnologia. [...] mas agente é informação arquivística. Então, arquivo só tem informação. Arquivo lida com informação. Então, é uma vertente. É uma linha lá de dentro da informação. Eles lidam com mais informações do que a informação arquivística, mas é também informação... então agente tem o que trocar [...]" (DOC-01, grifo nosso)</p>
<p>"Tem principalmente essa idéia do papel da informação, da informação arquivística na sociedade. Olhar mais criticamente para o arquivo como [...] instrumento de poder, instrumento de conservação de poder. As possibilidades que esse arquivo pode apresentar para a própria organização popular, né. [...] Como essas informações arquivísticas produzem conhecimento realmente popular, realmente conhecimento socializado." (DOC-04, grifo nosso)</p>

"Teve um aluno que me falou há um tempo atrás [...]: "professor, nós não trabalhamos com **informação**, o arquivista não trabalha com **informação**." Como assim? Mas em que sentido? "Professor, para mim, o arquivista ele..." (Isso fazendo uma crítica na verdade...) "o arquivista organiza essa **informação** e outros trabalham nessa **informação**. Ele está isento dessa **informação**...", ou seja, [é] como dizer assim, ele não pesquisa o próprio objeto que seria o objeto com o qual ele trabalha diretamente, o **documento**. Ou seja ele se isenta da responsabilidade do **documento**. [...] E, nessa disciplina o que eu tento fazer é com que eles olhem para o objeto com o qual eles vão lidar, que é a **informação**, que está contida naquele **documento**. Ou seja, olhar criticamente, de uma forma um pouco mais crítica, aquilo com que ele está lidando, com que ele vai lidar. Então é olhar o **documento**." (DOC-04, grifo nosso)

Codificação Aberta (Códigos conceituais)	Dados Brutos
Falando sobre a necessidade de uma base humanística	<p>"[...] agente mudou um pouco mais para dar uma base humanística, que agente também não tinha e agente tinha um curso muito voltado para a história. [...] isso era no primeiro momento lá quando o curso foi criado e tal, basicamente o curso formava arquivista para trabalhar com arquivo permanente. Então, a formação com base na história era muito importante. E também o curso foi meio que formado por pessoas da área de história e tudo." (DOC-01, grifo nosso)</p> <p>"[...] a Arquivologia deve propiciar uma sólida formação técnico-científica, cultural e humanística [...]" (DOC-06, grifo nosso)</p> <p>"Deixamos de buscar uma hiperespecialização de cunho mais técnico e passamos, principalmente em alguns cursos, a buscar o aporte cultural e aspectos mais humanísticos." (DOC-06, grifo nosso)</p> <p>"Percebo, que existe por parte dos cursos de Arquivologia do Brasil, uma preocupação em estabelecer uma aliança enriquecedora entre uma sólida formação humanística e uma qualificação para o enfrentamento das emergências tecnológicas, vinculadas à tecnologias da informação." (DOC-06, grifo nosso)</p>

Aspectos epistemológicos e interdisciplinares: Abordando sobre as questões interdisciplinares

Codificação Aberta (Códigos conceituais)	Dados Brutos
Falando sobre a relação com a Administração	<p>"[...] é claro que tem a Administração, o Direito nessa questão do acesso à informação. Isso é importante ser tratado[...]" (DOC-03, grifo nosso)</p> <p>"Áreas que a Arquivologia se identifica mais são: Ciência de Informação, Sociologia, História, Administração e Educação." (DOC-06, grifo nosso)</p> <p>"Então é isso, agente pretende formar um profissional mais dinâmico, mais crítico e que possa escolher em que área (até essa flexibilidade do currículo de ter muita disciplina optativa para eles poderem escolher). [...] se quer trabalhar mais com arquivo permanente, vai fazer mais disciplina de História, se quer trabalhar em arquivo corrente, vai fazer mais disciplina da área de Administração, se quer trabalhar com arquivo eletrônico..., se quer trabalhar com pesquisa, tem várias disciplinas de pesquisa." (DOC-01, grifo nosso)</p> <p>"Eu acho que agente ainda está se firmando mesmo... e agente tem que buscar outros conhecimentos para contribuir. Eu acho isso importante, buscar mesmo em outras áreas. Eu acho que tem outras áreas que são importantes para agente firmar[...]. Acho que a Administração é importante, [...] basicamente eu acho que é Ciência da Informação, Administração, Informática... eu acho que seriam as mais importantes." (DOC-01, grifo nosso)</p> <p>"Na Arquivologia alguns conteúdos são de importância capital para a formação do profissional competente, antenado com as modificações do meio social em que vive. Assim, conteúdos das áreas de Arquivologia de uma forma geral, Cultura, Memória, História, Educação, Tecnologia da Informação e Administração são a base para a formação do arquivista." (DOC-06, grifo nosso)</p>

Codificação Aberta (Códigos conceituais)	Dados Brutos
Falando sobre a relação com a Antropologia	<p>"[...] eu vejo que tem outras contribuições da área social, antropológica. Eu acho que tem questões que têm que serem vistas porque o objeto é muito amplo. [...] nós somos transversais a várias disciplinas. [...] Agente atua em todas as áreas, se você for ver. [...] todo mundo produz informação, todo mundo produz documento. [...] Então agente é transversal a uma série de outras disciplinas." (DOC-03, grifo nosso)</p> <p>"[...] então o documento e os arquivos tem sido cada vez mais centro de interesse não para a Arquivologia ou para a Ciência da Informação, mas para as áreas sociais de um modo geral. Não existe produção do conhecimento sem documento. Isso parece estar sendo percebido. A Antropologia, coisa de 2 anos para cá, talvez 3, no máximo, vem falando de etnografia dos arquivos." (DOC-02, grifo nosso)</p> <p>"Antropologia cultural, eu fico assim... você não tem idéia do quanto isso me deixa feliz, porque é um espaço privilegiado de discutir alguma coisa que pouquíssimas vezes agente tem o hábito de discutir; que é como a minha visão de mundo pode interferir na visão de mundo que outro terá." (DOC-02, grifo nosso)</p>

Codificação Aberta (Códigos conceituais)	Dados Brutos
Falando sobre a relação com a Biblioteconomia	<p>"[...] a representação da informação é uma terminologia que está sendo apropriada pela Arquivologia, da Biblioteconomia, da Ciência da Informação e que não foi ainda caracterizada de forma muito nítida na Arquivologia. Mas, se nós aceitarmos. [...] se nós trabalharmos com o que é apresentado aí pela Biblioteconomia e pela Ciência da Informação, essa representação se aproxima muito da descrição arquivística [...] Então essa da representação, [...] essa também eu não engulo. Para mim, é muito difícil isso. Mas está bom, dá para aceitar. Agora carece, carece pelo menos de uma caracterização mais próxima da Arquivologia. Não ficar reproduzindo o que a Biblioteconomia e a Ciência da Informação apresentam dentro das suas circunstâncias." (DOC-05, grifo nosso)</p> <p>"[...] eu vejo que a Arquivística pode ajudar a Ciência da Informação nesse item [...], Sistemas de recuperação da informação, que é muito específico para a área de arquivo e que muito pouca gente conhece da área de Biblioteconomia e da área de Ciência da Informação. Essa realidade de como recuperar informação em documentos arquivísticos." (DOC-03, grifo nosso)</p> <p>"[...] tinha bastante gente da área de arquivo [...]. E tinha disciplinas voltadas para arquivo. [...] numa disciplina que chamava redes e sistemas de informação [...] falava da parte de arquivo. [...] uma disciplina tinha representação da informação em três áreas: na Biblioteconomia, na Arquivologia e na Museologia [...]" (DOC-01, grifo nosso)</p> <p>"Eu acho que agente ainda está se firmando mesmo... e agente tem que buscar outros conhecimentos para contribuir. Eu acho isso importante, buscar mesmo em outras áreas. Eu acho que tem outras áreas que são importantes para agente firmar [...]. Acho que a Administração é importante... acho que hoje em dia não é tanto a parte de História [...]. É... toda essa parte de informática também, a Ciência da Informação também, tem coisas na Biblioteconomia." (DOC-01, grifo nosso)</p>

Codificação Aberta (Códigos conceituais)	Dados Brutos
Falando sobre a relação com a Ciência da Informação.	<p>"[...] a leitura que eu faria é da possibilidade de nós pensarmos, o que justifica a criação de um Departamento de Ciência da Informação? Aí você tem lá um Departamento de Ciência da Informação que só tem o curso de Arquivologia... aí eu acho que isso é uma maluquice. Só tem o curso de Biblioteconomia, eu acho uma maluquice. É meio... é um pouco daquela discussão que nós estávamos tendo no início da nossa conversa, com relação à busca de um status... Entendeu? A Ciência da Informação é mais importante do que Biblioteconomia, é mais importante do que Arquivologia..." (DOC-02, grifo nosso)</p> <p>"[...] a representação da informação é uma terminologia que está sendo apropriada pela Arquivologia, da Biblioteconomia, da Ciência da Informação e que não foi ainda caracterizada de forma muito nítida na Arquivologia. Mas, se nós aceitarmos. [...] se nós trabalharmos com o que é apresentado aí pela Biblioteconomia e pela Ciência da Informação, essa representação se aproxima muito da descrição arquivística [...] Então essa da representação, [...] essa também eu não engulo. Para mim, é muito difícil isso. Mas está bom, dá para aceitar. Agora carece, carece pelo menos de uma caracterização mais próxima da Arquivologia. Não ficar reproduzindo o que a Biblioteconomia e a Ciência da Informação apresentam dentro das suas circunstâncias." (DOC-05, grifo nosso)</p>

<p>"[...] a respeito da necessidade e uso da informação e representação da informação eu acho que tem tudo haver com o que eu falei até agora. A representação da informação aqui é o antigo nome da representação do conhecimento. Eu acho que tem tudo haver. [...] Eu não sei se agente tem estudos de usuários. É uma coisa importante para a Arquivística. [...] Porque na hora de se pensar a organização dos acervos, eu acho que esse fato [...] seria relevante. Como eu te falei, nós somos transversais. [...] Agente volta àquela história lá no início, lá de que as pessoas queriam localizar os documentos em função do interesse da história, ou do interesse, né... [...] eu vejo que essa é uma contribuição para a Ciência da Informação [...]" (DOC-03, grifo nosso)</p>
<p>"[...] ainda existe uma forte vocação para a Ciência da Informação, o que mesmo assim, muda a configuração tradicional que era focada em uma subordinação da Arquivologia, pois era entendida como ciência auxiliar da História." (DOC-06, grifo nosso)</p>
<p>"[...] áreas do conhecimento em que a Arquivologia tem mais se identificado... por uma questão circunstancial e conjuntural, no Brasil, evidentemente, com a Ciência da Informação. Aliás mais a Arquivologia na Ciência da Informação, buscando na Ciência da Informação, do que a Ciência da Informação na Arquivologia." (DOC-05, grifo nosso)</p>
<p>"[...] aumento significativo de arquivistas fazendo pós-graduação em Ciência da Informação pela circunstância do país brasileiro, de não haver mestrado e doutorado em Arquivologia, [...] pelo outro lado, pelo loby bem feito, bem construído, da Ciência da Informação como uma área do conhecimento, com todo o arcabouço teórico necessário para se manter como área e ao mesmo tempo manter a Arquivologia como subárea. Coisa que está sendo discutido." (DOC-05, grifo nosso)</p>
<p>"[...] é preciso pensar que essa titulação ou que a busca pela Ciência da Informação, ela está muito mais focada em profissionais da área de Arquivologia, os docentes do curso de Arquivologia. É... em regra procuram a Ciência da Informação exatamente por esse "nicho", por essa magia que foi criada em torno da Ciência da Informação. Acho que aí está a razão pela qual aí, as pessoas têm buscado muito isso." (DOC-02, grifo nosso)</p>
<p>"[...] é que realmente não tem mesmo pós-graduação em Arquivologia e eu acho que essa é a área mais próxima mesmo [...]. Então é a área mais próxima, é a informação. Agente lida com a informação também. Então agente está lidando com a informação de arquivos... Então é dentro de informação. [...] tem todo uma teoria forte que agente pode usar mesmo. Pode contribuir e agente acaba contribuindo também para a área, neste sentido da informação." (DOC-01, grifo nosso)</p>
<p>"[...] então o documento e os arquivos tem sido cada vez mais centro de interesse não para a Arquivologia ou para a Ciência da Informação, mas para as áreas sociais de um modo geral. Não existe produção do conhecimento sem documento. Isso parece estar sendo percebido. A Antropologia, coisa de 2 anos para cá, talvez 3, no máximo, vem falando de etnografia dos arquivos." (DOC-02, grifo nosso)</p>
<p>"[...] eu acho que a Arquivologia aparece poucas vezes [...]. Eu acho que poderia aparecer mais vezes. Dando suporte a mais coisas, principalmente aqui com sistemas, sistemas da informação, sistemas de recuperação da informação. [...] Eu acho que a Arquivologia está ligado a vários desses assuntos aqui, mas talvez na Ciência da Informação ela não servisse de base para algumas coisas, alguns pontos desses. Mas, eu acho que tem relação [...]. Eu acho que é mais dando suporte [...]" (DOC-01, grifo nosso)</p>
<p>"[...] eu acho que é um problema sério. [...] a Ciência da Informação, apesar de se apresentar como interdisciplinar, [...] eu acho que ela exagera na delimitação das disciplinas frente ao objeto, essa verificação é tão grande, é tão forte, pelos atores da Ciência da Informação, que eles solenemente desconhecem a Arquivologia. A não ser alguns casos específicos de pessoas, de professores [...]" (DOC-05, grifo nosso)</p>
<p>"[...] eu fui fazer Ciência da Informação acreditando que eu podia puxar de lá alguma coisa que me ajudasse a entender a própria ciência... a própria Arquivística, né... e vi nessa área da representação do conhecimento, uma área muito importante, uma contribuição importantíssima para a Arquivística." (DOC-03, grifo nosso)</p>
<p>"[...] eu já tive a oportunidade de ouvir que a Ciência da Informação era a sustentação teórica da área de Arquivologia. Eu acredito que hoje isso, se não está banido, as pessoas pelo menos não dizem isso publicamente. Mas essa era uma coisa recorrente." (DOC-02, grifo nosso)</p>
<p>"[...] eu não vejo como um problema, [...] o vínculo ao Departamento de Ciência da Informação, eu acho que há aí uma coisa que as instituições precisam avaliar. [...] a minha preocupação é sobre o que é ensinado, ou seja, qual é a linha mestra dessas formações. [...] eu acho que a preocupação é o que é ensinado e não onde está vinculado. Por outro lado também, agente pode analisar que esse vínculo é resultado de uma leitura, contextualizada [...]" (DOC-02, grifo nosso)</p>
<p>"[...] eu vejo que a Arquivística pode ajudar a Ciência da Informação nesse item [...], Sistemas de recuperação da informação, que é muito específico para a área de arquivo e que muito pouca gente conhece da área de Biblioteconomia e da área de Ciência da Informação. Essa realidade de como recuperar informação em documentos arquivísticos." (DOC-03, grifo nosso)</p>

<p>"[...] há uma defasagem também da Arquivologia como uma possibilidade de estar refletindo a própria Ciência da Informação e como, vamos dizer assim, como um objeto ou um campo a ser refletido pela Ciência da Informação. [...] para mim [...], nesse sentido [...] talvez haja ainda esta defasagem da entrada da Arquivologia no campo da Ciência da Informação." (DOC-04, grifo nosso)</p>
<p>"[...] na falta de uma outra vinculação, a vinculação com as Ciências, com a Ciência da Informação, [...] pode ser bastante produtiva. [...] por um lado eu acho que é uma defasagem porque nós não articulamos os nossos cursos de Arquivologia, isso trás uma fragilidade de certa forma, mas por outro lado é um ganho no sentido de pelo menos você estar dentro de uma área vinculada, uma área vinculativa. [...] eu acho que talvez se nós tivéssemos uma pós-graduação, um mestrado, um doutorado, na área de Arquivologia, não sei, isso é uma expectativa... realmente agente não pode responder se abrindo um curso de mestrado viria uma enormidade de pessoas procurar. Não sei também. Agente pode questionar também, se realmente seria desse jeito. Se choveria gente querendo fazer. [...] Então eu acho que vem também dessa defasagem e aí é o campo, vamos dizer assim, [...] mais natural, que aproxima. [...] Então eu acho que, naturalmente, a tendência vai cair sobre a pós-graduação em Ciência da Informação. [...] eu acho positivo no sentido também de possibilitar ainda esse debate sobre a informação [...] e até para os docentes estarem em contato com outras formas de elaboração desse campo de conhecimento voltado para a informação." (DOC-04, grifo nosso)</p>
<p>"[...] não temos pós-graduação em Arquivologia no Brasil, né. Aí, se vai fazer onde? Na Ciência da Informação. Agora, é preciso considerar o quê que é produzido dentro da Ciência da Informação. [...] o que se produz dentro da Ciência da Informação? [...] tese e dissertação, quais que os títulos e os resumos são reveladores de conteúdo arquivístico? São muitos." (DOC-05, grifo nosso)</p>
<p>"[...] os alunos quando vão pensar em pós-graduação, em mestrado eles ficam completamente perdidos. Aí perguntam: "para onde é que eu vou?" A tendência é ir para a Ciência da Informação. Então eu acho que é uma consequência um pouco até dessa defasagem em termos de administração dos cursos. Então vão vincular, vão ser vinculados àquela área que talvez seja mais aproximativa e vai ser a Ciência da Informação, por falta de ter uma outra vinculação, uma ampliação." (DOC-04, grifo nosso)</p>
<p>"[...] repare que são pouquíssimas vezes, pouquíssimas vezes, em que aparece arquivo ou Arquivologia nos trabalhos de Ciência da Informação. [...] a omissão quebra um pouco essa visibilidade da área. E são áreas que vem disputando há algum tempo determinados espaços: acadêmicos e políticos." (DOC-02, grifo nosso)</p>
<p>"[...] um lance lá que me interessou, muito na Ciência da Informação, era (não sei se existe mais), [...] era sobre informação de comunidade. Não sei se existe mais essa disciplina lá. Mas é o seguinte, eu vejo que a Arquivologia hoje, pode dar uma contribuição muito grande, a pensar as relações sociais a partir dos documentos." (DOC-03, grifo nosso)</p>
<p>"A Arquivologia poderia buscar basicamente em todas: Tecnologia da informação, os sistemas, sistemas principalmente, sistema de recuperação da informação, política de informação é importante para agente [...] teoria da Ciência da Informação também, aspectos profissionais [...], tudo isso. Gestão da informação, bases de dados, inteligência competitiva e gestão do conhecimento[...] Todas essas, Bibliotecas digitais, quer dizer para arquivo seria arquivos digitais e virtuais..." (DOC-01, grifo nosso)</p>
<p>"Aquilo que o Prof. 'X' [...] costuma comentar: a Arquivologia vai mais à Ciência da Informação do que a Ciência da Informação vai mais à Arquivologia." (DOC-05, grifo nosso)</p>
<p>"Áreas que a Arquivologia se identifica mais são: Ciência de Informação, Sociologia, História, Administração e Educação." (DOC-06, grifo nosso)</p>
<p>"As áreas de interesse e concentração da Arquivologia, ainda hoje, estão direcionadas à História, Gestão de Documentos, Ciência da Informação (Tecnologia de Informação)." (DOC-06, grifo nosso)</p>
<p>"Com relação às reformas curriculares dos cursos de Arquivologia, eu acho... houve um "bum" aí nisso, né... num dado momento, que eu acho muito pressionado por essa questão da Ciência da Informação ou para algo que é visto que é muito parecido que são as tecnologias aplicadas aos arquivos. Eu acho que as grande alterações tem sido caminhadas, tem sido feitas, me parece, muito nessa direção." (DOC-02, grifo nosso)</p>
<p>"É, talvez sim uma tendência... Eu acho que até pela questão mesmo [...] dos docentes de Arquivologia estarem [...] buscando a pós-graduação em Ciência da Informação... Eu acho que nas universidades vai se formando um pouco essa configuração [...] de formarem departamentos de Ciência da Informação, que daí todo mundo é mesmo da Ciência da Informação e acaba que junta e também no departamento tem gente que dá aula para Arquivologia, para Biblioteconomia e tal, e porque tem mesmo muita gente que veio da Ciência da Informação." (DOC-01, grifo nosso)</p>
<p>"Embora se coloque que a Arquivologia esteja buscando a Ciência da Informação, vamos dizer assim, como um parâmetro no Brasil, para poder se aprofundar na pesquisa, [ela] não consegue ainda se impor como um campo de relevância." (DOC-04, grifo nosso)</p>

<p>"Então isso é uma conquista para a área, porque antes não era assim... é muito assim, mostra muito essa mudança que área está tendo, não a Ciência da Informação, mas a Arquivologia também... A Arquivologia não tinha tanta gente assim fazendo pós-graduação... Gente com graduação em Arquivologia fazendo pós-graduação? Não era muita gente, era raro... e a própria Ciência da Informação também modificando [...]. Então eu acho que daí a pouco eles vão ter que começar a pensar também nisso... em contemplar esses assuntos." (DOC-01, grifo nosso)</p>
<p>"Eu acho que agente ainda está se firmando mesmo... e agente tem que buscar outros conhecimentos para contribuir. Eu acho isso importante, buscar mesmo em outras áreas. Eu acho que tem outras áreas que são importantes para agente firmar [...]. Acho que a Administração é importante... acho que hoje em dia não é tanto a parte de História [...].É... toda essa parte de informática também, a Ciência da Informação também, tem coisas na Biblioteconomia. [...] basicamente eu acho que é Ciência da Informação, Administração, Informática... eu acho que seriam as mais importantes." (DOC-01, grifo nosso)</p>
<p>"Eu acho que o que chama mais a atenção é a questão da informação. [...] Eu entendi assim também. Eu estava olhando para a informação. Eu acho que tem uma interseção muito grande com a Ciência da Informação. [...] Eu acho que essa contribuição da organização do conhecimento é muito grande para a Arquivística, [...] mas eu acho que não é só. Não é só. Talvez essa seja a razão, porque agente trabalha com informação também. [...] Talvez seja esse o viés." (DOC-03, grifo nosso)</p>
<p>"Eu costumo dizer que agente vive uma crise de identidade por conta de ver que o nosso objeto de estudo está se... eu digo... se volatizando, [...] ele está virtualizando. É como se agente não tivesse pegado aquele objeto na mão. É como se ele não fosse mais um documento? Está entendendo? Então eu acho que isso muda muita coisa e essas áreas [...] a Ciência da Informação, a Ciência da Computação e as disciplinas voltadas para essa área da Informática, que aborda essa questão da convergência digital estão demandando mais interesse." (DOC-03, grifo nosso)</p>
<p>"Eu não vejo a Arquivística como uma disciplina da Ciência da Informação. Eu acho que ela é uma disciplina paralela à Ciência da Informação, que está no mesmo nível. [...] eu não vejo ela como uma disciplina da Ciência da Informação. Então portanto eu acho que é um equívoco você vinculá-la ao Departamento de Ciência da Informação." (DOC-03, grifo nosso)</p>
<p>"Existe hoje uma grande busca pela formação continuada (Pós-Graduação) e a pós-graduação que os egressos dos Cursos de Arquivologia mais se identificam ainda é a de Ciência da Informação." (DOC-06, grifo nosso)</p>
<p>"Mas eu acho que na área, a Ciência da Informação é importante [...]." (DOC-03, grifo nosso)</p>
<p>"Os desdobramentos da Ciência da Informação abrangem um grande número de disciplinas que a meu ver deveria focalizar ainda mais a Arquivologia como área de interface." (DOC-06, grifo nosso)</p>
<p>"Porque assim, na minha cabeça, isso é muito claro. A Ciência da Informação é informação... lida com informação de tudo que é tipo. Tanto é que eles trabalham com informação artística, cultural, [...] tecnológica, de ciência e de tecnologia. [...] mas agente é informação arquivística. Então, arquivo só tem informação. Arquivo lida com informação. Então, é uma vertente. É uma linha lá de dentro da informação. Eles lidam com mais informações do que a informação arquivística, mas é também informação... então agente tem o que trocar [...]" (DOC-01, grifo nosso)</p>
<p>"Tem muitos campos interessantes que precisam de investigação na Arquivologia, mesmo com todas essas interseções com outras áreas. [...] tem muita coisa que precisa ser produzida nessa área, que eu acho que não está dentro da Ciência da Informação, não está na História, está num curso de pós-graduação em Arquivologia." (DOC-03, grifo nosso)</p>
<p>"Tem um exemplo disso, que é algo que me deixa muito desconfortável, talvez por ignorância minha, não sei, mas até onde eu consigo analisar, é a expressão [...] preservação digital. Me parece que a preservação digital é um termo encontrado e utilizado a granel, utilizado assim em larga escala, como se já estivesse solidamente definido e estabelecido; que na verdade não existe. Me parece que adjetivar a preservação é um risco enorme. [...] e não é só restrito à Arquivologia, porque a Ciência da Informação também usa. A Ciência da Informação também usa essa expressão." (DOC-05, grifo nosso)</p>
<p>"Por exemplo [...] base de dados. Ela fala que a Ciência da Informação para lidar com essa subárea de base de dados, precisa da Ciência da Computação. Talvez ela não precisasse da Arquivologia para fazer a base de dados, agora se é uma base de dados de informação arquivística vai precisar de Arquivologia nesse ponto. Agora se a base de dados é de outra coisa qualquer, não vai precisar da Arquivologia exatamente." (DOC-01, grifo nosso)</p>
<p>"Pela ausência de cursos de Pós-Graduação na área específica de Arquivologia e pela grande necessidade, das universidades públicas, em qualificar seus quadros docentes. Observa-se que há uma sintonia fina entre a Arquivologia e a Ciência da Informação, isso direciona os docentes para esse tipo de pós-graduação. Percebe-se também que esse cenário vem sendo modificado ao longo do tempo. Hoje já há uma diversidade de qualificações, como Memória Social, Educação, Ciências Sociais, Informática, História etc." (DOC-06, grifo nosso)</p>

"Penso que os Departamentos de **Ciência da Informação**, na maioria das universidades públicas brasileiras, que oferecem cursos de **Arquivologia**, são formados por profissionais de áreas diversas, com qualificação em nível de pós-graduação em **Ciência da Informação**; [...]. Esses profissionais formam esses departamentos de **Ciências da Informação** que, em determinado momento, iniciam o processo de criação do Curso de **Arquivologia** e assim, os Cursos de **Arquivologia** ligam-se, naturalmente, a esses departamentos. Essa estruturação é benéfica para a **Arquivologia**, pelo menos, em um primeiro momento. Após algum tempo da criação do Curso de **Arquivologia**, é importante estruturar um departamento próprio para estudos e pesquisas arquivísticas." (DOC-06, grifo nosso)

"[...] a própria **Ciência da Informação**... eu acho assim... nasceu da Biblioteconomia né... Então eles tem historicamente uma relação com Bibliotecas né... Eu acho que à medida que agente vai entrando lá, quer dizer, indo mais gente de arquivo para lá e tudo, eu acho que agente, com o tempo, poderia até mudar... Quer dizer, mudar completamente virar meio a meio eu acho meio difícil por causa dessa questão histórica que é da **Ciência da Informação**, de ter nascido dentro da Biblioteconomia. Então, eu acho que eles têm já um lugar lá de honra [...] e agente ainda está batalhando pelo nosso espaço... que eu acho que anteriormente eles não consideravam arquivo. Agente é que foi meio que entrando e forçando uma barra e tal. Eu acho que eles nem consideravam. Falavam de informação e nem falava de arquivo e nem considerava o arquivo." (DOC-01, grifo nosso)

Codificação Aberta (Códigos conceituais)	Dados Brutos
Falando sobre a relação com a Comunicação	"Talvez essa seja a razão, porque agente trabalha com informação também. [...] Talvez seja esse o viés. [...] Mas muitas outras disciplinas trabalham com a informação. Comunicação trabalha com a informação. Não é verdade? Muitas outras trabalham com a informação, Jornalismo . Até jornalista trabalha com a informação. [...] ela [a Arquivologia] tem hoje [...] mudado [...] por conta de todas essas questões da tecnologia da informação e da comunicação ." (DOC-03, grifo nosso)

Codificação Aberta (Códigos conceituais)	Dados Brutos
Falando sobre a relação com a Estatística.	" Estatística eu acho importante." (DOC-01, grifo nosso)

Codificação Aberta	Dados Brutos
Falando sobre a relação com a área de Educação	"Áreas que a Arquivologia se identifica mais são: Ciência de Informação, Sociologia, História, Administração e Educação ." (DOC-06, grifo nosso)
	"Hoje já há uma diversidade de qualificações, como Memória Social, Educação , Ciências Sociais, Informática, História etc." (DOC-06, grifo nosso)
	"Já atuei em Gestão de Documentos, Arquivos Permanentes, Avaliação, Memória e Educação ." (DOC-06, grifo nosso)
	"Na Arquivologia alguns conteúdos são de importância capital para a formação do profissional competente, antenado com as modificações do meio social em que vive. Assim, conteúdos das áreas de Arquivologia de uma forma geral, Cultura, Memória, História, Educação , Tecnologia da Informação e Administração são a base para a formação do arquivista." (DOC-06, grifo nosso)
	"Penso também que outras áreas do conhecimento estão sendo descortinadas, como a Educação e a Memória, no entanto, a área de concentração de maior interesse dos estudantes dos cursos de Arquivologia ainda vincula-se às Tecnologias da Informação." (DOC-06, grifo nosso)

Codificação Aberta (Códigos conceituais)	Dados Brutos
Falando sobre a relação com a História	<p>"[...] agente mudou um pouco mais para dar uma base humanística, que agente também não tinha e agente tinha um curso muito voltado para a História. [...] isso era no primeiro momento lá quando o curso foi criado e tal, basicamente o curso formava arquivista para trabalhar com arquivo permanente. Então, a formação com base na História era muito importante. E também o curso foi meio que formado por pessoas da área de História e tudo." (DOC-01, grifo nosso)</p> <p>"[...] se quer trabalhar mais com arquivo permanente, vai fazer mais disciplina de História [...]" (DOC-01, grifo nosso)</p> <p>"As áreas de interesse e concentração da Arquivologia, ainda hoje, estão direcionadas à História, Gestão de Documentos, Ciência da Informação (Tecnologia de Informação)." (DOC-06, grifo nosso)</p> <p>"Assim, não seria ousado conceber uma educação arquivística que venha gerar um profissional não apenas qualificado tecnologicamente, mas culturalmente antenado, a partir de uma formação de base mais política e sócio-histórica." (DOC-06, grifo nosso)</p> <p>"Então eu acho que isso dá uma outra dinâmica para o curso, porque agente não deixa de lado a História em momento nenhum, mas reforça outros campos que são possíveis de agente estar podendo estar pensando como profissional. [...] O currículo antigo tinha limitado a História e o arquivo. [...] Aí você forçava aquele modelo de que o arquivo, a Arquivologia estava vinculada e subordinada à História." (DOC-04, grifo nosso)</p> <p>"[...] ainda existe uma forte vocação para a Ciência da Informação, o que mesmo assim, muda a configuração tradicional que era focada em uma subordinação da Arquivologia, pois era entendida como ciência auxiliar da História." (DOC-06, grifo nosso)</p> <p>"Acredito que Memória, História, Cultura, Informação e Educação constituem a base para continuar repensando a Arquivologia." (DOC-06, grifo nosso)</p> <p>"Áreas que a Arquivologia se identifica mais são: Ciência de Informação, Sociologia, História, Administração e Educação." (DOC-06, grifo nosso)</p> <p>"Entendo que os cursos de Arquivologia devem direcionar-se para uma ampla formação interdisciplinar que considere, não somente a competência técnico-científica que o mundo do trabalho requer, mas também a competência para o exercício pleno da cidadania. Nesse sentido, o profissional da área de Arquivologia deve ter um perfil investigativo e crítico, visando a enfrentar as alterações sociais de forma natural." (DOC-06, grifo nosso)</p> <p>"Hoje já há uma diversidade de qualificações, como Memória Social, Educação, Ciências Sociais, Informática, História etc." (DOC-06, grifo nosso)</p> <p>"Na Arquivologia alguns conteúdos são de importância capital para a formação do profissional competente, antenado com as modificações do meio social em que vive. Assim, conteúdos das áreas de Arquivologia de uma forma geral, Cultura, Memória, História, Educação, Tecnologia da Informação e Administração são a base para a formação do arquivista." (DOC-06, grifo nosso)</p> <p>"Eu acho que agente ainda está se firmando mesmo... e agente tem que buscar outros conhecimentos para contribuir. Eu acho isso importante, buscar mesmo em outras áreas. Eu acho que tem outras áreas que são importantes para agente firmar [...]. [...] acho que hoje em dia não é tanto a parte de História [...]" (DOC-01, grifo nosso)</p> <p>"Eu acho que não pode esquecer a contribuição da História. Ainda temos uma vinculação saudável com a História [...]" (DOC-04, grifo nosso)</p>

Codificação Aberta (Códigos conceituais)	Dados Brutos
Falando sobre a relação com a Informática	<p>"[...] essa é uma área que eu continuo sendo interessado por ela. Eu acho que ela faz uma ponte direta com essa questão da recuperação da informação, mas com a questão da Informática também. [...]" (DOC-03, grifo nosso)</p> <p>"[...] eu acho que um campo que deveria ser mais explorado, seria o próprio campo da Informática, das Tecnologias da Informação. Eu acho que é algo que tem que ser pensado com mais com mais seriedade." (DOC-04, grifo nosso)</p> <p>"[...] eu já percebia [...] que a Arquivologia precisava dialogar com a Informática, precisava dialogar com a Ciência da Computação, então principalmente no que diz respeito à recuperação de informação [...]" (DOC-03, grifo nosso)</p> <p>"[...] eu orientei um aluno até agora, que se interessou especificamente pelo campo da Informática. Arquivologia - Informática [...]. Então quer dizer, os outros estão lidando, até pelo que estão trabalhando fora, lidando com os elementos mais tradicionais da Arquivologia. Embora estejam questionando esses elementos também." (DOC-04, grifo nosso)</p>

<p>"[...] quando eu estava falando dos documentos informáticos, por exemplo, eu acho que agente custou muito a entrar nesse universo. Agente não acreditou muito que isso ia impactar a Arquivologia e hoje agente tem que correr atrás para entender esse universo primeiro, que é um universo em expansão. É um <i>big bang</i>, né... informático. É um universo em expansão e agente ainda, eu acho, não se deu conta do que esse universo está trazendo. Agente ainda tem dificuldade, eu percebo isso, de trabalhar essa questão da Informática." (DOC-04, grifo nosso)</p>
<p>"[...] tinha na minha mente alguma correspondência muito grande entre arquivo e banco de dados. Então eu precisava ver que relação era essa. E que também a Informática era um recurso importante para trabalhar em Arquivo, né..." (DOC-03, grifo nosso)</p>
<p>"Eu acho que agente ainda está se firmando mesmo... e agente tem que buscar outros conhecimentos para contribuir. Eu acho isso importante, buscar mesmo em outras áreas. Eu acho que tem outras áreas que são importantes para agente firmar[...]. Acho que a Administração é importante... acho que hoje em dia não é tanto a parte de História [...].É... toda essa parte de Informática também, a Ciência da Informação também, tem coisas na Biblioteconomia. [...] basicamente eu acho que é Ciência da Informação, Administração, Informática... eu acho que seriam as mais importantes." (DOC-01, grifo nosso)</p>
<p>"Eu costumo dizer que agente vive uma crise de identidade por conta de ver que o nosso objeto de estudo está se... eu digo... se volatizando, [...] ele está virtualizando. É como se agente não tivesse pegado aquele objeto na mão. É como se ele não fosse mais um documento? Está entendendo? Então eu acho que isso muda muita coisa e essas áreas [...] a Ciência da Informação, a Ciência da Computação e as disciplinas voltadas para essa área da Informática, que aborda essa questão da convergência digital estão demandando mais interesse." (DOC-03, grifo nosso)</p>
<p>"Hoje já há uma diversidade de qualificações, como Memória Social, Educação, Ciências Sociais, Informática, História etc." (DOC-06, grifo nosso)</p>
<p>Por exemplo [...] base de dados. Ela fala que a Ciência da Informação para lidar com essa subárea de base de dados, precisa da Ciência da Computação. Talvez ela não precisasse da Arquivologia para fazer a base de dados, agora se é uma base de dados de informação arquivística vai precisar de Arquivologia nesse ponto. Agora se a base de dados é de outra coisa qualquer, não vai precisar da Arquivologia exatamente." (DOC-01, grifo nosso)</p>

Codificação Aberta (Códigos conceituais)	Dados Brutos
Falando sobre a relação com a Lingüística	<p>"Então quando ele fala em web-semântica, ele já está pensando em Lingüística [...] Então eu acho que essa é uma contribuição interessante; que eu acho que deve ser aprofundada, antes mesmo de se pensar os processos tecnológicos que estão disponíveis hoje para recuperar isso." (DOC-03, grifo nosso)</p> <p>"Eu acho que existe uma contribuição da Lingüística aí que agente nunca utilizou dela muito. [...] No sentido de buscar essa recuperação da informação. Eu acho que um usuário quando chega no arquivo, ele usa da própria linguagem para pedir as coisas e aí você, mesmo dentro disso, você pode extrair muita coisa muito importante, a própria estrutura lingüística, a estrutura gramatical... Tanto é que o meu argumento era muito em cima disso, utilizar essa própria estrutura para trabalhar essa questão de uma linguagem documentária que pudesse dar conta de uma melhor recuperação da informação. [...] Então eu acho que a Lingüística pode trabalhar, mas é claro que pensando antes a questão da organização do conhecimento, que é uma área que vem desenvolvendo (até se chamou outros nomes, agora agente fala que é gestão do conhecimento)." (DOC-03, grifo nosso)</p>

Codificação Aberta (Códigos conceituais)	Dados Brutos
Falando sobre a relação com a Museologia	<p>"[...] tinha bastante gente da área de arquivo [...]. E tinha disciplinas voltadas para arquivo. [...] numa disciplina que chamava redes e sistemas de informação [...] falava da parte de arquivo. [...] uma disciplina tinha representação da informação em três áreas: na Biblioteconomia, na Arquivologia e na Museologia [...]" (DOC-01, grifo nosso)</p>

Codificação Aberta (Códigos conceituais)	Dados Brutos
Falando sobre a relação com as Ciências Humanas	"[...] eu acho que essa ampliação para as Ciências Humanas , [...] é fundamental agente manter. Eu acho que isso é necessário. E também a questão do conhecimento tecnológico. Eu digo a área de Ciências Humanas , para agente pensar as bases epistemológicas da Arquivologia , para agente não continuar reforçando a técnica, mas fazer uma elaboração mais conceitual do que é esse pensamento arquivístico (que vai desembocar algumas práticas e tal) [...]" (DOC-04, grifo nosso)

Codificação Aberta (Códigos conceituais)	Dados Brutos
Falando sobre a relação com as Ciências Sociais	<p data-bbox="539 432 1995 533">"[...] então o documento e os arquivos tem sido cada vez mais centro de interesse não para a Arquivologia ou para a Ciência da Informação, mas para as áreas sociais de um modo geral. Não existe produção do conhecimento sem documento. Isso parece estar sendo percebido. A Antropologia, coisa de 2 anos para cá, talvez 3, no máximo, vem falando de etnografia dos arquivos." (DOC-02, grifo nosso)</p> <p data-bbox="539 536 1995 587">"Áreas que a Arquivologia se identifica mais são: Ciência de Informação, Sociologia, História, Administração e Educação." (DOC-06, grifo nosso)</p> <p data-bbox="539 590 1995 770">"Eu acho que não pode esquecer a contribuição da História. Ainda temos uma vinculação saudável com a História, [...] mas eu acho que [...] o campo das Ciências Sociais também. Eu acho que tem uma contribuição para olhar. Tem principalmente essa idéia do papel da informação, da informação arquivística na sociedade. Olhar mais criticamente para o arquivo como [...] instrumento de poder, instrumento de conservação de poder. As possibilidades que esse arquivo pode apresentar para a própria organização popular, né. [...] Como essas informações arquivísticas produzem conhecimento realmente popular, realmente conhecimento socializado. Acho que isso também é uma contribuição, o campo das Ciências Sociais. Eu acho que isso também tem que ser olhado [...]" (DOC-04, grifo nosso)</p> <p data-bbox="539 774 1995 823">"Hoje já há uma diversidade de qualificações, como Memória Social, Educação, Ciências Sociais, Informática, História etc." (DOC-06, grifo nosso)</p>

Codificação Aberta (Códigos conceituais)	Dados Brutos
Falando sobre a relação com o Direito	<p data-bbox="539 932 1995 983">"[...] é claro que tem a Administração, o Direito nessa questão do acesso à informação. Isso é importante ser tratado [...]" (DOC-03, grifo nosso)</p> <p data-bbox="539 986 1995 1032">"[...] eu acho que Direito também [...] Se agente está trabalhando com acesso eu acho que Direito é importante." (DOC-01, grifo nosso)</p>

Codificação Aberta (Códigos conceituais)	Dados Brutos
Falando sobre a Inteligência Competitiva e a Gestão do Conhecimento	<p data-bbox="539 1142 1995 1244">"[...] A Arquivologia poderia buscar basicamente em todas: Tecnologia da informação, os sistemas, sistemas principalmente, sistema de recuperação da informação, política de informação é importante para agente [...] teoria da Ciência da Informação também, aspectos profissionais [...], tudo isso. Gestão da informação, bases de dados, inteligência competitiva e gestão do conhecimento [...]" (DOC-01, grifo nosso)</p> <p data-bbox="539 1248 1995 1297">"Inteligência Competitiva e Gestão do Conhecimento, [...] não dá para não pensar em arquivo como, uma área direta; e aí eu volto a questão [...] de produção do conhecimento. Então portanto, seria uma área diretamente." (DOC-02, grifo nosso)</p>

Codificação Aberta (Códigos conceituais)	Dados Brutos
Falando sobre a relação com vários campos do conhecimento	<p>"[...] eu vejo que tem outras contribuições da área social, antropológica. Eu acho que tem questões que têm que ser vistas porque o objeto é muito amplo. [...] nós somos transversais a várias disciplinas. [...] Agente atua em todas as áreas, se você for ver. [...] todo mundo produz informação, todo mundo produz documento. [...] Então agente é transversal a uma série de outras disciplinas." (DOC-03, grifo nosso)</p>
	<p>"[...] A Arquivologia estuda outras áreas, ela busca recurso em outras áreas, mas ela tem uma certa dificuldade de se enxergar, de se estudar, de se auto-diagnosticar[...]" (DOC-05, grifo nosso)</p>
	<p>"[...] a Arquivologia não pode pensar em ser uma ciência, um campo de conhecimento puro, que seja isento de qualquer interferência de outros campos de conhecimento. Eu acho que não. Então, isso vai afetando, essa interdisciplinaridade. Acho que vai afetando a Arquivologia sim. Ela vai tendo que se olhar a partir de outros olhos. Hoje agente tem antropólogos muito interessados nos arquivos, sociólogos interessados nos arquivos[...]. Hoje [...] tem tantos outros pesquisadores interessados nos arquivos e interessados em conhecer melhor a Arquivologia para poder se situar melhor nos arquivos." (DOC-04, grifo nosso)</p>
	<p>"[...] áreas do conhecimento em que a Arquivologia tem mais se identificado... por uma questão circunstancial e conjuntural, no Brasil, evidentemente, com a Ciência da Informação. Aliás mais a Arquivologia na Ciência da Informação, buscando na Ciência da Informação, do que a Ciência da Informação na Arquivologia. Mas de qualquer forma, a Ciência da Informação. Mas a Administração, a Sociologia, a Antropologia, as Ciências Políticas, que é o com que eu trabalho, tem um instrumental muito rico e que pode ser muito bem aproveitado pela Arquivologia, sem prejuízo da delimitação da sua área de conhecimento." (DOC-05, grifo nosso)</p>
	<p>"[...] eu acho que [...] a Arquivologia tem se identificado com todas as áreas, mas sobretudo com esta questão da Administração Pública, mas sobre um aspecto mais amplo mesmo da cidadania, de exercício pleno." (DOC-02, grifo nosso)</p>
	<p>"[...] não tem como agente trabalhar, pensar o campo do conhecimento arquivístico, sem primeiro [...] entender como é que funciona essa organização, com a qual agente está lidando, a qual agente está organizado. [...] não tem como eu não olhar para essa instituição de uma forma sociológica, de forma antropológica, de uma forma histórica, como é que ela vem se constituindo nessa sociedade, qual o papel que ela desempenha, o papel social nessa sociedade e tal. [...] agente vai buscando recursos epistemológicos e teóricos que já estão sedimentados em outros campos de conhecimento." (DOC-04, grifo nosso)</p>
	<p>"[...] todas as áreas vinham e vem fazer uso desse documento ao seu bel-prazer.[...] e produziam e produzem conhecimento em qualquer área, a partir dos documentos, a partir dos arquivos. [...] particularmente o grande esforço que eu tenho em sala de aula, ainda é o de fazer com que os alunos de um modo geral percebam esses usos." (DOC-02, grifo nosso)</p>
	<p>"Então eu acho que isso dá uma outra dinâmica para o curso, porque agente não deixa de lado a História em momento nenhum, mas reforça outros campos que são possíveis de agente estar podendo estar pensando como profissional. [...] O que está pretendendo o currículo é ampliar o conhecimento do estudante [...]" (DOC-04, grifo nosso)</p>
	<p>"Então, por isso que eu digo que agente ainda é acrítico no sentido de achar que vamos construir uma Arquivologia pura, isenta do intercâmbio com outros campos de conhecimento. [...] Eu acho que agente tinha que estar investindo muito mais nisso, mas eu acho que é um campo que agente tem tudo para chegar lá." (DOC-04, grifo nosso)</p>
	<p>"Eu acho que agente ainda está se firmando mesmo... e agente tem que buscar outros conhecimentos para contribuir. Eu acho isso importante, buscar mesmo em outras áreas. Eu acho que tem outras áreas que são importantes para agente firmar[...]. Acho que a Administração é importante... acho que hoje em dia não é tanto a parte de História [...].É... toda essa parte de Informática também, a Ciência da Informação também, tem coisas na Biblioteconomia. [...] eu acho que Direito também [...] Se agente está trabalhando com acesso eu acho que Direito é importante. Estatística eu acho importante. [...] basicamente eu acho que é Ciência da Informação, Administração, Informática... eu acho que seriam as mais importantes." (DOC-01, grifo nosso)</p>
	<p>"Eu vejo que a Arquivologia busca ferramentas e os instrumentos já testados, verificados e consolidados em outras áreas do conhecimento. O que eu acho saudável e muito importante. O problema é quando essa busca não é traduzida e é acomodada [...]" (DOC-05, grifo nosso)</p>
	<p>"Mas eu acho que na área, a Ciência da Informação é importante, a área da Ciência da Computação é importante, a Administração é importante, o Direito é importante, a História é importante." (DOC-03, grifo nosso)</p>
	<p>"Penso que a Arquivologia por si só não oferece arcabouço teórico para o seu desenvolvimento, pois precisa de elementos de outras áreas do conhecimento para a sua constituição, corroboração ou refutação." (DOC-06, grifo nosso)</p>

<p>"Penso que a Arquivologia transita, com licença poética ou envolvimento profissional, por todas as áreas de conhecimento humano." (DOC-06, grifo nosso)</p> <p>"Talvez essa seja a razão, porque agente trabalha com informação também. [...] Talvez seja esse o viés. [...] Mas muitas outras disciplinas trabalham com a informação. Comunicação trabalha com a informação. Não é verdade? Muitas outras trabalham com a informação, Jornalismo. Até jornalista trabalha com a informação. [...] ela [a Arquivologia] tem hoje [...] mudado [...] por conta de todas essas questões da tecnologia da informação e da comunicação." (DOC-03, grifo nosso)</p> <p>"Tem muitos campos interessantes que precisam de investigação na Arquivologia, mesmo com todas essas interseções com outras áreas. [...] tem muita coisa que precisa ser produzida nessa área, que eu acho que não está dentro da Ciência da Informação, não está na História, está num curso de pós-graduação em Arquivologia." (DOC-03, grifo nosso)</p>
--

Aspectos epistemológicos e interdisciplinares: Abordando sobre as questões de pesquisa

Codificação Aberta (Códigos conceituais)	Dados Brutos
Falando sobre as questões de pesquisa	<p>"Eu já fiz pesquisa nessa área de arquivos especiais: arquivos fotográficos. [...] do perfil do aluno. Essa parte de documento eletrônico também. Minha [...] foi sobre correio eletrônico, no [...] foi sobre Internet." (DOC-01)</p> <p>"Esse dado é relevante pois sugere uma tendência da pesquisa arquivística nesse momento, refletindo uma forte influência das tecnologias da informação na área arquivística." (DOC-06, grifo nosso)</p>

Aspectos acadêmicos e profissionais: Abordando sobre a atuação profissional

Codificação Aberta (Códigos conceituais)	Dados Brutos
Falando sobre a atuação profissional	<p>"O papel dele[do arquivista], me parece que é o mesmo: estudar, conhecer, re-conhecer a informação arquivística." (DOC-05)</p> <p>"O papel ou missão para os arquivistas é conhecer e utilizar arquivística e socialmente os conceitos da Sociedade da Informação para intensificar a humanização da sociedade." (DOC-06)</p> <p>"[...] a decisão de classificar, a decisão de avaliar, é uma decisão política. Não é uma decisão meramente técnica. [...] é uma questão política, de busca política, de participar das decisões políticas a partir. do conhecimento técnico-científico. O prof. 'X' tem uma frase muito boa que é: "A política do conhecimento e o conhecimento da política." Quer dizer, você usar o teu conhecimento para poder ser ouvido politicamente, para poder influenciar politicamente. [...] serem os formuladores do conhecimento, os formuladores dos arquivos, do planejamento, e a atuação política. Atuar politicamente, influenciar politicamente. Isso é fundamental. Acho que é fundamental para qualquer profissão. (DOC-05)</p> <p>"[...] atualmente é muita informação que está sendo gerada em todas as áreas... Então eu acho [...] que o arquivista pode atuar em todas as áreas e tem que atuar em todas as áreas. [...] para não perder toda essa memória... não só a memória eu acho, mas a parte mesmo de [...] rapidez da informação... de toda essa parte mais do arquivo corrente, de auxiliar no processo de tomada de decisão, de dar suporte, de dar apoio e tudo, e ter as coisas de uma maneira que não se percam mesmo... não se percam para agora e para o futuro também..." (DOC-01)</p> <p>"[...] é que realmente não tem mesmo pós-graduação em Arquivologia e eu acho que essa é a área mais próxima mesmo [...]. Então é a área mais próxima, é a informação. Agente lida com a informação também. Então agente está lidando com a informação de arquivos... Então é dentro de informação. [...] tem todo uma teoria forte que agente pode usar mesmo. Pode contribuir e agente acaba contribuindo também para a área, neste sentido da informação." (DOC-01)</p> <p>"[...] ele [o arquivista] não é responsável só por organizar essas informações, é um campo de pesquisa que ele tem a disposição dele, não só a técnica, mas a própria informação que ele está organizando, e que muitas vezes, agente realmente, como esse aluno não tem escolha, agente vê que ele não se interessa muito por esse campo de informação que está ali na mão dele, que ele tem acesso, que ele está organizando, que ele está mais que disponibilizando. Ou seja, muitas vezes o arquivista continua ainda como organizador de papel, para os outros poderem usar. Não ele se vendo como pesquisador desse universo que ele está organizando." (DOC-04)</p>

<p>"[...] eu trouxe um pouco o questionamento do próprio papel do documento [...] Então, dentro do limite da ementa que me foi apresentado, eu trago o questionamento sobre o próprio documento. Como trabalhar com esse documento de uma forma não ingênua. Porque talvez agente encare a missão do arquivista, o papel do arquivista, bastante dissociado do próprio papel do documento ou da informação [...]" (DOC-04)</p>
<p>"[...] mais dinâmico até influenciando na produção dos documentos e da informação. Atuando direto, atuando mesmo em contato direto com quem está gerando a informação." (DOC-01)</p>
<p>"[...] não tem como agente trabalhar, pensar o campo do conhecimento arquivístico, sem primeiro [...] entender como é que funciona essa organização, com a qual agente está lidando, a qual agente está organizado. [...] não tem como eu não olhar para essa instituição de uma forma sociológica, de forma antropológica, de uma forma histórica, como é que ela vem se constituindo nessa sociedade, qual o papel que ela desempenha, o papel social nessa sociedade e tal. [...] agente vai buscando recursos epistemológicos e teóricos que já estão sedimentados em outros campos de conhecimento. Então olhar sociologicamente para essa instituição na qual agente está trabalhando, olhar sociologicamente para a própria informação que agente está lidando. Eu acho que isso é fundamental. Para ele, para o profissional, não continuar se constituindo como organizador de papel de informação para outras pessoas trabalharem. Eu arrumo a cama para o outro deitar." (DOC-04)</p>
<p>"A própria questão do profissional de Arquivologia. Eu sinto que eles [os alunos] estão muito preocupados com esse perfil do profissional em Arquivologia. Quem é? Como ele pode se mostrar melhor para a sociedade? Como é a expectativa um pouco da sociedade em relação aos arquivos, aos profissionais, à própria questão da pesquisa em Arquivologia. Eu acho que é um tema que está suscitando bastante interesse. Eles estão preocupados com isso." (DOC-04)</p>
<p>"É muita coisa para você pensar, né... uma pesquisa da história administrativa da instituição, pensar o contexto onde acontece a produção daquele documento, [...] é muito complexo para você só estar guardando papel. [...] Então você, para ter uma organização, um bom arranjo, uma boa descrição e de alguma forma resgatar a memória da instituição, da sociedade, você precisa de estar muito mais trabalhando este aspecto que estar somente sendo um técnico em arquivo." (DOC-03)</p>
<p>"E tratamento é claro, a conservação, a preservação, o arquivamento, isso tudo tem que vir a posteriori de todo um trabalho de planejamento, de intelecto. O intelecto tem que estar colocado ali. Quem faz isso agora é o arquivista." (DOC-03)</p>
<p>"Ele [o arquivista] reflete sobre aquilo que ele está fazendo. Ele não está só fazendo. Ele não está só organizando, mas ele reflete sobre a organização que ele está dando para aquelas informações. Ele reflete sobre isso. Ele reflete sobre seu posicionamento como profissional diante dessa sociedade e o papel que essas informações que ele está organizando tem em relação à uma produção. Não uma produção capitalista, mas produção de conhecimento dessa sociedade." (DOC-04)</p>
<p>"O arquivista pode trabalhar com qualquer tipo de informação em qualquer área [...]. Eu acho que a informação é super importante... de trabalhar mesmo com informação em todas as áreas, se agente pensar mesmo, em todas as atividades tem informação arquivística e tem espaço para o arquivista. E não tem só espaço, mas a necessidade mesmo do arquivista dar conta de toda essa informação que está sendo gerada [...]" (DOC-01)</p>
<p>"Os documentos eletrônicos são uma realidade, estão [...] presentes no trabalho e no pensamento arquivístico." (DOC-04)</p>
<p>"Teve um aluno que me falou há um tempo atrás [...]: "professor, nós não trabalhamos com informação, o arquivista não trabalha com informação." Como assim? Mas em que sentido? "Professor, para mim, o arquivista ele..." (Isso fazendo uma crítica na verdade...) "o arquivista organiza essa informação e outros trabalham nessa informação. Ele está isento dessa informação...", ou seja, [é] como dizer assim, ele não pesquisa o próprio objeto que seria o objeto com o qual ele trabalha diretamente, o documento. Ou seja ele se isenta da responsabilidade do documento. [...] E, nessa disciplina o que eu tento fazer é com que eles olhem para o objeto com o qual eles vão lidar, que é a informação, que está contida naquele documento. Ou seja, olhar criticamente, de uma forma um pouco mais crítica, aquilo com que ele está lidando, com que ele vai lidar. Então é olhar o documento." (DOC-04)</p>
<p>Eu acho que agente quer formar um profissional mais crítico. Isso eu acho que é talvez o ponto mais importante [...]. Assim, agente quer um profissional mais crítico e um profissional que também trabalha em pesquisa. [...] agente não quer agora só formar pesquisador, não é isso, agente quer formar arquivista, mas agente quer também dar uma possibilidade para dentro os arquivistas que estão sendo formados, os que forem trabalhar com pesquisa tenham essa condição." (DOC-01, grifo nosso)</p>

Codificação Aberta (Códigos conceituais)	Dados Brutos
Falando sobre a intencionalidade e a subjetividade na atuação profissional	<p>"[...] a decisão de classificar, a decisão de avaliar, é uma decisão política. Não é uma decisão meramente técnica. [...] é uma questão política, de busca política, de participar das decisões políticas a partir. do conhecimento técnico-científico. O prof. 'X' tem uma frase muito boa que é: 'A política do conhecimento e o conhecimento da política.' Quer dizer, você usar o teu conhecimento para poder ser ouvido politicamente, para poder influenciar politicamente. [...] serem os formuladores do conhecimento, os formuladores dos arquivos, do planejamento, e a atuação política. Atuar politicamente, influenciar politicamente. (DOC-05, grifo nosso)</p> <p>"[...] eu sempre fiz um paralelo entre o documento com esse produto da cultura material. E falo assim: mas porque que agente não valoriza esses documentos da mesma maneira? Então eu sempre procurei atribuir esse olhar para o documento administrativo, como um produto material. [...] Um artefato cultural. E isso eu acho que está sendo neste momento, levado mais a sério. Ou seja, assim como um antropólogo, um etnólogo olha para uma cesta e não vê apenas uma cesta, né... Existem outras Fatores, outras discussões que precisam ser discutidas ali. Aquela cesta, ela não é naturalizada como cesta. Eu acho que esse mesmo olhar, tem sido hoje um pouco mais... dado com um pouco mais de ênfase a questão dos documentos. Os documentos precisam, e os arquivos, portanto, precisam ser desnaturalizados. É preciso olhar, entender que há uma intencionalidade naquilo ali. Que está revestido de uma série de coisas, de subjetividade." (DOC-02, grifo nosso)</p> <p>"[...] eu trouxe um pouco o questionamento do próprio papel do documento [...] Então, dentro do limite da ementa que me foi apresentado, eu trago o questionamento sobre o próprio documento. Como trabalhar com esse documento de uma forma não ingênua? Porque talvez agente encare a missão do arquivista, o papel do arquivista, bastante dissociado do próprio papel do documento ou da informação [...]"(DOC-04, grifo nosso)</p> <p>"A organicidade, a proximidade desses documentos implica em leituras subjetivas mais diversas." (DOC-02, grifo nosso)</p> <p>"Ela [a informação] tem (seja de maneira positiva ou negativa) que ser manipulada, no sentido de que ela vai ser selecionada. Agente não guarda tudo. Na Arquivologia agente tem essa consciência [...]. Agente não guarda tudo porque não tem condições de guardar isso tudo. Não tem a necessidade e a capacidade de guardar isso tudo. Então de certa forma, essa informação já é manipulada, seja de forma positiva ou de forma negativa. Então, eu acho que nós temos talvez hoje, uma carga de desinformação muito grande porque nós projetamos aquilo que agente vai chamar de informação, que também é uma coisa muito ampla [...]" (DOC-04, grifo nosso)</p> <p>"Uma aluna que está trabalhando por exemplo com arquivos pessoais e intencionalidade. Quer dizer é uma temática que agente também não via há um tempo atrás. O documento é o documento e pronto, está verdadeiro e tal... Então quer dizer, tem hoje essas novas temáticas..." (DOC-04, grifo nosso)</p>

Codificação Aberta (Códigos conceituais)	Dados Brutos
Falando sobre a ética profissional	<p>"[...] um número maior de pesquisas está aí na questão das fundamentações, normas e valores da profissão, políticas de memória, ética [...], essa ampliação da visão sobre a Arquivologia, o seu papel, a função do arquivo, do arquivista na sociedade acho que aqui [...] se apresenta de uma forma bastante clara; esse interesse voltado não [...] simplesmente para as questões vamos dizer assim, internas da Arquivologia, a Arquivologia pela Arquivologia e talvez se alimentar desses anseios e perspectivas que a sociedade vai colocar para ela." (DOC-04, grifo nosso)</p> <p>"Então, eu acho que isso amplia bastante o campo. [...] E acho que algumas disciplinas também., por exemplo Ética Profissional, acho que é fundamental. Agente que trabalha com informação então, pensar essa questão da ética por aí, eu acho que é fundamental." (DOC-04, grifo nosso)</p>

Aspectos acadêmicos e profissionais: Abordando sobre o ensino e formação profissional

Codificação Aberta (Códigos conceituais)	Dados Brutos
Falando sobre o ensino e formação profissional	<p>"[...] a leitura que eu faria é da possibilidade de nós pensarmos, o que justifica a criação de um Departamento de Ciência da Informação? Aí você tem lá um Departamento de Ciência da Informação que só tem o curso de Arquivologia... aí eu acho que isso é uma maluquice. Só tem o curso de Biblioteconomia, eu acho uma maluquice. É meio... é um pouco daquela discussão que nós estávamos tendo no início da nossa conversa, com relação à busca de um status... Entendeu? A Ciência da Informação é mais importante do que Biblioteconomia, é mais importante do que Arquivologia..." (DOC-02)</p> <p>"[...] agente colocou porque não tinha: sociologia, antropologia, várias coisas que não tinham no outro currículo. Então, agente está em Centro de Ciências Humanas e agente queria um pouco isso [...] para o nosso curso." (DOC-01)</p> <p>"[...] eu acho que essa ampliação para as Ciências Humanas, [...] é fundamental agente manter. Eu acho que isso é necessário. E também a questão do conhecimento tecnológico. Eu digo a área de Ciências Humanas para agente pensar as bases epistemológicas da Arquivologia, para agente não continuar reforçando a técnica, mas fazer uma elaboração mais conceitual do que é esse pensamento arquivístico (que vai desembocar algumas práticas e tal); e [quanto à] área de tecnologia, [...] eu acho que é fundamental, acho que ainda há uma defasagem. Acho que agente ainda precisa estar adequando melhor, talvez, o que se ensina na Arquivologia, para agente canalizar também para esse conhecimento mais tecnológico. Entender melhor as tecnologias e como isso pode ser aplicado para os arquivos e como isso impacta a própria Arquivologia." (DOC-04)</p> <p>"[...] eu não vejo como um problema, [...] o vínculo ao Departamento de Ciência da Informação, eu acho que há aí uma coisa que as instituições precisam avaliar. [...]a minha preocupação é sobre o que é ensinado, ou seja, qual é a linha mestra dessas formações. [...] eu acho que a preocupação é o que é ensinado e não onde está vinculado. Por outro lado também, agente pode analisar que esse vínculo é resultado de uma leitura, contextualizada [...]" (DOC-02)</p> <p>"[...] eu orientei um aluno até agora, que se interessou especificamente pelo campo da Informática. Arquivologia – Informática [...]. Então quer dizer, os outros estão lidando, até pelo que estão trabalhando fora, lidando com os elementos mais tradicionais da Arquivologia. Embora estejam questionando esses elementos também." (DOC-04)</p> <p>"[...] formação em aspectos profissionais sim [...]" (DOC-03)</p> <p>"[...] mas agente tem que pensar nisso também, que agente está formando pessoas para irem trabalhar e elas vão trabalhar e tem que estar aptas para isso. [...] não tinha nenhuma disciplina que contemplasse essa questão de documentos eletrônicos e hoje em dia tudo é feito no computador." (DOC-01)</p> <p>"[...] a Arquivologia deve propiciar uma sólida formação técnico-científica, cultural e humanística [...]" (DOC-06, grifo nosso)</p> <p>"[...] tinha bastante gente da área de arquivo [...]. E tinha disciplinas voltadas para arquivo. [...] numa disciplina que chamava redes e sistemas de informação [...] falava da parte de arquivo. [...] uma disciplina tinha representação da informação em três áreas: na Biblioteconomia, na Arquivologia e na Museologia [...]" (DOC-01)</p> <p>"[...] no tempo em que eu fiz Arquivologia, [...] uma das grandes defasagens era lidar com essa questão das tecnologias. Agente não tinha praticamente um professor que estivesse voltado para essa área. [...] Então eu acho que isso, pelo menos naquele tempo, era uma defasagem muito grande. Eu acho que isso já foi sanado de certa forma, mas eu acho que tem buscar um diálogo maior ainda, com esse campo." (DOC-04)</p> <p>"[...] os alunos quando vão pensar em pós-graduação, em mestrado eles ficam completamente perdidos. Aí perguntam:"para onde é que eu vou?" A tendência é ir para a Ciência da Informação. Então eu acho que é uma consequência um pouco até dessa defasagem em termos de administração dos cursos. Então vão vincular, vão ser vinculados àquela área que talvez seja mais aproximativa e vai ser a Ciência da Informação, por falta de ter uma outra vinculação, uma ampliação." (DOC-04)</p> <p>"Assim, não seria ousado conceber uma educação arquivística que venha gerar um profissional não apenas qualificado tecnologicamente, mas culturalmente antenado, a partir de uma formação de base mais política e sócio-histórica." (DOC-06, grifo nosso)</p> <p>"Atualmente, nesta fase de transição, início do século XXI, quando novos paradigmas estão emergindo, a afetarem os modelos educacionais, tendo como pano de fundo as constantes transformações, ensejadas pelas permanentes rupturas oriundas das tecnologias. É importante avaliar a evolução das redes de comunicação e verificar o redimensionamento de possibilidades da educação" (DOC-06, grifo nosso)</p>

<p>"Aliás, tem um artigo da Prof. "X" sobre isso, que eu acho que deveria ser obrigatório nos cursos de Arquivologia, de Ciência da Informação, de Biblioteconomia, de Museologia. Porque, de onde vem essa noção de sociedade da informação? (DOC-05)</p>
<p>"De acordo com esse perfil, aponta-se como competência geral a ser alcançada pelos graduados em Arquivologia uma competência que se deseja aliada a habilidades específicas, dentre as quais sobressai a de planejar e elaborar instrumentos de gestão de documentos e informações de arquivo que possibilitam sua organização, avaliação e utilização." (DOC-06)</p>
<p>"Deste perfil geral decorrem os objetivos que orientam a formação do profissional da Arquivologia, levando-o a: - Compreender a cidadania como participação social e política, assim como exercício de direitos e deveres de solidariedade, cooperação e repúdio às injustiças, respeitando e atuando com a diversidade humana; [...]" (DOC-06, grifo nosso)</p>
<p>"É, talvez sim uma tendência... Eu acho que até pela questão mesmo [...] dos docentes de Arquivologia estarem [...] buscando a pós-graduação em Ciência da Informação... Eu acho que nas universidades vai se formando um pouco essa configuração [...] de formarem departamentos de Ciência da Informação, que daí todo mundo é mesmo da Ciência da Informação e acaba que junta e também no departamento tem gente que dá aula para Arquivologia, para Biblioteconomia e tal, e porque tem mesmo muita gente que veio da Ciência da Informação." (DOC-01)</p>
<p>"Então é isso, agente pretende formar um profissional mais dinâmico, mais crítico e que possa escolher em que área (até essa flexibilidade do currículo de ter muita disciplina optativa para eles poderem escolher)." (DOC-01)</p>
<p>"Então eu acho que isso dá uma outra dinâmica para o curso, porque agente não deixa de lado a História em momento nenhum, mas reforça outros campos que são possíveis de agente estar podendo estar pensando como profissional. [...] O que está pretendendo o currículo é ampliar o conhecimento do estudante, tanto para a área de Sociologia quanto para a área de Antropologia, da própria Filosofia. [...] que tenha um conhecimento da área das Ciências Humanas, um pouco mais abrangente. [...] antes, eu acho que ficava muito limitado. O currículo antigo tinha limitado a História e o arquivo. [...] Aí você forçava aquele modelo de que o arquivo, a Arquivologia estava vinculada e subordinada à História. [...] então agente tem a possibilidade de estar estudando Lógica, [...] tem a possibilidade de estar trabalhando com a Antropologia, tem a condição de estar trabalhando com a Sociologia. Então eu acho que isso amplia bastante o campo. [...] E acho que algumas disciplinas também., por exemplo Ética Profissional, acho que é fundamental. Agente que trabalha com informação então, pensar essa questão da ética por aí, eu acho que é fundamental." (DOC-04)</p>
<p>"Então eu vejo que há mudança, talvez pela própria mudança do currículo, [...], uma tendência dos alunos a trazerem temas um pouco mais complexos, um pouco mais polêmicos, no sentido de não trazerem práticas, ou quando trazem práticas, questionam o porque dessas práticas ou como é que elas se inserem no universo arquivístico, universo documental." (DOC-04)</p>
<p>"Então, eu acho que é um pouco dentro do eu tento estar trabalhando nas disciplinas e o que o próprio currículo está proporcionado, que eu posso estar proporcionado: é talvez uma visão mais crítica do papel social da Arquivologia e do arquivista." (DOC-04)</p>
<p>"Eu acho que agente quer formar um profissional mais crítico. Isso eu acho que é talvez o ponto mais importante[...]. Assim, agente quer um profissional mais crítico e um profissional que também trabalha em pesquisa. [...] agente não quer agora só formar pesquisador, não é isso, agente quer formar arquivista, mas agente quer também dar uma possibilidade para dentre os arquivistas que estão sendo formados, os que forem trabalhar com pesquisa tenham essa condição." (DOC-01)</p>
<p>"Na Arquivologia alguns conteúdos são de importância capital para a formação do profissional competente, antenado com as modificações do meio social em que vive. Assim, conteúdos das áreas de Arquivologia de uma forma geral, Cultura, Memória, História, Educação, Tecnologia da Informação e Administração são a base para a formação do arquivista." (DOC-06, grifo nosso)</p>
<p>"Penso que os Departamentos de Ciência da Informação, na maioria das universidades públicas brasileiras, que oferecem cursos de Arquivologia, são formados por profissionais de áreas diversas, com qualificação em nível de pós-graduação em Ciência da Informação; [...]. Esses profissionais formam esses departamentos de Ciências da Informação que, em determinado momento, iniciam o processo de criação do Curso de Arquivologia e assim, os Cursos de Arquivologia ligam-se, naturalmente, a esses departamentos. Essa estruturação é benéfica para a Arquivologia, pelo menos, em um primeiro momento. Após algum tempo da criação do Curso de Arquivologia, é importante estruturar um departamento próprio para estudos e pesquisas arquivísticas." (DOC-06, grifo nosso)</p>
<p>"Penso também que outras áreas do conhecimento estão sendo descortinadas, como a Educação e a Memória, no entanto, a área de concentração de maior interesse dos estudantes dos cursos de Arquivologia ainda vincula-se às Tecnologias da Informação. Os estudantes entendem que disciplinas ligadas às tecnologias da informação são fundamentais ao perfil do arquivista. No entanto, verifica-se que no que se refere às preocupações com a profissão, a formação em tecnologia da informação é mais uma tarefa das associações profissionais" (DOC-06, grifo nosso)</p>

"Percebo, que existe por parte dos cursos de Arquivologia do Brasil, uma preocupação em estabelecer uma aliança enriquecedora entre uma sólida formação humanística e uma qualificação para o enfrentamento das emergências tecnológicas, vinculadas à tecnologias da informação." (DOC-06, grifo nosso)

Codificação Aberta (Códigos conceituais)	Dados Brutos
Falando sobre a ausência de pós-graduação em Arquivologia no Brasil	"[...] não temos pós-graduação em Arquivologia no Brasil, né. Aí, se vai fazer onde? Na Ciência da Informação. Agora, é preciso considerar o quê que é produzido dentro da Ciência da Informação. [...] o que se produz dentro da Ciência da Informação? [...] tese e dissertação, quais que os títulos e os resumos são reveladores de conteúdo arquivístico? São muitos." (DOC-05)
	"[...] na falta de uma outra vinculação, a vinculação com as Ciências, com a Ciência da Informação, [...] pode ser bastante produtiva. [...] por um lado eu acho que é uma defasagem porque nós não articulamos os nossos cursos de Arquivologia, isso trás uma fragilidade de certa forma, mas por outro lado é um ganho no sentido de pelo menos você estar dentro de uma área vinculada, uma área vinculativa. [...] eu acho que talvez se nós tivéssemos uma pós-graduação, um mestrado, um doutorado, na área de Arquivologia, não sei, isso é uma expectativa... realmente agente não pode responder se abrindo um curso de mestrado viria uma enormidade de pessoas procurar. Não sei também. Agente pode questionar também, se realmente seria desse jeito. Se choveria gente querendo fazer. [...] Então eu acho que vem também dessa defasagem e aí é o campo, vamos dizer assim, [...] mais natural, que aproxima [...]. Talvez a memória hoje, talvez não seja a primeira opção no sentido de que ela já não é o mesmo modelo que era há uns 7 anos atrás, 5, 6 anos atrás. Então eu acho que, naturalmente, a tendência vai cair sobre a pós-graduação em Ciência da Informação. [...] eu acho positivo no sentido também de possibilitar ainda esse debate sobre a informação [...] e até para os docentes estarem em contato com outras formas de elaboração desse campo de conhecimento voltado para a informação." (DOC-04)
	"[...] é que realmente não tem mesmo pós-graduação em Arquivologia e eu acho que essa é a área mais próxima mesmo [...]. Então é a área mais próxima, é a informação. Agente lida com a informação também. Então agente está lidando com a informação de arquivos... Então é dentro de informação. [...] tem todo uma teoria forte que agente pode usar mesmo. Pode contribuir e agente acaba contribuindo também para a área, neste sentido da informação." (DOC-01)
	"Pela ausência de cursos de Pós-Graduação na área específica de Arquivologia e pela grande necessidade, das universidades públicas, em qualificar seus quadros docentes. Observa-se que há uma sintonia fina entre a Arquivologia e a Ciência da Informação, isso direciona os docentes para esse tipo de pós-graduação. Percebe-se também que esse cenário vem sendo modificado ao longo do tempo. Hoje já há uma diversidade de qualificações, como Memória Social, Educação, Ciências Sociais, Informática, História etc." (DOC-06)

Aspectos técnico-funcionais: Abordando sobre a política de acesso

Codificação Aberta (Códigos conceituais)	Dados Brutos
Falando sobre a acessibilidade e a disponibilidade	"[...] disponibilizando documentos e informações que vão salvar milhares de pessoas. Tenho certeza, tenho consciência disso." (DOC-02, grifo nosso)
	"[...] e aí para aguçar um pouco mais, embora 88, agente já estaria teoricamente aí num processo de democratização do país, mas o acesso aos documentos, ainda era uma coisa muito restrita. [...] foi colocado uma série de questões sobre isso, também para mim. Enfim, eu comecei a ver um papel muito mais político, muito mais promissor para a área." (DOC-02, grifo nosso)
	"[...] é claro que tem a Administração, o Direito nessa questão do acesso à informação. Isso é importante ser tratado[...]" (DOC-03, grifo nosso)
	"[...] era um pouco para estar disponibilizando as informações sobre história da saúde e biomédica. Mas, não só fazer um tipo de pesquisa em si, mas possibilitar acesso às informações que agente chamava de processo de disseminação seletiva. Era uma coisa especializada, ou seja, a partir de um cadastro de pesquisadores, nós iríamos disponibilizar informações para esses pesquisadores, a partir do que eles desenhavam como área de interesse deles, a partir do acervo [...]" (DOC-02, grifo nosso)

<p>"[...] eu acho que o mais importante é pensar no acesso... O mais importante é agente trabalhar para dar acesso. Então tudo que agente pensa no arquivo agente está pensando para facilitar a busca, para facilitar o acesso. Não só a parte de organização que agente já faz pensando no acesso, mas também o usuário e no fato mesmo de lidar com a diferença de informação [...] acho que isso é o mais importante. Eu acho que tudo vai girar em torno disso. Então agente vai classificar pensando nisso, agente vai fazer arranjo pensando nisso, agente vai fazer a descrição pensando nisso [...] agente vai pensar em preservação por causa de dar acesso. Então, quer dizer eu acho que todas as questões giram em torno disso." (DOC-01, grifo nosso)</p>
<p>"[...] gestão da informação sim, porque a nossa informação também tem especificidades, né. [...] mas certamente essa questão da cidadania, do acesso à informação é uma questão importante no que diz respeito à essa questão de política da informação." (DOC-03, grifo nosso)</p>
<p>"[...] Hoje, nós temos a tendência (em muitos espaços isso ainda não é uma realidade) em pensar que essa acessibilidade ela ganha dinamicidade e amplitude [...]. Mas você tem que pensar o arquivo, até para ele ter um sentido de existir, que não seja aquilo que eu costumo falar só com os alunos, um espaço exotérico, onde só os iniciados naquela seita vão estar entrando. É preciso pensar em como ampliar esse espaço do arquivo. Quer dizer, não vai ser todo o arquivo, mas pensando aí talvez mais nos arquivos públicos, em como proporcionar a acessibilidade a pessoas que talvez nunca tivessem pensado em ir ao arquivo, até para entender para que existe essa instituição no mundo. Porque o que agente vê às vezes, agente questiona em sala de aula, é que talvez o arquivo não interfira diretamente, pelo menos de uma forma consciente, na vida do cidadão. Embora agente saiba que sim. [...] mas isso, talvez só seja acionado quando o cidadão está muito precisado, vamos dizer assim, daquela informação que lhe diz respeito. Fora isso, o arquivo não existe para ele, para determinado tipo de público. Então eu acho que agente se acostumou muito em entender o arquivo a partir do pesquisador especializado, do iniciado. Então eu acho que essa visão de um acesso mais amplo do arquivo público, principalmente como espaço de uma visitação mais ampla, de expor, de colocar como visível aquilo que ele contém." (DOC-04, grifo nosso)</p>
<p>"[...] não importa, em qualquer lugar, com acesso agora à rede 'os caras' tem acesso a uma série de dados sobre eles. Isso é fantástico. Mas, se eles tiverem que levar isso para uma questão política, ou alguma coisa, você vai encontrar uma certa dificuldade de fazer com que aquele documento sirva [...]" (DOC-02, grifo nosso)</p>
<p>"[...] para mim hoje, a discussão que é fundamental, e não presente talvez [...] Eu estou com um olho lá na frente, que é essa fragilidade mesmo do suporte. [...] eu fico assim pensando, [...] como acessar esses documentos, porque hoje o que parece ser a grande dificuldade é ser exatamente essa: como acessar esses documentos daqui a 10, 20, 30 anos. [...] Eu acho que no momento que isso for resolvido, [...] agente ganha um pouco mais de tranquilidade na área." (DOC-02, grifo nosso)</p>
<p>"Acho que é fundamental pensar a questão do acesso, de acessibilidade. Ou seja, quem hoje busca ou poderia buscar o arquivo como fonte de conhecimento?" (DOC-04, grifo nosso)</p>
<p>"As instituições privadas [...], esses espaços talvez pudessem ser pensados mais dentro dessa perspectiva do atrativo. O que tem ali dentro que me interessa? O que me interessaria? [...] Então, talvez pensar nesse respeito ao usuário. Organizar o documento arquivístico pensando nessa amplitude ou nessa ampliação: [...] de quem possa estar acessando essa informação [...]" (DOC-04, grifo nosso)</p>
<p>"Aspectos referentes à avaliação, organização, preservação e acessibilidade aos documentos devem ser considerados no tratamento de arquivos e documentos. É importante destacar que o tratamento de documentos deve objetivar, em última análise, o acesso à informação, seja referindo-se aos documentos privados como aos documentos públicos." (DOC-06, grifo nosso)</p>
<p>"E vou estar trabalhando mais uma vez com essa questão da democratização de acesso à informação e cidadania." (DOC-02, grifo nosso)</p>
<p>"Então, eu acho que o acesso à informação, mesmo a transmissão de informação via Internet, isso tudo trás conseqüências positivas, no sentido de que o usuário acaba se transformando também em produtor. Mas por outro lado, que informação é essa que está sendo administrada, jogada, disponibilizada?" (DOC-04, grifo nosso)</p>
<p>"Eu acho que é grande a discussão, que também não é novidade, mas que para mim é uma discussão fundamental, é a questão da fragilidade desse suporte. Eu lembro [...] da diferença de você acessar um site qualquer com informações ou documentos que sejam digitalizados e você ir lá num arquivo . Meter a mão... tem alguma coisa nisso aí." (DOC-02, grifo nosso)</p>
<p>"Eu vejo que eles [os alunos] estão muito interessados na questão do usuário. Quem é esse usuário, Como adequar o trabalho de arquivo para o usuário? Quais são os instrumentos que vão proporcionar a acessibilidade?" (DOC-04, grifo nosso)</p>
<p>"Há que observar algumas barreiras ao acesso, como o estado de conservação precário dos documentos, a classificação inadequada, o arranjo deficitário e a falta de instrumentos de pesquisa consistentes." (DOC-06, grifo nosso)</p>

	<p>"O acesso é extremamente importante[...] eu estou pensando esse acesso pela possibilidade de você permitir metodologicamente ter acesso a esse conteúdo. [...] Não por outras razões que não sejam necessariamente metodológicas. Mas eu sei que ele existe com as questões psicológicas, que faz com que as pessoas na maior parte das vezes acham que o documento é seu e não permite o acesso. Existe questões políticas, tanto é que agente tem na própria normatização do Sistema Nacional de Arquivo, aquelas restrições de secreto, ultra-secreto [...]. São questões também colocadas como de política de acesso." (DOC-03, grifo nosso)</p> <p>"Se agente está trabalhando com acesso eu acho que Direito é importante." (DOC-01, grifo nosso)</p> <p>"Você pode ter um sistema muito sofisticado, utilizando todos os recursos tecnológicos e não ser eficiente. [...] Eu acho que começa por aí. É claro que agente vai utilizar de todos estes recursos. [...] na verdade é fundamental, que a missão dele [do arquivista] continue sendo essa, de possibilitar que se recupere essas informações, que se tenha acesso aos conteúdos dos documentos, de uma forma cada vez mais eficaz." (DOC-03, grifo nosso)</p> <p>"Em relação aos documentos públicos, se forem de valor permanente e estiverem sob a custódia de instituições arquivísticas, o ato de garantir o acesso é uma questão de cidadania garantida pela Constituição Federal." (DOC-06, grifo nosso)</p>
--	--

Codificação Aberta (Códigos conceituais)	Dados Brutos
Falando sobre a disseminação e comunicação da informação	<p>"[...] a convergência digital interfere diretamente na produção dos documentos, na formação dos documentos, na disseminação dos documentos, né... Então eu vejo que isso é uma questão séria. [...] agente tem nessa área dos documentos eletrônicos, a questão da <u>gestão da documentação digital</u>. [...]"(DOC-03, grifo nosso)</p> <p>"[...] a não ser, claro, os problemas específicos de tratamento desses novos suportes, desses novos meios de comunicação que realmente é um problema sério [...]" (DOC-05, grifo nosso)</p> <p>"O que mudou foi o transporte, a comunicação da informação, os suportes, as técnicas de registro, mas a informação..." (DOC-05, grifo nosso)</p>

Codificação Aberta (Códigos conceituais)	Dados Brutos
Falando sobre a comunicação científica	"[...] tudo aquilo que eu comunico cientificamente , [...] seria um documento produzido por uma dada função administrativa. Então como pensar isso para efeitos arquivísticos, ou de uma dada instituição?" (DOC-02, grifo nosso)

Codificação Aberta (Códigos conceituais)	Dados Brutos
Falando sobre a política da informação	<p>"Economia da Informação... economia aqui eu teria a mesma leitura um pouco de política de informação... [...] eu vejo a Arquivologia como uma área de diálogo possível."(DOC-02, grifo nosso)</p> <p>"[...] algumas dessas áreas interdisciplinares são até básicas para a Arquivologia, como por exemplo: a Gestão da Informação, a Formação e Aspectos Profissionais, Políticas de Informação etc." (DOC-06, grifo nosso)</p> <p>"[...] tecnologia da informação, que aí não importa se a informação é arquivística ou biblioteconômica, ou não, é tecnologia da informação. Sistemas de recuperação da informação [...], Política da informação, [...] as políticas arquivísticas fazem parte das políticas de informação [...], na representação da informação, [...] necessidades e uso, [...] a gestão da informação, sem sombra de dúvida. (DOC-05, grifo nosso)</p> <p>"[...] gestão da informação sim, porque a nossa informação também tem especificidades, né. [...] mas certamente essa questão da cidadania, do acesso à informação é uma questão importante no que diz respeito a essa questão de política da informação." (DOC-03, grifo nosso)</p> <p>"[...] política de informação por exemplo, é algo que não pode escapar do próprio trabalho da Arquivologia. Tem que lidar com a política de informação." (DOC-04, grifo nosso)</p>

<p>"A Arquivologia poderia buscar basicamente em todas: Tecnologia da informação, os sistemas, sistemas principalmente, sistema de recuperação da informação, política de informação é importante para agente [...]" (DOC-01, grifo nosso)</p> <p>"Então nós teríamos: sistema de recuperação da informação arquivística, políticas de informação arquivística, necessidade e uso da informação arquivística, representação da informação arquivística, gestão da informação arquivística [...]" (DOC-05, grifo nosso)</p> <p>"Políticas de Informação, eu seria suspeito por demais de ver essa interferência aqui direta da Arquivologia, porque ela vai estar arraigada aí, nessas discussões políticas; seja como um produto, seja como um insumo para essas mesmas políticas (aí seja elas de informação ou não). Como eu te falei enquanto ciência de Estado e o Estado como tendo o monopólio da produção de políticas, né..." (DOC-02, grifo nosso)</p>
--

Codificação Aberta (Códigos conceituais)	Dados Brutos
Falando sobre a representação da informação e do conhecimento / processo de descrição	<p>[...] tecnologia da informação, que aí não importa se a informação é arquivística ou biblioteconômica, ou não, é tecnologia da informação. Sistemas de recuperação da informação [...], Política da informação, [...] as políticas arquivísticas fazem parte das políticas de informação [...], na representação da informação, [...] necessidades e uso, [...] a gestão da informação, sem sombra de dúvida. (DOC-05, grifo nosso)</p> <p>"[...] a representação da informação é uma terminologia que está sendo apropriada pela Arquivologia, da Biblioteconomia, da Ciência da Informação e que não foi ainda caracterizada de forma muito nítida na Arquivologia. Mas, se nós aceitarmos. [...] se nós trabalharmos com o que é apresentado aí pela Biblioteconomia e pela Ciência da Informação, essa representação se aproxima muito da descrição arquivística [...] Então essa da representação, [...] essa também eu não engulo. Para mim, é muito difícil isso. Mas está bom, dá para aceitar. Agora carece. Carece pelo menos de uma caracterização mais próxima da Arquivologia. Não ficar reproduzindo o que a Biblioteconomia e a Ciência da Informação apresentam dentro das suas circunstâncias." (DOC-05, grifo nosso)</p> <p>"[...] a representação da informação é uma terminologia que está sendo apropriada pela Arquivologia, da Biblioteconomia, da Ciência da Informação e que não foi ainda caracterizada de forma muito nítida na Arquivologia. Mas, se nós aceitarmos. [...] se nós trabalharmos com o que é apresentado aí pela Biblioteconomia e pela Ciência da Informação, essa representação se aproxima muito da descrição arquivística [...] Então essa da representação, [...] essa também eu não engulo. Para mim, é muito difícil isso. Mas está bom, dá para aceitar. Agora carece. Carece pelo menos de uma caracterização mais próxima da Arquivologia. Não ficar reproduzindo o que a Biblioteconomia e a Ciência da Informação apresentam dentro das suas circunstâncias." (DOC-05, grifo nosso)</p> <p>"[...] a respeito da necessidade e uso da informação e representação da informação eu acho que tem tudo haver com o que eu falei até agora. A representação da informação aqui é o antigo nome da representação do conhecimento. Eu acho que tem tudo haver." (DOC-03, grifo nosso)</p> <p>"[...] eu acho que o mais importante é pensar no acesso... O mais importante é agente trabalhar para dar acesso. Então tudo que agente pensa no arquivo agente está pensando para facilitar a busca, para facilitar o acesso. [...]. Eu acho que tudo vai girar em torno disso. Então agente vai classificar pensando nisso, agente vai fazer arranjo pensando nisso, agente vai fazer a descrição pensando nisso [...] agente vai pensar em preservação por causa de dar acesso. Então, quer dizer eu acho que todas as questões giram em torno disso." (DOC-01, grifo nosso)</p> <p>"[...] eu fui fazer Ciência da Informação acreditando que eu podia puxar de lá alguma coisa que me ajudasse a entender a própria ciência... a própria Arquivística, né... e vi nessa área da representação do conhecimento, uma área muito importante, uma contribuição importantíssima para a Arquivística." (DOC-03, grifo nosso)</p> <p>"[...] o meu interesse inicialmente foi muito voltado para a representação do conhecimento, tanto como fazer essa publicação, esse tratamento da informação, no sentido de olhar como recuperar essa informação, antes mesmo de pensar a Informática[...]." (DOC-03, grifo nosso)</p> <p>"[...] os padrões de descrição, eu acho que tem sido uma contribuição muito grande. [...] isto tem muito haver com representação do conhecimento [...]. Então, na minha filosofia o que carece mais de aprofundamento para dar resposta a essa questão fundamental é a recuperação da informação." (DOC-03, grifo nosso)</p> <p>"[...] possibilitar produzir conhecimento, ou seja, facilitar a produção de conhecimento, a partir dos acervos arquivísticos. [...] se isso vai ser feito via Internet, se isso vai ser feito, né... A questão fundamental é aquela questão da representação, da recuperação [...]. que eu me referia." (Doc03)</p>

	<p>"[...] seria necessário adjetivar a informação, quer dizer, informação como substantivo sendo modificada por um adjetivo, ou seja, informação arquivística. Então nós teríamos: sistema de recuperação da informação arquivística, políticas de informação arquivística, necessidade e uso da informação arquivística, representação da informação arquivística, gestão da informação arquivística [...]" (DOC-05, grifo nosso)</p>
	<p>"[...] tinha bastante gente da área de arquivo [...]. E tinha disciplinas voltadas para arquivo. [...] numa disciplina que chamava redes e sistemas de informação [...] falava da parte de arquivo. [...] uma disciplina tinha representação da informação em três áreas: na Biblioteconomia, na Arquivologia e na Museologia [...]" (DOC-01, grifo nosso)</p>
	<p>"[...] uma questão interessante, eu trabalhei muito com representação do conhecimento, muito com Ranganathan, porque para mim Ranganathan tinha uma visão assim, dentro daquela proposta dele de organização do conhecimento, né... dos agentes, das ações, do sujeito [...]. Tinha muito haver com todo esse processo de recuperação de informação nos arquivos." (DOC-03, grifo nosso)</p>
	<p>"É muita coisa para você pensar, né... uma pesquisa da história administrativa da instituição, pensar o contexto onde acontece a produção daquele documento, [...] é muito complexo para você só estar guardando papel. [...] Então você, para ter uma organização, um bom arranjo, uma boa descrição e de alguma forma resgatar a memória da instituição, da sociedade, você precisa de estar muito mais trabalhando este aspecto que estar somente sendo um técnico em arquivo." (DOC-03, grifo nosso)</p>
	<p>"Eles têm que saber classificação, eles têm que saber arranjo e descrição, eles tem saber avaliação. [...] tem coisas que é importantíssimo, sabe [...]" (DOC-01, grifo nosso)</p>
	<p>"Eu acho que é fundamental pensar hoje esse fenômeno da convergência digital e pensar as formas de representação do conhecimento, como é que isso pode ser recuperado." (DOC-03, grifo nosso)</p>
	<p>"Eu acho que essa possibilidade dada, de se aproximar o máximo possível do contexto de produção dos documentos, com uma representação realmente fiel daquilo que aconteceu, [...] é fundamental." (DOC-02, grifo nosso)</p>
	<p>"Há que observar algumas barreiras ao acesso, como o estado de conservação precário dos documentos, a classificação inadequada, o arranjo deficitário e a falta de instrumentos de pesquisa consistentes." (DOC-06, grifo nosso)</p>
	<p>"Representação da informação também... não só na representação sob o aspecto físico, [...] mas sobre uma leitura subjetiva também, de pensar isso aí." (DOC-02, grifo nosso)</p>

Codificação Aberta (Códigos conceituais)	Dados Brutos
Falando sobre a linguagem documentária	"Eu acho que existe uma contribuição da lingüística aí que agente nunca utilizou dela muito. [...] No sentido de buscar essa recuperação da informação. Eu acho que um usuário quando chega no arquivo, ele usa da própria linguagem para pedir as coisas e aí você, mesmo dentro disso, você pode extrair muita coisa muito importante, a própria estrutura lingüística, a estrutura gramatical... Tanto é que o meu argumento era muito em cima disso, utilizar essa própria estrutura para trabalhar essa questão de uma linguagem documentária que pudesse dar conta de uma melhor recuperação da informação. [...]" (DOC-03, grifo nosso)

Codificação Aberta (Códigos conceituais)	Dados Brutos
Falando sobre a recuperação da informação	<p>"[...] na] descrição você vai incluir metadados e você vai conseguir encapsular de alguma forma aquele documento digital, de forma que você consiga preservá-lo e recuperá-lo no futuro em ambientes diferentes, em sistemas diferentes, mesmo com toda a obsolescência dos sistemas e [...] equipamentos. [...] Então eu acho que a descrição é o aspecto que eu considero o de mais importância." (DOC-03, grifo nosso)</p> <p>"[...] a discussão me parece ser mais da recuperação, dos sistemas da recuperação da informação." (DOC-02, grifo nosso)</p> <p>"[...] eu já percebia [...] que a Arquivologia precisava dialogar com a Informática, precisava dialogar com a Ciência da Computação, então principalmente no que diz respeito à recuperação de informação [...]" (DOC-03, grifo nosso)</p> <p>"[...] eu vejo que a Arquivística pode ajudar a Ciência da informação nesse item [...], Sistemas de recuperação da informação, que é muito específico para a área de arquivo e que muito pouca gente conhece da área de biblioteconomia e da área de Ciência da Informação. Essa realidade de como recuperar informação em documentos arquivísticos." (DOC-03, grifo nosso)</p>

<p>"[...] mas é claro que pensando antes a questão da organização do conhecimento, que é uma área que vem desenvolvendo (até se chamou outros nomes, agora agente fala que é gestão do conhecimento). [...] essa é uma área que eu continuo sendo interessado por ela. Eu acho que ela faz uma ponte direta com essa questão da recuperação da informação, mas com a questão da Informática também. [...]" (DOC-03, grifo nosso)</p>
<p>"[...] na minha filologia o que carece mais de aprofundamento para dar resposta a essa questão fundamental é a recuperação da informação." (DOC-03, grifo nosso)</p>
<p>"[...] o documento, além de ser recuperado, ele precisa ser testemunho de uma realidade. Não é verdade? E ele precisa ter o que se chama de autenticidade, fidedignidade, para se ter de fato este testemunho." (DOC-03, grifo nosso)</p>
<p>"[...] o meu interesse inicialmente foi muito voltado para a representação do conhecimento, tanto como fazer essa publicação, esse tratamento da informação, no sentido de olhar como recuperar essa informação, antes mesmo de pensar a Informática[...]" (DOC-03, grifo nosso)</p>
<p>"[...] possibilitar produzir conhecimento, ou seja, facilitar a produção de conhecimento, a partir dos acervos arquivísticos. [...] se isso vai ser feito via Internet, se isso vai ser feito, né... A questão fundamental é aquela questão da representação, da recuperação [...] que eu me referia." (Doc03)</p>
<p>"[...] uma questão interessante, eu trabalhei muito com representação do conhecimento muito com Ranganathan, porque para mim, Ranganathan tinha uma visão assim, dentro daquela proposta dele de organização do conhecimento, né... dos agentes, das ações, do sujeito [...]. Tinha muito haver com todo esse processo de recuperação de informação nos arquivos." (DOC-03, grifo nosso)</p>
<p>"Eu acho que é essa é uma das questões mais complexas que agente tem. Agente ainda não conseguiu dar conta disso. [...] essa capacidade de você recuperar o documento e a informação do documento." (DOC-03, grifo nosso)</p>
<p>"Eu acho que é essa questão da descrição, do arranjo e da descrição é a espinha dorsal [...]. A descrição é que vai recuperar." (DOC-03, grifo nosso)</p>
<p>"Eu acho que é fundamental pensar hoje esse fenômeno da convergência digital e pensar as formas de representação do conhecimento, como é que isso pode ser recuperado." (DOC-03, grifo nosso)</p>
<p>"Eu acho que existe uma contribuição da lingüística aí que agente nunca utilizou dela muito. [...] No sentido de buscar essa recuperação da informação. Eu acho que um usuário quando chega no arquivo, ele usa da própria linguagem para pedir as coisas e aí você, mesmo dentro disso, você pode extrair muita coisa muito importante, a própria estrutura lingüística, a estrutura gramatical... Tanto é que o meu argumento era muito em cima disso, utilizar essa própria estrutura para trabalhar essa questão de uma linguagem documentária que pudesse dar conta de uma melhor recuperação da informação. [...] Então eu acho que a lingüística pode trabalhar, mas é claro que pensando antes a questão da organização do conhecimento, que é uma área que vem desenvolvendo (até se chamou outros nomes, agora agente fala que é gestão do conhecimento). [...] essa é uma área que eu continuo sendo interessado por ela. Eu acho que ela faz uma ponte direta com essa questão da recuperação da informação, mas com a questão da Informática também. [...]" (DOC-03, grifo nosso)</p>
<p>"Eu vejo que é uma tecnologia que está aí, precisa ser utilizada, que tem um limite como todas as outras. Eu acho que agente pode pensar aí, [...], a importância talvez da recuperação desses documentos, por essa variedade de temas que é possibilitada com essa tecnologia. Mas ao mesmo tempo eu não sei como seria a organização automática desses documentos." (DOC-02, grifo nosso)</p>
<p>"Hoje se fala muito em web-semântica. Os próprios criadores da Internet, eles sentem a necessidade de poder recuperar melhor essas informações que estão nesse mundo virtual. Agente não tem mais problema de quantidade de informação, agente tem informação para tudo quanto é lado. Agente tem problema de recuperar essas informações. Tanto que a Internet é um exemplo disso. A web-semântica é uma tentativa do seu próprio autor, de encontrar solução que ele acredita que menos que 60 % do que tem lá não é recuperável, porque não se tem um instrumento adequado de busca, nem de tratamento da informação interessante. Então quando ele fala em web-semântica, ele já está pensando em lingüística [...] Então eu acho que essa é uma contribuição interessante, que eu acho que deve ser aprofundada, antes mesmo de se pensar os processos tecnológicos que estão disponíveis hoje para recuperar isso." (DOC-03, grifo nosso)</p>
<p>"Você pode ter um sistema muito sofisticado, utilizando todos os recursos tecnológicos e não ser eficiente. [...] Eu acho que começa por aí. É claro que agente vai utilizar de todos estes recursos. [...] na verdade é fundamental, que a missão dele [do arquivista] continue sendo essa, de possibilitar que se recupere essas informações, que se tenha acesso aos conteúdos dos documentos, de uma forma cada vez mais eficaz." (DOC-03, grifo nosso)</p>

"Você tem um volume enorme de informação, mas você não tem necessariamente, com todas as máquinas de busca, com todas essas coisas de indexação, você realmente não consegue **recuperar** de fato, de forma eficaz o conteúdo das informações que você busca." (DOC-03, grifo nosso)

Codificação Aberta (Códigos conceituais)	Dados Brutos
Falando sobre o usuário	<p>"[...] a respeito da necessidade e uso da informação e representação da informação eu acho que tem tudo haver com o que eu falei até agora. A representação da informação aqui é o antigo nome da representação do conhecimento. Eu acho que tem tudo haver. [...] Eu não sei se agente tem estudos de usuários. É uma coisa importante para a Arquivística. [...] Porque na hora de se pensar a organização dos acervos, eu acho que esse fato [...] seria relevante." (DOC-03, grifo nosso)</p> <p>"As instituições privadas [...], esses espaços talvez pudessem ser pensados mais dentro dessa perspectiva do atrativo. O que tem ali dentro que me interessa? O que me interessaria? [...] Então, talvez pensar nesse respeito ao usuário. Organizar o documento arquivístico pensando nessa amplitude ou nessa ampliação: [...] de quem possa estar acessando essa informação [...]"(DOC-04, grifo nosso)</p> <p>"Então, eu acho que o acesso à informação, mesmo a transmissão de informação via Internet, isso tudo trás conseqüências positivas, no sentido de que o usuário acaba se transformando também em produtor. Mas por outro lado, que informação é essa que está sendo administrada, jogada, disponibilizada?" (DOC-04, grifo nosso)</p> <p>"Eu acho que existe uma contribuição da lingüística aí que agente nunca utilizou dela muito. [...] No sentido de buscar essa recuperação da informação. Eu acho que um usuário quando chega no arquivo, ele usa da própria linguagem para pedir as coisas e aí você, mesmo dentro disso, você pode extrair muita coisa muito importante, a própria estrutura lingüística, a estrutura gramatical... Tanto é que o meu argumento era muito em cima disso, utilizar essa própria estrutura para trabalhar essa questão de uma linguagem documentária que pudesse dar conta de uma melhor recuperação da informação." (DOC-03, grifo nosso)</p> <p>"Eu vejo que eles [os alunos] estão muito interessados na questão do usuário. Quem é esse usuário, Como adequar o trabalho de arquivo para o usuário? Quais são os instrumentos que vão proporcionar a acessibilidade?" (DOC-04, grifo nosso)</p> <p>"Mas você tem que pensar o arquivo, até para ele ter um sentido de existir, que não seja aquilo que eu costumo falar com os alunos, um espaço exotérico, onde só os iniciados naquela seita vão estar entrando. É preciso pensar em como ampliar esse espaço do arquivo. Quer dizer, não vai ser todo o arquivo, mas pensando aí talvez mais nos arquivos públicos, em como proporcionar a acessibilidade a pessoas que talvez nunca tivessem pensado em ir ao arquivo, até para entender para que existe essa instituição no mundo. [...] Então eu acho que agente se acostumou muito em entender o arquivo a partir do pesquisador especializado, do iniciado. Então eu acho que essa visão de um acesso mais amplo do arquivo público, principalmente como espaço de uma visitação mais ampla, de expor, de colocar como visível aquilo que ele contém." (DOC-04, grifo nosso)</p> <p>"Não só a parte de organização que agente já faz pensando no acesso, mas também o usuário e no fato mesmo de lidar com a diferença de informação [...] acho que isso é o mais importante." (DOC-01, grifo nosso)</p> <p>"Quando eu estou avaliando por exemplo um conjunto de documentos, devo entender que eu avalio não é para mim [...]" (DOC-02, grifo nosso)</p>

Codificação Aberta (Códigos conceituais)	Dados Brutos
Falando sobre a necessidade e o uso da informação	<p>"[...] tecnologia da informação, que aí não importa se a informação é arquivística ou biblioteconômica, ou não, é tecnologia da informação. Sistemas de recuperação da informação [...], Política da informação, [...] as políticas arquivísticas fazem parte das políticas de informação [...], na representação da informação, [...] necessidades e uso, [...] a gestão da informação, sem sombra de dúvida. (DOC-05, grifo nosso)</p>

<p>"[...] a respeito da necessidade e uso da informação e representação da informação eu acho que tem tudo haver com o que eu falei até agora. A representação da informação aqui é o antigo nome da representação do conhecimento. Eu acho que tem tudo haver. [...] Eu não sei se agente tem estudos de usuários. É uma coisa importante para a Arquivística. [...] Porque na hora de se pensar a organização dos acervos, eu acho que esse fato [...] seria relevante. Como eu te falei, nós somos transversais. [...] Agente volta àquela história lá no início, lá de que as pessoas queriam localizar os documentos em função do interesse da história, ou do interesse, né... [...] eu vejo que essa é uma contribuição para a Ciência da Informação[...]" (DOC-03, grifo nosso)</p>
<p>"[...] as pessoas não valorizam aqueles documentos até o momento que precisam deles. No momento que precisam, isso ganha uma outra visão." (DOC-02, grifo nosso)</p>
<p>"[...] essa distância entre o momento que o documento é produzido e a possibilidade de uso futuro dele. Essa linha de tempo é instrumento de preocupação. As tecnologias estão aí. São super eficientes para eu administrar agora. Para esse contato, para essa velocidade exigida pela própria administração moderna. Mas é impossível, eu diria... pensar isso em longo prazo, com as condições tecnológicas que temos hoje. [...] eu acho que o que eu conheço ainda não dá conta. E eu ouço com grande frequência de especialistas da área, [...] que esse é realmente [...] o grande problema." (DOC-02, grifo nosso)</p>
<p>"[...] essas tecnologias todas que estão à disposição, a leitura que eu tenho, é exatamente de possibilitar esse uso. Agora, tem esse uso imediato, [...] mas tem usos futuros, que eu não sei se com essa fragilidade vai dar." (DOC-02, grifo nosso)</p>
<p>"[...] eu acho que cada vez mais [...] as áreas de interesse da Arquivologia tem caminhado muito nessa linha [...] mais dos usos, do que propriamente para organização. Parece que esta questão da organização me parece uma coisa já dada e consolidada." (DOC-02, grifo nosso)</p>
<p>"[...] mas de qualquer maneira, eu acho que como área de concentração mesmo e área de interesse, eu acho que é muito mais dos usos que se faz disso [dos documentos][...]" (DOC-02, grifo nosso)</p>
<p>"[...] seria necessário adjetivar a informação, quer dizer, informação como substantivo sendo modificada por um adjetivo, ou seja, informação arquivística. Então nós teríamos: sistema de recuperação da informação arquivística, políticas de informação arquivística, necessidade e uso da informação arquivística, representação da informação arquivística, gestão da informação arquivística [...]" (DOC-05, grifo nosso)</p>
<p>"[...] todas as áreas vinham e vem fazer uso desse documento ao seu bel-prazer.[...] e produziam e produzem conhecimento em qualquer área, a partir dos documentos, a partir dos arquivos. [...] particularmente o grande esforço que eu tenho em sala de aula, ainda é o de fazer com que os alunos de um modo geral percebam esses usos. [...] Nos meus devaneios aqui, meio que achando que está inventando a roda, é de fazer todo um esforço para que eles percebam a multiplicidade de usos possíveis desses documentos. E que essas possibilidades de uso ou a qualidade do uso que possa ser feita desses documentos, desse arquivo, se devem a questões básicas, como por exemplo, a proveniência. Então quer dizer, os usos que poderão ser feitos desses documentos dependem da nossa organização." (DOC-02, grifo nosso)</p>
<p>"[...]os usos, [...] que eu acho que também há, de uma certa forma, uma ansiedade em relação a isso. [...] entender mais amplamente o porque da Arquivologia. Não está rodando em torno da Arquivologia, mas [...] das] respostas possíveis a serem dadas a esse anseio informacional da sociedade que se coloca como da informação." (DOC-04, grifo nosso)</p>
<p>"De acordo com esse perfil, aponta-se como competência geral a ser alcançada pelos graduados em Arquivologia uma competência que se deseja aliada a habilidades específicas, dentre as quais sobressai a de planejar e elaborar instrumentos de gestão de documentos e informações de arquivo que possibilitam sua organização, avaliação e utilização." (DOC-06, grifo nosso)</p>
<p>"Então como eu estava te dizendo, todo o meu esforço é exatamente de trazer a partir dessas diferentes práticas, desses diferentes resultados e diferentes áreas do conhecimento, mostrar para os alunos, os resultados [...] que alguém teve ou perdeu." (DOC-02, grifo nosso)</p>
<p>"Necessidades e usos da informação, não tenho o que falar, imagina, depois de tudo o que eu disse para você, né... Representação da informação também... não só na representação sob o aspecto físico, [...] mas sobre uma leitura subjetiva também, de pensar isso aí." (DOC-02, grifo nosso)</p>
<p>"Possibilidade de produzir, sistematizar e socializar conhecimentos e tecnologias e esteja apto a compreender as necessidades dos grupos sociais e comunidades com relação a problemas sócio-econômicos, culturais, políticos e organizativos, de forma a utilizar racionalmente os recursos disponíveis [...]" (DOC-06, grifo nosso)</p>
<p>"O uso da informação mudou [...]" (DOC-05, grifo nosso)</p>

Aspectos técnico-funcionais: Abordando sobre o processamento técnico

Codificação Aberta (Códigos conceituais)	Dados Brutos
Falando sobre a produção de conhecimento	<p>"[...] pelo menos está se tentando ajudar a entender o arquivo dentro desse movimento de constituição do mundo moderno, mundo ocidental. Como é que esse arquivo vai ser instrumento em várias instâncias, em vários estágios dessa construção desse mundo ocidental? Hora como instrumento de poder, grande parte como instrumento de poder do Estado e das instituições; e as possibilidades que vem hoje com isso que agente esta chamando de Sociedade da Informação, para justamente se desvincular tanto desse centro de poder que possa gerar conhecimento para outros campos que não seja a instituição e o Estado." (DOC-04, grifo nosso)</p> <p>"[...] possibilitar produzir conhecimento, ou seja, facilitar a produção de conhecimento, a partir dos acervos arquivísticos. [...] se isso vai ser feito via Internet, se isso vai ser feito, né... A questão fundamental é aquela questão da representação, da recuperação [...] que eu me referia." (Doc03)</p> <p>"[...] seu trabalho [do arquivista] não está isento de entender a função do documento e da informação. A responsabilidade dele [do arquivista] em relação a transformar essa informação, proporcionar condições para que essa informação se transforme em conhecimento [...]" (DOC-04, grifo nosso)</p> <p>"[...] talvez o fundamental, dentro da minha visão, justamente é, mais do que administrar informação, é fazer com que essa informação chegue a se tornar conhecimento, a produzir alguma coisa, a produzir uma ação social, produzir uma nova consciência sobre a sociedade em que nós vivemos." (DOC-04, grifo nosso)</p> <p>"[...] todas as áreas vinham e vem fazer uso desse documento ao seu bel-prazer.[...] e produziam e produzem conhecimento em qualquer área, a partir dos documentos, a partir dos arquivos. [...] particularmente o grande esforço que eu tenho em sala de aula, ainda é o de fazer com que os alunos de um modo geral percebam esses usos." (DOC-02, grifo nosso)</p> <p>"Como essas informações arquivísticas produzem conhecimento realmente popular, realmente conhecimento socializado? Acho que isso também é uma contribuição, para o campo das Ciências Sociais. Eu acho que isso também tem que ser olhado [...]" (DOC-04, grifo nosso)</p> <p>"Ele [o arquivista] reflete sobre aquilo que ele está fazendo. Ele não está só fazendo. Ele não está só organizando, mas ele reflete sobre a organização que ele está dando para aquelas informações. Ele reflete sobre isso. Ele reflete sobre seu posicionamento como profissional diante dessa sociedade e o papel que essas informações que ele está organizando tem em relação à uma produção. Não uma produção capitalista, mas produção de conhecimento dessa sociedade." (DOC-04, grifo nosso)</p> <p>"Inteligência Competitiva e Gestão do Conhecimento, [...] não dá para não pensar em arquivo como uma área direta; e aí eu volto à questão [...] de produção do conhecimento. Então portanto, seria uma área diretamente." (DOC-02, grifo nosso)</p> <p>"Mas sempre uma discussão muito mais da produção do conhecimento sobre arquivo e não necessariamente sobre pensar arquivo sobre metodologias de organização." (DOC-02, grifo nosso)</p> <p>"Não existe produção do conhecimento sem documento. Isso parece estar sendo percebido." (DOC-02, grifo nosso)</p> <p>"No momento que você tem um grupo de atores políticos, portanto, mostrando ao Estado [...] ele não pode duvidar daquelas informações [...] documentadas por ele próprio. Se o Estado nega a sua fala, que é o documento, ele se nega. E ele não pode negar. Se ele se nega ele perde toda a sua autoridade. Então ele tem que, me desculpe a expressão, ele tem que abrir as pernas, tem que ceder. [...] O próprio produtor do documento não tem gerência sobre os seus documentos. Ele não tem condições de perceber a questão da informação, a produção da informação. [...] e aí você tem um grupo de pressão (eu chamo de grupo de pressão) que se apropria de cópias desses documentos, produzem sim informação e conhecimento e dão um xeque-mate no Estado. [...] Isto tem sido cada vez mais comum." (DOC-02, grifo nosso)</p>

Codificação Aberta (Códigos conceituais)	Dados Brutos
Falando sobre o processo de produção informacional e documental	<p>"[...] essa distância entre o momento que o documento é produzido e a possibilidade de uso futuro dele. Essa linha de tempo é instrumento de preocupação." (DOC-02, grifo nosso)</p> <p>"[...] essas possibilidades de uso ou a qualidade do uso que possa ser feita desses documentos, desse arquivo, se devem a questões básicas, como por exemplo, a proveniência. Então quer dizer, os usos que poderão ser feitos desses documentos dependem da nossa organização. [...] tem a sua importância aí, [...] a proteção do contexto, ou seja, agente parte do pressuposto de que o trabalho que eu faço de pesquisa histórica, historiográfica ou da sociologia, que agente esteja discutindo, a qualidade desse trabalho vai ser diretamente proporcional à minha capacidade de me aproximar do contexto em que aquilo se deu. Quanto maior for esta aproximação, maior é a qualidade. Pois bem, esta qualidade, ou esta aproximação, nos documentos ela é possibilitada pela organização que nós vamos dar. Pela obediência a determinadas regras. Então, esse eu acho que é um passo que é fundamental." (DOC-02, grifo nosso)</p> <p>"[...] mais dinâmico até influenciando na produção dos documentos e da informação. Atuando direto, atuando mesmo em contato direto com quem está gerando a informação." (DOC-01, grifo nosso)</p> <p>"[...] não tem como agente trabalhar, pensar o campo do conhecimento arquivístico, sem primeiro [...] entender como é que funciona essa organização, com a qual agente está lidando, a qual agente está organizando. [...] não tem como eu não olhar para essa instituição de uma forma sociológica, de forma antropológica, de uma forma histórica, como é que ela vem se constituindo nessa sociedade, qual o papel que ela desempenha, o papel social nessa sociedade e tal. [...] Então olhar sociologicamente para essa instituição na qual agente está trabalhando, olhar sociologicamente para a própria informação que agente está lidando. Eu acho que isso é fundamental. Para ele, para o profissional, não continuar se constituindo como organizador de papel de informação para outras pessoas trabalharem. Eu arrumo a cama para o outro deitar." (DOC-04, grifo nosso)</p> <p>"[...] se eu sou capaz de oferecer à uma organização, que se aproxime mais da instituição que produziu esse documento, maiores são essas possibilidades que nós vamos ter de produzir outras informações. [...] todo o esforço que agente tem hoje, é exatamente fazer com que os arquivos fiquem, se mantenham próximos, aos seus produtores. Com a idéia de que eles sejam organizados mais próximo possível da sua lógica de acumulação. Que retrate um pouco mais isso." (DOC-02, grifo nosso)</p> <p>"É muita coisa para você pensar, né... uma pesquisa da história administrativa da instituição, pensar o contexto onde acontece a produção daquele documento, [...] é muito complexo para você só estar guardando papel." (DOC-03, grifo nosso)</p> <p>"Eu acho que essa possibilidade dada, de se aproximar o máximo possível do contexto de produção dos documentos, com uma representação realmente fiel daquilo que aconteceu, [...] é fundamental." (DOC-02, grifo nosso)</p> <p>"Nós não temos um sistema de informação só. [...] Agente tem muito mais que isso, agente tem um objeto que além de suportar a informação, que possibilita todo o pensar um sistema de informação dentro de um contexto de uma empresa, de uma instituição, de uma comunidade e tudo, mas ele precisa ter a prova, ele precisa ser testemunho para uma série de outras questões que estão colocadas neste objeto." (DOC-03, grifo nosso)</p> <p>"Olha eu acho que tem muito haver com esta questão do fenômeno social que agente vive da convergência digital. Ou seja, a convergência digital interfere diretamente na produção dos documentos, na formação dos documentos, na disseminação dos documentos, né... Então eu vejo que isso é uma questão séria. [...] agente tem nessa área dos documentos eletrônicos, a questão da gestão da documentação digital. [...] A área que tem maior interesse hoje, que tem a maior demanda hoje." (DOC-03, grifo nosso)</p>

Codificação Aberta (Códigos conceituais)	Dados Brutos
Falando sobre o registro da informação	"O que mudou foi o transporte, a comunicação da informação, os suportes, as técnicas de registro , mas a informação..." (DOC-05, grifo nosso)

Codificação Aberta (Códigos conceituais)	Dados Brutos
Falando sobre a gestão/administração da informação e de documentos	<p>"[...] algumas dessas áreas interdisciplinares são até básicas para a Arquivologia, como por exemplo: a Gestão da Informação, a Formação e Aspectos Profissionais, Políticas de Informação etc." (DOC-06, grifo nosso)</p> <p>"[...] tecnologia da informação, que aí não importa se a informação é arquivística ou biblioteconômica, ou não, é tecnologia da informação. Sistemas de recuperação da informação [...], Política da informação, [...] as políticas arquivísticas fazem parte das políticas de informação [...], na representação da informação, [...] necessidades e uso, [...] a gestão da informação, sem sombra de dúvida." (DOC-05, grifo nosso)</p> <p>"[...] essa distância entre o momento que o documento é produzido e a possibilidade de uso futuro dele. Essa linha de tempo é instrumento de preocupação. As tecnologias estão aí. São super eficientes para eu administrar agora." (DOC-02, grifo nosso)</p> <p>"[...] gestão da informação sim, porque a nossa informação também tem especificidades, né." (DOC-03, grifo nosso)</p> <p>"[...] o privilégio que se tem de dar, agora, de uma maneira saudável, [...], boa, é à gestão da informação, [...] ou seja, a gestão da informação arquivística." (DOC-05, grifo nosso)</p> <p>"[...] porque, por exemplo, quando você fala em gestão da informação, você também pensa na Arquivologia [...] . Para nós que trabalhamos com Arquivologia, nós entendemos que a gestão da informação também passa pela Arquivologia. [...] eu estranho em falar em gestão da informação, por exemplo, e não ter Arquivologia aqui nesse meio. Eu acho meio estranho, porque aqui agente pensa que a Arquivologia vai estar trabalhando com a gestão da informação." (DOC-04, grifo nosso)</p> <p>"[...] se o quadro fosse da Arquivologia eu acho que ia precisa todas essas... que dizer, se fosse em relação à informação arquivística, aí eu acho que ia ter Arquivologia em várias. A Arquivologia poderia buscar basicamente em todas: Tecnologia da informação, os sistemas, sistemas principalmente, sistema de recuperação da informação, política de informação é importante para agente [...] teoria da Ciência da Informação também, aspectos profissionais [...], tudo isso. Gestão da informação, bases de dados, inteligência competitiva e gestão do conhecimento[...] Todas essas, Bibliotecas digitais, quer dizer para arquivo seria arquivos digitais e virtuais..." (DOC-01, grifo nosso)</p> <p>"[...] seria necessário adjetivar a informação, quer dizer, informação como substantivo sendo modificada por uma adjetivo, ou seja, informação arquivística. Então nós teríamos: sistema de recuperação da informação arquivística, políticas de informação arquivística, necessidade e uso da informação arquivística, representação da informação arquivística, gestão da informação arquivística [...]" (DOC-05, grifo nosso)</p> <p>"[...] talvez o fundamental, dentro da minha visão, justamente é, mais do que administrar informação, é fazer com que essa informação chegue a se tornar conhecimento, a produzir alguma coisa, a produzir uma ação social, produzir uma nova consciência sobre a sociedade em que nós vivemos." (DOC-04, grifo nosso)</p> <p>"[...] tem um texto que agente trabalha [...], que é do Pedro Demo. Ele fala que a informação ela já trás em si uma desinformação, até pela própria administração da informação. Ela tem (seja de maneira positiva ou negativa) que ser manipulada, no sentido de que ela vai ser selecionada. Agente não guarda tudo. Na Arquivologia agente tem essa consciência [...]. Agente não guarda tudo porque não tem condições de guardar isso tudo. Não tem a necessidade e a capacidade de guardar isso tudo. Então de certa forma, essa informação já é manipulada, seja de forma positiva ou de forma negativa. Então, eu acho que nós temos talvez hoje, uma carga de desinformação muito grande porque nós projetamos aquilo que agente vai chamar de informação, que também é uma coisa muito ampla [...]" (DOC-04, grifo nosso)</p> <p>"A gestão também. Muito por causa da produção documental, que cresceu exponencialmente nestes últimos anos, né... e... também se tem problemas na área de gestão [...]" (DOC-03, grifo nosso)</p> <p>"Acredito que Memória, História, Cultura, Informação e Educação constituem a base para continuar repensando a Arquivologia." (DOC-06, grifo nosso)</p> <p>"Acho que a própria mudança da visão arquivo como aquilo que racionalmente vai administrar a informação, ou seja, não vai acumular a informação no sentido de colocar informação desnecessária dentro do arquivo, eu acho que já é uma contribuição bastante grande." (DOC-04, grifo nosso)</p> <p>"Acho que nós ainda somos muito administradores de informação [...], administradores nesse sentido, organizamos, mas não nos colocamos." (DOC-04, grifo nosso)</p> <p>"As áreas de interesse e concentração da Arquivologia, ainda hoje, estão direcionadas à História, Gestão de Documentos, Ciência da Informação (Tecnologia de Informação)." (DOC-06, grifo nosso)</p>

<p>"De acordo com esse perfil, aponta-se como competência geral a ser alcançada pelos graduados em Arquivologia uma competência que se deseja aliada a habilidades específicas, dentre as quais sobressai a de planejar e elaborar instrumentos de gestão de documentos e informações de arquivo que possibilitam sua organização, avaliação e utilização." (DOC-06, grifo nosso)</p>
<p>"Então, eu acho que o acesso à informação, mesmo a transmissão de informação via Internet, isso tudo trás conseqüências positivas, no sentido de que o usuário acaba se transformando também em produtor. Mas por outro lado, que informação é essa que está sendo administrada, jogada, disponibilizada?" (DOC-04, grifo nosso)</p>
<p>"Eu acho que estes itens relacionados a essa questão do arranjo e da descrição, e da questão da gestão e [...] essas coisas que envolvem os documentos eletrônicos, eles teriam uma ênfase maior. Basta você olhar, se você quiser fazer uma comparação, olhar as disciplinas, ou pelo menos as matérias, os assuntos que foram tratados no último Congresso Internacional." (DOC-03, grifo nosso)</p>
<p>"gestão, gestão de documentos, a parte mais de Arquivo Permanente, Classificação de documentos, a parte de Arquivos Especiais... [...] documentos eletrônicos! É uma tendência também [...]" (DOC-01, grifo nosso)</p>
<p>"Me causa surpresa a questão da Gestão da Informação não ter contemplado aqui a Arquivologia." (DOC-02, grifo nosso)</p>
<p>"Já atuei em Gestão de Documentos, Arquivos Permanentes, Avaliação, Memória e Educação." (DOC-06, grifo nosso)</p>
<p>"O arquivo é basicamente gestão. Gestão da informação. A memória é conseqüência dessa gestão. É que nós ainda, no meu entender, estamos vinculados às origens dessa Arquivologia como conhecimento formal, que vem lá dos arquivos custodiados, da custódia, da memória." (DOC-05, grifo nosso)</p>
<p>"O próprio produtor do documento não tem gerência sobre os seus documentos. Ele não tem condições de perceber a questão da informação, a produção da informação." (DOC-02, grifo nosso)</p>

Codificação Aberta (Códigos conceituais)	Dados Brutos
Falando sobre a necessidade e a capacidade de guarda	"[...] tem um texto que agente trabalha [...], que é do Pedro Demo. Ele fala que a informação ela já trás em si uma desinformação, até pela própria administração da informação. Ela tem (seja de maneira positiva ou negativa) que ser manipulada, no sentido de que ela vai ser selecionada. Agente não guarda tudo. Na Arquivologia agente tem essa consciência [...]. Agente não guarda tudo porque não tem condições de guardar isso tudo. Não tem a necessidade e a capacidade de guardar isso tudo. Então de certa forma, essa informação já é manipulada, seja de forma positiva ou de forma negativa. Então, eu acho que nós temos talvez hoje, uma carga de desinformação muito grande porque nós projetamos aquilo que agente vai chamar de informação, que também é uma coisa muito ampla [...]" (DOC-04, grifo nosso)
Falando sobre a necessidade e a capacidade de guarda	"Acho que a própria mudança da visão arquivo como aquilo que racionalmente vai administrar a informação, ou seja, não vai acumular a informação no sentido de colocar informação desnecessária dentro do arquivo , eu acho que já é uma contribuição bastante grande." (DOC-04, grifo nosso)

Codificação Aberta (Códigos conceituais)	Dados Brutos
Falando sobre os estoques de informação	"[...] hoje, como Prof. 'X' já explicitou, [...] há um deslocamento da atenção aos estoques para a atenção ao fluxo da informação. Mais importante do que controlar os estoques (mais importantes, não é abandonar os estoques), é controlar a informação, o fluxo da informação." (DOC-05, grifo nosso)

Codificação Aberta (Códigos conceituais)	Dados Brutos
Falando sobre o fluxo da informação	"[...] hoje, como Prof. 'X' já explicitou, [...] há um deslocamento da atenção aos estoques para a atenção ao fluxo da informação . Mais importante do que controlar os estoques (mais importantes, não é abandonar os estoques), é controlar a informação, o fluxo da informação ." (DOC-05, grifo nosso)

Codificação Aberta (Códigos conceituais)	Dados Brutos
Falando sobre o processo de seleção e avaliação	"[...] talvez, essa fosse a responsabilidade maior dentro dessa visão: do arquivista em relação a isso que agente está chamando de Sociedade da Informação. Não ser mais um colaborador para esse embaralhamento de informações. Acho que a própria mudança da visão arquivo como aquilo que racionalmente vai administrar a informação, ou seja, não vai acumular a informação no sentido de colocar informação desnecessária dentro do arquivo , eu acho que já é uma contribuição bastante grande." (DOC-04, grifo nosso)
	"[...] tem um texto que agente trabalha [...], que é do Pedro Demo. Ele fala que a informação ela já trás em si uma desinformação, até pela própria administração da informação. Ela tem (seja de maneira positiva ou negativa) que ser manipulada, no sentido de que ela vai ser selecionada. Agente não guarda tudo . Na Arquivologia agente tem essa consciência [...]. Agente não guarda tudo porque não tem condições de guardar isso tudo . Não tem a necessidade e a capacidade de guardar isso tudo. Então de certa forma, essa informação já é manipulada, seja de forma positiva ou de forma negativa. Então, eu acho que nós temos talvez hoje, uma carga de desinformação muito grande porque nós projetamos aquilo que agente vai chamar de informação, que também é uma coisa muito ampla [...]" (DOC-04, grifo nosso)
	"Aspectos referentes à avaliação , organização, preservação e acessibilidade aos documentos devem ser considerados no tratamento de arquivos e documentos. É importante destacar que o tratamento de documentos deve objetivar, em última análise, o acesso à informação, seja referindo-se aos documentos privados como aos documentos públicos." (DOC-06, grifo nosso)
	"Eles têm que saber classificação, eles têm que saber arranjo e descrição, eles tem saber avaliação . [...] tem coisas que é importantíssimo, sabe [...]" (DOC-01, grifo nosso)
	"De acordo com esse perfil, aponta-se como competência geral a ser alcançada pelos graduados em Arquivologia uma competência que se deseja aliada a habilidades específicas, dentre as quais sobressai a de planejar e elaborar instrumentos de gestão de documentos e informações de arquivo que possibilitam sua organização, avaliação e utilização." (DOC-06, grifo nosso)
	"Já atuei em Gestão de Documentos, Arquivos Permanentes, Avaliação, Memória e Educação." (DOC-06, grifo nosso)

Codificação Aberta (Códigos conceituais)	Dados Brutos
Falando sobre o processo de classificação	"[...] eu acho que o mais importante é pensar no acesso... O mais importante é agente trabalhar para dar acesso. Então tudo que agente pensa no arquivo agente está pensando para facilitar a busca, para facilitar o acesso. [...] Então agente vai classificar pensando nisso, agente vai fazer arranjo pensando nisso, agente vai fazer a descrição pensando nisso [...] agente vai pensar em preservação por causa de dar acesso . Então, quer dizer eu acho que todas as questões giram em torno disso." (DOC-01, grifo nosso)
	"Eles têm que saber classificação , eles têm que saber arranjo e descrição, eles tem saber avaliação. [...] tem coisas que é importantíssimo, sabe [...]" (DOC-01, grifo nosso)
	"gestão, gestão de documentos, a parte mais de Arquivo Permanente, Classificação de documentos , a parte de Arquivos Especiais... [...] documentos eletrônicos! É uma tendência também [...]" (DOC-01, grifo nosso)
	"Há que observar algumas barreiras ao acesso, como o estado de conservação precário dos documentos, a classificação inadequada, o arranjo deficitário e a falta de instrumentos de pesquisa consistentes." (DOC-06, grifo nosso)

Codificação Aberta (Códigos conceituais)	Dados Brutos
Falando sobre o processo de tratamento e organização informacional e documental	"[...] a respeito da necessidade e uso da informação e representação da informação eu acho que tem tudo haver com o que eu falei até agora. A representação da informação aqui é o antigo nome da representação do conhecimento. Eu acho que tem tudo haver. [...] Eu não sei se agente tem estudos de usuários. É uma coisa importante para a Arquivística. [...] Porque na hora de se pensar a organização dos acervos , eu acho que esse fato [...] seria relevante." (DOC-03, grifo nosso)

<p>"[...] ele [o arquivista] não é responsável só por organizar essas informações, é um campo de pesquisa que ele tem a disposição dele, não só a técnica, mas a própria informação que ele está organizando, e que muitas vezes, agente realmente, como esse aluno não tem escolha, agente vê que ele não se interessa muito por esse campo de informação que está ali na mão dele, que ele tem acesso, que ele está organizando, que ele está mais que disponibilizando. Ou seja, muitas vezes o arquivista continua ainda como organizador de papel, para os outros poderem usar. Não ele se vendo como pesquisador desse universo que ele está organizando." (DOC-04, grifo nosso)</p>
<p>"[...] o meu interesse inicialmente foi muito voltado para a representação do conhecimento, tanto como fazer essa publicação, esse tratamento da informação, no sentido de olhar como recuperar essa informação, antes mesmo de pensar a Informática[...]." (DOC-03, grifo nosso)</p>
<p>"[...] se eu sou capaz de oferecer à uma organização, que se aproxime mais da instituição que produziu esse documento, maiores são essas possibilidades que nós vamos ter de produzir outras informações. [...] todo o esforço que agente tem hoje, é exatamente fazer com que os arquivos fiquem, se mantenham próximos, aos seus produtores. Com a idéia de que eles sejam organizados mais próximo possível da sua lógica de acumulação. Que retrate um pouco mais isso." (DOC-02, grifo nosso)</p>
<p>"As instituições privadas [...], esses espaços talvez pudessem ser pensados mais dentro dessa perspectiva do atrativo. O que tem ali dentro que me interessa? O que me interessaria? [...] Então, talvez pensar nesse respeito ao usuário. Organizar o documento arquivístico pensando nessa amplitude ou nessa ampliação: [...] de quem possa estar acessando essa informação [...]"(DOC-04, grifo nosso)</p>
<p>"Aspectos referentes à avaliação, organização, preservação e acessibilidade aos documentos devem ser considerados no tratamento de arquivos e documentos. É importante destacar que o tratamento de documentos deve objetivar, em última análise, o acesso à informação, seja referindo-se aos documentos privados como aos documentos públicos." (DOC-06, grifo nosso)</p>
<p>"É muita coisa para você pensar, né... uma pesquisa da história administrativa da instituição, pensar o contexto onde acontece a produção daquele documento, [...] é muito complexo para você só estar guardando papel. [...] Então você, para ter uma organização, um bom arranjo, uma boa descrição e de alguma forma resgatar a memória da instituição, da sociedade, você precisa de estar muito mais trabalhando este aspecto que estar somente sendo um técnico em arquivo." (DOC-03, grifo nosso)</p>
<p>"E tratamento é claro, a conservação, a preservação, o arquivamento, isso tudo tem que vir a posteriori de todo um trabalho de planejamento, de intelecto. O intelecto tem que estar colocado ali. Quem faz isso agora é o arquivista." (DOC-03, grifo nosso)</p>
<p>"Ele [o arquivista] reflete sobre aquilo que ele está fazendo. Ele não está só fazendo. Ele não está só organizando, mas ele reflete sobre a organização que ele está dando para aquelas informações. Ele reflete sobre isso. Ele reflete sobre seu posicionamento como profissional diante dessa sociedade e o papel que essas informações que ele está organizando tem em relação à uma produção. Não uma produção capitalista, mas produção de conhecimento dessa sociedade." (DOC-04, grifo nosso)</p>
<p>"Eu acho que estes itens relacionados a essa questão do arranjo e da descrição, e da questão da gestão e [...] essas coisas que envolvem os documentos eletrônicos, eles teriam uma ênfase maior. Basta você olhar, se você quiser fazer uma comparação, olhar as disciplinas, ou pelo menos as matérias, os assuntos que foram tratados no último Congresso Internacional." (DOC-03, grifo nosso)</p>
<p>"De acordo com esse perfil, aponta-se como competência geral a ser alcançada pelos graduados em Arquivologia uma competência que se deseja aliada a habilidades específicas, dentre as quais sobressai a de planejar e elaborar instrumentos de gestão de documentos e informações de arquivo que possibilitam sua organização, avaliação e utilização." (DOC-06, grifo nosso)</p>
<p>"Tanto que a Internet é um exemplo disso. A web-semântica é uma tentativa do seu próprio autor, de encontrar solução que ele acredita que menos que 60 % do que tem lá não é recuperável, porque não se tem um instrumento adequado de busca, nem de tratamento da informação interessante." (DOC-03, grifo nosso)</p>

Codificação Aberta (Códigos conceituais)	Dados Brutos
Falando sobre a organização do conhecimento organização do conhecimento	"[...] foi muito menos voltada para o arquivo enquanto aquele aparato institucional e muito mais voltada para formas populares de organização de conhecimento e de organização. [...] Eu sempre trabalhei com isso. Eu sempre trabalhei com movimento popular [...], movimentos sociais.[...] eu queria trazer isso para a academia. E aí [...] eu puxei para isso: organização popular da informação e do conhecimento ." (DOC-04, grifo nosso)

<p>"[...] uma questão interessante, eu trabalhei muito com representação do conhecimento muito com Ranganthan, porque para mim Ranganathan tinha uma visão assim, dentro daquela proposta dele de organização do conhecimento, né... dos agentes, das ações, do sujeito [...]. Tinha muito haver com todo esse processo de recuperação de informação nos arquivos." (DOC-03, grifo nosso)</p>
<p>"Eu acho que essa contribuição da organização do conhecimento é muito grande para a Arquivística, [...] mas eu acho que não é só. Não é só." (DOC-03, grifo nosso)</p>
<p>"Eu acho que existe uma contribuição da lingüística aí que agente nunca utilizou dela muito. [...] No sentido de buscar essa recuperação da informação. Eu acho que um usuário quando chega no arquivo, ele usa da própria linguagem para pedir as coisas e aí você, mesmo dentro disso, você pode extrair muita coisa muito importante, a própria estrutura lingüística, a estrutura gramatical... Tanto é que o meu argumento era muito em cima disso, utilizar essa própria estrutura para trabalhar essa questão de uma linguagem documentária que pudesse dar conta de uma melhor recuperação da informação. [...] Então eu acho que a lingüística pode trabalhar, mas é claro que pensando antes a questão da organização do conhecimento, que é uma área que vem desenvolvendo (até se chamou outros nomes, agora agente fala que é gestão do conhecimento). [...] essa é uma área que eu continuo sendo interessado por ela. Eu acho que ela faz uma ponte direta com essa questão da recuperação da informação, mas com a questão da Informática também. [...]" (DOC-03, grifo nosso)</p>

Codificação Aberta (Códigos conceituais)	Dados Brutos
Falando sobre a preservação e conservação	<p>"[...] na] descrição você vai incluir metadados e você vai conseguir encapsular de alguma forma aquele documento digital, de forma que você consiga preservá-lo e recuperá-lo no futuro em ambientes diferentes, em sistemas diferentes, mesmo com toda a obsolescência dos sistemas e [...] equipamentos. [...] Então eu acho que a descrição é o aspecto que eu considero o de mais importância." (DOC-03, grifo nosso)</p>
	<p>"[...] essa distância entre o momento que o documento é produzido e a possibilidade de uso futuro dele. Essa linha de tempo é instrumento de preocupação. As tecnologias estão aí. São super eficientes para eu administrar agora. Para esse contato, para essa velocidade exigida pela própria administração moderna. Mas é impossível, eu diria, pensar isso em longo prazo, com as condições tecnológicas que temos hoje. [...] eu acho que o que eu conheço ainda não dá conta. E eu ouço com grande frequência de especialistas da área, [...] que esse é realmente [...] o grande problema." (DOC-02, grifo nosso)</p>
	<p>"[...] essas tecnologias todas que estão à disposição, a leitura que eu tenho, é exatamente de possibilitar esse uso. Agora, tem esse uso imediato, [...] mas tem usos futuros, que eu não sei se com essa fragilidade vai dar." (DOC-02, grifo nosso)</p>
	<p>"[...] eu acho que o mais importante é pensar no acesso... O mais importante é agente trabalhar para dar acesso. Então tudo que agente pensa no arquivo agente está pensando para facilitar a busca, para facilitar o acesso. Não só a parte de organização que agente já faz pensando no acesso, mas também o usuário e no fato mesmo de lidar com a diferença de informação [...] acho que isso é o mais importante. Eu acho que tudo vai girar em torno disso. Então agente vai [...] pensar em preservação por causa de dar acesso." (DOC-01, grifo nosso)</p>
	<p>"[...] na preservação eu trabalho com as políticas públicas." (DOC-05, grifo nosso)</p>
	<p>"[...] para mim hoje, a discussão que é fundamental, e não presente talvez [...] Eu estou com um olho lá na frente, que é essa fragilidade mesmo do suporte. [...] eu fico assim pensando, [...] como acessar esses documentos, porque hoje o que parece ser a grande dificuldade é ser exatamente essa: como acessar esses documentos daqui a 10, 20, 30 anos. [...] Eu acho que no momento que isso for resolvido, [...] agente ganha um pouco mais de tranqüilidade na área." (DOC-02, grifo nosso)</p>
	<p>"[...] preservação da informação sim." (DOC-03, grifo nosso)</p>
	<p>"Aspectos referentes à avaliação, organização, preservação e acessibilidade aos documentos devem ser considerados no tratamento de arquivos e documentos. É importante destacar que o tratamento de documentos deve objetivar, em última análise, o acesso à informação, seja referindo-se aos documentos privados como aos documentos públicos." (DOC-06, grifo nosso)</p>
	<p>"E tratamento é claro, a conservação, a preservação, o arquivamento, isso tudo tem que vir a posteriori de todo um trabalho de planejamento, de intelecto. O intelecto tem que estar colocado ali. Quem faz isso agora é o arquivista." (DOC-03, grifo nosso)</p>
	<p>"Eu acho que é essa questão da descrição, do arranjo e da descrição é a espinha dorsal [...]. A descrição é que vai recuperar. Quando se fala em metadados [...] nada mais é do que você proceder a descrição. [...] a própria descrição é que vai ser um dos fatores mais importante para a preservação de todos esses documentos digitais." (DOC-03, grifo nosso)</p>

<p>"Eu seria leviano, se eu não apontasse a questão dos documentos digitais. Mas eu acho que isso aí, é uma grande confusão. É uma grande confusão, tem um impacto enorme, mas justamente por essa carência da área de se auto-estudar, o impacto foi muito maior. Tem um exemplo disso, que é algo que me deixa muito desconfortável, talvez por ignorância minha, não sei, mas até onde eu consigo analisar, é a expressão [...] preservação digital. Me parece que a preservação digital é um termo encontrado e utilizado a granel, utilizado assim em larga escala, como se já estivesse solidamente definido e estabelecido; que na verdade não existe,. Me parece que adjetivar a preservação é um risco enorme. [...] e não é só restrito à Arquivologia, porque a Ciência da Informação também usa. A Ciência da Informação também usa essa expressão. É muito problemático você adjetivar a preservação, porque é uma área também do conhecimento. É um conhecimento que existe há tanto tempo. Nós teríamos que ter aí a 'preservação papelal', 'pergaminha'. [...] e os outros suportes que existem? Então, eu acho que isso é complicado. Mas é também a realidade. [...] Há essa questão do digital, é inegável que isso causou um impacto nos arquivos. Exige muito da Arquivologia, mas às vezes eu tenho uma sensação que isso atropelou os fatos. Porque justamente no momento que a Arquivologia buscava certa autonomia, cai em cima dela essa questão do digital." (DOC-05, grifo nosso)</p>
<p>"Há que observar algumas barreiras ao acesso, como o estado de conservação precário dos documentos, a classificação inadequada, o arranjo deficitário e a falta de instrumentos de pesquisa consistentes." (DOC-06, grifo nosso)</p>
<p>"Os financiamentos de preservação, em um determinado momento, se retirou o dinheiro [...] daquela preservação convencional, estruturada a longo tempo, e passou a se aplicar dinheiro numa preservação dos documentos digitais com outras referências, sem conhecer muito. Então ficou desguarnecido dos dois lados. Eu mesmo tive experiências dessa aventura digital, que não deram certo e que se perdeu tudo que já se tinha feito da preservação, dita da preservação mais convencional, da preservação mais usual ao longo do tempo." (DOC-05, grifo nosso)</p>
<p>"Preservação também é uma área crítica..." (DOC-03, grifo nosso)</p>
<p>"Um arquivo virtual e digital, desde que preservado, desde que autêntico. Para dar esse caráter de um repositório digital e não simplesmente um banco de dados.[...] Então esse conceito de repositório eu acho que é a tendência futura que eu acho que essa é uma contribuição que agente pode dar nesse sentido." (DOC-03, grifo nosso)</p>

Aspectos técnico-funcionais: Abordando sobre as políticas de segurança jurídico-administrativa

Codificação Aberta (Códigos conceituais)	Dados Brutos
Falando sobre autenticidade, fidedignidade e valor probatório	<p>"[...] eu acho que isso aqui, que eles chamam de bibliotecas digitais e virtuais, agente tem um outro conceito que são de repositórios digitais. [...] Então tem um paralelo muito grande aqui com relação a isso. O que chamam de bibliotecas virtuais que se usava em grandes sistemas como "day space" e outros para dar conta dessa realidade. Quer dizer, você percebe no governo da Espanha, em alguns outros sistemas nacionais, muito empenho em tratar essas questões. Dado que, se a grande parte dessas fontes produzem documentos digitais [...]. Um arquivo virtual e digital, desde que preservado, desde que autêntico. Para dar esse caráter de um repositório digital e não simplesmente um banco de dados.[...] Então esse conceito de repositório eu acho que é a tendência futura que eu acho que essa é uma contribuição que agente pode dar nesse sentido." (DOC-03, grifo nosso)</p>
	<p>"[...] o documento, além de ser recuperado, ele precisa ser testemunho de uma realidade. Não é verdade? E ele precisa ter o que se chama de autenticidade, fidedignidade, para se ter de fato este testemunho." (DOC-03, grifo nosso)</p>
	<p>"[...] o documento, além de ser recuperado, ele precisa ser testemunho de uma realidade. Não é verdade? E ele precisa ter o que se chama de autenticidade, fidedignidade, para se ter de fato este testemunho." (DOC-03, grifo nosso)</p>
	<p>"Nós não temos um sistema de informação só. [...] Agente tem muito mais que isso, agente tem um objeto que além de suportar a informação, que possibilita todo o pensar um sistema de informação dentro de um contexto de uma empresa, de uma instituição, de uma comunidade e tudo, mas ele precisa ter a prova, ele precisa ser testemunho para uma série de outras questões que estão colocadas neste objeto." (DOC-03, grifo nosso)</p>

Codificação Aberta (Códigos conceituais)	Dados Brutos
Falando sobre segurança e política de acesso	"[...] por exemplo, na semana passada [...] eu perdi todos os meus emails na caixa." (DOC-02, grifo nosso)
	"[...] uma desatenção pode acarretar a perda de um documento e que a perda desse documento , portanto, tem conseqüências sociais mais diversas. Pode não ser naquele momento, mas em algum momento isso vai ter." (DOC-02, grifo nosso)
	"E eu entrei, fui lá e achei o documento e todo um espírito de aventura, aquela coisa assim: [...] Estou tendo acesso a informações sigilosas... " (DOC-02, grifo nosso)
	"Eu acho que a maior dificuldade tem sido efetivamente essa questão da fragilidade de suporte. Tanto é que todo este investimento que a gente tem em tecnologia é resultado de experiências dolorosas das perdas de documentos digitais, eletrônicos [...]" (DOC-02, grifo nosso)
	"Eu acho que é grande a discussão, que também não é novidade, mas que para mim é uma discussão fundamental, é a questão da fragilidade desse suporte. " (DOC-02, grifo nosso)
"Existe questões políticas, tanto é que agente tem na própria normatização do Sistema Nacional de Arquivo, aquelas restrições de secreto, ultra-secreto [...]. São questões também colocadas como de política de acesso. " (DOC-03, grifo nosso)	

Aspectos circunstanciais e conjunturais: Abordando sobre as circunstâncias e conjunturas tecnológicas

Codificação Aberta (Códigos conceituais)	Dados Brutos
Falando sobre a convergência digital	"Eu acho que é fundamental pensar hoje esse fenômeno da convergência digital e pensar as formas de representação do conhecimento, como é que isso pode ser recuperado." (DOC-03, grifo nosso)
	"Olha eu acho que tem muito haver com esta questão do fenômeno social que agente vive da convergência digital . Ou seja, a convergência digital interfere diretamente na produção dos documentos, na formação dos documentos, na disseminação dos documentos, né... Então eu vejo que isso é uma questão séria. [...] agente tem nessa área dos documentos eletrônicos, a questão da gestão da documentação digital. [...] A área que tem maior interesse hoje, que tem a maior demanda hoje. Eu costumo dizer que agente vive uma crise de identidade por conta de ver que o nosso objeto de estudo está se... eu digo... se volatilizando, [...] ele está virtualizando. É como se agente não tivesse pegado aquele objeto na mão. É como se ele não fosse mais um documento? Está entendendo? Então eu acho que isso muda muita coisa e essas áreas [...] a Ciência da informação, a Ciência da Computação e as disciplinas voltadas para essa área da Informática, que aborda essa questão da convergência digital estão demandando mais interesse." (DOC-03, grifo nosso)

Codificação Aberta (Códigos conceituais)	Dados Brutos
Falando sobre as novas tecnologias e sobre o impacto das novas tecnologias	"[... na] descrição você vai incluir metadados e você vai conseguir encapsular de alguma forma aquele documento digital, de forma que você consiga preservá-lo e recuperá-lo no futuro em ambientes diferentes, em sistemas diferentes, mesmo com toda a obsolescência dos sistemas e [...] equipamentos. " (DOC-03, grifo nosso)
	"[...] área de tecnologia, [...] eu acho que é fundamental, acho que ainda há uma defasagem. Acho que agente ainda precisa estar adequando melhor, talvez, o que se ensina na Arquivologia, para agente canalizar também para esse conhecimento mais tecnológico. Entender melhor as tecnologias e como isso pode ser aplicado para os arquivos e como isso impacta a própria Arquivologia." (DOC-04, grifo nosso)
	"[...] até pela questão com que nós estamos lidando hoje, que são principalmente os documentos informáticos, que vão impactar , que já estão impactando há muito tempo a Arquivologia." (DOC-04, grifo nosso)

<p>"[...] essa distância entre o momento que o documento é produzido e a possibilidade de uso futuro dele. Essa linha de tempo é instrumento de preocupação. As tecnologias estão aí. São super eficientes para eu administrar agora. Para esse contato, para essa velocidade exigida pela própria administração moderna. Mas é impossível, eu diria... pensar isso em longo prazo, com as condições tecnológicas que temos hoje. [...] eu acho que o que eu conheço ainda não dá conta. E eu ouço com grande frequência de especialistas da área, [...] que esse é realmente [...] o grande problema." (DOC-02, grifo nosso)</p>
<p>"[...] essas tecnologias todas que estão à disposição, a leitura que eu tenho, é exatamente de possibilitar esse uso. Agora, tem esse uso imediato, [...] mas tem usos futuros, que eu não sei se com essa fragilidade vai dar." (DOC-02, grifo nosso)</p>
<p>"[...] eu acho que essa ampliação para as Ciências Humanas, [...] é fundamental agente manter. Eu acho que isso é necessário. E também a questão do conhecimento tecnológico. [...] quanto à] área de tecnologia, [...] eu acho que é fundamental, acho que ainda há uma defasagem. Acho que agente ainda precisa estar adequando melhor, talvez, o que se ensina na Arquivologia, para agente canalizar também para esse conhecimento mais tecnológico. Entender melhor as tecnologias e como isso pode ser aplicado para os arquivos e como isso impacta a própria Arquivologia." (DOC-04, grifo nosso)</p>
<p>"[...] no tempo em que eu fiz Arquivologia, [...] uma das grandes defasagens era lidar com essa questão das tecnologias. Agente não tinha praticamente um professor que estivesse voltado para essa área. [...] Então eu acho que isso, pelo menos naquele tempo, era uma defasagem muito grande. Eu acho que isso já foi sanado de certa forma, mas eu acho que tem buscar um diálogo maior ainda, com esse campo." (DOC-04, grifo nosso)</p>
<p>"[...] por exemplo, na semana passada [...] eu perdi todos os meus emails na caixa." (DOC-02, grifo nosso)</p>
<p>"[...] quando eu estava falando dos documentos informáticos, por exemplo, eu acho que agente custou muito a entrar nesse universo. Agente não acreditou muito que isso ia impactar a Arquivologia e hoje agente tem que correr atrás para entender esse universo primeiro, que é um universo em expansão. É um <i>big bang</i>, né... informático. É um universo em expansão e agente ainda, eu acho, não se deu conta do que esse universo está trazendo. Agente ainda tem dificuldade, eu percebo isso, de trabalhar essa questão da informática." (DOC-04, grifo nosso)</p>
<p>"A Sociedade da Informação está inevitavelmente relacionada ao desenvolvimento das tecnologias que estão a afetar o mundo de forma incontestável. No entanto, há que perceber que o destino social e o potencial tecnológico não são a mesma coisa. O bem contido na tecnologia e que deve ser evidenciado e que é estabelecido para melhorar a sociedade, precisa de intervenção comprometida do Estado." (DOC-06, grifo nosso)</p>
<p>"Assim, não seria ousado conceber uma educação arquivística que venha gerar um profissional não apenas qualificado tecnologicamente, mas culturalmente antenado, a partir de uma formação de base mais política e sócio-histórica." (DOC-06, grifo nosso)</p>
<p>"Atualmente, nesta fase de transição, início do século XXI, quando novos paradigmas estão emergindo, a afetarem os modelos educacionais, tendo como pano de fundo as constantes transformações, ensejadas pelas permanentes rupturas oriundas das tecnologias. É importante avaliar a evolução das redes de comunicação e verificar o redimensionamento de possibilidades da educação" (DOC-06, grifo nosso)</p>
<p>"Então quando ele fala em web-semântica, ele já está pensando em lingüística [...] Então eu acho que essa é uma contribuição interessante; que eu acho que deve ser aprofundada, antes mesmo de se pensar os processos tecnológicos que estão disponíveis hoje para recuperar isso." (DOC-03, grifo nosso)</p>
<p>"Eu acho que a maior dificuldade tem sido efetivamente essa questão da fragilidade de suporte. Tanto é que todo este investimento que a gente tem em tecnologia é resultado de experiências dolorosas das perdas de documentos digitais, eletrônicos [...]" (DOC-02, grifo nosso)</p>
<p>"Eu seria leviano, se eu não apontasse a questão dos documentos digitais. Mas eu acho que isso aí, é uma grande confusão. É uma grande confusão, tem um impacto enorme, mas justamente por essa carência da área de se auto-estudar, o impacto foi muito maior. [...] Há essa questão do digital, é inegável que isso causou um impacto nos arquivos. Exige muito da Arquivologia, mas às vezes eu tenho uma sensação que isso atropelou os fatos. Porque justamente no momento que a Arquivologia buscava certa autonomia, cai em cima dela essa questão do digital." (DOC-05, grifo nosso)</p>
<p>"Eu vejo que é uma tecnologia que está aí, precisa ser utilizada, que tem um limite como todas as outras. Eu acho que agente pode pensar aí, [...], a importância talvez da recuperação desses documentos, por essa variedade de temas que é possibilitada com essa tecnologia. Mas ao mesmo tempo eu não sei como seria a organização automática desses documentos." (DOC-02, grifo nosso)</p>
<p>"Não dá para agente negar essa mobilidade, que a documentação digital ou que as tecnologias de comunicação e informação disponibilizaram para agente." (DOC-02, grifo nosso)</p>

<p>"Percebo, que existe por parte dos cursos de Arquivologia do Brasil, uma preocupação em estabelecer uma aliança enriquecedora entre uma sólida formação humanística e uma qualificação para o enfrentamento das emergências tecnológicas, vinculadas à tecnologias da informação." (DOC-06, grifo nosso)</p>
<p>"Você pode ter um sistema muito sofisticado, utilizando todos os recursos tecnológicos e não ser eficiente. [...] Eu acho que começa por aí. É claro que agente vai utilizar de todos estes recursos." (DOC-03, grifo nosso)</p>
<p>"Você tem um volume enorme de informação, mas você não tem necessariamente, com todas as máquinas de busca, com todas essas coisas de indexação, você realmente não consegue recuperar de fato, de forma eficaz o conteúdo das informações que você busca." (DOC-03, grifo nosso)</p>
<p>"Com relação às reformas curriculares dos cursos de Arquivologia, eu acho... houve um "bum" aí nisso, né... num dado momento, que eu acho muito pressionado por essa questão da Ciência da Informação ou para algo que é visto que é muito parecido que são as tecnologias aplicadas aos arquivos. Eu acho que as grandes alterações tem sido caminhadas, tem sido feitas, me parece, muito nessa direção." (DOC-02, grifo nosso)</p>

Codificação Aberta (Códigos conceituais)	Dados Brutos
Falando sobre as Tecnologias da Informação e da Comunicação	[...] tecnologia da informação , que aí não importa se a informação é arquivística ou biblioteconômica, ou não, é tecnologia da informação . (DOC-05, grifo nosso)
	"[...] a área de concentração de maior interesse dos estudantes dos cursos de Arquivologia ainda vincula-se às Tecnologias da Informação . Os estudantes entendem que disciplinas ligadas às tecnologias da informação são fundamentais ao perfil do arquivista. No entanto, verifica-se que no que se refere às preocupações com a profissão, a formação em tecnologia da informação é mais uma tarefa das associações profissionais" (DOC-06, grifo nosso)
	"[...] a não ser, claro, os problemas específicos de tratamento desses novos suportes, desses novos meios de comunicação que realmente é um problema sério [...]" (DOC-05, grifo nosso)
	"[...] ela [a Arquivologia] tem hoje [...] mudado [...] por conta de todas essas questões da tecnologia da informação e da comunicação ." (DOC-03, grifo nosso)
	"[...] eu acho que um campo que deveria ser mais explorado, seria o próprio campo da Informática, das Tecnologias da Informação . Eu acho que é algo que tem que ser pensado com mais com mais seriedade." (DOC-04, grifo nosso)
	"[...] propor [...] um debate mais amplo sobre Arquivologia e Tecnologias da Informação . Alguma coisa assim, agente não tem. Não tem. Então, por isso que eu digo que agente ainda é acrítico no sentido de achar que vamos construir uma Arquivologia pura, isenta do intercâmbio com outros campos de conhecimento. [...] Eu acho que agente tinha que estar investindo muito mais nisso, mas eu acho que é um campo que agente tem tudo para chegar lá." (DOC-04, grifo nosso)
	"A Arquivologia poderia buscar basicamente em todas: Tecnologia da Informação , os sistemas, sistemas principalmente, sistema de recuperação da informação, política de informação é importante para agente [...] teoria da Ciência da Informação também, aspectos profissionais [...], tudo isso." (DOC-01, grifo nosso)
	"As áreas de interesse e concentração da Arquivologia, ainda hoje, estão direcionadas à História, Gestão de Documentos, Ciência da Informação (Tecnologia de Informação)." (DOC-06, grifo nosso)
	"As questões referentes à Sociedade da Informação vinculam-se à percepção do desenvolvimento das novas tecnologias da informação e da comunicação e como inserir-se nessa nova configuração social." (DOC-06, grifo nosso)
	"Esse dado é relevante pois sugere uma tendência da pesquisa arquivística nesse momento, refletindo uma forte influência das tecnologias da informação na área arquivística." (DOC-06, grifo nosso)
	"Na Arquivologia alguns conteúdos são de importância capital para a formação do profissional competente, antenado com as modificações do meio social em que vive. Assim, conteúdos das áreas de Arquivologia de uma forma geral, Cultura, Memória, História, Educação, Tecnologia da Informação e Administração são a base para a formação do arquivista." (DOC-06, grifo nosso)
	"No caso de sistemas, eu sinto falta da área de Arquivologia. Hoje em dia ela trabalha com toda e qualquer informação. [...] Então você tem um problema, essa idéia de rede, sistemas... essa coisa toda está aí. [...] eu acho [que a] Arquivologia aí certamente seria uma área... Tecnologia de Informação , eu vejo também pela mesma idéia [...] Sistemas de recuperação da informação, a mesma coisa. O que fazemos nós que isso?" (DOC-02, grifo nosso)

"Percebo, que existe por parte dos cursos de Arquivologia do Brasil, uma preocupação em estabelecer uma aliança enriquecedora entre uma sólida formação humanística e uma qualificação para o enfrentamento das emergências tecnológicas, vinculadas à **tecnologias da informação**." (DOC-06, grifo nosso)

Codificação Aberta (Códigos conceituais)	Dados Brutos
Falando sobre a Internet	<p>"[...] não importa, em qualquer lugar, com acesso agora à rede 'os caras' tem acesso a uma série de dados sobre eles. Isso é fantástico. Mas, se eles tiverem que levar isso para uma questão política, ou alguma coisa, você vai encontrar uma certa dificuldade de fazer com que aquele documento sirva [...]" (DOC-02, grifo nosso)</p> <p>"[...] possibilitar produzir conhecimento, ou seja, facilitar a produção de conhecimento, a partir dos acervos arquivísticos. [...] se isso vai ser feito via Internet, se isso vai ser feito, né... A questão fundamental é aquela questão da representação, da recuperação [...] que eu me referia." (Doc03)</p> <p>"Então, eu acho que o acesso à informação, mesmo a transmissão de informação via Internet, isso tudo trás conseqüências positivas, no sentido de que o usuário acaba se transformando também em produtor. Mas por outro lado, que informação é essa que está sendo administrada, jogada, disponibilizada?" (DOC-04, grifo nosso)</p> <p>"Eu já fiz pesquisa nessa área de arquivos especiais: arquivos fotográficos. [...] do perfil do aluno. Essa parte de documento eletrônico também. Minha 'x' foi sobre correio eletrônico, no 'y' foi sobre Internet." (DOC-01, grifo nosso)</p> <p>"Hoje se fala muito em web-semântica. Os próprios criadores da Internet, eles sentem a necessidade de poder recuperar melhor essas informações que estão nesse mundo virtual. Agente não tem mais problema de quantidade de informação, agente tem informação para tudo quanto é lado. Agente tem problema de recuperar essas informações. Tanto que a Internet é um exemplo disso. A web-semântica é uma tentativa do seu próprio autor, de encontrar solução que ele acredita que menos que 60 % do que tem lá não é recuperável, porque não se tem um instrumento adequado de busca, nem de tratamento da informação interessante." (DOC-03, grifo nosso)</p>

Aspectos circunstanciais e conjunturais: Abordando sobre as circunstâncias e conjunturas econômico-político-sociais

Codificação Aberta (Códigos conceituais)	Dados Brutos
Falando sobre as demandas e expectativas da sociedade no mundo moderno e contemporâneo	<p>"[...]os] usos, [...] que eu acho que também há, de uma certa forma, uma ansiedade em relação a isso. [...] entender mais amplamente o porque da Arquivologia. Não está rodando em torno da Arquivologia, mas [...] das] respostas possíveis a serem dadas a esse anseio informacional da sociedade que se coloca como da informação." (DOC-04, grifo nosso)</p> <p>"[...] pelo menos está se tentando ajudar a entender o arquivo dentro desse movimento de constituição do mundo moderno, mundo ocidental. Como é que esse arquivo vai ser instrumento em várias instâncias, em vários estágios dessa construção desse mudo ocidental?" (DOC-04, grifo nosso)</p> <p>"A própria questão do profissional de Arquivologia. Eu sinto que eles estão muito preocupados com esse perfil do profissional em Arquivologia. Quem é? Como ele pode se mostrar melhor para a sociedade? Como é a expectativa um pouco da sociedade em relação aos arquivos, aos profissionais, à própria questão da pesquisa em Arquivologia. Eu acho que é um tema que está suscitando bastante interesse. Eles estão preocupados com isso." (DOC-04, grifo nosso)</p> <p>"Entendo que os cursos de Arquivologia devem direcionar-se para uma ampla formação interdisciplinar que considere, não somente a competência técnico-científica que o mundo do trabalho requer, mas também a competência para o exercício pleno da cidadania. Nesse sentido, o profissional da área de Arquivologia deve ter um perfil investigativo e crítico, visando a enfrentar as alterações sociais de forma natural." (DOC-06, grifo nosso)</p>

Codificação Aberta (Códigos conceituais)	Dados Brutos
Falando sobre o mundo contemporâneo, a pós-modernidade e a sociedade da informação	<p>"[...] pelo menos está se tentando ajudar a entender o arquivo dentro desse movimento de constituição do mundo moderno, mundo ocidental. Como é que esse arquivo vai ser instrumento em várias instâncias, em vários estágios dessa construção desse mundo ocidental? Hora como instrumento de poder, grande parte como instrumento de poder do Estado e das instituições; e as possibilidades que vem hoje com isso que agente esta chamando de Sociedade da Informação, para justamente se desvincular tanto desse centro de poder que possa gerar conhecimento para outros campos que não seja a instituição e o Estado. Outras formas de articulação social, que possam ser também visíveis, pela construção do arquivo." (DOC-04, grifo nosso)</p>
	<p>"[...] pensando [...] sobre o papel do arquivista no mundo contemporâneo, em relação aos conceitos de sociedade da informação e pós-modernidade, eu acho que é um ideal a ser perseguido." (DOC-02, grifo nosso)</p>
	<p>"[...] talvez, essa fosse a responsabilidade maior dentro dessa visão: do arquivista em relação a isso que agente está chamando de Sociedade da Informação. Não ser mais um colaborador para esse embaralhamento de informações. Acho que a própria mudança da visão arquivo como aquilo que racionalmente vai administrar a informação, ou seja, não vai acumular a informação no sentido de colocar informação desnecessária dentro do arquivo, eu acho que já é uma contribuição bastante grande." (DOC-04, grifo nosso)</p>
	<p>"As questões referentes à Sociedade da Informação vinculam-se à percepção do desenvolvimento das novas tecnologias da informação e da comunicação e como inserir-se nessa nova configuração social. A Sociedade da Informação está inevitavelmente relacionada ao desenvolvimento das tecnologias que estão a afetar o mundo de forma incontestável. No entanto, há que perceber que o destino social e o potencial tecnológico não são a mesma coisa. O bem contido na tecnologia e que deve ser evidenciado e que é estabelecido para melhorar a sociedade, precisa de intervenção comprometida do Estado." (DOC-06, grifo nosso)</p>
	<p>"Atualmente, nesta fase de transição, início do século XXI, quando novos paradigmas estão emergindo, a afetarem os modelos educacionais, tendo como pano de fundo as constantes transformações, ensejadas pelas permanentes rupturas oriundas das tecnologias. É importante avaliar a evolução das redes de comunicação e verificar o redimensionamento de possibilidades da educação" (DOC-06, grifo nosso)</p>
	<p>"Ah, me incomoda! Sociedade da Informação. Mas que Sociedade de Informação é essa que nós estamos conversando? Aliás, tem um artigo da Prof. "X" sobre isso, que eu acho que deveria ser obrigatório nos cursos de Arquivologia, de Ciência da Informação, de Biblioteconomia, de Museologia. Porque, de onde vem essa noção de Sociedade da Informação? [...] Desde que o homem se organiza como sociedade, a sociedade sempre foi da informação. Desde o início, desde o início. [...] as maquininhas de comunicação da informação é que trouxeram esse chavão e ele se consolidou. Porque é uma expressão tão bonita, sonora e tal. Mas, que no meu entender, carece de consistência. [...] Sociedade da Informação é realmente complicado." (DOC-05, grifo nosso)</p>
	<p>"É, enfim, [...] pensando [...] sobre o papel do arquivista no mundo contemporâneo, em relação aos conceitos de sociedade da informação e pós-modernidade, eu acho que é um ideal a ser perseguido. [...] eu acho que enquanto conceito, [sociedade da informação] é alguma coisa ideal a ser perseguida. [...] se eu entender que a sociedade da informação é a sociedade que faz uso dela, então eu acho que é uma coisa muito distante. Agora, se eu pensar que a sociedade da informação, é uma sociedade dependente da informação, agente está nela." (DOC-02, grifo nosso)</p>
	<p>"O papel ou missão para os arquivistas é conhecer e utilizar arquivística e socialmente os conceitos da Sociedade da Informação para intensificar a humanização da sociedade." (DOC-06, grifo nosso)</p>
	<p>"Mas eu acho que pensado por essa perspectiva [...], até por essa idéia de Sociedade da Informação, o arquivo, eu acho que não pode simplesmente se transformar num espaço a mais de depósito de informação. Acho que é fundamental pensar a questão do acesso, de acessibilidade. Ou seja, quem hoje busca ou poderia buscar o arquivo como fonte de conhecimento?" (DOC-04, grifo nosso)</p>

Codificação Aberta (Códigos conceituais)	Dados Brutos
Falando sobre o crescimento informacional e documental informacional e documental	<p>"[...] atualmente é muita informação que está sendo gerada em todas as áreas... Então eu acho [...] que o arquivista pode atuar em todas as áreas e tem que atuar em todas as áreas. [...] para não perder toda essa memória [...]" (DOC-01, grifo nosso)</p>
	<p>"A gestão também. Muito por causa da produção documental, que cresceu exponencialmente nestes últimos anos, né... e... também se tem problemas na área de gestão [...]" (DOC-03, grifo nosso)</p>

<p>"Agente não tem mais problema de quantidade de informação, agente tem informação para tudo quanto é lado. Agente tem problema de recuperar essas informações. Tanto que a Internet é um exemplo disso." (DOC-03, grifo nosso)</p> <p>"E aí eu acho que entra um campo interessante sobre o aspecto da informação: de nada adianta nós termos esse mundaréu de documentos, se eles estivesse parados nos depósitos ou nos grandes bancos de dados. Eles não vão vai produzir informação por si só. É preciso que cada um de nós, a partir dos nossos próprios interesses, façamos determinadas perguntas, questionamentos... aí nós vamos obter algumas respostas a partir dos nossos referenciais também." (DOC-02, grifo nosso)</p> <p>"Você tem um volume enorme de informação, mas você não tem necessariamente, com todas as máquinas de busca, com todas essas coisas de indexação, você realmente não consegue recuperar de fato, de forma eficaz o conteúdo das informações que você busca." (DOC-03, grifo nosso)</p>
--

Aspectos tecnológicos: Abordando sobre tecnologia e segurança

Codificação Aberta (Códigos conceituais)	Dados Brutos
Falando sobre o suporte e a fragilidade do suporte	<p>"[...] a não ser, claro, os problemas específicos de tratamento desses novos suportes, desses novos meios de comunicação que realmente é um problema sério [...]" (DOC-05, grifo nosso)</p> <p>"[...] a parte de Arquivos Especiais... [...] documentos eletrônicos! É uma tendência também [...]" (DOC-01, grifo nosso)</p> <p>"[...] essas tecnologias todas que estão à disposição, a leitura que eu tenho, é exatamente de possibilitar esse uso. Agora, tem esse uso imediato, [...] mas tem usos futuros, que eu não sei se com essa fragilidade vai dar." (DOC-02, grifo nosso)</p> <p>"[...] para mim hoje, a discussão que é fundamental, e não presente talvez [...] Eu estou com um olho lá na frente, que é essa fragilidade mesmo do suporte. [...] eu fico assim pensando, [...] como acessar esses documentos, porque hoje o que parece ser a grande dificuldade é ser exatamente essa: como acessar esses documentos daqui a 10, 20, 30 anos. [...] Eu acho que no momento que isso for resolvido, [...] agente ganha um pouco mais de tranquilidade na área." (DOC-02, grifo nosso)</p> <p>"Eu acho que a maior dificuldade tem sido efetivamente essa questão da fragilidade de suporte. Tanto é que todo este investimento que a gente tem em tecnologia é resultado de experiências dolorosas das perdas de documentos digitais, eletrônicos [...]" (DOC-02, grifo nosso)</p> <p>"Eu acho que é grande a discussão, que também não é novidade, mas que para mim é uma discussão fundamental, é a questão da fragilidade desse suporte. Eu lembro [...] da diferença de você acessar um site qualquer com informações ou documentos que sejam digitalizados e você ir lá num arquivo . Meter a mão... tem alguma coisa nisso aí." (DOC-02, grifo nosso)</p> <p>"Eu acho que tem uma discussão [...] que é essa mudança do suporte. Então agente não está discutindo mais o objeto em si, mas onde essa documentação está fixada." (DOC-02, grifo nosso)</p> <p>"Eu já fiz pesquisa nessa área de arquivos especiais: arquivos fotográficos." (DOC-01, grifo nosso)</p> <p>"Não só no sentido de enriquecer, mas mesmo de direcionamento de carreira [...]. São coisas importantes para aquele direcionamento que a pessoa quer dar [...]: documentos digitais, documentos audiovisuais ou então arquivo permanente, ou então arquivo corrente..." (DOC-01, grifo nosso)</p> <p>"O que mudou foi o transporte, a comunicação da informação, os suportes, as técnicas de registro, mas a informação..." (DOC-05, grifo nosso)</p>

Aspectos tecnológicos: Abordando sobre tecnologia e recuperação

Codificação Aberta (Códigos conceituais)	Dados Brutos
Falando sobre a web-semântica	<p>"Hoje se fala muito em web-semântica. Os próprios criadores da Internet, eles sentem a necessidade de poder recuperar melhor essas informações que estão nesse mundo virtual. Agente não tem mais problema de quantidade de informação, agente tem informação para tudo quanto é lado. Agente tem problema de recuperar essas informações. Tanto que a Internet é um exemplo</p>

	disso. A web-semântica é uma tentativa do seu próprio autor, de encontrar solução que ele acredita que menos que 60 % do que tem lá não é recuperável, porque não se tem um instrumento adequado de busca, nem de tratamento da informação interessante. Então quando ele fala em web-semântica , ele já está pensando em lingüística [...] Então eu acho que essa é uma contribuição interessante, que eu acho que deve ser aprofundada, antes mesmo de se pensar os processos tecnológicos que estão disponíveis hoje para recuperar isso." (DOC-03, grifo nosso)
--	---

Codificação Aberta (Códigos conceituais)	Dados Brutos
Falando sobre os Sistemas de Recuperação da Informação	<p>[...] tecnologia da informação, que aí não importa se a informação é arquivística ou biblioteconômica, ou não, é tecnologia da informação. Sistemas de recuperação da informação [...], Política da informação, [...] as políticas arquivísticas fazem parte das políticas de informação [...], na representação da informação, [...] necessidades e uso, [...] a gestão da informação, sem sombra de dúvida. (DOC-05, grifo nosso)</p> <p>"[...] a discussão me parece ser mais da recuperação, dos sistemas da recuperação da informação." (DOC-02, grifo nosso)</p> <p>"[...] eu acho que a Arquivologia aparece poucas vezes [...]. Eu acho que poderia aparecer mais vezes. Dando suporte a mais coisas, principalmente aqui com sistemas, sistemas da informação, sistemas de recuperação da informação. [...] Eu acho que a Arquivologia está ligado a vários desses assuntos aqui, mas talvez na Ciência da Informação ela não servisse de base para algumas coisas, alguns pontos desses. Mas, eu acho que tem relação [...]. Eu acho que é mais dando suporte [...]." (DOC-01, grifo nosso)</p> <p>"[...] eu vejo que a Arquivística pode ajudar a Ciência da Informação nesse item [...], Sistemas de recuperação da informação, que é muito específico para a área de arquivo e que muito pouca gente conhece da área de biblioteconomia e da área de Ciência da Informação. Essa realidade de como recuperar informação em documentos arquivísticos." (DOC-03, grifo nosso)</p> <p>"[...] seria necessário adjetivar a informação, quer dizer, informação como substantivo sendo modificada por um adjetivo, ou seja, informação arquivística. Então nós teríamos: sistema de recuperação da informação arquivística, políticas de informação arquivística, necessidade e uso da informação arquivística, representação da informação arquivística, gestão da informação arquivística [...]" (DOC-05, grifo nosso)</p> <p>"A Arquivologia poderia buscar basicamente em todas: Tecnologia da informação, os sistemas, sistemas principalmente, sistema de recuperação da informação, política de informação é importante para agente [...] teoria da Ciência da Informação também, aspectos profissionais [...], tudo isso." (DOC-01, grifo nosso)</p> <p>"No caso de sistemas, eu sinto falta da área de Arquivologia. Hoje em dia ela trabalha com toda e qualquer informação. [...] Então você tem um problema, essa idéia de rede, sistemas... essa coisa toda está aí. [...] eu acho [que a] Arquivologia aí certamente seria uma área... Tecnologia de Informação, eu vejo também pela mesma idéia [...] Sistemas de recuperação da informação, a mesma coisa. O que fazemos nós que isso?" (DOC-02, grifo nosso)</p> <p>"O professor 'X' trouxe um rapaz que é do Centro Ciência e Tecnologia, para ele falar sobre um sistema de recuperação da informação; mas voltado para Biblioteconomia. Mas alguma coisa agente tentou trazer para a Arquivologia. Mas são experiências ainda assim muito incipientes, que dialogam pouco." (DOC-04, grifo nosso)</p>

Codificação Aberta (Códigos conceituais)	Dados Brutos
Falando sobre os metadados	<p>"[...] na] descrição você vai incluir metadados e você vai conseguir encapsular de alguma forma aquele documento digital, de forma que você consiga preservá-lo e recuperá-lo no futuro em ambientes diferentes, em sistemas diferentes, mesmo com toda a obsolescência dos sistemas e [...] equipamentos." (DOC-03, grifo nosso)</p> <p>"[...] metadados, eu acho também uma outra armadilha. Os metadados sempre existiram." (DOC-05, grifo nosso)</p> <p>"Eu acho que é essa questão da descrição, do arranjo e da descrição é a espinha dorsal [...]. A descrição é que vai recuperar. Quando se fala em metadados [...] nada mais é do que você proceder a descrição. [...] a própria descrição é que vai ser um dos fatores mais importante para a preservação de todos esses documentos digitais." (DOC-03, grifo nosso)</p>

Aspectos tecnológicos :Abordando sobre tecnologia e gestão

Codificação Aberta (Códigos conceituais)	Dados Brutos
Falando sobre as redes de Informação	<p>"[...] tinha bastante gente da área de arquivo[...]. E tinha disciplinas voltadas para arquivo. [...] numa disciplina que chamava redes e sistemas de informação [...] falava da parte de arquivo. [...]" (DOC-01, grifo nosso)</p> <p>"[...] intervenções em arquivos, centros de documentação ou informação, centros culturais, serviços ou redes de informação, órgãos de gestão do patrimônio cultural." (DOC-06, grifo nosso)</p> <p>"No caso de sistemas, eu sinto falta da área de Arquivologia. Hoje em dia ela trabalha com toda e qualquer informação. [...] Então você tem um problema, essa idéia de rede, sistemas... essa coisa toda está aí. [...] eu acho [que a] Arquivologia aí certamente seria uma área... Tecnologia de Informação, eu vejo também pela mesma idéia [...] Sistemas de recuperação da informação, a mesma coisa. O que fazemos nós que isso?" (DOC-02, grifo nosso)</p>

Codificação Aberta (Códigos conceituais)	Dados Brutos
Falando sobre os Sistemas de Informação	<p>"[...] na] descrição você vai incluir metadados e você vai conseguir encapsular de alguma forma aquele documento digital, de forma que você consiga preservá-lo e recuperá-lo no futuro em ambientes diferentes, em sistemas diferentes, mesmo com toda a obsolescência dos sistemas e [...] equipamentos." (DOC-03, grifo nosso)</p> <p>"[...] eu acho que a Arquivologia aparece poucas vezes [...]. Eu acho que poderia aparecer mais vezes. Dando suporte a mais coisas, principalmente aqui com sistemas, sistemas da informação, sistemas de recuperação da informação. [...] Eu acho que a Arquivologia está ligado a vários desses assuntos aqui, mas talvez na Ciência da Informação ela não servisse de base para algumas coisas, alguns pontos desses. Mas, eu acho que tem relação [...]. Eu acho que é mais dando suporte [...]" (DOC-01, grifo nosso)</p> <p>"[...] tinha bastante gente da área de arquivo [...]. E tinha disciplinas voltadas para arquivo. [...] numa disciplina que chamava redes e sistemas de informação [...] falava da parte de arquivo. [...] uma disciplina tinha representação da informação em três áreas: na Biblioteconomia, na Arquivologia e na Museologia [...]" (DOC-01, grifo nosso)</p> <p>"A Arquivologia poderia buscar basicamente em todas: Tecnologia da informação, os sistemas, sistemas principalmente, sistema de recuperação da informação, política de informação é importante para agente [...] teoria da Ciência da Informação também, aspectos profissionais [...], tudo isso." (DOC-01, grifo nosso)</p> <p>"No caso de sistemas, eu sinto falta da área de Arquivologia. Hoje em dia ela trabalha com toda e qualquer informação. [...] Então você tem um problema, essa idéia de rede, sistemas... essa coisa toda está aí. [...] eu acho [que a] Arquivologia aí certamente seria uma área..." (DOC-02, grifo nosso)</p> <p>"Nós não temos um sistema de informação só. [...] Agente tem muito mais que isso, agente tem um objeto que além de suportar a informação, que possibilita todo o pensar um sistema de informação dentro de um contexto de uma empresa, de uma instituição, de uma comunidade e tudo, mas ele precisa ter a prova, ele precisa ser testemunho para uma série de outras questões que estão colocadas neste objeto." (DOC-03, grifo nosso)</p> <p>"Você pode ter um sistema muito sofisticado, utilizando todos os recursos tecnológicos e não ser eficiente. [...] Eu acho que começa por aí. É claro que agente vai utilizar de todos estes recursos. [...] na verdade é fundamental, que a missão dele [do arquivista] continue sendo essa, de possibilitar que se recupere essas informações, que se tenha acesso aos conteúdos dos documentos, de uma forma cada vez mais eficaz." (DOC-03, grifo nosso)</p>

Codificação Aberta (Códigos conceituais)	Dados Brutos
Falando sobre os documentos eletrônicos/digitais	<p>"[...] quando eu estava falando dos documentos informáticos, por exemplo, eu acho que agente custou muito a entrar nesse universo. Agente não acreditou muito que isso ia impactar a Arquivologia e hoje agente tem que correr atrás para entender esse universo primeiro, que é um universo em expansão." (DOC-04, grifo nosso)</p>

<p>[...] é a tendência mesmo, ter bastante coisa [...] relacionada com documentos eletrônicos. Porque hoje em dia tudo é feito em meio digital. Então os documentos já nascem digitais. Então esta preocupação com os documentos eletrônicos eu acho que está em todos os assuntos. Todos os assuntos estão se preocupando com os documentos eletrônicos.” (DOC-01, grifo nosso)</p>
<p>“[...] na] descrição você vai incluir metadados e você vai conseguir encapsular de alguma forma aquele documento digital, de forma que você consiga preservá-lo e recuperá-lo no futuro em ambientes diferentes, em sistemas diferentes, mesmo com toda a obsolescência dos sistemas e [...] equipamentos.” (DOC-03, grifo nosso)</p>
<p>“[...] a grande parte dessas fontes produzem documentos digitais.” (DOC-03, grifo nosso)</p>
<p>“[...] até pela questão com que nós estamos lidando hoje, que são principalmente os documentos informáticos, que vão impactar, que já estão impactando há muito tempo a Arquivologia.” (DOC-04, grifo nosso)</p>
<p>“[...] documentos eletrônicos! É uma tendência também [...]” (DOC-01, grifo nosso)</p>
<p>“[...] mas agente tem que pensar nisso também, que agente está formando pessoas para irem trabalhar e elas vão trabalhar e tem que estar aptas para isso. [...] não tinha nenhuma disciplina que contemplasse essa questão de documentos eletrônicos e hoje em dia tudo é feito no computador.” (DOC-01, grifo nosso)</p>
<p>“[...] todas estas pesquisas, pelo o que eu entendi, estão de certa forma perpassando a temática dos documentos eletrônicos [...], que eu acho que é um pouco aquilo que agente já estava conversando, é algo do qual agente não está podendo mais olhar com os olhos para outro lado. Os documentos eletrônicos são uma realidade, estão [...] presentes no trabalho e no pensamento arquivístico.” (DOC-04, grifo nosso)</p>
<p>“E agora, com todo o avanço, quando você pensa na questão dos documentos digitais, você volta a uma questão, ao ponto lá de trás que é a própria Diplomática.” (DOC-03, grifo nosso)</p>
<p>“Eu acho que a maior dificuldade tem sido efetivamente essa questão da fragilidade de suporte. Tanto é que todo este investimento que a gente tem em tecnologia é resultado de experiências dolorosas das perdas de documentos digitais, eletrônicos [...]” (DOC-02, grifo nosso)</p>
<p>“Eu acho que estes itens relacionados a essa questão do arranjo e da descrição, e da questão da gestão e [...] essas coisas que envolvem os documentos eletrônicos, eles teriam uma ênfase maior. Basta você olhar, se você quiser fazer uma comparação, olhar as disciplinas, ou pelo menos as matérias, os assuntos que foram tratados no último Congresso Internacional.” (DOC-03, grifo nosso)</p>
<p>“Eu seria leviano, se eu não apontasse a questão dos documentos digitais. Mas eu acho que isso aí, é uma grande confusão. É uma grande confusão, tem um impacto enorme, mas justamente por essa carência da área de se auto-estudar, o impacto foi muito maior. [...] Há essa questão do digital, é inegável que isso causou um impacto nos arquivos. Exige muito da Arquivologia, mas às vezes eu tenho uma sensação que isso atropelou os fatos. Porque justamente no momento que a Arquivologia buscava certa autonomia, cai em cima dela essa questão do digital.” (DOC-05, grifo nosso)</p>
<p>“Não dá para agente negar essa mobilidade, que a documentação digital ou que as tecnologias de comunicação e informação disponibilizaram para agente.” (DOC-02, grifo nosso)</p>
<p>“Não só no sentido de enriquecer, mas mesmo de direcionamento de carreira [...]. São coisas importantes para aquele direcionamento que a pessoa quer dar [...]: documentos digitais, documentos audiovisuais ou então arquivo permanente, ou então arquivo corrente...” (DOC-01, grifo nosso)</p>
<p>“Olha eu acho que tem muito haver com esta questão do fenômeno social que agente vive da convergência digital. Ou seja, a convergência digital interfere diretamente na produção dos documentos, na formação dos documentos, na disseminação dos documentos, né... Então eu vejo que isso é uma questão séria. [...] agente tem nessa área dos documentos eletrônicos, a questão da gestão da documentação digital. [...] A área que tem maior interesse hoje, que tem a maior demanda hoje. Eu costumo dizer que agente vive uma crise de identidade por conta de ver que o nosso objeto de estudo está se... eu digo... se volatilizando, [...] ele está virtualizando. É como se agente não tivesse pegado aquele objeto na mão. É como se ele não fosse mais um documento? Está entendendo? Então eu acho que isso muda muita coisa e essas áreas [...] a Ciência da informação, a Ciência da Computação e as disciplinas voltadas para essa área da Informática, que aborda essa questão da convergência digital estão demandando mais interesse.” (DOC-03, grifo nosso)</p>

<p>“Os financiamentos de preservação, em um determinado momento, se retirou o dinheiro [...] daquela preservação convencional, estruturada a longo tempo, e passou a se aplicar dinheiro numa preservação dos documentos digitais com outras referências, sem conhecer muito. Então ficou desguarnecido dos dois lados. Eu mesmo tive experiências dessa aventura digital, que não deram certo e que se perdeu tudo que já se tinha feito da preservação, dita da preservação mais convencional, da preservação mais usual ao longo do tempo. Então, me parece que esse é um elemento que acaba seduzindo, mas uma sedução ainda carente de sustentação teórica, metodológica, conceitual, como os exemplos esses que eu dei.” (DOC-05, grifo nosso)</p> <p>“Quando se fala em metadados [...] nada mais é do que você proceder a descrição. [...] a própria descrição é que vai ser um dos fatores mais importante para a preservação de todos esses documentos digitais.” (DOC-03, grifo nosso)</p>

Aspectos tecnológicos : Abordando sobre tecnologia e armazenamento

Codificação Aberta (Códigos conceituais)	Dados Brutos
Falando sobre os arquivos digitais e virtuais / repositórios	<p>“[...] acho que pensar na questão dos [arquivos] digitais e virtuais, é uma possibilidade...” (DOC-02, grifo nosso)</p> <p>“Bibliotecas digitais, quer dizer para arquivo seria arquivos digitais e virtuais...” (DOC-01, grifo nosso)</p> <p>“[...] eu acho que isso aqui, que eles chamam de bibliotecas digitais e virtuais, agente tem um outro conceito que são de repositórios digitais. [...] Então tem um paralelo muito grande aqui com relação a isso. O que chamam de bibliotecas virtuais que se usava em grandes sistemas como “day space” e outros para dar conta dessa realidade. Quer dizer, você percebe no governo da Espanha, em alguns outros sistemas nacionais, muito empenho em tratar essas questões. Dado que, se a grande parte dessas fontes produzem documentos digitais [...] Um arquivo virtual e digital, desde que preservado, desde que autêntico. Para dar esse caráter de um repositório digital e não simplesmente um banco de dados.[...] Então esse conceito de repositório eu acho que é a tendência futura que eu acho que essa é uma contribuição que agente pode dar nesse sentido.” (DOC-03, grifo nosso)</p>
Codificação Aberta (Códigos conceituais)	Dados Brutos
Falando sobre as Bases de Dados	<p>“A Arquivologia poderia buscar basicamente em todas: Tecnologia da informação, os sistemas, sistemas principalmente, sistema de recuperação da informação, política de informação é importante para agente [...] teoria da Ciência da Informação também, aspectos profissionais [...], tudo isso. Gestão da informação, bases de dados, inteligência competitiva e gestão do conhecimento[...] Todas essas, Bibliotecas digitais, quer dizer para arquivo seria arquivos digitais e virtuais...” (DOC-01, grifo nosso)</p> <p>Por exemplo [...] base de dados. Ela fala que a Ciência da Informação para lidar com essa subárea de base de dados, precisa da Ciência da Computação. Talvez ela não precisasse da Arquivologia para fazer a base de dados, agora se é uma base de dados de informação arquivística vai precisar de Arquivologia nesse ponto. Agora se a base de dados é de outra coisa qualquer, não vai precisar da Arquivologia exatamente.” (DOC-01, grifo nosso)</p>

Aspectos políticos econômicos e sociais: Abordando sobre as questões político-administrativas

Codificação Aberta (Códigos conceituais)	Dados Brutos
Falando sobre o processo de tomada de decisão	<p>“[...] não só a memória, eu acho, mas a parte mesmo de [...] rapidez da informação... de toda essa parte mais do arquivo corrente, de auxiliar no processo de tomada de decisão, de dar suporte, de dar apoio e tudo, e ter as coisas de uma maneira que não se percam mesmo... não se percam para agora e para o futuro também...” (DOC-01, grifo nosso)</p>

Codificação Aberta (Códigos conceituais)	Dados Brutos
Falando sobre a relação com o Estado/Administração Pública	<p>“[...] eu acho que [...] a Arquivologia tem se identificado com todas as áreas, mas sobretudo com esta questão da Administração Pública, mas sobre um aspecto mais amplo mesmo da cidadania, de exercício pleno.” (DOC-02, grifo nosso)</p>

<p>"[...] mas eu ainda olho para a Arquivologia como a grande área de Estado (Estado, Administração Pública). [...] eu diria que a Arquivologia é a ciência do Estado. Não dá para se pensar hoje num único ato que seja, por mais simples que seja, que não seja resultado, que não tenha como resultado ou seja resultado de um documento." (DOC-02, grifo nosso)</p>
<p>"[...] pelo menos está se tentando ajudar a entender o arquivo dentro desse movimento de constituição do mundo moderno, mundo ocidental. Como é que esse arquivo vai ser instrumento em várias instâncias, em vários estágios dessa construção desse mundo ocidental? Hora como instrumento de poder, grande parte como instrumento de poder do Estado e das instituições; e as possibilidades que vem hoje com isso que agente esta chamando de Sociedade da Informação, para justamente se desvincular tanto desse centro de poder que possa gerar conhecimento para outros campos que não seja a instituição e o Estado. Outras formas de articulação social, que possam ser também visíveis, pela construção do arquivo." (DOC-04, grifo nosso)</p>
<p>"O bem contido na tecnologia e que deve ser evidenciado e que é estabelecido para melhorar a sociedade, precisa de intervenção comprometida do Estado." (DOC-06, grifo nosso)</p>
<p>"No momento que você tem um grupo de atores políticos, portanto, mostrando ao Estado [...] ele não pode duvidar daquelas informações [...] documentadas por ele próprio. Se o Estado nega a sua fala, que é o documento, ele se nega. E ele não pode negar. Se ele se nega ele perde toda a sua autoridade. Então ele tem que, me desculpe a expressão, ele tem que abrir as pernas, tem que ceder. [...] O próprio produtor do documento não tem gerência sobre os seus documentos. Ele não tem condições de perceber a questão da informação, a produção da informação. [...] e aí você tem um grupo de pressão (eu chamo de grupo de pressão) que se apropria de cópias desses documentos, produzem sim informação e conhecimento e dão um xeque-mate no Estado. [...] Isto tem sido cada vez mais comum." (DOC-02, grifo nosso)</p>
<p>"Políticas de Informação., eu seria suspeito por demais de ver essa interferência aqui direta da Arquivologia, porque ela vai estar arraigada aí, nessas discussões políticas; seja como um produto, seja como um insumo para essas mesmas políticas (aí seja elas de informação ou não). Como eu te falei enquanto ciência de Estado e o Estado como tendo o monopólio da produção de políticas, né..." (DOC-02, grifo nosso)</p>

Codificação Aberta (Códigos conceituais)	Dados Brutos
Falando sobre o papel burocrático	"Como instrumento de controle... burocracia sobre este aspecto (eu não uso o lado pejorativo), mas não tem outro instrumento. E aí não importa se é papel ou digital, não importa. Isso é fundamental. Esse sistema de controle é fundamental." (DOC-02, grifo nosso)

Codificação Aberta (Códigos conceituais)	Dados Brutos
Falando sobre os arquivos como instrumento de poder	<p>"Como é que esse arquivo vai ser instrumento em várias instâncias, em vários estágios dessa construção desse mundo ocidental? Hora como instrumento de poder, grande parte como instrumento de poder do Estado e das instituições [...]." (DOC-04, grifo nosso)</p> <p>"Como instrumento de controle... burocracia sobre este aspecto (eu não uso o lado pejorativo), mas não tem outro instrumento. E aí não importa se é papel ou digital, não importa. Isso é fundamental. Esse sistema de controle é fundamental." (DOC-02, grifo nosso)</p> <p>"Olhar mais criticamente para o arquivo como [...] instrumento de poder, instrumento de conservação de poder. As possibilidades que esse arquivo pode apresentar para a própria organização popular, né. [...] Como essas informações arquivísticas produzem conhecimento realmente popular, realmente conhecimento socializado." (DOC-04, grifo nosso)</p>

Codificação Aberta (Códigos conceituais)	Dados Brutos
Falando sobre as políticas públicas	"[...] na preservação eu trabalho com as políticas públicas ." (DOC-05, grifo nosso)

Aspectos políticos econômicos e sociais: Abordando sobre as questões político-sociais

Codificação Aberta (Códigos conceituais)	Dados Brutos
Falando sobre o papel político	<p>"[...] aí eu termino [...], também fazendo uma discussão política sobre os documentos. Sobre essa interferência da documentação no cotidiano." (DOC-02, grifo nosso)</p> <p>"[...] como eu disse para você o que me trouxe para a Arquivologia foi uma discussão política." (DOC-02, grifo nosso)</p> <p>"[...] como pensar que aquele documento administrativo fosse ser utilizado para dar garantia de posse a alguém, para demonstrar o grau de arbitrariedade do governo? [...]" (DOC-02, grifo nosso)</p> <p>"[...] então paralelamente a isso eu vou estar organizando arquivos, como atividade política. Mostrando para as pessoas qual é o peso que isso tem. Então, eu vou levando a minha experiência prática e também é uma discussão teórica sobre a importância que tem esses documentos no cotidiano deles. [...] Enfim, é isso aí, essa trajetória aí... sempre essa questão mesmo, do uso político do documento." (DOC-02, grifo nosso)</p> <p>"[...] não importa, em qualquer lugar, com acesso agora à rede 'os caras' tem acesso a uma série de dados sobre eles. Isso é fantástico. Mas, se eles tiverem que levar isso para uma questão política, ou alguma coisa, você vai encontrar uma certa dificuldade de fazer com que aquele documento sirva [...]" (DOC-02, grifo nosso)</p> <p>"[...] nós tínhamos ali um volume relativamente grande de documentos, de cópias de documentos desses atos administrativos, do Executivo Nacional. Bom, e aí eu me familiarizo muito rapidamente com esse movimento, [...] uma identidade forte com a questão política [...]" (DOC-02, grifo nosso)</p> <p>"[...] porque eu poderia discutir muitas das coisas que eu queria discutir sobre o aspecto do uso político da documentação, [...] mas também poderia discutir também a partir de uma memória institucional [...]" (DOC-02, grifo nosso)</p> <p>"[...] toda a minha trajetória vai estar sendo exatamente orientada por aquele contato que eu tive primeiro com o documento: Como usar política e social o documento." (DOC-02, grifo nosso)</p> <p>"[...] um trabalho de política num sentido não só partidária, mas política mesmo. Focada na questão da documentação com sociedades, com grupos da sociedade civil: Associação de moradores, partido político, os movimentos sociais mais diversos, sindicatos... Vou estar percorrendo esses espaços [...]" (DOC-02, grifo nosso)</p> <p>"Assim, não seria ousado conceber uma educação arquivística que venha gerar um profissional não apenas qualificado tecnologicamente, mas culturalmente antenado, a partir de uma formação de base mais política e sócio-histórica." (DOC-06, grifo nosso)</p> <p>"Deste perfil geral decorrem os objetivos que orientam a formação do profissional da Arquivologia, levando-o a: - Compreender a cidadania como participação social e política, assim como exercício de direitos e deveres de solidariedade, cooperação e repúdio às injustiças, respeitando e atuando com a diversidade humana; [...]" (DOC-06, grifo nosso)</p> <p>"Enfim, eu comecei a ver um papel muito mais político, muito mais promissor para a área." (DOC-02, grifo nosso)</p> <p>"Eu acho fundamental ensinar isso. Não consigo ver de outra maneira; pensando muito nesta questão dos desdobramentos mesmo, dos desdobramentos sociais, dos atos. Então investir um pouco mais nessa discussão política, eu acho que é uma coisa fundamental." (DOC-02, grifo nosso)</p> <p>"No momento que você tem um grupo de atores políticos, portanto, mostrando ao Estado [...] ele não pode duvidar daquelas informações [...] documentadas por ele próprio. Se o Estado nega a sua fala, que é o documento, ele se nega. E ele não pode negar. Se ele se nega ele perde toda a sua autoridade. Então ele tem que, me desculpe a expressão, ele tem que abrir as pernas, tem que ceder." (DOC-02, grifo nosso)</p> <p>"Políticas de Informação., eu seria suspeito por demais de ver essa interferência aqui direta da Arquivologia, porque ela vai estar arraigada aí, nessas discussões políticas; seja como um produto, seja como um insumo para essas mesmas políticas (aí seja elas de informação ou não). Como eu te falei enquanto ciência de Estado e o Estado como tendo o monopólio da produção de políticas, né..." (DOC-02, grifo nosso)</p>

"Possibilidade de produzir, sistematizar e socializar conhecimentos e tecnologias e esteja apto a compreender as necessidades dos grupos sociais e comunidades com relação a problemas sócio-econômicos, culturais, **políticos** e organizativos, de forma a utilizar racionalmente os recursos disponíveis, além de preocupar-se em conservar o equilíbrio do ambiente [...]" (DOC-06, grifo nosso)

Codificação Aberta (Códigos conceituais)	Dados Brutos
Falando sobre o papel social	<p>"[...] eu vejo que tem outras contribuições da área social, antropológica." (DOC-03, grifo nosso)</p> <p>"[...] eu digo isso pensando no benefício social desse documento. A quantidade de pessoas, as mais diversas [...], beneficiadas por um conjunto de 10 caixas de documentos. Se é que chegam a isso. Capaz de salvar uma comunidade de 20 mil indivíduos. Garantido a elas... todo um poder." (DOC-02, grifo nosso)</p> <p>"[...] há que perceber que o destino social e o potencial tecnológico não são a mesma coisa. O bem contido na tecnologia e que deve ser evidenciado e que é estabelecido para melhorar a sociedade, precisa de intervenção comprometida do Estado." (DOC-06, grifo nosso)</p> <p>"[...] não tem como agente trabalhar, pensar o campo do conhecimento arquivístico, sem primeiro [...] entender como é que funciona essa organização, com a qual agente está lidando, a qual agente está organizado. [...] não tem como eu não olhar para essa instituição de uma forma sociológica, de forma antropológica, de uma forma histórica, como é que ela vem se constituindo nessa sociedade, qual o papel que ela desempenha, o papel social nessa sociedade e tal. [...]Então olhar sociologicamente para essa instituição na qual agente está trabalhando, olhar sociologicamente para a própria informação que agente está lidando. Eu acho que isso é fundamental." (DOC-04, grifo nosso)</p> <p>"[...] pelo menos está se tentando ajudar a entender o arquivo dentro desse movimento de constituição do mundo moderno, mundo ocidental. Como é que esse arquivo vai ser instrumento em várias instâncias, em vários estágios dessa construção desse mundo ocidental? Hora como instrumento de poder, grande parte como instrumento de poder do Estado e das instituições; e as possibilidades que vem hoje com isso que agente esta chamando de Sociedade da Informação, para justamente se desvincular tanto desse centro de poder que possa gerar conhecimento para outros campos que não seja a instituição e o Estado. Outras formas de articulação social, que possam ser também visíveis, pela construção do arquivo." (DOC-04, grifo nosso)</p> <p>"[...] talvez o fundamental, dentro da minha visão, justamente é, mais do que administrar informação, é fazer com que essa informação chegue a se tornar conhecimento, a produzir alguma coisa, a produzir uma ação social, produzir uma nova consciência sobre a sociedade em que nós vivemos." (DOC-04, grifo nosso)</p> <p>"[...] toda a minha trajetória vai estar sendo exatamente orientada por aquele contato que eu tive primeiro com o documento: Como usar política e social o documento" (DOC-02, grifo nosso)</p> <p>"[...] um lance lá que me interessou, muito na Ciência da Informação, era (não sei se existe mais), [...] era sobre informação de comunidade. Não sei se existe mais essa disciplina lá. Mas é o seguinte, eu vejo que a Arquivologia hoje, pode dar uma contribuição muito grande, a pensar as relações sociais a partir dos documentos." (DOC-03, grifo nosso)</p> <p>"[...] um trabalho de política num sentido não só partidária, mas política mesmo. Focada na questão da documentação com sociedades, com grupos da sociedade civil: Associação de moradores, partido político, os movimentos sociais mais diversos, sindicatos... Vou estar percorrendo esses espaços [...]" (DOC-02, grifo nosso)</p> <p>"[...] uma desatenção pode acarretar a perda de um documento e que a perda desse documento, portanto, tem consequências sociais mais diversas. Pode não ser naquele momento, mas em algum momento isso vai ter." (DOC-02, grifo nosso)</p> <p>"Algumas Universidades apontam para o papel social do arquivista, inserido na sociedade, criticando e alterando o meio em que vivem. Esta preocupação, em minha opinião, tem maior relevância pois orienta para os rumos epistemológicos da área arquivística." (DOC-06, grifo nosso)</p> <p>"Assim, não seria ousado conceber uma educação arquivística que venha gerar um profissional não apenas qualificado tecnologicamente, mas culturalmente antenado, a partir de uma formação de base mais política e sócio-histórica." (DOC-06, grifo nosso)</p> <p>"Ele [o arquivista] reflete sobre aquilo que ele está fazendo. Ele não está só fazendo. Ele não está só organizando, mas ele reflete sobre a organização que ele está dando para aquelas informações. Ele reflete sobre isso. Ele reflete sobre seu posicionamento como profissional diante dessa sociedade e o papel que essas informações que ele está organizando tem em relação à uma produção. Não uma produção capitalista, mas produção de conhecimento dessa sociedade." (DOC-04, grifo nosso)</p>

<p>"Então eu acho que a Arquivística pode contribuir para pensar essas relações sociais que se estabelece a partir de quem produz e recebe documentos; que é uma rede social. [...] Então eu acho que é necessário agente pensar sociologicamente essa produção. E eu acho que isso pode ser uma contribuição interessante para descobrir uma série de outras coisas e inclusive para ajudar a recuperar a memória dessas instituições, sobre pessoas, sobre essas né..." (DOC-03, grifo nosso)</p>
<p>"Então, eu acho que é um pouco dentro do eu tento estar trabalhando nas disciplinas e o que o próprio currículo está proporcionado, que eu posso estar proporcionado: é talvez uma visão mais crítica do papel social da Arquivologia e do arquivista." (DOC-04, grifo nosso)</p>
<p>"Eu acho fundamental ensinar isso. Não consigo ver de outra maneira; pensando muito nesta questão dos desdobramentos mesmo, dos desdobramentos sociais, dos atos. Então investir um pouco mais nessa discussão política, eu acho que é uma coisa fundamental." (DOC-02, grifo nosso)</p>
<p>"Deste perfil geral decorrem os objetivos que orientam a formação do profissional da Arquivologia, levando-o a: - Compreender a cidadania como participação social e política, assim como exercício de direitos e deveres de solidariedade, cooperação e repúdio às injustiças, respeitando e atuando com a diversidade humana; [...]" (DOC-06, grifo nosso)</p>
<p>"O principal papel seja esse, se apropriar, efetivamente [...] do espaço social que lhe é devido enquanto responsabilidade [...]. Porque no momento que você toma consciência do que você faz e do porque você faz, você trás para ti uma série de responsabilidades que você preferiria não ter mesmo. Você começa a ser responsável por quem mora de baixo da ponte, por quem passa fome, você passa a ter uma responsabilidade [...]" (DOC-02, grifo nosso)</p>
<p>"O papel ou missão para os arquivistas é conhecer e utilizar arquivística e socialmente os conceitos da Sociedade da Informação para intensificar a humanização da sociedade." (DOC-06, grifo nosso)</p>
<p>"Possibilidade de produzir, sistematizar e socializar conhecimentos e tecnologias e esteja apto a compreender as necessidades dos grupos sociais e comunidades com relação a problemas sócio-econômicos, culturais, políticos e organizativos, de forma a utilizar racionalmente os recursos disponíveis, além de preocupar-se em conservar o equilíbrio do ambiente [...]" (DOC-06, grifo nosso)</p>
<p>"Tem principalmente essa idéia do papel da informação, da informação arquivística na sociedade. Olhar mais criticamente para o arquivo como [...] instrumento de poder, instrumento de conservação de poder. As possibilidades que esse arquivo pode apresentar para a própria organização popular, né. [...] Como essas informações arquivísticas produzem conhecimento realmente popular, realmente conhecimento socializado. Acho que isso também é uma contribuição, o campo das Ciências Sociais. Eu acho que isso também tem que ser olhado [...]" (DOC-04, grifo nosso)</p>

Codificação Aberta (Códigos conceituais)	Dados Brutos
Falando sobre a inclusão social e o exercício da cidadania	<p>"[...] aí eu termino [...], também fazendo uma discussão política sobre os documentos. Sobre essa interferência da documentação no cotidiano." (DOC-02, grifo nosso)</p>
	<p>"[...] como é que esses movimentos populares organizam as suas informações, até de forma independente ou sem ter a necessidade de que o arquivo diga para eles como eles vão fazer isso? [...] até onde ele [o arquivo] consegue chegar na organização dessas comunidades? Até onde essas comunidades se organizam independente da presença dessa força do arquivo?" (DOC-04, grifo nosso)</p>
	<p>"[...] disponibilizando documentos e informações que vão salvar milhares de pessoas. Tenho certeza, tenho consciência disso." (DOC-02, grifo nosso)</p>
	<p>"[...] e um senhor chegou na Associação, desesperado, com uma folha de papel na mão, dizendo assim: 'não foram eles coisa alguma. Fomos nós! Estão aqui, os nossos documentos, que nós assinamos aqui, com todo mundo. Quando nós demos entrada lá' [...]" (DOC-02)</p>
	<p>"[...] então paralelamente a isso eu vou estar organizando arquivos, como atividade política. Mostrando para as pessoas qual é o peso que isso tem. Então, eu vou levando a minha experiência prática e também é uma discussão teórica sobre a importância que tem esses documentos no cotidiano deles." (DOC-02, grifo nosso)</p>
	<p>"[...] eu acho que [...] a Arquivologia tem se identificado com todas as áreas, mas sobretudo com esta questão da Administração Pública, mas sobre um aspecto mais amplo mesmo da cidadania, de exercício pleno." (DOC-02, grifo nosso)</p>

<p>"[...] gestão da informação sim, porque a nossa informação também tem especificidades, né. [...] mas certamente essa questão da cidadania, do acesso à informação é uma questão importante no que diz respeito à essa questão de política da informação." (DOC-03, grifo nosso)</p>
<p>"[...] o que agente vê às vezes, agente questiona em sala de aula, é que talvez o arquivo não interfira diretamente, pelo menos de uma forma consciente, na vida do cidadão. Embora agente saiba que sim. [...] mas isso, talvez só seja acionado quando o cidadão está muito precisado, vamos dizer assim, daquela informação que lhe diz respeito. Fora isso, o arquivo não existe para ele, para determinado tipo de público." (DOC-04, grifo nosso)</p>
<p>"[...] vendo como é que o arquivo se articula nas comunidades, ou seja, como o arquivo [...] coloca algumas temática. Como ele joga algumas temáticas para essa comunidade e como é que a própria comunidade organiza seu processo informacional?" (DOC-04, grifo nosso)</p>
<p>"Deste perfil geral decorrem os objetivos que orientam a formação do profissional da Arquivologia, levando-o a: - Compreender a cidadania como participação social e política, assim como exercício de direitos e deveres de solidariedade, cooperação e repúdio às injustiças, respeitando e atuando com a diversidade humana; [...]" (DOC-06, grifo nosso)</p>
<p>"Em relação aos documentos públicos, se forem de valor permanente e estiverem sob a custódia de instituições arquivísticas, o ato de garantir o acesso é uma questão de cidadania garantida pela Constituição Federal." (DOC-06, grifo nosso)</p>
<p>"Entendo que os cursos de Arquivologia devem direcionar-se para uma ampla formação interdisciplinar que considere, não somente a competência técnico-científica que o mundo do trabalho requer, mas também a competência para o exercício pleno da cidadania. Nesse sentido, o profissional da área de Arquivologia deve ter um perfil investigativo e crítico, visando a enfrentar as alterações sociais de forma natural." (DOC-06, grifo nosso)</p>
<p>"E vou estar trabalhando mais uma vez com essa questão da democratização de acesso à informação e cidadania." (DOC-02, grifo nosso)</p>
<p>"Então aquele cidadão, aquela pessoa que está lá sendo beneficiada por essa, por esse pedaço de papel [...] ela está avaliando o peso que aquilo tem, que aquilo trás para ela." (DOC-02, grifo nosso)</p>
<p>"Então, agente estava trabalhando assim: Como o arquivo joga algumas informações a partir do seu próprio acervo? Como é que ele pinça desse acervo algumas informações e joga num boletim informativo, mensal e como por outro lado essas comunidades se articulam? Quer dizer, essa comunidade se articula num processo de reconstrução da sua história, a partir do recolhimento de documentos..." (DOC-04, grifo nosso)</p>
<p>"Possibilidade de produzir, sistematizar e socializar conhecimentos e tecnologias e esteja apto a compreender as necessidades dos grupos sociais e comunidades com relação a problemas sócio-econômicos, culturais, políticos e organizativos, de forma a utilizar racionalmente os recursos disponíveis, além de preocupar-se em conservar o equilíbrio do ambiente [...]" (DOC-06, grifo nosso)</p>
<p>"Tem principalmente essa idéia do papel da informação, da informação arquivística na sociedade. [...] As possibilidades que esse arquivo pode apresentar para a própria organização popular, né. [...] Como essas informações arquivísticas produzem conhecimento realmente popular, realmente conhecimento socializado." (DOC-04, grifo nosso)</p>

Codificação Aberta (Códigos conceituais)	Dados Brutos
Falando sobre as redes sociais	"Então eu acho que a Arquivística pode contribuir para pensar essas relações sociais que se estabelece a partir de quem produz e recebe documentos; que é uma rede social . [...] Então eu acho que é necessário agente pensar sociologicamente essa produção. E eu acho que isso pode ser uma contribuição interessante para descobrir uma série de outras coisas e inclusive para ajudar a recuperar a memória dessas instituições, sobre pessoas, sobre essas né..." (DOC-03, grifo nosso)

Aspectos políticos econômicos e sociais: Abordando sobre as questões econômicas

Codificação Aberta (Códigos conceituais)	Dados Brutos
Falando sobre economia da informação	" Economia da Informação ... economia aqui eu teria a mesma leitura um pouco de política de informação... [...] eu vejo a Arquivologia como uma área de diálogo possível." (DOC-02, grifo nosso)

Codificação Aberta	Dados Brutos
Falando sobre o papel na econômica	"Possibilidade de produzir, sistematizar e socializar conhecimentos e tecnologias e esteja apto a compreender as necessidades dos grupos sociais e comunidades com relação a problemas sócio- econômicos , culturais, políticos e organizativos, de forma a utilizar racionalmente os recursos disponíveis, além de preocupar-se em conservar o equilíbrio do ambiente [...]" (DOC-06, grifo nosso)

Aspectos culturais: Abordando sobre patrimônio

Codificação Aberta (Códigos conceituais)	Dados Brutos
Falando sobre memória e política de memória	"[...] as pessoas efetivamente estão discutindo documento, como suporte de memória ." (DOC-02, grifo nosso)
	"[...] atualmente é muita informação que está sendo gerada em todas as áreas... Então eu acho [...] que o arquivista pode atuar em todas as áreas e tem que atuar em todas as áreas. [...] para não perder toda essa memória ... não só a memória , eu acho, mas a parte mesmo de [...] rapidez da informação... de toda essa parte mais do arquivo corrente, de auxiliar no processo de tomada de decisão, de dar suporte, de dar apoio e tudo, e ter as coisas de uma maneira que não se percam mesmo... não se percam para agora e para o futuro também..." (DOC-01, grifo nosso)
	"[...] intervenções em arquivos, centros de documentação ou informação, centros culturais, serviços ou redes de informação, órgãos de gestão do patrimônio cultural ." (DOC-06, grifo nosso)
	"[...] e aí parte dessa percepção eu tento discutir hoje [...], que é como pensar o documento como um instrumento fundamental para as memórias ." (DOC-02, grifo nosso)
	"[...] então o que eu fiz foi tentar segurar a temática da memória e aí o arquivo junto como esse instrumento de preservação da memória ." (DOC-04, grifo nosso)
	"[...] porque eu poderia discutir muitas das coisas que eu queria discutir sobre o aspecto do uso político da documentação, [...] mas também poderia discutir também a partir de uma memória institucional [...]" (DOC-02, grifo nosso)
	"[...] um número maior de pesquisas está aí na questão das fundamentações, normas e valores da profissão, políticas de memória , ética [...], essa ampliação da visão sobre a Arquivologia, o seu papel, a função do arquivo, do arquivista na sociedade, acho que aqui [...] se apresenta de uma forma bastante clara; esse interesse voltado não [...] simplesmente para as questões vamos dizer assim, internas da Arquivologia, a Arquivologia pela Arquivologia e talvez se alimentar desses anseios e perspectivas que a sociedade vai colocar para ela." (DOC-04, grifo nosso)
	"[...] um outro elemento que é encarado como primordial, que para mim é secundário, existe mas é secundário para mim, na Arquivologia, que é a questão da memória . [...] eu já penso diferente. A memória para mim é uma consequência. O arquivo é basicamente gestão. Gestão da informação. A memória é consequência dessa gestão. É que nós ainda, no meu entender, estamos vinculados às origens dessa Arquivologia como conhecimento formal, que vem lá dos arquivos custodiados, da custódia, da memória ." (DOC-05, grifo nosso)
	"[...] um dos espaços de memória onde eu trabalho vai ser o arquivo. É muito importante como espaço de memória [...]" (DOC-04, grifo nosso)
	"Acredito que Memória , História, Cultura, Informação e Educação constituem a base para continuar repensando a Arquivologia." (DOC-06, grifo nosso)

<p>"É muita coisa para você pensar, né... uma pesquisa da história administrativa da instituição, pensar o contexto onde acontece a produção daquele documento, [...] é muito complexo para você só estar guardando papel. [...] Então você, para ter uma organização, um bom arranjo, uma boa descrição e de alguma forma resgatar a memória da instituição, da sociedade, você precisa de estar muito mais trabalhando este aspecto que estar somente sendo um técnico em arquivo." (DOC-03, grifo nosso)</p>
<p>"Então eu acho que a Arquivística pode contribuir para pensar essas relações sociais que se estabelece a partir de quem produz e recebe documentos; que é uma rede social. [...] Então eu acho que é necessário agente pensar sociologicamente essa produção. E eu acho que isso pode ser uma contribuição interessante para descobrir uma série de outras coisas e inclusive para ajudar a recuperar a memória dessas instituições, sobre pessoas, sobre essas..." (DOC-03, grifo nosso)</p>
<p>"Já atuei em Gestão de Documentos, Arquivos Permanentes, Avaliação, Memória e Educação." (DOC-06, grifo nosso)</p>
<p>"Na Arquivologia alguns conteúdos são de importância capital para a formação do profissional competente, antenado com as modificações do meio social em que vive. Assim, conteúdos das áreas de Arquivologia de uma forma geral, Cultura, Memória, História, Educação, Tecnologia da Informação e Administração são a base para a formação do arquivista." (DOC-06, grifo nosso)</p>
<p>"Penso também que outras áreas do conhecimento estão sendo descortinadas, como a Educação e a Memória, no entanto, a área de concentração de maior interesse dos estudantes dos cursos de Arquivologia ainda vincula-se às Tecnologias da Informação." (DOC-06, grifo nosso)</p>
<p>"Então, agente estava trabalhando assim: Como o arquivo joga algumas informações a partir do seu próprio acervo? Como é que ele pinça desse acervo algumas informações e joga num boletim informativo, mensal e como por outro lado essas comunidades se articulam? Quer dizer, essa comunidade se articula num processo de reconstrução da sua história, a partir do recolhimento de documentos..." (DOC-04, grifo nosso)</p>

Aspectos culturais: Abordando sobre as questões culturais

Codificação Aberta (Códigos conceituais)	Dados Brutos
Falando sobre o papel cultural	<p>"[...] a proposta deles era que agente fizesse uma espécie de senso, um pouco mais qualitativo talvez, de um mapeamento sobre acervos arquivísticos de instituições ou pessoas que pudessem ser fontes para os estudos culturais." (DOC-02, grifo nosso)</p>
	<p>"[...] a Arquivologia deve propiciar uma sólida formação técnico-científica, cultural e humanística [...]" (DOC-06, grifo nosso)</p>
	<p>"[...] eu sempre fiz um paralelo entre o documento com esse produto da cultura material. E falo assim: mas porque que agente não valoriza esses documentos da mesma maneira? Então eu sempre procurei atribuir esse olhar para o documento administrativo, como um produto material. [...] Um artefato cultural. E isso eu acho que está sendo neste momento, levado mais a sério." (DOC-02, grifo nosso)</p>
	<p>"[...] intervenções em arquivos, centros de documentação ou informação, centros culturais, serviços ou redes de informação, órgãos de gestão do patrimônio cultural." (DOC-06, grifo nosso)</p>
	<p>"Acredito que Memória, História, Cultura, Informação e Educação constituem a base para continuar repensando a Arquivologia." (DOC-06, grifo nosso)</p>
	<p>"Antropologia cultural, eu fico assim... você não tem idéia do quanto isso me deixa feliz, porque é um espaço privilegiado de discutir alguma coisa que pouquíssimas vezes agente tem o hábito de discutir; que é como a minha visão de mundo pode interferir na visão de mundo que outro terá." (DOC-02, grifo nosso)</p>
	<p>"Assim, não seria ousado conceber uma educação arquivística que venha gerar um profissional não apenas qualificado tecnologicamente, mas culturalmente antenado, a partir de uma formação de base mais política e sócio-histórica." (DOC-06, grifo nosso)</p>
	<p>"Deixamos de buscar uma hiperespecialização de cunho mais tecnicista e passamos, principalmente em alguns cursos, a buscar o aporte cultural e aspectos mais humanísticos." (DOC-06, grifo nosso)</p>
	<p>"Na Arquivologia alguns conteúdos são de importância capital para a formação do profissional competente, antenado com as modificações do meio social em que vive. Assim, conteúdos das áreas de Arquivologia de uma forma geral, Cultura, Memória, História, Educação, Tecnologia da Informação e Administração são a base para a formação do arquivista." (DOC-06, grifo nosso)</p>

“Possibilidade de produzir, sistematizar e socializar conhecimentos e tecnologias e esteja apto a compreender as necessidades dos grupos sociais e comunidades com relação a problemas sócio-econômicos, **culturais**, políticos e organizativos, de forma a utilizar racionalmente os recursos disponíveis, além de preocupar-se em conservar o equilíbrio do ambiente [...]” (DOC-06, grifo nosso)

ANEXO A – GRADE CURRICULAR DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO (UNIRIO)

QUADRO DAS DISCIPLINAS PROPOSTAS PELA REFORMA CURRICULAR - ARQUIVOLOGIA (QUADRO II) E EMENTÁRIO COMPLETO DO CURSO (QUADRO V)											
Período recomen	Disciplina		Ementa	Carga Horária			Crédito			Tipo	Pré-requisitos
	Código	Nome		T	P	T	T	P	T		
1º	HEA0028	Introdução à Arquivologia	Origem e conceito. Estudo e evolução da Arquivologia. Ciclo Vital dos documentos. Princípios da Arquivística. A atuação profissional do arquivista em instituições públicas e privadas. A informação, a documentação e o conhecimento. A interdisciplinaridade em Arquivologia.	60	0	60	4	0	4	OBR	
1º	HEA	Construção do Pensamento Arquivístico	Bases filosóficas para o pensamento arquivístico. A evolução do pensamento arquivístico na cultura ocidental. Reflexões filosóficas no mundo moderno e contemporâneo. Filosofia das políticas arquivísticas.	60	0	60	4	0	4	OBR	
1º	criar	Metodologia da Pesquisa Científica	O saber científico e o saber do senso comum. A pesquisa científica: a questão, a hipótese, a argumentação. Tipos de pesquisa: quanto à sua natureza e quanto ao tipo de dados. Instrumentos utilizados. Tipos de análise. A elaboração e a apresentação de um trabalho científico.	60	0	60	4	0	4	OBR	
1º	HFC0066	Introdução à Sociologia	A natureza da sociedade. O surgimento da sociologia. O pensamento sociológico clássico. Conceitos sociológicos fundamentais de Comte, Marx, Weber e Durkheim. Abordagens contemporâneas de sociedade e cultura.	60	0	60	4	0	4	OPT	
1º	HHI0053	Cultura Histórica e Documento	A história científica oitocentista e as estratégias de memória social; as coleções documentais como espaços emblemáticos; a questão da cultura histórica e documento no Brasil dos séculos XIX e XX.	60	0	60	4	0	4	OPT	
1º	HTD0061	Expressão Oral e Escrita	Noções gerais de gênero discursivo. Esquema da comunicação. Língua oral e língua escrita. Normas gramaticais. Exposição oral.	30	30	60	2	1	3	OPT	
2º	HEA0055	Metodologia da Pesquisa Arquivística	Abordagem científica da realidade e do conhecimento humano. O método científico. Metodologias de estudo, elaboração e apresentação de trabalhos científicos.	60	0	60	4	0	4	OBR	
2º	HEA0029	Gestão da Informação Arquivística	Arquivo Corrente: conceito, função, rotinas, serviço de protocolo, tramitação, gerenciamento de processos. Arquivo Intermediário: conceito, função, administração da eliminação e do recolhimento. Arquivo Permanente: conceito, função, recolhimento, custódia, acesso. A sociedade, a pesquisa e os Arquivos Permanentes.	60	0	60	4	0	4	OBR	HEA0028
2º	HEA0030	Ética Profissional Arquivística	Profissão com responsabilidade social. Ética e profissão. A profissão de bacharel em Arquivologia. Direitos e deveres do profissional. Associações, órgãos de classe e seus objetivos.	30	0	30	2	0	2	OPT	
2º	HTD0046	Introdução à Ciência da Informação	Pressupostos teóricos e históricos da ciência da informação. Teoria geral dos sistemas. Teoria da comunicação. Outras teorias. Informação: conceitos e contextos. Fundamentos teóricos sobre aspectos que interferem na produção, comunicação e absorção da ciência, tecnologia, cultura e arte, no seu conceito mais amplo em áreas específicas de atuação (centros de informação e cultura). A sociedade de informação e o processo de automação em museus, bibliotecas e arquivos: impactos e novas estruturas.	60	0	60	4	0	4	OPT	
2º	HHI0039	Memória, Cultura e Sociedade	Universo simbólico e representações sociais. Memória coletiva e memória social. Relações entre memória e história.	30	0	30	2	0	2	OPT	
2º	HEB0038	Teoria da Classificação	A classificação como um processo intelectual. A organização do conhecimento no quadro da recuperação da informação. As linguagens da indexação e a recuperação da informação. A classificação de uma área de assunto.	60	0	60	4	0	4	OPT	
2º	HTD0052	Teoria e Prática discursiva na esfera acadêmica	Disciplina fundamental visando a apresentação e o treinamento em técnicas de leitura e interpretação de textos, elaboração de fichamentos, resumos e resenhas.	30	30	60	2	1	3	OPT	
2º	HFC0067	Antropologia Cultural	A Antropologia Cultural no quadro das Ciências Humanas. Diferenças entre Antropologia Física ou Biológica e Antropologia Cultural / Etnologia. Raça versus Cultura. A noção de diversidade cultural. O método de etnografia. Identidade, subjetividade e alteridade. Teorias e pesquisa antropológicas contemporâneas.	60	0	60	4	0	4	OPT	
2º	HFC0023	Lógica	História da Lógica. Lógica clássica e lógicas não clássicas. O conceito, o termo, a proposição, o juízo. Princípios lógicos. Principais conceitos da lógica proposicional de 1º ordem, da teoria elementar dos conjuntos e da Álgebra de Boole.	60	0	60	4	0	4	OPT	
3º	HEA0031	Classificação de Documentos Arquivísticos	Noções de lógica. Teoria da Classificação. A classificação como processo intelectual. Estrutura de sistemas de classificação arquivística. Métodos de classificação.	30	30	60	2	1	3	OBR	HEA0029
3º	HEA0032	Avaliação de Documentos Arquivísticos	Aspectos políticos e ideológicos da avaliação. Avaliação, temporalidade e destinação. Os valores arquivísticos dos documentos. Registro esquemático da avaliação: Tabela de Temporalidade.	60	0	60	4	0	4	OBR	HEA0029
3º	HFC0001	Administração I	Apresentação dos movimentos e teorias da Administração. Análise e comparação dos conceitos. Elaboração de novos conceitos sob o enfoque moderno da Administração. Aplicação dos conhecimentos nas tarefas administrativas	60	0	60	4	0	4	OPT	
3º	HEA0033	Redes e Sistemas de Informação para Arquivística	Teoria Geral dos Sistemas. Conceito de redes e sistemas de arquivos. SINAR - Origem, estrutura e desenvolvimento.	30	0	30	2	0	2	OPT	HEA0029
3º	HEA0034	Seminário de Arquivística I	Disciplina onde o estudante através de atividade orientada é iniciado no trabalho da pesquisa na área em questão.	30	0	30	2	0	2	OPT	
3º	HEA0035	Tópicos Especiais	Disciplina com ementas abertas, visando o aprofundamento de tema selecionado pelo professor ministrante.	30	0	30	2	0	2	OPT	
3º	HTD0054	Informação, Memória e Documento	Diferentes visões e relações entre os conceitos de Informação e Memória. Processos de Comunicação e Fluxo da Informação: da geração à recuperação. Espaços Informacionais Documento/Monumento e as Instituições de Memória: Arquivo, Biblioteca e Museus.	60	0	60	4	0	4	OPT	
3º	HFC0076	Epistemologia	O problema do conhecimento. As questões fundamentais do conhecimento científico: diferentes abordagens de seus problemas teóricos e metodológicos. O desenvolvimento histórico-filosófico do conhecimento científico.	60	0	60	4	0	4	OPT	
4º	HEA0008	Diplomática	A gênese documental e as partes constitutivas dos documentos. A tipologia documental com sua nomenclatura. A tradição de documentos: originais e cópias. Documentos eletrônicos e sua interligação com a Diplomática. A onomástica e a cronologia. Análise diplomática e a identificação de documentos autênticos, falsos e falsificados.	30	30	60	2	1	3	OBR	HEA0029

4º	HEA0036	Arranjo e Descrição de Documentos	Arranjo de documentos, operação de arranjo, princípio e regras de arranjo, Programa de descrição, objetivos, principais elementos. Instrumentos de pesquisa. Padronização internacional de descrição: ISAD (G) e ISAAR (CPF).	30	30	60	2	1	3	OBR	HEA0032
4º	HEA0037	Conservação Preventiva de Documentos	Conceitos de preservação e conservação. Origem e evolução do papel. Agentes agressores dos documentos. Preservação e políticas públicas de conservação. Tecnologias de preservação. Aplicação na preservação dos acervos.	60	0	60	4	0	4	OBR	HEA0029
4º	HEA0038	Estágio Supervisionado I	Aplicação prática de conteúdos teóricos em instituições públicas e/ou privadas, com orientação acadêmica.	0	120	120	0	4	4	OBR	HEA0029
4º	HTD0066	Tecnologia de Reprodução e Armazenamento de Documentos	Estudos dos processos reprográficos: conceituação, usos e aplicações. Microfilmagem: histórico, usos, vantagens, etapas da produção do microfilme e legislação em vigor. Implantação de sistemas e integração dos serviços nos centros de documentação. Estudos dos processos de digitalização. Estudos do	30	30	60	2	1	3	OPT	
4º	HFC0040/1	Filosofia da Cultura	A reflexão filosófica sobre a cultura: definições e abordagens. A cultura como objeto de reflexão interdisciplinar.	60	0	60	4	0	4	OPT	
4º	HTD0003	Estatística aplicada a processos técnicos documentais	Conhecimentos básicos de estatística para aplicação nos arquivos, para elaboração de relatórios, análises de pesquisas estatísticas no acompanhamento e planejamento do trabalho arquivístico em suas unidades de trabalho	30	30	60	2	1	3	OPT	
5º	HEA0025	Paleografia	A origem e a evolução da técnica de escrever, com seus sistemas e seus processos evolutivos, desde a antiguidade até o presente, com estudo dos materiais e instrumentos usados na escrita, além das formas mecânicas típicas de cada época. Estudo da acentuação, pontuação e numeração, além dos sistemas abreviativos visando o aperfeiçoamento de sua transcrição. A prática da análise paleográfica e da transcrição documental visando atender as áreas específicas que demandam o assunto paleografia.	30	30	60	2	1	3	OPT	HEA0029
5º	HEA0040	Restauração de Documentos	História e evolução da restauração. Conceituação preliminar: preservação, conservação e restauração de documentos. Laboratório de restauração de documentos. As técnicas de restauração: diagnóstico, banhos químicos, velatura/laminação, enxerto, remendo e obturação.	30	30	60	2	1	3	OPT	HEA0037
5º	HFI	História do Brasil Contemporâneo		60	0	60	4	0	4	OPT	
5º	HEA0042	Pesquisa em Arquivística	A importância da pesquisa em ciências sociais. Pesquisa qualitativa e quantitativa. Estudos de métodos e técnicas, no âmbito da pesquisa arquivística, para a elaboração de trabalhos científicos.	30	30	60	2	1	3	OBR	HEA0055
5º	HEA0041	Estágio Supervisionado II	Aplicação prática de conteúdos teóricos em instituições públicas e/ou privadas, com orientação acadêmica.	0	120	120	0	4	4	OBR	HEA0036
5º	HEA0044	Informática Aplicada à Arquivística	Relações entre Arquivologia, informática e as novas tecnologias de informação e comunicação.	60	0	60	4	0	4	OPT	
5º	HEA0043	Seminário de Arquivística II	Disciplina onde o estudante através de atividade orientada é iniciado no trabalho da pesquisa na área em questão.	30	0	30	2	0	2	OPT	HEA0034
5º	HEA005	Arquivos Contábeis	Estudo dos arquivos contábeis, dos métodos utilizados na organização e recuperação da Informação. A importância da conservação dos documentos contábeis.	30	30	60	2	1	3	OPT	HEA0029
5º	HTD0049	Fundamentos de Inglês Instrumental	Desenvolvimento de habilidades linguísticas e outros recursos necessários para interação, com textos escritos em língua inglesa: identificação de cognatos. Identificação e abordagem de aspectos morfosintáticos mais complexos. Aspectos da organização textual. Estratégias de leitura. Estratégias de uso de gramáticas e dicionários.	30	30	60	2	1	3	OPT	
5º	HTD0068	Teorias e Práticas Discursivas	As ciências da linguagem e a(s) teoria(s) do discurso: princípios e conceitos constitutivos. O conhecimento prévio e os gêneros do discurso. Plurlingüismo. Gêneros do discurso literário e não literário. A esfera do discurso acadêmico. A esfera do discurso jornalístico. Informar e opinar. Coerência e tessitura do discurso. Coesão. Como o autor aparece nos textos acadêmicos. Como os outros aparecem nestes tipos de textos. Tópicos de língua padrão. Tópicos de normas técnicas.	60	0	60	4	0	4	OPT	
6º	HEA0045	TCC I	Planejamento e desenvolvimento de projetos de pesquisas na área de Arquivologia.	30	60	90	2	2	4	OBR	HEA0031/0036
6º	HEA0056	Gestão de Documentos Arquivísticos	Princípios da teoria da gestão de documentos: conceituação, objetivos e campo de aplicação. O ciclo vital dos documentos: produção, utilização e destinação. Planejamento e estruturação de sistema de arquivos.	30	30	60	2	1	3	OBR	HEA0031/0036
6º	HEA0067	Gestão Arquivística de Documentos Eletrônicos	Reflexões e aplicações da gestão arquivística em sistemas e ambientes de produção eletrônica de documentos.	30	30	60	2	1	3	OPT	HEA0044
6º	HEA0046	Estágio Supervisionado III	Aplicação prática de conteúdos teóricos em instituições públicas e/ou privadas, com orientação acadêmica.	0	120	120	0	4	4	OBR	HEA0041
6º	HEA0047	Documentação Audiovisual e Digital	Estudo dos vários arquivos audiovisuais. Os métodos utilizados na organização e recuperação da informação em suporte não convencional. A importância e a metodologia de preservação destes documentos.	30	30	60	2	1	3	OPT	HEA0031/0036
6º	HFE0066	Tópicos em Educação Especial	A questão dos desvios da "normalidade". A sociedade e a natureza variável de critérios na definição das diferenças. O portador de necessidades educacionais especiais, problemas e desafios na inclusão social-escolar.	30	0	30	2	0	2	OPT	
6º	HFC0008	Comunicação	Comunicação, Informação e Tecnologias de Comunicação e Informação. Modernidade e Meios de Comunicação. Modelos Teóricos da Comunicação. Contemporaneidade e Comunicação: impasses.	60	0	60	4	0	4	OPT	
7º	HDI0084	Educação à Distância	Análise das tendências atuais em educação contextualizando-as. Aspectos históricos da Educação a Distância (EAD) no Brasil. A operacionalização da EAD. Recursos humanos, tecnológicos e didáticos.	60	0	60	4	0	4	OPT	
7º	HEA0048	TCC II	Elaboração orientada de monografia de final de curso.	30	60	90	2	2	4	OBR	HEA0045
7º	HEA0049	Organização Prática de Arquivos	O processo de organização dos arquivos, observando as fases de levantamento, avaliação, classificação, arranjo e descrição. Desenvolvimento prático na organização de arquivos, estabelecendo critérios metodológicos para as situações encontradas. Estudo do processo de descrição de acervos elaborando instrumentos de pesquisas, a partir da organização de documentos da Universidade. Elaboração de manual de procedimentos que estabeleça os critérios adotados na organização.	0	120	120	0	4	4	OBR	HEA0031/0036
7º	HEA0050	Legislação Arquivística	Constituição Federal, Leis de Arquivos, Lei de Habeas Data, decretos, resoluções do CONARQ e demais instrumentos normativos.	30	0	30	2	0	2	OPT	HEA0032

7ª	HFC0009	Comunicação Técnica e Científica	Ciência, informação científica e comunicação científica. Tipos de comunicação científica. Os canais de comunicação: tipos e características. A aquisição e transmissão de informação na área científica e tecnológica: características. Sistemas de comunicação e a função da biblioteca. Outros canais de informação e seu potencial.	30	30	60	2	1	3	OPT	
8ª	HEA0061	Projetos Arquivísticos	Elaboração de propostas de organização de arquivos. Elaboração e acompanhamento de projetos de implantação de sistemas arquivísticos. Consultoria arquivística.	0	30	30	0	1	1	OPT	HEA0032
8ª	HEA0062	Gestão de Instituições Arquivísticas	Conceitos de instituições arquivísticas. Funcionamento, marketing, programas culturais e educativos nos arquivos. Localização, estrutura física e organizacional. Instituições arquivísticas públicas. Órgãos de arquivo em instituições privadas. Gestão de recursos humanos, materiais e financeiros.	60	0	60	4	0	4	OPT	HEA0036
8ª	HEA0063	Políticas de Acesso à Informação Arquivística	Conceito de política de acesso. Legislação de acesso. Acesso nas três idades. Política de acesso nos arquivos públicos e privados.	60	0	60	4	0	4	OPT	HEA0036
8ª	HEA0064	Seminário de Arquivística III	Disciplina onde o estudante através de atividade orientada é iniciado no trabalho de pesquisa na área em questão.	30	0	30	2	0	2	OPT	HEA0043